

alguém como
Você

∞ Série Aparências I ∞

F.P. Rozante





Copyright © 2016 F. P. Rozante

Capa: Dri K.K.

Revisão e Copidesque: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedico esta obra a todos os meus leitores e amigos que sempre estão ao meu lado, não importa o quê.

A vocês por acreditarem em meu trabalho, serem fiéis e jamais permitirem que eu desista. Amo cada um.

Agradecimentos



Quando comecei a escrever *Alguém Como Você*, eu buscava fuga. Um lugar onde pudesse me refugiar, encontrava-me em meio a uma mudança e me readaptar parecia impossível. Foi quando as palavras passaram a ganhar forma e de uma maneira como jamais imaginei ser possível, um livro se formou. Ele foi o primeiro livro que escrevi, e seu significado é gigante. Ele representa um novo começo, uma nova chance, um novo eu.

Não me considero autora ainda, mas sim uma mulher que teve o prazer de escrever livros que foram bem aceitos e recebidos com amor. Estou aprendendo todos os dias, é uma constante em minha vida, à medida que leio, converso com amigos escritores, escrevo uma nova página, ou apenas vivo.

Hoje agradeço a Deus acima de todos. Ele é e sempre será o único responsável por tornar possível cada sonho.

A toda minha família, porque mesmo não compreendendo o quanto a escrita significa na minha vida, ao modo deles me incentivam e me apoiam.

Aos meus leitores, o OBRIGADA vem em letras gritantes, pois eles são a razão de tudo ser possível. Vocês são os melhores do mundo, sempre me apoiando, incentivando e estando ao meu lado. São pacientes, compreensivos e jamais desistem. É por vocês e para vocês que escrevo.

A cada blog amigo, parceiro, que me acolheu e me cedeu espaço em seus cantinhos. Vocês fizeram e fazem a diferença na minha caminhada. Vocês são os responsáveis por levar adiante e expandir meus leitores. E também são responsáveis pelo amadurecimento da minha escrita. Obrigada pelas dicas,

pelas críticas construtivas e por me emocionarem com suas resenhas lindas.

Às minhas leitoras betas, não tem como não escrever este agradecimento e sentir as lágrimas escorrerem por minha face. Lembro-me, como se fosse hoje, o dia em que vocês toparam entrar nesta viagem comigo. O sim de cada uma de vocês, o modo como acolheram Mel & Rick, e não me deixaram desistir. Hoje sinto-me pronta para compartilhar esta história, porque sei que fiz um trabalho agradável e vocês me ajudaram a moldá-la. Barbara, Diana, Vanessa e Lenny, vocês são as melhores. Obrigada.

Carla Fernanda, minha revisora, amiga e confidente. Obrigada por sua paciência, carinho e apoio. Você é especial, um verdadeiro presente que Deus me deu. Obrigada por tudo.

Uiara, por sempre me cobrar mais e mais, e incansavelmente repetir que devo continuar escrevendo, obrigada por todo apoio e compreensão.

Dri e Carol, por sempre serem as melhores amigas do mundo. Sem o apoio diário de vocês, eu jamais teria chegado aonde cheguei. Amo muito, *unbreakable*.

Fernanda Miola, minha gêmula, que amo tanto. Simone Resende Botelho e Valeria Avelar, vocês estão sempre me ensinando algo novo e eu só tenho a agradecer por todo carinho sempre, LM Gomes, você sabe, né? Nem preciso dizer, te amo.

E a você que está lendo esta obra neste momento. Obrigada. Você acabou de deixar meu coração alegre e me motivar a continuar.

Fico aqui com um até breve, porque espero que possamos nos encontrar muito mais.

Beijos,

F. P. Rozante.

Sumário

Agradecimentos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Epílogo](#)

[Biografia](#)

[Obras na Amazon](#)

Prólogo



É engraçado notar o quanto o mundo e as pessoas que nele habitam são diferentes. A maneira como universos paralelos parecem existir, ainda que estejamos habitando o mesmo espaço. Classes sociais, dinheiro, poder, o que nos torna inferiores ou superiores? A felicidade possui um preço? E o amor?

Quando era garotinha costumava sonhar com um mundo onde houvesse justiça e igualdade. A cada amanhecer eu receberia um abraço apertado do sol, onde todos poderiam caminhar lado a lado sentindo a brisa suave do entardecer balançando meus cabelos e ao cair da noite, a lua me presentearia com um brilho suave de esperança, recolhendo meus sonhos e o levando para aquele que poderia realizá-los.

A garotinha cresceu e com ela a certeza de que a vida real não costumava ser tão doce e simples. Não que a pequena tivesse deixado de acreditar em finais felizes, ela jamais seria capaz disto, sempre foi sonhadora e romântica demais, eu diria que ela apenas se conscientizou de que para tudo existia um preço, só que talvez ela não pudesse pagá-lo.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 1



Eu não precisava me virar para saber que Rick estaria por ali me observando, tentando ser invisível apenas na esperança de me assustar. Conhecê-lo por toda minha vida com certeza ajudava decifrá-lo.

Tentei me manter impassível, não querendo me entregar, tentando não demonstrar o quanto sua presença me alegrava, fazia aproximadamente quarenta dias que não o via. Sempre viajando a negócios, se esquivando da casa de seus pais e das artimanhas que sua mãe utilizava na tentativa de casá-lo com uma das filhas de suas amigas do clube. Mas os jantares eram sagrados. Todo mês um era mais glamoroso que o outro, com convidados ainda mais influentes e mesquinhos.

Senti quando deu um passo mais próximo, ele tentava segurar a respiração e a risada. Quantos anos ele pensava que eu tinha? Dez? Claro que não, eram vinte e cinco anos de convivência, dezoito o vendo todos os dias e sete tentando manter nossa amizade intacta e firme mesmo com a ausência e a rotina puxada.

— Nada como uma festa eletrizante e empolgante dada pela Sra. Belmonte. — Diverti-me com a cara decepcionada que Rick fazia por não conseguir me assustar.

Seu olhar percorria toda a extensão do imenso jardim ao lado da nada modesta casa dos seus pais, onde aproximadamente dez funcionários trabalhavam incansavelmente tentando terminar de organizar toda a decoração.

— Calada — resmungou se sentando ao meu lado na escada que dava acesso a sala da casa dos funcionários. — Faz quanto tempo que não consigo assustá-la? — Ele realmente pareceu ponderar sobre isso.

Gargalhei.

— Há mais ou menos uns quinze anos. Você nunca foi bom em se aproximar em silêncio.

Rick sorriu e o gesto bastou para aquecer meu coração e acalmar a saudade que senti dele.

— Senti sua falta, branquinha.

Minha respiração vacilou por um momento. Como acontecia todas as vezes tentei não interpretar a pequena frase dita por ele de maneira errada. Para evitar me constranger e gritar, eu também optei pelo silêncio.

Seu olhar voltou a fixar o jardim.

— Me diz uma coisa, Mel, por que você insiste em trabalhar nas festas pavorosas dos meus pais em vez de curtir seu final de semana em outro lugar?

E aí perder a chance de te ver?, pensei. Essa seria a resposta mais honesta. Mas eu nunca iria admitir isso para ele.

— Como se você não soubesse. Eu preciso da grana, lembra? Eu tenho aluguel, alimentação, roupas, sapatos, livros, faculdade...

— E blá-blá-blá. Eu sei, eu sei — me cortou, completando a fala por mim. — É só que eu acho que nunca vi você fazer nada por si mesma, nem divertido, pois está sempre estudando, trabalhando ou, sei lá... fazendo favores para alguém.

— É um mal necessário, mas não precisa se sentir culpado por ser
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

milionário cheio de privilégios e coisas divertidas ao seu redor — brinquei, e ele colocou a mão no peito em cima do seu coração fazendo cara de ofendido.

— Agora você me magoou. — Caiu na gargalhada. — Mel, Mel, Mel, você é única.

Dei de ombros me fazendo de desentendida.

— E a viagem?

Seus ombros caíram demonstrando sua frustração.

— O de sempre. Por mais que eu diga ao meu pai que ele precisa rever suas estratégias e mudar alguns clientes, ele não me dá ouvidos.

Eu sabia o quanto o senhor Nelson era difícil de lidar. Ele não gostava que ninguém dissesse como deveria conduzir os negócios. E isso incluía seu herdeiro.

— Você precisa ter paciência. E sabe... impor-se mais — a última frase foi dita em um sussurro.

Melhor do que ninguém, eu sabia que estava entrando em um terreno proibido em nossas conversas. Falar sobre seus pais e a maneira controladora como o tratavam era uma barreira que nunca consegui romper assim como sua covardia em assumir as rédeas de sua vida.

Rick se levantou limpando as mãos em seus jeans escuros um pouco desbotados, mas que ficavam absurdamente lindos nele. Levantei meu olhar lentamente aproveitando um pouco mais de sua presença. Apreciei a camiseta verde-escuro marcando seus ombros largos e braços imponentes, sua pele bronzeada, barba por fazer, lábios levemente preenchidos, e seus olhos escuros e magnéticos.

— Eu realmente preciso ir me arrumar.

É claro que precisava.

Seu olhar levemente chateado permaneceu firme ao meu. Antes mesmo de proferir as palavras, eu já sabia o motivo.

— Você sabe, não é? — Seu semblante mudou, assumindo uma postura de playboy arrogante que eu detestava. — Caso eu... Caso eu faça algo estúpido não é proposital, é somente...

— Para manter as aparências? Sendo o que todos esperam que você seja? Que você não me odeia, apenas finge que não me conhece pelos contratos de trabalho grandiosos que seu pai possui? Por eu ser quem sou? — Dei de ombros. — Olha, Rick, está tudo bem mesmo. Eu já conheço a sua lista extensa de motivos pelos quais somos amigos há anos em segredo dos seus amiguinhos e namoradas. — Forcei um sorriso, mas sei que não sou tão sincero, porque nos últimos anos havia ficado cada vez mais difícil manter a nossa amizade intacta diante de tantas diferenças, fingir que não me importava com o modo como sabia que ele iria me tratar, fazer de conta que não ligava por eu ser seu segredinho sujo.

— Eu gostaria que fosse diferente, mas eu ainda não consigo — justificou-se.

Dei de ombros. Não queria que ele notasse o quanto sua atitude me afetava, o quanto me magoava o fato dele não enxergar que precisava crescer e amadurecer.

— Só não extrapole — o adverti. Por mais que compreendesse suas atitudes ao longo dos anos, não significava que eu as acatava muito bem. Existia um limite do quanto o ser humano podia suportar a indiferença e o descaso. Além disso “uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”, não era isso que o próprio Adolf Hitler dizia?

— Tá, então fui. — Ele me deu um beijo na bochecha e saiu a caminho do imenso gramado e jardim, todo lindo com seus um metro e oitenta e sete de altura.

Ele poderia ser mais lindo?, suspirei.

— Falando sozinha novamente? Sabe, você devia admitir de uma vez por todas que é caidinha pelo seu chefinho — Sara aproximou-se fingindo que não estava escutando nossa conversa enquanto tentava não rir de mim.

— Calada.

Sara era a minha melhor amiga e companheira de apartamento. Ela era formada em Biologia e eu em Pedagogia. Enquanto escolhi Pedagogia pelo prazer de poder trabalhar com crianças com necessidades especiais e por sentir uma ligação única com esses seres humanos tão incríveis, Sara possuía um legado, seus pais eram biólogos marinhos e viajava o mundo atrás de novas espécies de peixinhos, algas ou sei lá o que fosse. Nós nos conhecemos ainda na escola, fomos para universidades diferentes, mas sempre estivemos unidas, moramos juntas desde os dezoito anos, ou seja, nos aturamos há oito anos.

Eu sempre trabalhei. Minha mãe era a governanta e o meu pai o jardineiro dos Belmonte, e tem sido assim há trinta anos. Quando se casaram eles passaram por algumas dificuldades no interior. Meus pais possuíam um sítio de dez hectares onde viviam de suas plantações de ameixa e animais que criavam até que meu avô foi diagnosticado com lepra. Como minha mãe era filha única acabaram tendo que vender tudo para que pudessem buscar um tratamento mais adequado.

O tempo foi passando, a doença piorando e em pouco menos de um ano depois o inevitável aconteceu, meu avô veio a falecer. Foi quando meus pais acabaram na casa do Sr. Fernando Belmonte. Um dos médicos, que era amigo da família, disse para a minha mãe que eles procuravam por uma funcionária. Inicialmente apenas minha mãe foi contratada como empregada, mas logo que meu pai voluntariamente tocou no imenso jardim, eles se apaixonaram, assim o contrataram também e aqui estamos até hoje.

Eu não era uma funcionária da família, e também não me envergonhava dos meus pais serem. Seus patrões eram muito agradáveis, pelo menos na maior parte do tempo, e tinham dois filhos: meu amado amigo Ricardo, que eu carinhosamente chamava de Rick, e a fútil Anabel. Rick era o menino de ouro da família, destinado a assumir o império, que incluía seus vinhedos e fábricas de vinho, e a Anabel era a princesinha da família.

Claro que crescer com essa família foi, no mínimo, interessante, porque eles sempre davam festas grandiosas. Mas eu era pé no chão, minha mãe sempre me disse que eu deveria me manter acordada, me manter sã e saber que eu nunca teria tudo aquilo ou viveria como eles, a menos que estudasse e

construísse por minhas próprias mãos, assim como ela sempre me alertou sobre nunca desenvolver qualquer sentimento amoroso em relação ao Rick, uma vez que algo entre nós seria impossível.

Eu sabia que ela tinha razão, mas, por fim, acabei virando amiga do garotão da família, eu sabia que tinha que me manter nos limites e não pretendia ultrapassá-los. Dona Alice não gostava nadinha de saber que nos falávamos, ela nunca criticou, mas a cada oportunidade que tinha fazia questão de esfregar na minha cara todas as conquistas do Ricardo, ou simplesmente me chamava para servir em alguma das festas, e sabe que funcionou certinho? Afinal, essas situações eram como um banho de água fria.

Entretanto, o tempo passou e eu já não me importava mais. Eu tinha as coisas bem definidas e sabia exatamente como me manter afastada do Sr. Pecado. Depois de servir festas durante anos, deixei de desejar estar ali como convidada, porque percebia que tudo aquilo não era exatamente verdadeiro, e sim apenas um jogo de interesse. Me forcei a evitar me machucar cada vez que via a pessoa que supostamente amava beijar outras. Ignorei os olhares de reprovação, desprezo, porque não me incomodava mais com nada. Estava calejada e ficava ali apenas porque precisava da grana, que, diga-se de passagem, era ótima.

— E aí, preparada para o desfile de homens de terno gostosos e um bando de periguetes loucas fingindo serem chiques? — Sara sempre me animava com seu humor.

— Claro, não perderia isso por absolutamente nada. — Sorri lançando uma piscadela em sua direção.

— Ok, vamos logo para nos trocarmos, pois precisamos nos apresentar na cozinha em quarenta minutos.

— Sim. Por favor, não quero me atrasar e ter que encarar a fúria da dona Alice. — Ela saiu com a péssima imitação que fiz de nossa empregadora.

Entramos no espaço dedicado aos funcionários da casa. Tirando meus pais, ainda tinha mais três funcionários morando aqui. A casa enorme tinha oito quartos, uma cozinha gigante, quatro banheiros e duas salas. Nos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dirigimos para uns dos quartos para nos arrumar.

— Olha, olha, que coisa mais linda! Dessa vez sim nós estamos parecendo pinguins — Sara disse levantando o cabide contendo um vestido preto com uma gola branca. O vestido em si até que era bonito, preto e se ajustava ao corpo uns quatro dedos para cima do joelho, possuía um decote quadrado com um leve corte formando um decote em V na cor branca.

— Uau, estamos melhorando! Vamos parecer acompanhantes de luxo.
— Sara revirou os olhos e fez uma cara de nojo.

— Você é terrível, mas se apresse porque precisamos estar lindas, eu sempre sonhei com um gostosão de terno — Sara disse com uma risada fácil.

Alguns minutos depois, caminhei até onde Sara estava terminando sua maquiagem.

— Estou pronta. — Me aproximei dela alisando o meu vestido.

— Está linda, se importa de me aguardar uns minutinhos? Estou quase pronta também.

— Não, tudo bem. Vou me sentar lá fora e te esperar.

— Obrigada, Mel, e cuidado para não borrar a maquiagem ou se sujar. Você está um arraso! — Ela sorriu.

— Sem problemas, mamãe.

Ainda rindo por sua preocupação sem sentido caminhei para fora da casa, me acomodando novamente na escadaria observando enquanto os funcionários terminavam de arrumar os últimos detalhes para a festa.

Por um segundo senti como se Ricardo estivesse novamente por perto, o que era estranho uma vez que já o tinha visto naquele final de tarde. Tomada pela esperança de que ele havia realmente voltado me virei o procurando, mas como era de se esperar não encontrei nada, ou melhor, ninguém.

Isso, Melissa, a festa nem começou e você mesma já está se torturando, pensei frustrada.

Olhei para o relógio em meu pulso e sobressaltei-me, estava atrasada. Entrei correndo dentro de casa e fui atrás de Sara. Se não chegássemos durante os próximos segundos até suas vistas, ela provavelmente serviria nossos fígados na festa de hoje.

Capítulo 2



— Ricardo, que bom que chegou. Precisamos conversar. — Mamãe me metralhou assim que entrei em casa.

— Olá, mamãe. — Fingi um sorriso, porque eu sabia que ela ia falar da filha de alguma amiga que precisava me apresentar.

Era sempre a mesma coisa, a mesma cobrança, como se me casar com uma herdeira resolvesse os problemas que as indústrias vinham passando. Eu não conseguia compreender por que meus pais cobravam tanto de mim e nada faziam em relação à Anabel.

— Bom, estou aqui, então é só falar. — Me aproximei, me sentando ao seu lado.

— Apenas quero saber como meu filho está. — A encarei, porque sabia que ela ainda não tinha terminado. — Você devia saber que uma mãe sempre se preocupa com seu filho. E você mantém uma rotina pesada com todas as viagens pela região não tendo ninguém para cuidar de você quando regressa.

Aí estava o ponto. Eu sabia que esses jantares, festas, reuniões e multidões não seriam de graça. Juro que me sentia como um pedaço de carne exposto, pronto para ser escolhido por alguém.

— Como pode ver, estou ótimo — respondi já me levantando, não querendo dar brecha para mais uma conversa inútil.

— Sente-se, porque eu não terminei — falou com uma calma fingida. — Essa noite, minha amiga Helena trará sua filha, Sophie, que acabou de chegar da Itália. Ela ainda não está muito habituada à cidade, nem tem mantido muito contato com seus antigos amigos. É uma moça tímida e de ótima família. Seus pais são os donos das vinícolas ao sul das nossas.

Enrijei em meu lugar e, quando abri a boca para interrompê-la, ela fez um aceno para que eu me calasse.

— Ainda não terminei, apenas ouça. — Respirou fundo e prosseguiu. — Seu pai tem um interesse pessoal em mantermos uma boa relação com essa família, portanto, eu lhe disse que você ficaria imensamente honrado em acompanhá-la essa noite, buscando-a em casa e depois a apresentando a todos.

— Não vou ser babá das filhas de suas amigas, mamãe. — Fingi uma paciência que não tinha naquele momento. Se essa moça não podia manter suas amizades, no mínimo, era por ser uma companhia muito desagradável.

— Meu querido, creio que você não está me entendendo. Isso não é um pedido é uma ordem. Você não quer decepcionar o seu pai mais uma vez, não é? Não é como se fosse um sacrifício, Sophie tem 25 anos e é uma jovem muito bela até onde me lembro. Estive na Itália estudando vinhos e será uma companhia agradabilíssima, portanto, não percamos tempo discutindo detalhes.

Respirei fundo. Ela me chantageou novamente com meus erros do passado. Cada vez que pensava que os recompensei com todos esses anos de dedicação, ela me jogava na cara a decepção de meu pai. Sentia-me um fraco diante disso, mas jamais voltaria a ver aquele olhar de reprovação e muito menos daria brecha para me atirar àquelas palavras vazias.

— Tudo bem. A que horas devo buscar a pérola? — disse sarcástico.

— Às 20h em ponto. Não se atrase por gentileza e, antes que me esqueça, mantenha uma distância saudável de sua amiguinha durante o jantar.

Não quero nem por um momento que Sophie se sinta desconfortável por ver seu interesse e entrosamento com Melissa.

— Mamãe, a senhora fala como se não conhecesse Melissa a vida toda, como se fosse nada além de um lixo. Tendo em vista todos os anos que sua família dedica a nós é insultante saber que os coloca tão abaixo de si mesma. — Não consegui conter a minha raiva. Odiava que falassem dos Barboza dessa maneira, porque amava essa família como se fosse a minha. Talvez até um pouco mais.

— Eu sei, eu sei. Desculpe se os insultei, não era minha intenção. Gosto muito deles e os respeito. Estão conosco há muito tempo. Mas, meu filho, não aja como se eles pertencessem ao nosso mundo, porque eles não pertencem. Eu nunca pude evitar sua amizade com essa jovem, mas que fique bem claro que não se deve ultrapassar esses limites.

Na verdade, ela queria dizer: “Fique longe dessa moça, ela não é para você e nós jamais aceitaríamos a ideia de príncipe e plebeia”. Eu não sei por que ela me pressionava quanto a isso, afinal não tinha vontade de mudar minha relação com a Mel, éramos amigos e isso era tudo.

— Certo, era só isso? Porque se for, eu já compreendi seu recado.

— Sim, obrigada. Às 20h, não se atrase. — Se levantou e me deu um beijo na bochecha. — É bom te ter em casa, Ricardo.

É uma delícia, como sempre, pensei desgostoso.

Esperei-a sair e sem me dar conta estava caminhando em direção à casa dos funcionários outra vez. Eu havia me esquecido de entregar a Mel o presente que havia trazido para ela. Conforme me aproximei a notei em pé, já pronta para o trabalho toda linda e delicada.

Sorri.

— Ai, ai, ai... Agora deu para se esgueirar pelos fundos e sorrir como o Bozo? — Sara, só podia ser ela. Melhor amiga da Mel, que acabou se tornando a minha também. Extremos opostos, onde uma era tranquila e tímida, a outra era debochada e sedutora, sempre sorridente, ruiva, com grandes olhos verdes, totalmente exuberante e à vontade com suas curvas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Quando a conheci, se não fosse por sua relação próxima com Mel, eu teria ficado com ela. Ela era uma verdadeira tentação de roupas coladas e saltos altos.

— Oi, delícia, vejo que já está pronta para trabalhar — disse sorrindo, pois sabia que ela detestava ser chamada assim.

— Muito cavalheirismo de sua parte, é um elogio estonteante. Se não estivesse tão ocupada com minhas unhas, pularia em seus braços agora mesmo e te roubaria um beijo de amor verdadeiro — me respondeu com uma piscadela.

Eu a puxei e lhe dei um abraço, afinal ela era uma boa amiga e eu havia sentido sua falta também.

— Como você está?

— Estou bem. E você me parece ótimo. Na verdade totalmente comestível — gargalhou.

— Encantadora como sempre, Sara. — Devolvi o sorriso. — Eu vim falar com a Mel outra vez — disse encabulado.

— É claro que veio. Como sempre, ela está lá fora, observando sabe-se lá o quê, enquanto me espera.

— Eu a vi, só queria chegar meio de surpresa.

— Acho que não está fazendo direito, tenho certeza de que ela já sabe que está aqui. Ela sempre sabe quando você está por perto. — Deu de ombros.

— Pode se atrasar por uns minutinhos? Quero entregar o presente que trouxe para ela.

— Sim, sem problemas.

Quando estava quase contornando a casa, Sara me chamou novamente.

— Só para saber, garanhão, quando você vai admitir que é caidinho por ela? — perguntou tentando não sorrir, aliás, na verdade, ela estava tentando

não gargalhar.

— Ah, sério, que fui tão descuidado? Eu pensei que já havia me declarado... A propósito, foi mais ou menos assim: “Melissa Barboza eu te amo, você é a melhor amiga do mundo!”. — Sorri enquanto caminhava de volta para Mel, sem dar tempo para que ela me perturbasse com mais perguntas sem noção.

Mel não estava mais sentada nos degraus, o que me deixou momentaneamente desapontado. O que não deveria acontecer, uma vez que eu já a havia visto uma hora atrás.

Sem alternativa, me esgueirei novamente pelos fundos, até a janela que dava acesso ao quarto que eu sabia que ela ocupava toda vez que vinha para casa de seus pais e deixei o presente sobre sua cama.

Segui meu caminho de volta para casa, encontrando com a minha mãe na varanda.

— Ricardo, eu acho que não preciso voltar a te lembrar...

Ergui minhas mãos e a cortei:

— Exatamente, então não precisa gastar o seu latim, eu já estou subindo, vou me arrumar e buscar a pérola.

— Ótimo.

Enquanto subia as escadas, me dei conta de que ainda não havia visto meu pai e a minha irmã, o que era estranho. Eles costumavam sempre a serem os primeiros, mas, de qualquer maneira, isso não me importava. Agora, eu precisava me concentrar em me arrumar, parecer ser o cara perfeito e atuar como um verdadeiro homem de negócios e *Don Juan*. Encarando-me no espelho, eu não resisti e disse a mim mesmo:

— Cara, você está ferrado!

Soltei a respiração com força.

Eu cresci em meio ao show de horrores da alta sociedade cercado de hipocrisia e falsas amizades, pessoas que conviviam por interesses em
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

comuns e necessidades. Descartáveis. Não foi difícil me tornar um deles, agir como eles e me transformar no mesmo tipo de escória. A convivência levou a perfeição. Por mais que odiasse a versão idiota e arrogante de mim mesmo, eu não sabia mais como controlá-la. Eu só temia cometer uma estupidez grande o suficiente para tornar-se irreversível.

Balancei a cabeça tentando desanuviar meus pensamentos. Sabia que precisava parar de bancar o filhinho perfeito e sem noção que meus pais tanto prezavam e assumir as rédeas da minha vida e tomar decisões por mim mesmo. Só não era o tempo certo ainda.

Olhei para meu relógio e já estava atrasado para buscar a dona pérola, a verdade é que não gostei nada dessa ideia. Saí do meu quarto e, pela primeira vez naquele dia, encontrei meu pai, que assim que notou minha presença abriu um grande sorriso e foi me abraçar. Ele era um bom pai, desde que não o contrariasse ou discutisse seus métodos pré-históricos de conduzir os negócios.

— Meu filho, como foi a viagem? Me diz que as vinhas continuam espetaculares.

Sorri.

— Olá, papai, eu estou ótimo, e as vinhas estão incríveis, te garanto que essa safra promete ser uma das melhores — respondi devolvendo o seu sorriso. A esperança jamais deveria ser perdida e, pelo que havia observado nos últimos meses, precisávamos realmente que a colheita fosse boa.

— Está elegante, mas ainda não é um pouco cedo para descer? — Arqueou a sobrancelha curioso.

— Obrigado, mas na verdade eu prometi a mamãe que buscaria a filha de uma de suas amigas. — Não consegui disfarçar o meu desgosto.

— A jovem Sophie? Acredite, meu filho, não fique por aí bufando.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Quando a conhecer mudará de ideia, porque é uma moça linda. — Sorriu deslumbrante com um piscar de olhos malicioso.

— Assim espero. — Voltei a olhar a hora para descobrir que faltavam apenas dez minutos para buscar a senhorita mistério. — Desculpe, pai, eu realmente estou atrasado, e o senhor também está elegante.

Só deu tempo de escutar ele dizendo “obrigado”. Desci as escadas e encontrei Ellen, a mãe da Mel, e sorri abertamente. Ellen sempre foi como uma segunda mãe para mim. Conforme me aproximei dela percebi que levemente se encolhia e me deu um sorriso um tanto tímido, eu estranhei de imediato. Ellen sempre foi muito calorosa comigo, tenho certeza de que isso teve dedo da minha mãe, ultimamente ela andava muito incomodada com minha relação com a família Barboza. Ignorei minhas desconfianças e a abracei dando um beijo em sua testa.

— Oi, Ellen. Você me parece ótima.

Vi um pequeno vermelho tingir suas feições. Ela sempre foi encantadora, e com certeza Mel herdou o seu charme.

— Olá, querido. Como está? É realmente bom te ter de volta — disse amorosamente, o que me fez sentir mais bem-vindo por ela do que por minha própria mãe.

— Eu estou bem. Na verdade, atrasado nesse momento, mas gostaria de saber como está o Nelson. Faz tempo que não o vejo e nem nos falamos.

— Ele está melhor a cada dia. A dengue realmente quase o derrubou. — *Dengue, eu nem sabia que ele tinha ficado doente, eu precisava aparecer mais vezes.*

Voltei a fitar o relógio. *E, droga, eu realmente precisava ir*, pensei irritado.

— Ellen, eu vou visitá-lo amanhã, mas agora preciso ir, perdoe minha pressa. — Porém, antes que chegasse a porta fui capaz de escutar seu resmungo:

— Buscar a prometida...

Só posso ter me confundido ou escutado errado. Prometida? Como assim? O que Ellen sabia e eu não? Precisava investigar isso depois.

Entrei na garagem com muita pressa, porque já me encontrava atrasado. Estava caminhando rumo ao portão quando uma visão me tirou o fôlego e colocou um sorriso em meus lábios.

Mel estava deslumbrante em seu uniforme: vestido e saltos. E aqueles lábios vermelhos e carnudos... *Meu Deus, o que estava acontecendo comigo pensando em Mel desse jeito? Ela era só uma amiga.* Forcei-me a lembrar que ela estava fora de cogitação. Ela parecia encantada com algo. Sempre foi fácil de agradar, só podia estar sonhando acordada. Deu-me vontade de parar, ir até lá e desfrutar da sua companhia. Eu até vacilei diminuindo a velocidade, mas bastou uma olhada no relógio para voltar minha atenção totalmente para a estrada e sair em disparada.

A realidade nem sempre é o mais doce dos sabores, mas eu havia aceitado a minha e as condições deste jogo perigoso. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde, ela cobraria o seu preço e levaria embora a melhor coisa que já tive na vida. Eu só esperava que não fosse rápido e que, quando acontecesse, eu tivesse força, coragem e estrutura o suficiente para ser capaz de brigar por ela e com sorte sair vitorioso.

Capítulo 3



Eu já estava ofegante, quando conseguimos chegar à casa principal. Eu nunca fui o tipo rata de academia, e mal caminhava até a escola onde trabalhava. Os saltos estavam me matando e a noite nem havia começado direito ainda.

Chegamos pela entrada de serviço, por isso não pude ver como o jardim havia ficado depois de pronto. Fiquei me perguntando se eles conseguiram terminar. Esperava que sim, senão a dona Alice os mataria.

— Anda logo, Mel, eles já estão todos lá. Olha a cara da megera, ela vai nos comer vivas — Sara falou me fazendo sorrir.

Entramos na cozinha e ela estava lotada. Deveria ter uns vinte garçons e mais cinco cozinheiros e bem no centro estava dona Alice, impecável como sempre, com seus *Louboutins* e seu vestido num tom coral impressionante, seus cabelos estavam em um penteado elegante preso alto, e uma maquiagem profissional e sofisticada estava deixando seus olhos azuis maiores e muito brilhantes.

Assim que percebeu que havíamos chegado, nos encarou com um olhar frio.

— Que bom que resolveram se juntar a nós. Estávamos aqui dividindo as áreas a serem cobertas por cada um de vocês. — Ela fez um aceno para que nos aproximássemos dos demais, e sem enrolação já começou nos indicar no mapa das mesas onde deveríamos servir.

— Sara, assim como Melissa, você está acostumada a servir em minhas festas, então vocês vão cobrir a área central e a pista de dança. Sara, você serve as bebidas; e Melissa, você serve os canapés. No momento do jantar quero todos à disposição de meus convidados, não quero ver copos vazios nem que ninguém sinta falta de nada. Entendido?

— Sim, senhora! — respondemos em uníssono.

— Ótimo, temos quase uma hora até que todos cheguem, portanto se apressem em se organizar, aproveitem e chequem a temperatura das bebidas, as bandejas e todo o restante. Eu não aceito erros, portanto, atenção e cautela. Qualquer problema deverá ser reportado a minha governanta. — Ela apontou para minha mãe que, até então, eu não havia notado estar no canto esquerdo da cozinha.

— Está é a Ellen para quem ainda não a conhece, ela estará aqui na cozinha caso precisem de algo, porém não fará o serviço de vocês servindo, e nem cozinhando, mas os coordenará, portanto a escutem. Ela trabalha comigo há muitos anos e não quero que pague por erros e equívocos de vocês. Entendido? — falou a última parte olhando diretamente para mim. *Eu até poderia ser um pouco desastrada, mas eu nunca fiz nada que prejudicasse uma de suas festas*, pensei revoltada.

Não tendo mais nada a dizer, ela saiu com um leve aceno de cabeça se despedindo e advertindo a todos ao mesmo tempo. Aos poucos, a cozinha ficou praticamente vazia, cada um procurando seu lugar e desempenhando sua função, não havia tempo para conversinhas nem diversão. Em uma festa dos Belmonte, a excelência ainda era pouca.

— Filha, pelo amor de Deus, atrasada novamente? — minha mãe me repreendeu enquanto se aproximava de mim. Ela não estava brava, apenas preocupada.

— Oi, mãe. Me perdoe, acabamos perdendo a noção do horário enquanto
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

conversávamos, sinto muito — respondi amorosamente.

— Tudo bem, mas agora se apresse.

Virei-me para sair quando senti sua mão tocar levemente meu braço.

— Você deveria escutar seu pai e parar de vir para estes eventos — foi apenas um sussurro preocupado, mas conseguiu deixar todos os pelos do meu corpo arrepiados.

Meu silêncio deve ter servido como um indicador de que ela deveria continuar:

— Melissa, eu sei que o dinheiro é bom, mas você sabe melhor do que ninguém de que este não é o motivo principal. Reconsidere...

Tentei ignorar os batimentos acelerados dentro do meu peito, tentei me manter impassível. Sorri fracamente.

— Eu não sou mais criança, mamãe...

— E é justamente este o meu medo — cortou-me.

— Apenas fique longe do Ricardo, ele é um bom homem, mas continua sendo um deles e isso quer dizer que você é apenas uma...

— Empregada — foi a minha vez de interrompê-la.

Sem mais nenhuma palavra, ela saiu em direção à despensa, e eu segui meu caminho para o jardim.

Chegando lá, o meu fôlego foi totalmente roubado. O lugar estava incrível, se encontrava tão iluminado que, se não fosse pelo céu estrelado, eu poderia jurar que ainda era de dia. As mesas estavam espalhadas em círculos e decoradas com toalhas verdes e brancas. Os arranjos de centro eram perfeitos no tamanho exato, nem muito alto e nem muito rasteiro, as flores eram naturais com velas no centro. A tenda era deslumbrante com um imenso lustre pendurado no meio e, além disso, era rodeada por um tecido que caía amarrado com arranjos delicados e luminárias maravilhosas.

Uma pista de dança foi montada bem no meio das mesas e na frente

havia um palco onde o DJ tocava. Até as árvores estavam lindas com luminárias caindo de seus galhos, e a imensa piscina repleta de pequenas luzinhas em toda sua lateral. O ambiente estava totalmente magnânimo.

— Uau! — foi o máximo que consegui dizer.

— Acorde, donzela, já temos convidados chegando, olha lá. — Sara me tirou do meu momento mágico apontando em direção à garagem. — Vamos, Mel, eu te ajudo a arrumar sua primeira bandeja. — Saiu andando na minha frente.

Quando fiz menção de seguir Sara, algo chamou minha atenção. Era o carro do Rick, uma deslumbrante Mercedes negra. Impossível passar despercebido usando aquilo. Mas onde ele estava indo? A festa seria aqui em sua casa. Por um momento pensei que ele ia parar, mas logo seguiu em disparada.

Foi impossível não me decepcionar, ele deveria estar aqui. Escutei a vozinha irritante da minha mãe: “Melissa, eu sei que o dinheiro é bom, mas você sabe melhor do que ninguém de que este não é o motivo principal”. Balancei a cabeça com veemência e voltei minha atenção para a festa. Havia carros chegando e não tinha mais como voltar atrás.

A festa era como um verdadeiro conto de fadas, desde a decoração até as vestimentas dos convidados. Ainda faltavam chegar algumas pessoas, mas se notava que havia mais convidados que o habitual. Tudo estava sob controle, sem nenhum problema até o momento.

Já havia se passado quarenta minutos desde que o Rick tinha saído e até aquele momento não havia retornado, não que eu me importasse, ou pelo menos era isso que ficava repetindo a mim mesma. Tudo bem, na verdade eu estava muito incomodada com isso, mas não deveria estar e era nisso que precisava focar.

Eu observava Sara pelo canto dos olhos, ela estava no meio do paraíso, servindo bebidas a um grupo com oito homens com ternos impecáveis. Todos a estavam fitando com desejo, mas eu não os culpava, minha amiga era totalmente linda e adorável. Se misturava facilmente nos ambientes, além de ser elegante e muito sorridente. Ela combinava com esse ambiente, acho que era por isso que não compreendia por que ela abriu mão dessa vida e se afastou de sua família. Mas não adiantaria questioná-la, esse assunto era proibido, assim como seu sumiço em determinada época do ano.

Seguia andando lentamente, servindo a cada convidado à minha volta, nunca me esquecendo de lançar a eles sorrisos doces e contidos. Mal havia alcançado o meio da pista de dança e já estava arrependida. Parados conversando ali próximos estavam Anabel, suas amigas e um rapaz que nunca havia visto antes. Ao contrário de Rick, Anabel sempre me ignorou, nunca quis minha amizade e nem se aproximou da minha família. A única vez que fez foi para me acusar de roubar sua boneca, me fazendo odiá-la na época, mas agora já não me importava.

— Boa noite, aceitam? — Forcei um sorriso indicando a bandeja com alguns quitutes. As amigas de Anabel me olharam de cima a baixo, murmuraram algo sobre meus sapatos e meu cabelo e, em seguida, viraram as costas juntamente com Anabel. Porém, ao contrário dos demais, o jovem que as acompanhava sorriu, acenou um não com a cabeça gentilmente e me dispensou.

Para não ficar como uma idiota parada no meio do nada sendo ignorada virei para a direção oposta.

— Adoro essas festas — sibilei para Sara, enquanto ela passava por mim.

Ela sorriu, mandou um beijo e continuou a caminhar. Eu já estava acostumada com esse tipo de tratamento. Quando você servia pessoas com nível social tão superior ao seu, sempre corria risco de encontrar aqueles que não se agradavam com a sua presença, ou que, por alguma razão distorcida, acreditavam que você era inferior a eles.

Segui servindo, havia passado mais meia hora quando minha bandeja

ficou completamente vazia e ao dar meia volta para buscar mais na cozinha, meu coração parou uma batida.

Rick estava segurando a mão de uma loira maravilhosa enquanto a apresentava para seu pai. Sua mãe estava com um sorriso gigante nos lábios, acho que nunca a havia visto sorrir tanto. A loira tocava no braço de Rick com a mão livre, tamanha era a intimidade entre eles, meu pulso acelerou e meu sangue ferveu.

Se estivesse na selva provavelmente a atacaria como uma leoa feroz. Suspirei derrotada, minha reação era ridícula.

Entretanto, ele não tinha mencionado que estava namorando, e acho que também havia se esquecido de mencionar que ela era a personificação da beleza em pessoa; quase tão alta quanto ele. Seus cabelos eram cacheados, loiros e longos. Esguia e com a pele de pêssego, mais parecia uma boneca do que ser humano. Tentei controlar minha respiração para que ninguém notasse a minha perda de compostura. Foi quando senti uma mão me puxar.

— Vem, Mel, parece que viu um fantasma. Respira. — Olhei para Sara, mas não conseguia falar. Não era a primeira vez que via Rick com alguma namorada, contudo, dessa vez, havia dado um aperto tão poderoso, que senti todos os meus ossos congelarem. De repente, sentia que o perdia para sempre.

Tentando controlar as lágrimas e respirando profundamente segui Sara até a cozinha.

— Eu não sabia que ele estava namorando, você sabia de algo? — perguntei desesperada.

— Não, eu também não sabia. Mel, já faz mais de um mês que não o vemos, você precisa manter a calma. Está tudo bem com você? — Tentei acenar positivamente. — Quando me virei e a vi ali, paralisada no meio da pista de dança com o olhar fixo no Rick, fiquei preocupada com você.

— Acha que alguém notou? — Estava angustiada.

— Sinto muito, mas Anabel pareceu se divertir com a cena. — Ergui meu olhar procurando Sara e a vi enchendo minha bandeja. Ela era uma

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

amiga incrível, sempre atenciosa e carinhosa.

Sorri tentando disfarçar a dor esmagadora em meu peito.

— Eu estou bem, obrigada. Você não deveria se arriscar assim. Pode voltar para as bebidas enquanto eu termino de abastecer a bandeja.

— Eu sempre posso dizer que a bebida esquentou — disse com uma piscadela. — Você está pronta para voltar lá?

— Sim, está tudo bem. — Sabia que não estava nada bem, mas precisava me recuperar. Eu ainda não compreendia o que havia me dado, mas não ia me esconder a noite toda.

— Ótimo, porque a mesa do casal alegria está na sua linha de cobertura — disse enquanto saía da cozinha.

Perfeito! Congelei novamente, *respire, inspire, respire, inspire foda-se, apenas se lembre de respirar. Você já passou por isso antes*, me forcei a lembrar.

— Algum problema Melissa? Meus convidados já estão satisfeitos por isso você está aqui paralisada como uma estátua em meio à cozinha?

Dona Alice. Respirei fundo, coloquei um sorriso nos lábios e virei.

— Não, senhora. Vim apenas abastecer a bandeja. Me perdoe, com licença. — Passei por ela como um furacão, e assim voltei para a minha tortura.

Capítulo 4



Estacionei na garagem da família da Velásquez.

Lutei para manter todos os meus sentidos em alerta, me preparando para encontrar a possível jovem encantadora que minha mãe fazia questão que eu buscasse. Bufei. *No mínimo, se tratava de uma moça sem graça, a qual a presença seria um carma*, pensei irritado.

Abri a porta e comecei a caminhar em direção a entrada daquela imensa casa. A paisagem que a cercava era fascinante, como estávamos afastados da cidade o ar estava mais fresco que o habitual e os vinhedos eram totalmente de tirar o fôlego. O lugar era uma imensidão de verde e cachos de uvas começando a se formar, mas eu duvidava que a vinha próxima à casa tinha algo a ver com os negócios da família, no mínimo essas eram apenas pelo prazer do cultivo.

Ajeitei a gravata, limpei a garganta e preparei meu melhor sorriso. Toquei a campainha, e nem meio segundo depois uma mulher de meia-idade, sorridente, abriu a porta.

— Ah. Imagino que seja o Ricardo, entre, por favor. — Sorriu amavelmente, mas, pelo uniforme, logo imaginei que deveria ser apenas a

governanta da família.

— Exatamente, minha senhora, com licença — Devolvi o sorriso.

Assim que entrei pude vislumbrar mais da riqueza dessa poderosa família, a entrada era um espetáculo a ser visto, mas minha análise foi interrompida quando uma mulher impecável caminhou em minha direção. Totalmente elegante, exalando confiança e poder, o que me fez perceber que essa só poderia ser Helena, a mãe da minha acompanhante.

— Olá, jovem Ricardo, que maravilha enfim poder conhecê-lo, sua mãe falou maravilhas a seu respeito — me cumprimentou com uma voz suave, mas podia ver o quanto estava nervosa. Estendeu a mão e eu a aceitei dando um leve beijo em seu dorso.

Bom, não havia dúvidas que o show teria começado, era o momento de ser incrivelmente amável e encantador.

— É um prazer, dona Helena. — Sorri. — Realmente não deveria acreditar em tudo que minha mãe fala, ela tende a ser um pouco exagerada quando se trata de seus filhos — concluí em um tom brincalhão, seguido por uma piscadela.

— Imagina, até o momento só posso crer que ela nem de perto lhe fez jus. — *Ótimo, arrumei uma fã*, pensei divertido — Marcos, meu amor, já estamos atrasados, venha conhecer Ricardo Belmonte.

Que maravilha, agora iria conhecer o pai. Contive um gemido, irritado. Eu ainda nem havia beijado a moça e já estava sendo apresentado a toda sua família. Se as coisas continuassem evoluindo com essa pressa, provavelmente estaria ciente de toda sua árvore genealógica até o fim da noite e um anel de casamento no dedo.

— É um prazer, meu jovem — Marcos apresentou-se. Com a mão estendida permaneceu encarando firmemente meus olhos como se estivesse me avaliando. Me impedi de revirar os olhos. O pobre pai provavelmente me via como uma ameaça potencial à sua princesinha.

— O prazer é todo meu. — Devolvi o aperto.

— Entre, meu querido, Sophie já vai descer, pode aguardá-la em nossa sala. Espero que não se incomode, mas quando chegou estávamos de saída, nos reencontraremos em sua casa. Até logo. — Helena tomou a frente. Precisei conter o sorriso, era óbvio quem mandava naquela casa.

Se eles estavam indo a festa por que não levaram a pérola? Precisava ter feito eu vir buscá-la? Irritação era o meu nome.

Fiquei ali no meio daquela imensa sala, com um lustre gigantesco em seu centro enquanto aguardava que a princesinha descesse. A decoração era, com toda certeza, impecável. Foi pensado nos mínimos detalhes, desde os sofás em tom de creme, a tevê de plasma, que deveria ter mais de 50 polegadas, que deixava o ambiente mais parecido com um cinema. Fora o tapete, as cortinas e todos aqueles objetos. Notei que não havia muitas fotografias, vai ver que era por ser apenas a primeira sala da casa.

— Perdoe o atraso, não quis te deixar esperando mais que o necessário.

Virei ao som de uma voz muito doce e aveludada.

Meu olhar ficou preso diante da visão de uma mulher realmente deslumbrante. Alta, quase da minha altura, longos cabelos loiros cacheados, uma pele rosada, olhos azuis incríveis, com um corpo que mais parecia o pecado. Fiquei momentaneamente boquiaberto com sua visão. A mulher era linda!

— Não precisa se desculpar — tentei soar firme, não querendo demonstrar o quanto me choquei com sua aparência.

Aproximei-me, segurei sua mão e deposei um beijo casto. *A mulher era linda e com um perfume refinado. Pelo jeito, não seria nenhum sacrifício obedecer minha mãe dessa vez,* pensei feliz com a minha acompanhante.

Seguimos até meu carro onde fiz questão de abrir a porta e a ajudei a entrar e se acomodar. Depois dei a volta no veículo, sentei por trás do volante nos colocando no caminho de casa. Levaríamos uns bons vinte minutos até chegarmos e eu estava torcendo para que ela não fosse um carma.

Acabei me surpreendendo mais uma vez. Sophie era doce, elegante, gentil e muito inteligente. Nossa conversa fluíu facilmente, apesar de não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

termos quase nada em comum. Falamos sobre cinema, música, comida e, claro, vinhos, eu até me espantei pelo modo como Sophie conhecia o procedimento, desde o plantio até a colheita, e depois o processo industrial. Acabou que os vinte minutos passaram voando e logo estávamos estacionando na entrada de minha casa.

A ajudei sair do carro e permaneci ao seu lado, a guiando com uma mão em seu cotovelo. Preferi levá-la pela lateral da casa para que ela pudesse ter um vislumbre melhor da decoração... acabei recordando de como Mel observava aquilo tudo com tanta admiração e um olhar sonhador. Lá no fundo eu desejava ver esse olhar de menina que acredita em contos de fadas nos olhos de Sophie. O que me fez observá-la atentamente por todo o percurso em busca de algum sinal... mas nada.

Notei que ela não perdia muito tempo observando nada em especial e assim que nos aproximamos da calçada apertou o passo como se a grama incomodasse seus pés.

— É bonito aqui. Mas você precisa falar pra sua cerimonialista que quando a entrada é pela lateral se deve sempre ter uma passarela, é deselegante nos fazer andar de salto na grama. — Tudo foi dito com um sorriso tão angelical que eu não sabia se ela estava criticando ou elogiando, mas de cara eu soube que nunca veria o olhar sonhador da Mel nela.

— Conselho anotado. Mas realmente ela não teve culpa, a indelicadeza foi minha, a entrada da festa é pelo outro lado, ou pela casa, realmente me equivoquei. — Devolvi o sorriso.

Assim que chegamos à festa em si, minha mãe e meu pai nos viram e se dirigiam a nós sorrindo, era tão óbvio como estavam felizes. Coloquei minha mão esquerda na costa de Sophie e a encaminhei de encontro aos meus pais, eu precisava manter tudo perfeito até o final da noite e então estaria livre.

— Oi, Sophie, como está linda. É realmente um prazer te receber em minha casa. — Minha mãe parecia até mel de tão doce, se não a conhecesse realmente ficaria encantado com ela e sua simpatia.

A conversa continuou, e todas as apresentações necessárias foram feitas e sem que nos déssemos conta, Sophie nos tinha encantado e hipnotizado

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com a conversa fácil e as histórias sobre sua estadia na Itália.

Senti uma inquietação, algo como um calafrio percorrendo toda a minha espinha. Automaticamente me virei para ver se podia ser algo próximo, foi quando tive um vislumbre de Mel sendo praticamente carregada pela Sara para dentro de casa. Ela parecia perto de lágrimas, havia algo de errado com ela. Senti um aperto no estômago. O que será que estava acontecendo?

Eu estava inquieto e louco para ir atrás dela, quando minha mãe tocou meu ombro, lançando um olhar exasperado em minha direção.

— Não é, Ricardo? Você realmente está feliz com a presença de Sophie e não se incomodará de modo algum de terminar de apresentá-la ao restante dos convidados. — Não havia margem para recusa, e eu sabia perfeitamente disso.

— É claro. Será um prazer, e assim podemos nos conhecer melhor. — Olhei diretamente para Sophie, tentando sorrir e parecer feliz. Mas, na verdade, era tudo mentira, e eu só queria ir para dentro de casa e verificar Mel. Entretanto, não podia, eu sabia que seria um erro terrível e que prejudicaria não somente a ela como a mim também. Forcei-me a lembrar de que deixando Sophie feliz, minha família também estaria feliz.

— Vocês estão na mesa junto conosco e seus pais, Sophie — meu pai falou satisfeito. Observando seu sorriso, cheguei à conclusão de que seus planos estavam dando certo.

Sophie devolveu o sorriso e com um pedido de licença começamos a nos dirigir para a pista de dança, era hora de apresentá-la a elite.

Conforme nos aproximávamos do grupo em que minha irmã estava, fui capaz de ouvir o motivo de tanta graça. Estavam rindo da Mel. Escutei quando falaram que ela parecia uma estátua no meio da pista. Anabel sorriu e disse que estava mais para espantalho, eu estava me segurando para não brigar com todos, sentia todo meu sangue ferver em desgosto.

O que havia acontecido com a Mel? Por que estavam falando dela dessa maneira?

Nunca compreendi a rixa que minha irmã tinha contra a Mel, sempre se

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

recusando a estar no mesmo ambiente, ou tratá-la com o mínimo de educação.

Minha preocupação estava atingindo altos níveis. Comecei a caminhar para casa, mas notei que ela já havia voltado a servir. Parecia triste e sem vida, seu sorriso estava mais forçado que o habitual quando servia. Essa não era a Mel que tinha visto no começo da noite. Eu precisava arrumar um jeito de falar com ela, e logo.

Capítulo 5



Depois que voltei para a festa fiz de tudo para evitar olhar ou estar perto do Ricardo. Por mais de uma vez, vi ele me observando e até cheguei a pensar que o havia visto acenando para mim como se quisesse falar comigo. Porém, logo desviava o olhar e seguia com o meu trabalho.

O jantar já havia sido servido e durante ele eu fiquei o tempo todo na cozinha encarregada de preencher as bandejas dos garçons. Terminando o jantar, a pista seria liberada e somente alguns casais permaneceriam, os demais já estariam indo embora e eu poderia ir para casa tirar os malditos saltos assassinos e dormir. E isto era tudo o que mais precisava esquecer: que o dia havia existido.

— Filha, eu estou indo para casa. A dona Alice disse que após o jantar, poderia ir. Pelo visto correu tudo bem. — Mamãe sorriu, se despedindo.

— Sim, foi ótimo. — Fiz uma pausa e decidi perguntar o que tanto estava me atormentando durante toda a noite. — Mãe, por que dona Alice te pediu para ficar hoje? Normalmente ela te dispensa desses jantares.

Minha mãe pareceu ficar desconfortável com a pergunta. Notei uma confusão em seus olhos e o modo como ela lutava para escolher as palavras,

enquanto abria e fechava a boca sem que soltasse nenhum som.

— Você não deve se preocupar com isso. Ela apenas fez uma observação essa tarde e eu preferi ficar e me certificar de que ela estava um tanto quanto equivocada. — Desviou o olhar.

— E seria? — Eu já estava ficando sem paciência.

— Querida, dona Alice apenas quis que eu ficasse e cuidasse para que tudo corresse bem. Eles realmente estão interessados em fazer negócios com os Velásquez. E como você pode notar, tudo foi meticulosamente calculado para causar boa impressão.

E eu lá sabia quem eram esses Velásquez, para mim não passava de um bando de pessoas pomposas e metidas.

— E quem... — Antes que pudesse concluir minha pergunta Sara entrou parecendo uma doida.

— Eu juro, você precisa me resgatar, me ajuda, por favor? — Me encarou com aqueles olhos verdes suplicantes. — Mel, essa gente rica bebe demais, me ajuda? — Seus movimentos eram frenéticos enquanto enchia as taças e buscava bebidas no freezer.

Comecei a sorrir.

— Claro que te ajudo, vamos.

Dei um beijo de boa-noite em minha mãe e enquanto ela ia para casa, eu caminhei ao encontro da minha amiga desesperada.

Quando voltei para a festa, o som seguia a todo vapor, provavelmente já havia ouvido de tudo, pop, rock, jazz, blues, internacional, nacional. O DJ realmente era muito bom e eclético.

Quando chegamos ao bar, Sara me deu uma nova garrafa de vinho e pegou outra de champanhe.

— Desculpe, Mel, mas eu realmente preciso de ajuda. — Pareceu culpada. — Não grite comigo, mas precisamos servir a mesa dos chefinhos. Eles são os únicos que permanecem sentados e conversando, os demais já

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

estão na pista ou próximos às mesas de frutas. — Apontou para onde a maioria dos convidados se aglomerava.

Eu amava a Sara, e seria eternamente grata a ela por tudo que sempre me fez. Mas, juro, naquele momento meus pensamentos em relação à sua pessoa eram assassinos.

— Você só pode estar brincando — choraminguei. — Hoje realmente não é o meu dia. — Provavelmente estava fazendo bico. E para minha surpresa ao invés dela me levar a sério, ela começou a rir.

— Vamos, bonequinha, logo poderemos ir para casa.

Seguimos rumo ao calvário, digo rumo à mesa dos Belmontes, seria a primeira vez durante toda a festa que teria que encarar Ricardo e sua acompanhante, já que eu havia feito um ótimo trabalho me esquivando deles.

Sara seguiu na frente e, graças a Deus, todos estavam preferindo o champanhe, mas eu sabia que Rick iria querer vinho, ele não gostava de champanhe e mesmo quando brindava sempre preferiu vinho. Por mero impulso acabei seguindo direto em sua direção, sorri e servi o vinho, ele me observava e eu sabia que ele não podia retribuir meu sorriso. Entretanto, minha atitude não passou despercebida por sua acompanhante perfeita, que fez questão de me chamar a atenção:

— Desculpe, mas não escutei o Ricardo pedindo vinho. Faça-me o favor de levar essa taça imediatamente. — Ela, com toda certeza, possuía uma voz suave, mas soou extremamente irritante e esnobe.

Por um momento eu fiquei ali, apenas a observando um pouco em choque. Nunca em todos os anos em que havia servido, havia passado por uma situação constrangedora como aquela; e olha que uma vez caí de bunda no meio da pista de dança derramando todas as bebidas em cima de mim.

Mas ali estava eu, de boca aberta e sem reação. Eu só conseguia pensar: *Mel, sua otária, cadê sua língua inteligente quando você precisa dela? Por que não manda essa patricinha se foder? E Rick, caramba, você só toma vinho. Por que não fala algo?*

Acabei o encarando suplicante. Mas nada aconteceu, ele não teve nem a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

decência de parecer por um mero segundo culpado.

— Não escutou, Melissa, retire a taça e deixe que Sara sirva Ricardo — dona Alice falou com tanto desprezo em sua voz que me senti uma retardada, eu nem tive tempo para olhar para os demais, apenas desejando que o chão se abrisse sobre meus pés.

A situação em si não era tão humilhante, afinal de contas garçons podem cometer erros a qualquer momento, era só uma bebida. Mas, pela primeira vez na vida, eu estava implorando por dentro para que Rick tomasse uma atitude. Que ele falasse que tudo bem, que ele realmente não gostava de champanhe, porém não foi o que aconteceu; ele apenas pegou a taça, a ergueu em minha direção e acrescentou em um tom tão frio e distante que quase congelou tudo ao redor.

— Tome, já disseram que pode retirar. Na verdade estamos prestes a fazer um grande brinde a mais nova aliança aqui formada. Não que seja de seu interesse. Mas grandes comemorações requerem brindes brilhantes. — Sorriu para sua acompanhante.

— O que...? — Devo ter sussurrado.

Para minha sorte, todos na mesa se empolgaram diante de sua declaração e voltaram a conversar sobre um acordo e de como ambas as famílias estavam felizes, poupando-me da vergonha de me constranger ao pedir explicações para o idiota que sempre foi meu melhor amigo.

Recompus minha cara de tacho o máximo que pude, me desculpei pelo equívoco, pedi licença e me retirei. Não ousei olhar para Rick porque queria socar a sua cara e mandá-lo para o inferno. Nem me atrevi a permanecer ali parada por mais tempo. Segui para longe de todos e fiz o meu melhor para continuar servindo os demais convidados que se estendiam ao longo do quintal.

Sara ficou visivelmente tão chocada quanto eu. Ela não precisou falar nada, eu pude ver em seus olhos o choque e sua preocupação. Ela sabia há tempos que eu não estava mais aguentando essa nossa amizade secreta e sempre que podia ela passava por mim e me oferecia um sorriso radiante: uma marca registrada dela. Era reconfortante saber que ela estava sempre ao

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

meu lado.

Duas horas depois, eu estava esgotada fisicamente e drenada emocionalmente, só queria ir para casa e dormir. Passei o resto da noite tentando ser invisível para os Belmontes e agora também para os recém-descobertos Velásquez, ainda tive que observar como Rick e a bela Sophie dançavam e sorriam um para o outro, a intimidade entre eles era crescente e perceptível, era um abraço ali, uma mão na cintura aqui, mas sempre próximos, ou se tocando. Onde um estava, ali estava o outro. Havia algo novo desta vez, eu realmente sabia que essa moça era diferente das demais que Rick desfilou nas outras festas.

Acho que por isso me doía tanto observar. Eu sabia que esse dia chegaria, o dia em que ele seguiria em frente e se estabeleceria com uma jovem bem-nascida. Eu só não estava preparada para que esse dia chegasse tão cedo.

Assim que todos os convidados foram embora, dona Alice nos deu ordem para deixar a cozinha organizada; isso era normal. Precisávamos apenas recolher tudo, amontoar as mesas e estaríamos dispensados.

Voltei para o jardim onde havia ocorrido a festa. Já haviam começado a recolher a decoração. E com nostalgia observei aquele cenário de contos de fadas ser desmoronado.

Sara parou ao meu lado e me abraçou pelos ombros.

— E então, pronta? — Fiz que sim com a cabeça e começamos a caminhar para o jardim. — Mel, você quer pegar a estrada e ir para casa ou vai passar a noite aqui?

— Eu vou ficar, quero me certificar de que meu pai está realmente melhor.

— Ótimo, então me acompanhe até o meu carro que eu vou para casa, amanhã cedo só quero saber de dormir muito e te espero para o filme com sorvete à noite. — Sorriu.

Eu gargalhei. Sara era incrível e sempre faria qualquer coisa para me animar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Você sabe que pode dormir aqui comigo, certo?

— Sim, eu sei. Mas você não faz o meu tipo. — Deu de ombros. — Eu realmente agradeço, mas eu quero muito a *minha* cama — enfatizou.

— Certo.

Chegamos ao estacionamento, nos despedimos e ela seguiu. Estava voltando para dentro da casa quando escutei risinhos e parei em meu caminho tentando decifrar de que lugar estava vindo. Virei em direção à entrada da garagem onde só havia um carro estacionado: o do Rick. E ali estava ele e sua princesa.

Ela estava pressionada entre ele e o carro, sorrindo feito uma adolescente e ele estava com uma mão em sua cintura e a outra subindo em direção à sua nuca. Tudo ficou em câmera lenta enquanto eu observava seu rosto abaixando em direção ao dela, até que eles se beijaram.

Ela imediatamente subiu sua mão direita e a apoiou em seu braço, e a outra ela elevou até tocar seu colarinho. O beijo não era suave, ou casto, era extremamente quente e selvagem.

Senti minhas pernas ficarem bambas, e meu estômago se contorcer. Meu mundo naquela noite desabou pela terceira vez, eu só queria saber o porquê de ainda estar ali assistindo a tudo aquilo ao invés de me poupar e ir para casa? A verdade é que estava mortificada, drenada. Por fim, não consegui conter as lágrimas que ameaçaram cair a noite toda. E fiquei ali escondida observando o interminável beijo, até que minutos ou horas depois se desgrudaram e ele, por fim, foi levá-la para casa.

Tentei conter todas as lágrimas e me acalmar antes de retornar o meu caminho e ir para casa.

— Sabe, Melissa, você deveria entender de uma vez por todas que mulheres como você nunca terão chance com homens como meu irmão. — A diversão brilhava nos olhos de Anabel, ela havia presenciado toda a cena. — Você sempre será a filha da empregada, independente de vocês serem amigos ou não. — Suas palavras eram venenosas. Praticamente podia ver as gotas escorrendo pelos cantos de sua boca.

Eu nunca compreendi o motivo dela me detestar tanto, mas com toda certeza não seria agora que eu perguntaria.

Precisei de toda a força que ainda me restava. Porém, ao invés de brigar e falar o que ela realmente merecia ouvir, apenas concordei.

— Anabel, a senhorita tem toda razão. Com licença.

E assim, enfim, segui para a casa dos meus pais o mais rápido que pude, e quando saí das vistas da pequena bruxa, eu literalmente corri.

Idiota, era isso que eu era. Mas isto estava prestes a mudar.

Capítulo 6



Por um bom tempo eu estive aéreo, eu não conseguia me concentrar na festa, nas pessoas, em nada, eu apenas estava ali escutando aquele zum-zum-zum. Senti que Sophie me tocava o braço e quando me virei, a vi me observando com certa preocupação no olhar.

— Está tudo bem, Ricardo? Você parece... distante.

Eu precisava voltar a mim, essa noite era importante para minha família, eu estava deixando transparecer minha preocupação com a Mel e isso não podia acontecer. Eu já havia sido advertido diversas vezes hoje sobre manter minha amizade com ela fora dos nossos círculos e Mel sempre foi compreensiva quanto a isso. E, dessa vez, não seria diferente, ela compreenderia. Não havia motivos para preocupação, eu só precisava entrar no jogo.

Abri um sorriso fácil, a tranquilizando.

— Me desculpe, é que estava apenas me lembrando de um problema no escritório... Tenho dificuldade em me desligar de minhas funções — menti.

Ela sorriu maliciosamente. Eu não podia negar o quanto a mulher à minha frente era sedutora e bela. Então, por que eu ainda estava pensando na

marrenta pequenina da Mel? Eu precisava focar, esquecer a Melissa e parar de ter pensamento inoportunos a seu respeito. Éramos amigos, sempre fomos e nada mudaria.

Devolvendo o sorriso malicioso me aproximei de sua orelha. Puxei o ar e senti seu perfume.

— Você poderia me ajudar a me sentir mais relaxado?

Ela ampliou seu sorriso em quinhentos *watts*. Passou as mãos pelos meus braços até meu pescoço, dando um leve aperto.

— Adoraria.

Por um momento fiquei paralisado. Eu a havia provocado, mas no fundo eu não queria verdadeiramente ou queria? Era um jogo perigoso, a verdade estava começando a se embaralhar em meio a tantas mentiras.

Seus pais se aproximaram nos cumprimentando e logo iniciaram uma conversa sobre viagens, vinhos e família, o que me salvou da minha própria armadilha.

Depois de muita conversa seus pais foram de encontro aos meus se juntando em sua mesa. Peguei Sophie pelo cotovelo e continuei a apresentando para os convidados, ela parecia muito à vontade naquele ambiente, nem de longe existia a menina tímida que minha mãe havia descrito e isso só confirmava sua armação. A mulher era como uma raposa, pronta para dar o bote a qualquer momento. Decidida, graciosa e mortal.

Por três vezes eu encontrei o olhar de Mel e descobri que ela disfarçadamente também me observava, sinalizei para ela, para que pudéssemos conversar e esclarecer o que a estava incomodando. Mas ela fez questão de me ignorar a noite toda e nunca sequer me devolver os sorrisos.

Eu já estava louco para ir pra casa quando o jantar foi servido. Àquela altura da noite, eu já não encontrava Mel em nenhum lugar e só podia imaginar que estava na cozinha.

Comecei a beber descontroladamente e até o meio do jantar eu já havia bebido cinco taças de vinho e começava a ficar muito irritado e bêbado.

Minha família ignorava os demais convidados, focando sua atenção totalmente nos Velásquez. O motivo real desse circo armado não demorou muito a ser revelado: uma possível fusão das empresas. A ideia era estender os negócios para fora do Brasil. Desse modo seríamos capazes de reerguer as finanças e sair da possível crise que insistia em aparecer.

As empresas já possuíam clientes estrangeiros, mas dessa vez a meta era mais alta, eles queriam uma filial fixada lá. Eu sabia desse desejo do meu pai, mas estava enfurecido por ele não ter me contado anteriormente que estava com esse projeto em andamento. Minha função na empresa era de supervisionar o funcionamento de todas as nossas filiais e cuidar de sua publicidade. Resumindo: eu era o responsável pela vida social dos Vinhedos Belmontes.

Lembrei-me de quando optei por Publicidade na faculdade e não Administração, meu pai jamais foi capaz de aceitar e a cada novo dia era lembrado do quanto esta escolha o desagradava. Como punição eu nunca ficava muito a par das funções burocráticas e expansivas da empresa, meu pai fazia questão de me deixar de fora das decisões e projetos. De início eu achava isso ótimo, pois por mais que eu gostasse dos negócios da família, eles não eram realmente minha meta. Entretanto, isso não me deixou menos incomodado, como filho e funcionário eu gostaria de estar a par de suas intenções.

A conversa continuou até que uma explosão de sorrisos e congratulações se formou a minha volta. O negócio havia sido fechado e seus advogados estariam a partir de segunda entrando nos termos burocráticos e reuniões seriam marcadas para firmar e fechar realmente esse grande passo entre as empresas.

Minha mãe estava em êxtase total, sorria e falava como nunca havia visto. Meu pai estava mais contido, mas parecia tão absorto quanto ela. Minha irmã, como sempre alheia a tudo, sorria feito uma idiota com seus amigos, Sophie estava agarrada ao meu braço e muito sorridente, até onde pude compreender a conversa, ela estaria junto com o seu pai, tomando a função de vice-presidente.

No meio da empolgação minha mãe chamou Sara ao lado, cochichou
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

algo em seu ouvido e ela rapidamente seguiu para a cozinha. Eu estava intrigado com ela que havia passado a noite toda me lançando olhares assassinos. Havia algo errado!

— Ricardo, você está bebendo demais, meu anjo, lembre-se que você vai me levar para casa. — Sophie sorriu maliciosamente, enquanto me repreendia com os olhos. E isso me incomodou muito.

Respirei fundo e olhei para o lado contrário ao seu e paralisei, Mel seguia Sara até nossa mesa.

Será que minha mãe havia pedido isso?

Todos na mesa aceitavam champanhe, normal afinal de contas era um brinde. Entretanto, eu não suportava o sabor da bendita bebida espumante, eu queria mais um pouco de vinho, poderia brindar da mesma forma como sempre fiz.

Antes que precisasse chamar, Mel se aproximou. Me lançou um sorriso doce, ela ainda não estava em seu estado normal, mas estava linda, ela sabia dessa minha preferência e sem hesitar andou até mim e me serviu. Eu não retribuí o seu sorriso, estava paralisado admirando seus lábios vermelhos e a pequena mecha de seu cabelo que havia se soltado.

Eu não conseguia compreender o que estava acontecendo comigo, mas a única coisa em que pensava ao olhar para ela, era em como a menina que eu conhecia a minha vida toda havia crescido e se tornado uma mulher linda e exuberante. Em como eu gostaria de estar com ela assistindo a um filme brega de romance, enquanto a via chorar como fazíamos na adolescência.

Sophie olhava dela para mim com curiosidade, sua testa franzida em compreensão, provavelmente notando que existia algo entre nós, foi quando ela assumiu uma postura desafiadora.

— Desculpe, mas não escutei o Ricardo pedindo vinho. Faça-me o favor de levar essa taça imediatamente. — Sua voz estava muito mansa, mas enganosa.

Mel paralisou, eu a observava, não conseguindo reagir, estava abatida, triste e chocada. Ela me lançou um olhar suplicante do tipo seu-filho-da-puta-
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

você-não-toma-champanhe. Eu abaixei o olhar e vi minha mãe fazendo sinal para me calar.

E eu, como um covarde, um homem sem dignidade e não merecedor da amizade que Mel me dedicava há tanto tempo, fui lá e lhe dei o golpe final, foi como chutar cachorro morto. Levantei minha taça em sua direção, o mais indiferente possível.

Seus lindos olhos nublaram com lágrimas não derramadas, ela estava ferida e a culpa era toda minha.

— Senhor Belmonte, me perdoe pelo equívoco. — Pegou a taça e se retirou. Chamou-me pelo sobrenome, o que significava que eu havia passado dos limites e ela estava muito chateada. Eu não podia culpá-la. Minha vontade era de correr atrás dela e suplicar por seu perdão, mas não podia.

Sara se inclinou e me serviu champanhe.

— Você é o pior de todos os babacas — sussurrou antes de se retirar.

O brinde seguiu, todos pareciam satisfeitos com o acontecido. Continuamos ali por mais um tempo bebendo e conversando.

Remember When, de Alan Jackson, começou a tocar. Lembrei-me de como Mel amava essa música, entretanto quem me convidou para dançar foi Sophie e, sendo o imbecil que era, aceitei. Mel voltou um tempo depois e seguiu servindo, dessa vez a metros de distância, ela quase não sorria, nem conversava com ninguém, exercia sua função mecanicamente. Conforme a letra melodiosa seguia, ela me procurou com o olhar, notando onde estava e com quem dançava, piscou tentando esconder a dor em seus olhos. Mas eu havia notado.

Eu estava com ódio de mim, com nojo de Sophie por ter tratado Mel daquele jeito, mas não fazia nada para mudar a situação, continuava sendo o que não era. Fingindo ser o filho perfeito, o acompanhante ideal. Seguiu destruindo a única coisa verdadeira para mim.

Nem sei por quanto tempo dançamos, foi uma música, depois outra e outra. As pessoas já estavam indo embora e restava apenas um pequeno grupo com Anabel, resolvi então que era hora de encerrar essa noite e rezar

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para que Mel me perdoasse.

Encaminhei-nos até onde meu carro estava estacionado e entre pequenos empurrõezinhos e joguinhos de Sophie acabamos um de frente para o outro, próximos demais.

— Sabia que você ainda está distante? Você realmente deveria se distrair e relaxar. — Sophie praticamente ronronava, parecendo uma gata dengosa. Ela era linda e eu um homem, a mulher estava toda sexy implorando, e eu estava puto da vida, um pouco bêbado e louco para descontar toda a minha frustração em alguma coisa, ou alguém.

Aproximei-me, coloquei uma mão em sua cintura.

— E o que você sugere... Digo como tratamento? — provoquei.

Sophie passou a língua pelo lábio inferior e sensualmente se ofereceu.

— Para começar, você podia me beijar. — Ela sabia que era linda e usava isso a seu favor, essa mulher era uma jogadora experiente e eu um filho da puta sem coração e orgulhoso.

E no impulso coloquei minha outra mão no seu pescoço e a atraí para mim, a beijando. Não foi um beijo delicado e amoroso, foi um beijo exigente, selvagem, um emaranhado de línguas. E quando senti necessidade de ar, a larguei.

Quando olhei para seu rosto foi o da Mel que vi, o que me fez saltar para trás, abrir a porta com uma urgência de levá-la embora. Eu provavelmente estava muito bêbado, louco para ser mais exato, tudo estava uma confusão.

O caminho para a casa de Sophie foi silencioso, aparentemente ela estava desconfortável tanto quanto eu. Para mim ela era um mistério, ao mesmo tempo que era meiga, megera, carinhosa e ardilosa, me fazendo questionar quem realmente era.

Estacionei na frente de sua casa, ela me agradeceu pela noite, disse que havia sido incrível, me deu um beijo rápido nos lábios e saiu do carro sem me dar a chance de descer e abrir a porta. Mentalmente eu agradeci, eu não estava muito sóbrio para dirigir e isso era um erro horrível, mas mesmo assim

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

aqui estava eu de carro: imprudente e envergonhado.

Deixei que toda culpa e raiva me consumisse, era tempo de pensar em como chegar até Mel novamente, fazer com que me perdoasse e que compreendesse que nada do que disse realmente havia sido intencional.

Capítulo 7



Eu estava deitada na minha cama há quase uma hora olhando para o teto escutando *Que Lloro, Sin Bandeira* e chorando... chorando muito. Eu não deveria estar tão sentimental, mas, além de toda humilhação e decepção, ainda havia encontrado um embrulho sobre minha cama. Ao abri-lo encontrei um delicado caderno decorado no estilo *vintage*, uma caneta elegante e um cartão.

A perfeição está nos olhos de quem vê.

Pensei que iria gostar.

Beijos do Rick.

Sorri e chorei na mesma proporção por perceber que ele havia se lembrado de uma frase que havia dito há alguns anos quando me perguntou o motivo pelo qual gostava tanto de trabalhar com crianças especiais.

Tentei não enxergar sinais ocultos por trás de seu gesto doce, mas claro que não tive sucesso nenhum. Problema esse que me levou a descobrir

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

algumas coisas importantes sobre mim: primeiro, eu estava com um ciúme descomunal durante toda a noite; segundo, eu havia me apaixonado pelo meu melhor amigo em algum momento da minha vida; terceiro, ele era a pessoa errada e havia deixado isso muito claro; e quarto, eu precisava focar totalmente na nossa amizade e esquecer esse sentimento impossível.

Ou suma e esqueça que ele existe, já que não passa de um arrogante, egoísta e mimado, uma vozinha ficava cantarolando na minha cabeça.

Só conseguia continuar chorando. Eu não sabia da onde vinha tanta água, mas, pela primeira vez na minha vida, eu estava sofrendo verdadeiramente por amor. Eu havia tido outros relacionamentos, mas quando acabavam eu praticamente seguia em frente sem dor. Porém, não desta vez. Não existia um relacionamento, não existia um término, ele nunca me pertenceu e mesmo assim eu sofria pelo que meus olhos haviam visto.

Sentia-me sufocando. Ai, meu Deus, eu não conseguia dormir, eu não conseguia respirar direito, eu precisava de ar puro.

Enfie-me em uma camiseta preta dos *Ramones*, um presente debochado que ganhei do meu amigo Elton, há mais ou menos dois anos, depois que eu havia aceitado ir com ele neste show, e dito que havia odiado. A camiseta era enorme e chegava até os meus joelhos. Como estava de noite, eu ignorei que não estava vestindo um short e outra não haveria ninguém do lado de fora.

Passei na cozinha, peguei um pote de sorvete, agarrei meu *iPod* e saí para a varanda de frente para o jardim, a mesma que estive com o Rick naquela tarde e permiti que as lágrimas voltassem. Se era para sofrer que fosse feito da maneira correta: atingindo o fundo do poço, ganhando algumas calorias e permitindo que toda dor saísse, para que no dia seguinte pudesse sacudir e dar a volta por cima.

Fiquei ali por uns cinco ou dez minutos, passando de uma música para outra enquanto respirava fundo tentando conter as lágrimas, até que obtive sucesso e meus olhos passaram a me obedecer.

Sentia-me ferida. De alguma forma eu acreditava que lá no fundo Rick corresponderia aos meus sentimentos. Acreditava no homem que ele havia se tornado, pois sabia que por trás de toda aquela fachada existia um homem

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

corajoso e destemido. Ele só não acreditava em si mesmo, culpa de um pai que sempre tomou todas as decisões por ele, exceto pela escolha do curso na faculdade, o que deixou seu pai furioso, o colocando para trabalhar como estagiário em sua própria empresa.

E com isso passei a maior parte da minha vida adulta desejando que, de alguma forma, ele viesse em meu socorro: brigando com sua família, assumindo que éramos amigos ou, quem sabe, dizendo que me amava. Infelizmente, isso era apenas sonho de uma romântica incorrigível. Precisava parar de sonhar com o príncipe encantado e sair em busca da minha felicidade.

Eu era uma mulher de vinte e cinco anos e não uma adolescente de quinze. Trabalhava, era inteligente, saudável e forte. Iria seguir em frente, encontraria outra pessoa e seria feliz.

Aceitaria o que Rick me oferecia: sua amizade. E isso seria suficiente. Melodrama era para as novelas mexicanas e não para a vida real.

Eu não havia dormido nada a noite toda, minha cabeça doía, meu humor estava negro e já passava das oito da manhã. Eu precisava levantar e sumir para minha casa, ficar o mais longe possível da mansão Belmonte, antes que dona Alice resolvesse aparecer e chamar minha atenção, devido ao meu comportamento na noite anterior.

Eu havia pensado muito e tomado algumas decisões importantes sobre minha vida e agora era hora de colocar em prática. A primeira coisa a fazer era não deixar transparecer meus sentimentos por Rick e a segunda eu resolveria na terça-feira: pediria demissão do buffet e nunca mais serviria nessas festas idiotas.

Levantei-me, tomei um banho, escovei os dentes, coloquei um short branco com uma regatinha preta, amarrei um rabo de cavalo, coloquei minha sandália rasteira nude e saí rumo à cozinha.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Bom dia, minha querida, dormiu bem?

Minha mãe andava em minha direção, sorrindo, e me abraçou, depois deu um beijo em minha testa e me soltou.

Sorri.

— Sim, mamãe. — Ela não precisava e nem merecia saber sobre o carma que passei a noite toda.

— Ótimo, venha tomar café, tem frutas, pão, bolo, fiz um monte de coisas que você gosta.

Era empolgante ver seu amor e cuidado, então aceitei e me sentei tomando café com ela. Conversamos sobre meu trabalho, sobre a festa, mas nunca tocamos nos assuntos frágeis. Se minha mãe chegou a perceber que algo não estava bem, ela apenas ignorou.

Perguntei sobre meu pai e ela me disse que ele estava no jardim com o senhor Fernando, eles sempre se deram muito bem, então não estranhei.

— Filha, você se importa de levar essa xícara de café para seu pai, e a outra para o senhor Fernando? — disse, me entregando as xícaras. — Aposto que o senhor Fernando ainda não tomou café, eles sempre acordam muito tarde no domingo.

— Sem problemas, mãe — concordei e saí rumo ao jardim.

O dia estava lindo, havia um sol brilhante e mesmo assim a temperatura estava muito agradável. Desci as escadas olhando de um lado para o outro tentando localizar meu pai. Os avistei próximo ao quiosque do lado direito, estavam sentados e conversando como dois amigos, não pareciam ser patrão e empregado. Aproximei-me e ofereci o café a eles, que aceitaram.

— Está uma bela mulher, Melissa. Seu pai me falava de sua turma especial. Estou verdadeiramente orgulhoso. — O senhor Fernando parecia tão jovem e verdadeiro. Forcei-me a acreditar. Apesar de tudo, ele não era um carrasco total.

— Obrigada, senhor Fernando. — Tinha certeza de que estava vermelha,

eu nunca lidei muito bem com elogios ainda mais quando vinham da chefia.

Abaixei-me e dei um beijo na testa de meu pai. Eles me convidaram para sentar e fiquei ali com eles conversando por uns bons minutos. Meu pai se levantou, pegou as xícaras e disse que voltava logo e me deixou ali sozinha com o patrão.

Senti-me estranha e até constrangida, mas o senhor Fernando terminou quebrando o silêncio enlouquecedor.

— Mel... eu... bem... Eu... Eu gostaria de pedir desculpas pela cena de ontem à noite. — Ele parecia constrangido.

Naquele momento fiquei em choque, não sabia o que falar, se devia responder ou simplesmente seguir calada fingindo não ter escutado. Mas acabei sendo educada.

— Senhor Fernando, imagina, eu cometi um erro e fui repreendida, por isso está tudo bem realmente — tentei suavizar as coisas. Eu havia decidido deixar a noite de ontem no passado, fora que de todos que ali estavam presentes ele havia sido o que menos falou.

— Não, jovem, eu realmente fiquei envergonhado pelo meu comportamento de minha esposa, de sua convidada, mas, acima de todos, de meu filho. — Ele parou para respirar profundamente e me olhou nos olhos. — Sei que são amigos, Mel, e sei que o motivo de vocês se esconderem na maior parte do tempo é o modo como eu e minha família a tratamos. E de certo modo a cobrança e exigência sobre meu filho também. Então, sim eu lhe devo desculpas. O nosso comportamento ontem foi... inaceitável.

Eu podia notar o quanto ele estava arrependido e envergonhado, talvez pela amizade que ele mantinha com meu pai, ou simplesmente porque acordou de consciência pesada. Eu deveria dizer que não o desculpava, que realmente passei os últimos anos amargando o tratamento que vinha recebendo, mas isso não me levaria a lugar nenhum.

— Ok, então desculpas aceitas. — Sorri agradecida. Afinal de contas, eu não esperava pelo pedido de desculpas e confesso que fiquei bem feliz com ele.

Fiz menção de me levantar, estava me sentindo desconfortável por seguir sentada ali com ele sozinha. Mas o senhor Fernando me surpreendeu tocando minha mão e me pedindo para me sentar mais um instante, que ele gostaria de me falar mais uma coisa. Voltei a me sentar e aguardei que falasse, morrendo de medo de me arrepender de ter concordado em ficar ou pior em tê-lo desculpado.

— Melissa... sei que meu filho tem seus defeitos, e que há muito tempo te negligencia com suas atitudes covardes durante as festas e sempre que está em nossos círculos de amizade, mas Ricardo é diferente disso, Mel, e eu acho que você é a única que o conhece realmente. Não desista dele, ele... precisa de você. E... vai precisar muito mais em breve.

Eu estava paralisada, eu nunca pensei que alguém prestasse atenção em mim, queria dizer em nós. E lá estava o senhor Fernando me falando todas aquelas coisas.

Meu Deus! Eu nem sabia o que responder, acabei ficando completamente sem fala, paralisada, o olhando boquiaberta.

Eu não compreendia o que ele queria dizer com “Ricardo precisa de você” e muito menos com “Vai precisar muito mais em breve”? Havia algo acontecendo e eu realmente não estava compreendendo.

O senhor Fernando se levantou, apalpou minha mão sobre a mesa, esboçou um sorriso e começou a caminhar em direção à sua casa, mas antes que pudesse ir muito longe, parou falando sobre seu ombro:

— Você é uma ótima mulher, Mel, não permita que te digam o contrário. Nem que essa pessoa seja eu.

Sorri e isso foi o máximo que consegui expressar ainda em estado dormente, após nossa conversa.

Alguns minutos depois, meu pai voltou e se sentou comigo, conversamos sobre sua saúde e ele me disse que realmente estava ótimo e que não devia me preocupar, nos levantamos e seguimos para casa novamente, meus pais queriam que eu ficasse para o almoço, mas eu precisava voltar para casa. Tinha roupas para lavar, uma casa para arrumar e um projeto para

apresentar à direção da escola. Eles compreenderam, e eu fui para meu quarto para arrumar minha pequena bagagem.

Uma parte minha amava esses momentos roubados com a minha família, a rotina tendia a nos afastar do que realmente era importante. A vida costumava ser bem cruel com os menos favorecidos exigindo que trabalhássemos mais e mais a cada dia, o que nos levava a negligenciar as demais áreas da nossa vida.

Quando saí da casa dos funcionários onde meus pais moravam há mais de vinte anos, eu realmente tentei manter uma rotina de visitas, visitando-os pelo menos uma vez por semana, mas não demorou muito e eu estava vindo uma vez por mês e quando verdadeiramente me dei conta, os visitava apenas quando vinha trabalhar, ou seja, a cada dois ou três meses.

No início culpei apenas o cansaço, mas no fundo eu queria apenas evitar voltar a viver na margem da casa do Rick, de alguma forma eu alimentava esperanças de que se estivesse longe o suficiente da realidade, talvez pudesse realizar a maior das minhas fantasias: ganhar o amor do Rick e ser aceita por sua família. Como se não morar com meus pais me tirasse o título de filha dos empregados. Ledo engano.

Capítulo 8



Eu acordei irritado e com dor de cabeça. Depois que voltei para casa dos meus pais dormi profundamente. Eu precisava voltar para meu apartamento na cidade e deixar o dia de ontem de lado, mas antes iria falar com a Mel, eram dez horas e se eu desse sorte, ela ainda estaria na casa de seus pais.

Tomei um banho rápido, fiz minha higiene e descii. Quando estava passando pela entrada, meu pai me chamou.

Parei e o encarei, seu olhar era de pura preocupação.

— Bom dia, pai. Eu... eu estava indo dar uma volta — tentei disfarçar.

Ele me olhou, virou em direção à casa dos funcionários e abriu um sorriso.

— Dar uma volta? Ou ir ver a Mel?

Merda!, pensei irritado. *Agora viria outro sermão.*

— Filho, você se importaria de se sentar um momento aqui comigo antes de ir procurar por ela? — questionou, arqueando a sobrancelha.

— Olha, pai, se o senhor vai falar que eu não devo me envolver com ela,

que ela é a filha da empregada e do jardineiro, eu realmente...

— Sente-se, vamos conversar — disse me cortando.

Segui em sua direção e me sentei. Meu pai estava diferente hoje, havia preocupação em seu olhar e muita cautela em suas palavras.

— Ricardo, eu preciso te dizer que... Meu filho... eu estou desapontado com sua atitude ontem. Na verdade, muito desapontado, mas não me entenda mal, não é apenas com você ou com sua mãe, comigo também.

— Pai, eu...

— Cale-se e me escute, depois você pode falar e fazer o que quiser. — Respirou fundo e me encarou. — Filho, você e a Mel sempre foram próximos, me lembro de quando eram pequenos e viviam correndo por esse jardim. Lembro-me de como você ficava enfurecido quando alguns de seus amigos a humilhavam por ser filha da empregada, e quando Anabel a discriminava a ignorando.

Engoli o nó que se formou em minha garganta enquanto permitia que a culpa me atravessasse.

— Você sempre a defendia, dizia a todos que ela seria sua esposa, porque era diferente das outras meninas, além de esperta e divertida. — Um sorriso bobo brotou em seus lábios como se estivesse absorto nas recordações.

Mel, minha esposa? Quem diria o quanto as coisas poderiam mudar com os anos, pensei.

— Sua mãe ficava louca, ela dizia que isso jamais aconteceria e, por mais que ela amasse a família de Melissa, vocês jamais seriam mais que amigos... — Ele apertou o indicador e o dedão nos olhos como se quisesse evitar uma dor de cabeça.

— Sei que sua mãe e eu temos sido extremamente exigentes, nunca perguntando a você o que quer, como você se sentia sobre assumir os vinhedos e a empresa, e além de tudo sempre te empurrando para longe da Mel. Eu sei que falhamos muitas vezes com você, assim como falhamos com

Anabel, mas vou te falar uma coisa, meu filho...

Senti meu corpo se enrijecer. *O que estava acontecendo? Por que, de repente, tudo ficou tão confuso e incompreensível?*

— A vida é curta demais, nós cometemos erros, mas nem sempre teremos tempo para consertá-los. Por isso não espere ser tarde demais para fazer as escolhas certas na vida. Ontem, você foi covarde e imaturo, e magoou sua amiga profundamente. Não que eu esteja me eximindo da minha parcela de culpa, ou da culpa da sua mãe nessa história...

Ele pareceu genuinamente envergonhado tanto quanto eu mesmo estava. A noite passada havia sido totalmente um erro.

— Ela pode não ter demonstrado isso, mas eu a conheço desde que nasceu e sei que se machucou. Se essa amizade significa algo para você, eu te aconselho a ter paciência, cuidado e a não deixá-la ir. Mas caso você realmente não queira mais esse envolvimento, então que seja homem o suficiente e tenha coragem de dizer a ela que acabou. Entendido?

— Sim, senhor. — Eu estava atordoado, meu pai nunca foi de se envolver, de assumir seus erros e suas falhas, pelo contrário, sempre foi orgulhoso demais para tais atitudes. Estava acontecendo algo com ele, algo muito sério.

— Pai, está tudo bem? — Me preocupei.

Por um momento ele hesitou, então se levantou, sorrindo.

— Sim, apenas decidi que quero ser mais pai do que patrão do meu filho. Aproveite que essa atitude pode mudar amanhã quando me recordar dos problemas que me esperam na empresa.

E com essas palavras, ele entrou em casa e me deixou ali transtornado, envergonhado e intrigado.

Rapidamente saí correndo em direção à casa dos funcionários. Quando cheguei lá, o senhor Nelson estava sentado na varanda.

— Bom dia, senhor Nelson. A Mel está? Eu preciso falar com ela. — Eu

havia ganhado o aval do meu pai sobre nossa amizade, o que gerou uma grande urgência em meu ser em fazer as pazes com a garota mais especial na minha vida.

— Bom dia, Ricardo. Eu sinto muito, ela saiu há uns cinco minutos. Disse que precisava pegar o ônibus...

— Obrigado — gritei o interrompendo enquanto saía correndo em direção ao meu carro.

O mais rápido que pude me coloquei na estrada e assim que virei à esquerda na rodovia, avistei Mel caminhando com sua bolsa na mão direita indo em direção ao ponto. Diminuí a velocidade, abaixei o vidro e parei.

— Mel, a gente precisa conversar, eu te dou uma carona — falei amavelmente, implorando para que ela aceitasse minha oferta de paz.

— Obrigada, Ricardo, mas é desnecessário, o ponto fica aqui perto. — Ricardo? Onde estava o Rick? Ela estava com mais raiva que eu imaginava.

— Mel, vamos... Deixa eu te dar uma carona, vamos conversar.

— Novamente obrigada, está tudo bem, Ricardo, não temos nada para conversar. Você deve estar muito ocupado, acabou de chegar de viagem, deve estar precisando desfazer suas malas, vou de ônibus. — Ela parecia tranquila e serena como sempre, mas eu sabia que não estava. Eu a conhecia melhor que isso.

Mas que mulher cabeçuda. Ela não me ajudaria, estava determinada a me fazer implorar. E eu determinado a me entender logo com ela.

— Porra, Melissa, dá para parar e entrar na droga do carro, ou você prefere que eu mesmo a coloque? — gritei.

Eu sabia que não tinha esse direito, mas, caramba, ela precisava me escutar.

— Por acaso, isso é uma ordem, Sr. Belmonte? — Encarou-me friamente.

Respirei profundamente me sentindo como lixo, eu havia provocado essa
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

situação, agora precisava consertá-la.

— Mel... você sabe que eu.. eu... Porra, Mel, você não é minha funcionária, eu não estou te dando nenhuma ordem, eu só quero que você entre na droga do carro e me permita te levar para casa.

— Você é realmente um idiota, arrogante, covarde. Está falando sério? Porque ontem você não se importou com isso. Muito pelo contrário estava bem à vontade com esta posição. — Suas palavras saíam sem freio, impulsionadas por sua raiva.

Ficamos nos encarando por um longo tempo. Era como se a raiva de um fluísse e se misturasse com a do outro no espaço entre nossos corpos.

Eu não sabia como agir.

— Mel, por favor, entre no carro. A gente precisa conversar — supliquei mais calmo.

— Não, obrigada. Eu realmente vou de ônibus. Ricardo, olha, está... tudo bem, você não precisa repetir, mais uma vez, suas milhares de desculpas, eu já conheço todo seu repertório. São mais de 25 anos as escutando e não apenas 25 dias. Tchau. — Voltou a caminhar em direção ao ponto.

Parei o carro no meio da estrada e o deixando ligado saí apressado atrás dela.

— Olhe pra mim, Mel. — Segurei seu braço, a obrigando parar.

Podia ouvir sua respiração sair em lufadas de ar descontroladas. Seu corpo todo tremia. Mel virou de uma vez com um impulso rápido trombando contra meu peito, provavelmente não esperando me encontrar tão próximo a ela. Empinou o nariz de maneira atrevida.

— O que foi agora? Achei que já tínhamos conversado.

— Mel, me desculpe, tudo bem! Eu fui um idiota ontem, pior do que todas as outras vezes. Eu realmente me sinto horrível. — Provavelmente soei como um menino suplicante.

Seus ombros relaxaram, seus olhos aos poucos perdiam o brilho de raiva, e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sua expressão suavizava. Tão linda e delicada.

— Olha, Rick... você foi um idiota. De verdade... — Respirou profundamente. — Você me humilhou, eu me senti igual a um lixo, eu sei que você tem suas responsabilidades sendo filho de quem é, mas eu vou te dar um aviso e acho muito bom você escutar direito porque só vou falar uma vez.

Aceitei a chance que ela estava me dando e a agarrei com unhas e dentes, apenas acenando em concordância.

— Se algo como aquilo voltar a se repetir, nem que seja, uma única vez, eu vou jogar a taça com o vinho e tudo na sua cara e vou embora, e você nunca mais terá uma chance de falar comigo, você entendeu? Nunca mais.

— Sim, sim... Eu prometo, Mel, me perdoa, me perdoa?

A puxei contra meu peito, em um abraço apertado, sentindo como se o universo tivesse voltado a se realinhar. Mel ainda estava hesitante, eu podia sentir pela maneira como ela não retribuía meu carinho.

— Amizade é isso, não é? — sussurrou. A afastei para que pudesse olhar em seus olhos e ouvi-la melhor.

— Como assim?

— Ser amigo é isso, não é? Aceitar a pessoas com seus defeitos e qualidade. É saber perdoar, dar outra chance. É arriscar e se entregar. — Deu um passo para trás encarando-me com intensidade.

Senti uma dor profunda em meu peito, ela estava magoada, lutando contra si mesma e o culpado por toda aquela dor era eu.

— Tudo bem, eu aceito suas desculpas. Mas é sua última chance, Ricardo, porque eu estou cansada de toda essa mer...

Não deixei ela terminar de falar, voltei a puxá-la, envolvendo-a em um abraço apertado rodopiando feliz e honrado por ter mais uma chance.

— Vamos, Mel, vou te levar pra casa.

— Não, eu posso...

Apontei em direção às suas costas, mostrando que o ônibus que ela pegaria se afastava.

— Seu ônibus acabou de sair, acho que você vai ter que ir comigo mesmo. — Sorri satisfeito.

O caminho até sua casa foi tranquilo. Era como voltar no tempo, quando tínhamos treze e quinze anos e a vida era simples. Nós conversávamos sobre tudo, coisas importantes ou banais. O assunto era irrelevante, desde que pudéssemos ficar juntos, apenas nós dois.

— Você não quer subir? — perguntou, assim que estacionei em frente ao prédio em que morava.

— Eu até gostaria... Já faz um longo tempo. — Sorri. — Mas preciso ir para casa, faz um mês desde que estive no meu apartamento.

— Você não costumava viajar tanto, está tudo bem? — Meu coração se aqueceu por sua preocupação.

— Não é nada grave, apenas alguns problemas corriqueiros. E é... bom, é realmente importante para meu pai que me envolva com o vinhedo. Você sabe. — Dei de ombros tentando soar despreocupado e indiferente.

— Sim, eu sei. Ele fala sobre isso desde que você tinha dez anos.

— Exatamente.

Coloquei uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. Seu rosto corou adoravelmente.

— Ele só tem a mim para ajudá-lo, e mesmo que ainda não confie completamente em mim, eu preciso me esforçar o máximo para conseguir.

— Ei, está tudo bem. Você não precisa se justificar — me interrompeu. — Eu só não quero que você continue se anulando, Rick. Eu quase não reconheço mais o garoto que eu conheci a minha vida inteira. Sabe, aquele menino que sonhava em viajar por todo o mundo apenas usando uma mochila nas costas — Sorriu com a lembrança. —, que era capaz de cativar a todos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com sua criatividade.

— Às vezes, é preciso sacrificar, Mel, abrir mão de alguns sonhos ou apenas sonhar novos. Sei lá, é... complicado. — Desviei o olhar. Odiava a maneira como ela parecia ler minha mente.

— Você já parou para pensar que pode ser o único complicando?

— O que você quer dizer com isso? — Arqueei a sobancelha, confuso.

— Há quantos anos você não toma uma decisão baseada em si mesmo, em seus próprios gostos e vontades?

— Eu não vejo as coisas desta maneira. — Acabei soando áspero.

— Mesmo? — desdenhou. — Rick, você desistiu da faculdade de Publicidade no último ano. Você odeia os jantares da sua família e mesmo assim vai a todos. Você até namora apenas as garotas que sua mãe escolhe...

— É sério que vamos discutir isso agora? Não quero discutir com você novamente, nós nunca vamos concordar quanto a este assunto.

— Você tem razão. — Irritou-se. — Mas pense sobre isso, Rick, você é um homem e não mais um garoto.

— Certo, acho que já entendi seu ponto. — Cruzei os braços emburrado.

Melissa revirou os olhos.

— Mimado — murmurou.

Não resisti, acabei gargalhando.

— Algumas coisas não mudam, não é, Mel?

Ela sorriu também.

— É melhor eu entrar. Foi bom rever você, Rick. — Me olhou com saudade.

— Eu senti sua falta — soltei antes de poder conter as palavras.

— Eu também.

Despedimo-nos com um abraço apertado, ela seguiu em direção ao seu apartamento e ainda que estivesse com vontade de descer do carro e seguir com ela, forcei-me a colocar o veículo em movimento e ir para meu apartamento.

Capítulo 9



Só existe uma maneira de não se decepcionar com as pessoas: nunca espere nada delas. Mesmo após uma semana de reflexão sobre tudo que me havia acontecido após a festa na casa dos Belmonte, eu seguia chateada e com raiva de mim mesma.

A verdade é que estava decepcionada por ter perdoado o Rick tão facilmente, mas do que adiantaria continuar brigados? Perder todos os anos que passamos juntos, julgar que suas falhas eram maiores que seus acertos?

Eu era a única iludida e com falsas esperanças. Rick nunca me prometeu amor, nunca mencionou nada além de amizade, e por mais que existissem fantasias da minha parte sobre o homem que ele havia se tornado, era apenas isso: ilusão.

Estava caminhando cansada, o relógio em meu pulso marcava 18h35. Estava desesperada para chegar em casa, poder tomar um banho e tirar um longo cochilo. Até meu trabalho, que sempre foi minha maior fonte de alegria, havia me drenado.

Mas não podia apenas reclamar, dei bons passos a caminho de uma Mel versão melhorada. Como havia me prometido, na terça-feira mesmo consegui

pedir demissão do buffet. Eu sabia que precisava do dinheiro extra que ele me oferecia nos finais de semana, entretanto me recusava a servir em outra festa na casa dos Belmonte. Eles contratavam o mesmo buffet, esta foi a única solução.

E com isso ganhei meu primeiro final de semana totalmente livre.

Eu até havia entrado em contato com outros buffets, mas até o momento não tinha obtido nenhuma resposta, o que deixava meu orçamento do mês apertado. Trabalhar como educadora no Brasil não era fácil, você faz pelo amor e não pelo salário com certeza.

Entretanto, reclamar estava fora de cogitação, a profissão havia sido escolha minha, e apesar de não controlar o meu coração, e sabendo que jamais seria correspondida, gostar do Rick, também.

As palavras de Anabel continuavam a me atormentar: *“Mulheres como você nunca terão uma chance com homens como meu irmão”*. Seguir em frente era outra decisão a se tomar, eu só precisava começar a executar essa parte do plano.

Cheguei em casa e encontrei tudo em silêncio, Sara ainda não havia chegado. Aproveitei para dar uma ordem rápida na cozinha e uma ajeitadinha na sala, quando fiquei satisfeita fui para meu quarto e organizei meu material que ficava sobre a mesinha ao lado esquerdo da minha cama.

Voltei a fitar o relógio que indicava que quase uma hora havia se passado. Tomei um banho e vesti minha velha camiseta do *Ramones*.

Sorri me encarando no espelho. Voltei no tempo me lembrando de quando Elton havia me dado ela, após um show em que passei a noite toda reclamando com ele e com Sara que a banda era barulhenta demais.

Por onde será que ele andava? Elton era um bom amigo, amava rock, comida italiana e festas, muitas festas, um mulherengo incorrigível. Será que ainda usava os cabelos na altura dos ombros? E as tatuagens? Será que ele teria feito mais algumas? Lembrava-me de pelo menos duas: o dragão que pegava o lado esquerdo de seu tórax e costas e a tribal no braço esquerdo. Me lembrei também de como ele e a Sara viviam se provocando e brigando.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Minhas lembranças foram interrompidas quando três gralhas que eu chamava de amigas entraram em nossa casa fazendo a maior algazarra. Saí correndo do quarto para encontrá-las.

— Jesus amado... que visão mais broxante! Mel, eu juro que vou rasgar e jogar essa camiseta fora — Sara criticou.

Gargalhei, ela me falava isso há mais de um ano.

— Ok, menina bonita, você pode tentar... E não é como se eu tentasse parecer sexy para você.

— Nem pra ela nem pra ninguém, raio de sol — Renata disse enquanto se aproximava e me dava um abraço.

Eu sempre invejaria essa menina, completamente linda. A modelo da turma, morena, com um corpo espetacular, a pele mais perfeita, além de ser a mais animada de todas.

Gargalhando, Flávia se aproximou, me deu um abraço e, como não poderia ser diferente, debochou também:

— Vou acampar na semana que vem, posso levar sua camiseta como repelente?

— Só se for usá-la como repelente a homens — Sara voltou a me provocar e comecei a rir.

— Como vocês são engraçadas! — Tentei segurar o meu próprio riso. Eu amava aquelas garotas. — Vocês me amam, e me acham um pedaço quente até mesmo nessa camiseta.

— NÃO! — disseram em uníssono e todas nós rimos.

— Mas, Mel, por que você está vestida assim? Ainda nem está na hora de dormir. — Flávia fez cara de nojo.

— Bem, porque eu estou cansada, e estava indo para sala sentar no meu sofá e relaxar. Sabe, pipoca, filminho...

— Maaaaas nem pensar, garota. Pode esquecer. Hoje é sexta, faz um

tempão que nós não conseguimos nos reunir e pode apostar seu doce traseiro que hoje nós vamos festejar muito, dia das garotas. — Renata e seu alto astral. Eu juro, essa garota não era normal, ninguém poderia ser tão animado e feliz assim.

— Não mesmo, estou sem pique nenhum, serei uma péssima companhia para vocês. Mas vocês devem ir, eu apoio, vão e se divirtam muito. — *E me deixem sozinha em paz*, pensei. Voltei a caminhar em direção à sala.

Sara parou na minha frente bloqueando a passagem.

— Nem pensar, moça bonita, pode começar a animar porque você vai e nós não estamos negociando aqui. — Gesticulou impaciente em minha direção.

Como se tivessem planejado cada ação, pararam as três na minha frente com as mãos na cintura, me encarando com olhares assassinos. *Adeus, paz... Adeus, descanso... Adeus, noite tranquila*. Comecei a sentir a derrota.

— Realmente — bufei indignada.

— Tenha certeza disso — Renata disse com aquele sorrisinho de quem sabia que havia ganhado a guerra.

— Tudo bem, tudo bem, eu desisto.

Elas começaram a dar aqueles pulinhos parecendo um bando de adolescentes. Ergui a mão, elas pararam e voltaram sua atenção para mim.

— Mas não vou aceitar reclamações depois.

Correram em minha direção formando um grande abraço coletivo e voltaram a pular me levando junto.

— Uuuuuul, noite das garotas, aí vamos nós. — Renata não conseguia conter seu entusiasmo.

Elas haviam planejado tudo. Assim que me convenceram foram até o carro e buscaram suas roupas. Como era cedo, optamos por pedir uma pizza para não ir beber sem nada no estômago.

Depois que todas estávamos alimentadas, começaram os preparativos. Cabelo, maquiagem, escolha da roupa, acessórios e sapatos. Confesso, eu estava me divertindo. Estava rindo como há tempos não fazia. Todo o estresse da semana se dissipou com a ajuda de um bando de malucas.

O resultado final ficou espetacular. Éramos um verdadeiro quarteto fantástico. Optei por fazer um moicano com rabo de cavalo, e quando estava vestindo meu jeans habitual, as meninas me obrigaram a colocar um vestido verde tomara que caia, que ficava colado no corpo. Precisei admitir que eu realmente estava me sentindo sexy e bonita, um pouco desconfortável, mas linda. Completei com olhos esfumados, lábios rosinha claro, um brinco longo de fios dourados, uma pulseira com um coração e uma bola pendurados e finalizei com um sapato preto de salto altíssimo.

Sara estava poderosa com seu vestido preto, mega justo, ele possuía alcinhas de fios brilhosos. Ela optou por usar um mega colar de pedras rosa lindíssimo, que combinavam perfeitamente com seu salto alto pink. Flávia estava incrível — do grupo nós duas éramos as baixinhas —, ela estava com um vestido de estampas geométricas em preto e branco e seus saltos eram azuis. *Essa garota sabia se vestir*, pensei com uma pitada de inveja. Renata era a única que estava maravilhosa com suas calças de couro *fake* vermelha, com uma camisa transparente preta, que a deixava ainda mais alta. Eu a classificaria como deslumbrante.

Nós estávamos saindo para arrasar, vestidas para o crime.

Acabamos optando por irmos de táxi, dessa forma não teríamos que escolher uma motorista. Paramos em frente a uma casa noturna, que só de olhar eu sabia que não tinha a menor condição de pagar.

— Vocês estão brincando, né? Eu não tenho como pagar minha entrada.
— Mesmo sem intenção, acabei me sentindo medíocre perto das minhas amigas.

— Relaxe, doce menina, essa noite é por minha conta — Renata disse com uma piscadela.

— Tudo bem, mas já sabe, né? Se um dia eu for pagar algo para vocês será no máximo um cachorro-quente lá na barraquinha perto de casa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Todas riram.

— Tudo bem, o meu sem mostarda, por favor.

Eu estava totalmente suada, e a noite mal tinha começado, fazia mais ou menos uma hora que estávamos dançando que nem loucas e ninguém fazia menção de parar. Entretanto, eu precisava de uma bebida, ou não teria pique para acompanhar as meninas o resto da noite.

— Eu preciso de uma bebida! — gritei próximo ao ouvido de Sara, ela apenas acenou afirmativamente.

Fui me esgueirando por entre as pessoas na tentativa de chegar logo no bar e, quando estava prestes a ter sucesso, uma mão grande e forte me segurou pelo braço, me fazendo virar e quase cair. Acabei dando de cara com um peito duro e familiar: Rick.

— Porra, Mel, como você sai de casa vestida assim?

Opa, opa, opa... Eu nem bebi ainda e já estou tendo alucinação, ou o Rick acabou de gritar comigo por causa das minhas roupas?

— Desculpe... Oi pra você também. — Me livrei do seu aperto e virei em direção ao meu destino.

Ele me puxou de novo.

— Eiii, onde você pensa que está indo? — Ele estava furioso. Mas que diabos estava acontecendo?

— Achei você, meu lindo, o pessoal está te esperando. — Sophie apareceu agarrando o braço livre do Rick.

Meu lindo? Que merda era aquela?

— Vai, meu lindo, o pessoal está esperando — cuspi as palavras para ele enxergando vermelho. Como esse babaca ousa achar ruim com a minha roupa
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

quando ele está aqui com... ela?

— Sophie, um minuto, ok. Apenas me dê um minuto, eu já vou — falou enquanto tentava se livrar do seu aperto.

Ela me olhou de cima a baixo, arregalando os olhos em surpresa quando me reconheceu.

— Você é a garçonete atrapalhada, não é? — Sorriu com desdém. — Caramba, eu não havia te reconhecido. Mas... como você conseguiu entrar aqui?

— Quer saber, vão se ferrar os dois. — Saí de lá igual a um foguete. A ordinária e esse covarde imbecil se merecem!

Pedi uma garrafa de água assim que fui atendida, porque com a minha fúria se eu bebesse iria acabar matando um.

— Melissa? — Escutei uma voz rouca e profunda chamando meu nome. Quando me virei, fiquei totalmente em choque.

— Elton?

Mentira!

Corri em sua direção, o recebendo com um abraço. Porra, meu amigo estava aqui, eu nem sabia que ele estava na cidade, fazia mais de dois anos que não o via, desde que ele me deu a camiseta dos *Ramones* que as meninas tanto odiavam.

Capítulo 10



Estava esgotado. Minha semana havia sido terrivelmente exaustiva, muitas reuniões, uma viagem relâmpago para Portugal e havia retornado apenas ontem. E para fechar a semana com chave de ouro, ainda havia sido obrigado a participar da primeira reunião sobre a nova aliança entre os Belmonte e os Velásquez.

Precisava admitir: eles eram implacáveis nos negócios. Chegaram em companhia de seu advogado — que me parecia estranhamente familiar — e a primeira proposta de contrato pronta. Como já era de se esperar, nem meu pai, nem nossos advogados gostaram muito da notícia. Agora, eles apenas precisavam analisar cada cláusula e adicionar nossas exigências.

— Boa noite, Elise, até segunda. — Passei pela minha secretária apressadamente, me despedindo. Estava louco para chegar em casa e relaxar.

Parei em frente ao elevador e fiquei aguardando.

— Ricardo, você poderia esperar um minuto? — Sophie, droga, ela ainda estava aqui.

— Oi, Sophie, eu realmente estou com um pouco de pressa. — Soei impaciente, e era exatamente desta maneira que me sentia.

— Bom... É que... eu estava falando com sua irmã há pouco e nós estávamos pensando em sair para dançar e beber um pouco. Sabe, depois dessa semana cheia. — Sorriu timidamente. — Você deveria vir conosco. — Não é que a versão doce de Sophie estava de volta. Eu definitivamente precisava ficar bem longe dela.

— Obrigado, mas eu preciso declinar. Estou exausto e louco para ir para casa. — Escutei o elevador se abrir. Graças a Deus!

Ela entrou comigo.

— Poxa, Ricardo! Vamos? Prometo que você vai se divertir, sua irmã vai com duas amigas e eu disse que iria levar o Dr. Torres, ele ficou empolgado, eu até disse que você iria.

— Querida, você não deveria fazer compromissos usando o meu nome.

— Por favor, vai ser importante para os negócios, pensa em como seria bom ficar próximo do Dr. Torres, ele poderia até facilitar algumas coisas, eu vi como seu pai e você ficaram desconfortáveis com ele na reunião.

Merda!

— Ok, a que horas e onde?

— Eu te busco, ainda não decidimos para onde vamos.

O elevador parou e nós descemos, Sophie virou em minha direção e inesperadamente me deu um selinho.

— Tchau, meu lindo, até daqui a pouco.

Tenho certeza de que fiquei com cara de bobo. Era só o que faltava, ter que explicar para ela que não tinha nada rolando entre a gente. Ela passou a semana toda me ligando, mandando mensagens, me parando no meio da empresa, como se fôssemos namorados.

Maldita festa, estava me rendendo até hoje. E para ajudar, eu, mais uma vez, estava negligenciando a Mel, não havia ligado para ela nenhuma vez. Droga! Mesmo que houvesse pensado muito essa semana e decidido assumir mais responsabilidades com a empresa, eu ainda não sabia como lidar com

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ela, inferno! Eu só sabia que estava com saudades e precisava vê-la. Na manhã seguinte, eu ligaria para ela, a convidaria para almoçar e depois poderíamos passar o restante da tarde juntos.

Agora eu precisava apenas sobreviver a uma noite infernal em companhia de minha irmã, Sophie e seu advogado metido a besta.

A danceteria escolhida até que era agradável. Mas estava cheia demais para o meu gosto. Pelo modo como as pessoas estavam vestidas, a localização do estabelecimento e o tratamento VIP que estávamos recebendo, eu poderia tirar uma base do quanto a comanda ficaria cara, conta essa que sobraria para que eu pagasse.

Sophie não me largava e eu ainda não havia conseguido ficar sozinho com ela para explicar que nós não tínhamos nada.

Estávamos sentados em um dos camarotes: Anabel e duas amigas, Sophie, Elton e eu. Até que esse cara era bacana, fora daquele terno ele nem era tão intimidador assim. Levantei e resolvi dar uma olhada na pista de dança, fazia muitos anos que não saía para dançar e confesso que estava começando a querer isso. Seria uma ótima desculpa para ficar longe de Sophie, dar uma relaxada e com sorte ainda encontrar alguém interessante.

Um grupo de meninas chamou minha atenção em particular, elas realmente pareciam animadas e...

Que merda é essa?

Congelei. Não podia ser, mas era a Mel... Minha doce Mel, que sempre se vestia de maneira casual com jeans e camiseta, estava mais que sexy em um belo vestido, e a maneira como ela dançava... Caralho, o que ela estava pensando?

— Já volto.

Passei bufando como um touro em fúria descendo e indo em direção à pista de dança, eu ia tirar ela daqui agora mesmo. Pelo amor de Deus! Ela não percebia que os homens à sua volta estavam loucos para entrar em sua calcinha? Tá certo que eu também estava, mas eu era diferente, não era?

Quando cheguei à pista, a procurei e vi que estava seguindo em direção ao bar. Sem pestanejar me aproximei e agarrei seu braço virando-a em minha direção.

— Porra, Mel, como você sai de casa vestida assim? — Caramba, eu estava furioso.

Como o destino se recusava a colaborar, nossa conversa não foi da mais educada e Sophie apareceu ajudando a estragar ainda mais o momento. Quando Mel se afastou, fiquei ainda mais irritado.

— Qual é a sua, Sophie? Caramba, tinha que falar daquele jeito? Essa “garçonete” tem nome, é Melissa — eu disse com toda a raiva que me consumia. Garota estúpida, tinha que aparecer logo agora?

— Olha, Ricardo, eu não estou nem aí para ela, se ela tem nome ou não, merda! Você quer me falar o que tá rolando aqui? E por AQUI, quero dizer entre vocês.

Inferno! Eu precisava me afastar dessa mulher. Eu precisava voltar para perto da Mel e descobrir o motivo de estar com tanta raiva, de não conseguir controlar esta fúria cada vez que via algum bastardo a olhando com malícia. Confusão era tudo o que sentia. Nada estava fazendo sentido, nem meu ciúme descabido, muito menos a vontade descontrolada que eu estava de pegá-la, jogá-la sobre meu ombro e levá-la para minha casa.

Respirei fundo e voltei a fitar Sophie.

— Vai na frente, eu só vou pegar uma bebida e já estou indo. — Não esperei por uma resposta.

Sophie saiu pisando duro em direção ao camarote onde estavam Anabel e as amigas, enquanto eu segui em direção ao bar. Eu estava decidido a ter uma conversa muito séria com a Mel. Eu precisava me desculpar por meu comportamento arrogante. Entretanto, se antes estava com raiva, naquele

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

momento os níveis haviam se elevado mais que isto. Possesso era pouco. Eu estava prestes a cometer um assassinato.

Por que a Mel estava agarrada com o advogado de merda e desgraçado do Elton? Antes que pudesse pensar melhor, já estava seguindo em direção aos dois.

— Dá para tirar suas mãos de cima dela? — rosnei feito um animal para o Elton, o idiota estava na cidade há um dia e já colocava aquela mão cheia de dedos na cintura dela. Inferno!

Ao som da minha voz, ele ergueu as mãos em rendição.

— Relaxa, homem, eu não sabia que a Melissa estava namorando.

Bom, tecnicamente não estava, pelo menos não que eu soubesse, mas foda-se! Isso não dava o direito dele agarrar ela assim. Caramba, ela era a minha branquinha. Eu a conhecia desde sempre. Quando abri a boca para responder mais fui interrompido por um olhar assassino de Mel.

— Não sabia porque não estou. Elton, esse é o Ricardo, ele é um amigo de longa data.

Revirei os olhos, não precisávamos de apresentação.

— Já nos conhecemos — dissemos em uníssono.

— Ele é o advogado contratado pelos Velásquez para cuidar dos assuntos da aliança. — Provavelmente soei como um adolescente contrariado.

— Exatamente... Já que nos acertamos, você poderia nos dar licença porque eu a Melzita aqui estávamos indo dançar. — “Melzita”, qual era a desse cara?

Desgraçado, por que ele estava tocando ela de novo? Parei na frente deles, ele não estava saindo dali com ela.

— Ela não vai a lugar algum com você. — Fechei as mãos em punhos, pronto para atacar se fosse preciso.

— Ricardo, relaxe. É só uma dança e VOCÊ não é meu dono... Agora, se nos dá licença. — Mel me empurrou.

Como é que é? Ela realmente falava sério?

— Achamos vocês...

Ótimo, agora o circo estava armado. Não faltava mais nada: Sophie e Anabel.

— Algum problema aqui? — Anabel perguntou lançando um olhar diabólico na direção de Mel. — Ah sim, vocês estão pedindo as bebidas. Por favor, eu quero uma *margarita*. — Fuzilei minha irmã com o olhar, ela não iria começar a menosprezar a Mel novamente.

Mel soltou uma gargalhada cheia de dor.

— As bebidas você pega no bar, minha querida, ou você está vendo algum garçom com bandeja aqui na pista? — Pelo menos, Anabel teve a decência de se envergonhar.

— No mínimo, ela pensou o mesmo que eu, “garçonete” — Sophie acabou intervindo.

Minha vontade era de retrucar, defender a Mel e acabar com as duas megeras escondidas por trás de roupas de grife. Só que minha língua estava colada no céu da boca e eu não conseguia falar.

— Me desculpe, Sophie e Anabel, mas acho que não estou entendendo o ocorrido aqui. — Ótimo, o super Elton tinha que falar.

Anabel com todo seu desprezo respondeu:

— Não é nada importante, desculpe essa... mulher é filha da governanta e do jardineiro lá de casa, e sempre dá um jeito de esbarrar no meu irmão. E como ela é garçonete, eu pensei que ela estava... servindo.

— Sério? Até onde eu sei, ela é pedagoga e filha do senhor Nelson e da dona Ellen, duas pessoas maravilhosas. Melissa é minha amiga e eu não vou aceitar esse tratamento ardiloso com ela. — Eu deveria ficar agradecido a ele por estar defendendo ela, mas, porra, eu só queria quebrar a cara dele.

— Ricardo, eu pensei ter escutado que você era amigo de longa data da Melissa. — Encarou com um olhar gelado, arqueando as sobrancelhas em questionamento.

— Mentira! Peruca, é você mesmo? — “Peruca”? Ótimo, Sara também o conhecia. E pela maneira como pulou em sua direção, o abraçando, eram amigos.

Voltei para a realidade quando Mel roçou seu braço no meu passando em direção à pista. Eu segurei sua mão levemente e tentei formar alguma frase coerente.

— Mel, é... realmente... nós...

— Tudo certo, Ricardo. De verdade. — Deu de ombros, cabisbaixa.

Eu sabia que nada estava bem.

— Perdi alguma coisa? — Sara questionou.

Mel balançou a cabeça em negativa e segurou sua mão. Deu um beijo na bochecha do Elton.

— Foi um prazer rever você. Eu ainda estou morando no mesmo lugar, passa lá quando tiver um tempo livre.

Fechei minhas mãos em punhos até que minha circulação foi cortada, só por cima do meu cadáver. Assim que ela tomou uma distância, eu me virei encarando o Elton e sem me preocupar com as duas estátuas ao meu lado rosnei para ele:

— Fique longe dela, você está me entendendo, ela é minha. E eu não vou deixar você tirar ela de mim. — Foi libertador.

Elton estava me encarando com um olhar de desafio. Desgraçado, ele não ia tornar as coisas fáceis.

— O que está acontecendo, você enlouqueceu Ricardo? — Anabel puxava meu braço.

— Fique fora disso, Anabel, ou juro por Deus, você vai se arrepender —

dizia sem deixar de encarar o bastardo do Elton.

— Ricardo, pelo amor de Deus, pare com isso, ela é só a filha dos seus empregados, ela não é mulher para você. Você só pode estar fora de seu juízo. — Sophie puxou meu braço, tentando atrair minha atenção.

Desviei o olhar do meu rival e voltei a fitar Sophie.

— E você seria essa mulher perfeita, não é?

Ela ficou ali, paralisada, me encarando sem reação. Com os olhos arregalados, Anabel me olhava com raiva. E o bastardo do Elton sorria, presunçoso.

— Quer saber, foda-se!

Fui embora sem me preocupar com as boas maneiras, comanda, ou qualquer outra coisa. Eu estava confuso, perturbado e com raiva. Caramba, Mel era minha, minha branquinha! Esse bastardo não iria roubar ela de mim, ele não poderia chegar desse jeito e já se achar o vencedor.

Capítulo 11



Depois de toda aquela confusão, eu não conseguia mais me divertir. Decidi que precisava encerrar a noite, avisei as meninas que são absolutamente maravilhosas e teimosas que estava indo embora e ainda que insistisse para que ficassem, foram comigo.

Quando chegamos em minha casa ainda tive que contar tudo para elas e explicar a situação. Resultado: elas queriam o Rick capado e que eu agarrasse o Elton. Eu não as culpava, mas meu coração era teimoso e eu ainda queria o Rick. Eu nunca pensei no Elton além da zona de amizade e duvidava o contrário em relação a mim também.

Acordei no sábado sobressaltada com o barulho ensurdecador do interfone, era óbvio que Sara não tinha dormido e sim ensaiado para a morte, já que seu quarto ficava mais próximo da porta e ela ainda não a tinha aberto.

Ainda cambaleando pelo sono, fui até a sala e o atendi:

— Oi.

— Ei, Melzita, espero que não seja muito cedo.

— Elton? — Devo ter coaxado já que a voz não saía direito.

— Alguém mais te chama desta maneira? — Fingiu-se de ofendido.

— Não, só fiquei confusa.

— Você estava dormindo?

— É óbvio que sim. — Sorri. — Sobe aí.

Corri até na porta e destranquei.

— Quem está incomodando tão cedo? — Sara tinha acordado.

— O Elton, ele está subindo.

— Acho bom ele ter trazido o café. — Sorriu.

Eu amava essa garota, ela era a irmã que eu sempre quis ter.

Elton entrou sem constrangimento nenhum, como se os anos longe nunca tivessem existido. Descaradamente olhou Sara de cima a baixo que vestia uma camisola minúscula. Ela revirou os olhos mostrando o dedo do meio pra ele. Ele sorriu, esse dois sempre foram impossíveis.

Eu sabia que deveria estar horrível, com a cara amassada, cabelo bagunçado, bafo e camiseta, mas mesmo assim também recebi uma conferida.

— Bonita camiseta. — Sorriu torto. Aposto que muitas calcinhas ficavam molhadas quando ele sorria desta maneira.

Fiquei envergonhada, era a camiseta que ele havia me dado de presente.

— Acho bom ter trazido o café porque senão a Sara vai te matar.

— Na verdade, eu trouxe. — Ele estava orgulhoso de si mesmo erguendo as sacolas. — Eu sabia que a boneca ruiva ficaria de mau humor se não trouxesse comida. — Elton sabia como provocar a Sara.

— Vai se ferrar, eu não tenho mau humor.

Sara arregalou os olhos em sua direção, o que me fez virar e conferir se tinha algo errado.

— Ah, peruca! Não acredito que você cortou o cabelo, ele era seu charme. — Gargalhou, divertida, lançando uma piscadela em sua direção.

— Você fala isso, porque não conhece meu verdadeiro charme. — Elton provocou, galante.

Sara revirou os olhos, dando uma voltinha em direção à cozinha e, caramba, isso soou sexy até para mim.

Em pouco tempo estávamos todos sentados tomando café. Foi uma delícia. Continuamos ali conversando. Elton nos contou sobre o pai, da maneira como ele havia sido ameaçado por um dos clientes e por esta razão ter que se afastar dos tribunais por um tempo, o obrigando a assumir de uma vez por todas os negócios da família e sumindo por todo esse tempo.

— Você vai passar o dia aqui conosco? Quero dizer, ficar para almoçar?

— Melzita, na verdade eu vim aqui na intenção de te convidar para passar o dia comigo. Não me leve a mal, Sara.

Sara bufou. Por um instante cheguei a pensar ter visto sua expressão tornar-se um pouco chateada, mas eu sabia que ela não se importava. Quanto a mim fiquei chocada. Eu não esperava vê-lo tão rápido e muito menos receber um convite. E fiquei seriamente em dúvida se aceitava ou não.

— Elton, eu não sei... — comecei a responder, quando fui interrompida pelo furacão Sara.

— Ela vai adorar ir. Dê-me vinte minutos que te trago ela perfeita. — Sara saiu me empurrando para dentro do quarto.

— Perfeito. — Foi a única resposta dada por Elton.

Do lado de dentro, Sara trancou a porta e me colocou sentada sobre a cama.

— Você vai. E vai se divertir muito. Caramba, Mel, chega de ficar trancada em casa sonhando com o príncipe encantado que nunca vai chegar. O Rick nunca bateu aqui na porta para te convidar para sair. E eu te escutei chorando ontem.

Desviei o olhar.

— Eu não quero ser a chata aqui e te falar essas coisas, Mel. Eu só quero que você se distraia. E o Elton... bom, ele é o Elton, com todo aquele jeitão próprio de ser, ele, com toda certeza, será uma boa companhia.

— Sara, eu só... Você sabe como fico em sair só com homem. Se você ao menos fosse junto...

— Pode parar. Vai e pronto. E eu nem fui convidada mesmo. — Deu de ombros, desviando o olhar.

Será que ela havia ficado chateada por não ter sido convidada?

— Vamos, Mel, você precisa se dar uma chance. Ele não te propôs casamento, apenas um dia em sua companhia, e convenhamos sacrifício nenhum, já que ele é uma delícia.

Tá, eu precisava concordar com ela, eu dei quantas chances ao Rick? Um milhão, são anos e anos esperando que ele acordasse, tomasse coragem e me desse uma chance. Anos querendo que ele me notasse, sentisse algo por mim além de carinho de amigo. Talvez Sara tivesse razão em querer que eu seguisse em frente e desse uma chance a mim mesma.

— Ok. Você tem razão. Me ajuda a escolher uma roupa. — Sorri.

— Ótimo. — Ela já estava correndo até meu guarda-roupa, dando pulinhos de alegria.

— Sabe, Mel, você nem precisa de muita coisa depois que ele te viu com a camiseta broxante. — Gargalhou.

— Pode parar, foi ele quem me deu a camiseta, e disse que era linda.

— Sim, mas não que você devia usá-la.

— Sério? — Levantei caminhando em sua direção.

— Banheiro, agora. — Indicou mandona.

Tomei um banho rápido, não queria que ele tivesse que me esperar demais. Em cinco minutos, eu estava de volta no quarto encarando a roupa

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que a Sara tinha escolhido pra mim.

— Eu não vou vestir isso. Vou ficar parecendo uma vadia. — Fiquei indignada.

— Mas vai ser uma vadia sexy pra caralho — retrucou travessa.

Ela havia escolhido um short jeans branco curto, uma camisa transparente azul-claro e sandálias de tiras nude. Meu, ali apenas a camisa, a sandália e o short eram dela. Andei em direção a Sara puxando-a para um abraço.

— Obrigada, Sara.

Ela ficou momentaneamente sem reação, sem fala, e eu achei divertido ver ela assim.

— Não vai começar com esse negócio de mulherzinha agora. — Me deu um cutucão com o cotovelo. — Te espero lá fora, esteja linda.

Troquei-me, prendendo meu cabelo longo em uma trança lateral e uma maquiagem bem leve, apenas um pouco de máscara de cílios e um gloss. Trinta e cinco minutos depois, estava pronta. Peguei minha bolsa e fui ao encontro de Elton e Sara na sala.

Elton foi o primeiro a me ver e me olhava com certa luxúria no olhar. Não quis pensar muito sobre isso, pois não queria criar falsas expectativas.

— Estou pronta.

— Está linda. — Elton sorriu.

— Divirtam-se. Agora, se vocês puderem ir eu pretendo voltar a dormir. — Sara nos expulsou.

Estávamos no carro de Elton, e por mais que eu insistisse, ele não me contava para onde estava me levando. A única coisa que eu sabia é que teria água, porque um pouco antes de sair de casa ele me pediu para voltar e pegar biquíni e uma toalha.

— Por favor, para onde estamos indo? — perguntei pela milésima vez.

— Curiosa. Acalme-se, já estamos chegando. — Piscou travesso.

Revirei os olhos para ele e me recostei no banco do carro.

— Mel... O que rola entre você e o Ricardo? Eu lembro que quando éramos mais jovens, a Sara brincava falando que você tinha uma paixãoite pelo chefinho dos seus pais. Era ele?

Merda! Por essa eu não esperava. Eu sabia que ele havia notado algo depois de ontem, mas eu não queria falar sobre isso.

— Sim, é ele. Mas não rola nada. — Era verdade, nós não tínhamos nada.

— Mel, eu te conheço, eu sei que tem alguma tensão aí. Eu só gostaria de saber onde estou me metendo. — Seu olhar seguia fixo na estrada.

Ok, eu poderia falar para ele. Afinal de contas éramos amigos... Mas, como assim, saber onde estava se metendo?

— Não rola nada. Apenas somos amigos há muito tempo e... Bom... A família dele não curte muito o fato do Rick ser amigo da filha dos empregados.

— Acho que rola mais do que você imagina — Elton falou mais para si mesmo, do que para mim.

Ficamos em silêncio.

— Você gosta dele? — Voltou a me questionar minutos depois.

— Isso realmente importa? Eu não quero falar sobre ele.

— Tudo bem. Hoje é nosso dia, vamos apenas desfrutar então. — Virou em minha direção, lançando aquele sorrisinho torto de derreter calcinha.

— Perfeito.

Alguns minutos depois paramos em frente a uma casa incrível em uma fazenda exuberante. Eu estava encantada pela beleza do lugar, durante toda a entrada havia um corredor com coqueiros. Havia um gramado maravilhoso que mais parecia um imenso tapete.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Chegamos — Elton disse enquanto abria a porta do carro para mim. Caramba, eu nem o tinha visto descer.

Aceitei sua mão estendida e saí do carro.

— De quem é a casa?

— De um amigo. — Deu de ombros como se não fosse grande coisa.

— Caramba, preciso arrumar uns amigos assim também.

— Vem, Melzita. — Sorriu, me puxando em direção à porta.

Meu Deus, a cada passo eu ficava ainda mais encantada, subimos cinco degraus e, então, a varanda já era incrível, toda de cerâmica branca com detalhes beges ou seriam marrons? Havia duas redes colocadas entres os pilares laterais, uma mesa com cadeiras rústicas de madeiras que dava um ar perfeito ao ambiente, a porta era linda de madeira entalhada.

— Uauuuu... — Fiquei admirada, o interior da casa era ainda mais deslumbrante, se é que isso era possível. Os móveis variavam entrem rústicos e modernos dando um toque sofisticado e casual ao mesmo tempo. Tudo era incrivelmente impecável e organizado.

— Pelo visto, você gostou.

— É lindíssima. — Tentei conter um pouco da minha empolgação, não querendo parecer ridícula.

Senti uma pontinha de tristeza por notar, as diferenças que existiam entre mim e ele, assim como ocorria com o Rick. Era esse o motivo de sua família me julgar tão... inadequada. Se cada vez que eu entrasse na casa de um de seus amigos e tivesse a mesma reação, seria, no mínimo, vergonhoso.

Elton pareceu notar minha mudança abrupta.

— Desculpe, eu... — Respirei fundo. — Olha... eu...

— Eiii... — Elton segurou meu queixo com o indicador e o polegar elevando meu rosto para que pudesse me olhar nos olhos. — Não ouse se desculpar por ser você mesma. Nunca. Você está me ouvindo? Nunca se

envergonhe de ser quem você é. Qual é, Mel? Somos amigos há uns sete anos, eu não quero que finja ser o que não é.

Me encarava com aqueles olhos de chocolate e eu realmente vi sinceridade naquele olhar tão intenso. Notei também que ele tinha belos lábios.

— Se continuar me olhando assim, eu vou beijá-la. — Sua voz saiu rouca e sensual.

Engoli em seco. *Será que eu queria ser beijada?* Eu nem havia notado que estava olhando para ele diferente.

— Desculpe. Eu não...

— Vem, Melzita, quero te mostrar os fundos da casa. — Balançou cabeça, me puxando.

E, mais uma vez, eu fui tomada por uma visão incrível. Um jardim maravilhoso que, com toda certeza, meu pai iria amar, havia até um chafariz e uma imensa piscina. Tentando não me envergonhar ainda mais, apenas sorri.

— A-há. Sério? Apenas isso? Cadê o uau? Eu pensei que esse seria o seu lugar preferido da casa.

Comecei a gargalhar, ele realmente estava sendo maravilhoso.

— É lindo, eu adorei. Na verdade, a casa toda é maravilhosa.

Balançou a cabeça, satisfeito. Elton também me apresentou para duas pessoas: uma era nossa cozinheira, dona Amélia, e o jardineiro, o senhor Antônio. Eu os amei na mesma hora, me lembravam os meus pais.

O almoço foi servido no jardim, e eu adorei. Estava tudo lindo e simples ao mesmo tempo, Elton não queria que eu me sentisse deslocada. Sempre muito atencioso, carinhoso, me contando tudo sobre suas viagens nos últimos dois anos, como era morar no Rio de Janeiro, sobre seu trabalho, sua família, e por incrível que pareça eu não fiquei desconfortável com ele em nenhum momento.

Foi revigorante reviver nossos anos de amizade. Relembrar cada

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

travessura, festa e encrenca. E surpreendente descobrir que, mesmo após anos afastados, ainda poderíamos ser os mesmos um com o outro: livres de julgamento, condenação e recriminação. Amigos.

Depois do almoço, ele me levou para conhecer a fazenda, me mostrou os estábulos, os cavalos, a pista onde ocorria as provas de laço, e eu pude ver que ele gostava bastante de tudo isso. Ele disse que amava a fazenda e que um dia ele gostaria de poder ter uma, mas que seu pai não aprovava. Acabou me confessando também que, com o passar dos anos, ele andava ainda mais rígido e enfático sobre ele ter que se casar, se estabelecer e assumir totalmente suas responsabilidades.

O dia estava lindo, ensolarado, perfeito para o dia de hoje. Acabamos não resistindo e decidindo que deveríamos aproveitar a piscina.

Estava me trocando em um dos quartos, pensando sobre meu dia e descobri que eu realmente havia gostado. Estar com Elton era fácil, simples, descomplicado, ele se preocupava o tempo todo sobre como eu me sentia, tentava me fazer sorrir. E ele teve sucesso, naquele dia eu me senti bonita, me senti interessante, me senti de uma maneira estranha... Viva.

— Se você continuar demorando, eu mesmo vou te buscar — gritou impaciente.

Dei uma última olhada no espelho e respirei fundo, eu queria me sentir confiante e descer disposta a aproveitar esse momento com Elton, mais do que nunca. Eu havia trazido meu biquíni tomara que caia onde na frente as partes se cruzavam e a calcinha dele era delicada, presa na lateral com uma fivelinha dourada, ele tinha três listras na cor rosa, azul e branco. Eu não era adepta de academia, mas estava em forma.

Quando cheguei aperto da piscina, Elton estava nadando, o que me deu a chance de analisar todo o seu esplendor. Costas largas, músculos definidos, ele não havia feito nenhuma outra tatuagem, pelo menos nenhuma visível, não que aquela sunga verde estivesse escondendo muito. E aquela bunda... meu Deus, o homem era incrível! E eu estava visivelmente babando.

Encostou-se na borda e passou as mãos no cabelo tirando o excesso d'água. E, meu Deus, que peitoral, que abdômen...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Porra, você está incrível — disse todo galante me deixando um pouco envergonhada. — Ainda bem que estou dentro da piscina porque senão poderia me envergonhar.

Fiquei desconcertada. Eu não era virgem, mas não me envolvia há um bom tempo com alguém.

— Você também não está nada mal. — Bati os cílios provocadoramente.

— Vem. A água está ótima.

Como não era doida de recusar seu convite, entrei. Realmente estava uma delícia a temperatura d'água.

— Eu pedi a Amélia para nos trazer suco de laranja. Tudo bem?

— Amo suco de laranja.

— Mel, posso perguntar algo? — Ele parecia hesitante.

— Claro.

Mas a verdade é que não tinha tanta certeza assim.

— Você se envolveria comigo? — Encarou-me.

E agora?

Fiquei paralisada com sua pergunta ecoando em minha mente e sem nenhuma resposta. *Será que eu conseguiria me envolver com ele? Meu amigo?*

— Mel, não estou te pedindo em casamento, eu sei que moro longe, que sua vida é aqui, e que talvez nunca funcione, mas eu estou te perguntando se... você acredita que poderíamos ter alguma chance?

— Eu... Eu não sei. Eu nunca havia pensado nisso antes. Quer dizer, você é lindo, é divertido, e eu gosto de estar com você. Mas eu... eu não sei se consigo.

Ele continuou me avaliando, sua expressão estava impassível.

— Você gosta dele, não é? É o Ricardo o cara que você gosta desde
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

antes de me conhecer, não é? — Ele não estava me acusando, ou recriminando, ele parecia genuinamente interessado e apenas isso.

— Elton... Não... Sim... Não sei. — Desviei o olhar. Eu me sentia envergonhada.

Elton se aproximou, me imprensando entre seu corpo esculpido e duro contra a borda da piscina colocando as mãos de ambos os lados do meu corpo.

— Melzita, esse cara não te merece... Por outro lado, eu acredito que poderíamos ter uma chance. — Lentamente foi abaixando seus lábios em direção aos meus, como se me desafiasse a interrompê-lo.

Eu queria beijá-lo? Talvez. Mas ainda assim, estava confusa, porque tudo estava indo rápido demais.

Senti um leve roçar de lábios, se fosse a hora de dizer não, aquele era o momento perfeito. Fechei os olhos e... meu celular começou a tocar...

Essa passou perto.

— Desculpe — sussurrei ofegante. Dei um leve empurrão em seu peito e saí da piscina.

— Porra, Mel! — resmungou.

Olhei no visor e fiquei com muita raiva. Era o Rick. Não conseguia acreditar que, mesmo de longe, ele tinha conseguido atrapalhar. Será que era um sinal?

Atendi, falando baixo.

— Oi.

— Oi, Mel. Eu gostaria muito de falar com você, eu posso ir aí na sua casa? — Desatou a falar, com urgência.

— Rick... eu não estou em casa. A gente se fala outro dia, pode ser? — Respirei fundo, tentando não me animar demais com sua ligação, nem estragar o dia maravilhoso que estava tendo.

— Você está com ele, não é? — Sua voz soou magoada.

Senti meu coração acelerar... Mas não, não desta vez. Ele não me faria me sentir culpada.

— Pode parar, Rick. Sim, eu estou com o Elton e isso não é da sua conta. Amanhã eu te ligo, estou ocupada agora. — Optei por encerrar logo a ligação.

Senti a presença de Elton às minhas costas, antes mesmo de me virar e o encontrar paralisado ali.

— Era ele... Não era?

— Eu sinto muito. — E realmente sentia. Que balde de água fria.

— Tudo bem... Acho que devemos ir. — Pegou a toalha que estava amontoada na espreguiçadeira e começou a se secar.

— Ok, vou pegar as minhas coisas.

Segui para o quarto buscando minhas coisas e logo estávamos na estrada novamente. O silêncio ainda era constrangedor, mas eu não sabia como melhorar a situação, apenas fiquei ali, sentada, muda.

— Mel? — Graças a Deus, ele não estava com raiva.

— Oi.

— A Sophie me ligou hoje de manhã, quando você estava se arrumando, me convidando para um jantar na casa dos Belmonte hoje. Eu... Eu gostaria que você fosse comigo.

Como é que é? Jantar na casa da dona Alice como convidada? Caramba, a cara dela seria única. Mas por mais que eu quisesse fazer isso com ela e Anabel, eu não poderia usar o Elton para isso. Eu era covarde demais para fazer isso.

— Elton, eu realmente agradeço o convite, mas... não seria uma boa ideia.

— Por que não, Mel? Eu sei que seus pais trabalham lá, mas não
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

importa, isso não vem ao caso. — Ele estava seguro de si mesmo, e confesso que isso me deixou feliz.

— Obrigada mesmo, eu aprecio o seu convite, mas vou recusá-lo. Pelo menos, não ainda. — Me senti vulnerável. Talvez eu apenas estivesse tentando evitar a encarar o Rick depois de tudo.

— Tudo bem. Não vou te pressionar.

— Obrigada.

Paramos em frente ao meu prédio e realmente estava entristecida por nosso dia estar acabando daquela maneira, eu realmente tinha me divertido e torcido por um final mais tranquilo.

Ele estacionou e eu soltei meu cinto de segurança me virando para olhar em seus olhos de chocolate.

— Eu adorei meu dia, obrigada. Há muito tempo eu não me sentia tão... feliz.

Ele abriu um belo sorriso.

— Fico feliz, Melzita. — Segurou minha mão e entrelaçou nossos dedos. E eu fiquei ali, boba, olhando a cena.

— Mel... promete que vai pensar sobre o que conversamos.

— Eu vou.

— Bom... Hum... Tchau. — Eu já estava com a mão no trinco da porta, quando me enchi de coragem e me virei segurando os dois lados do seu rosto e beijei-o.

No início, ele apenas ficou parado e me permitiu beijá-lo docemente. Por um momento acreditei ter passado do limite e que não estava gostando. Comecei a recuar, quando senti sua mão na minha cintura me elevando sobre seu colo e me beijando de maneira possessiva e dominante. Ele não pedia, exigia. Era puro desejo carnal, cru. Suas mãos desciam e subiam nas minhas costas me acarinhando e, pela primeira vez naquele dia, eu senti que poderia funcionar o... nós.

Quando estávamos ofegantes, precisando de ar, Elton quebrou o beijo, e ficou ali me encarando como se ele não pudesse acreditar na minha ousadia. Na verdade, nem eu estava. E com o resto de coragem que eu ainda possuía saí de seu colo, abri a porta e desci do carro. Dei a volta e bati na janela ao lado dele. Ele abriu a janela, me inclinei e lhe dei um selinho.

— Tenha um bom jantar. Aguardo sua ligação amanhã. — E saí, o deixando totalmente sem reação. Apenas sabia que me observava porque podia sentir seu olhar sobre as minhas costas.

O primeiro passo para deixar Rick no passado havia sido dado. Agora eu só precisava renovar minha coragem e buscar o que realmente poderia me fazer feliz.

Capítulo 12



Eu não conseguia me reconhecer. Não sabia como explicar os sentimentos conflitantes que insistam em me assolar e deixar sem direção. Estava agindo como um idiota com a Mel, e tinha consciência disso, o problema é que não sabia como mudar. Droga, eu realmente estava em apuros! Mel era mais importante para mim do que eu ousava admitir. Mais do que deveria ser.

Estava no elevador chegando em casa quando meu celular começou a tocar: minha mãe. Pensei em ignorar, mas sabia o quanto isso a irritaria. Anabel deveria ter contado o ocorrido na danceteria. Pensando melhor, acabei ignorando a ligação e deixei cair na caixa de mensagens, eu não estava a fim de sermão agora.

Já em casa, peguei um vinho e coloquei a banheira pra encher. Precisava relaxar e não ligava para que horas eram. Meu celular começou a tocar, era minha mãe novamente.

Inferno, será que não podia me deixar em paz? Ignorei novamente.

Deixei o celular no meu quarto e fui para o banheiro. Precisava de silêncio, descanso, precisava pensar em como enfrentar minha família em

relação a Mel. Eu não podia ficar sem ela, ainda que esse pensamento me assustasse.

Eu nem sabia quanto tempo havia passado quando decidi abandonar a banheira. Vesti minha boxer e segui para o quarto, peguei meu celular e havia quinze ligações da minha mãe. Tinha que admitir, ela era persistente. Mas eu não iria atender hoje, amanhã eu retornaria para ela.

Um pouco mais tranquilo após meu banho e o vinho, deitei e esperei o sono me alcançar.

Acordei às dez horas do dia seguinte com meu celular tocando como um louco, eu nem precisei olhar para o visor para saber quem era.

— Alô.

— Você não tem consideração nenhuma com a sua família, primeiro estraga tudo com a Sophie a humilhando numa danceteria, e depois não me atende, eu estava preocupada. — Ela estava cuspiendo pimenta.

— Mãe, não humilhei ninguém. — Tentei conter a minha raiva, estava cansado dela se metendo na minha vida.

— Oh, claro que não. Abandoná-la enquanto saía todo nervosinho porque estava com ciúmes da Melissa não é humilhação! — gritou. — Eu estou desapontada com o seu comportamento, esse não é o homem que eu criei.

— Que saco, mãe! Elas humilharam a Mel, você precisava ver como falaram com ela, a senhora sabe...

— Eu não estou interessada. Ela era sua acompanhante e que se dane a Melissa. — Me cortou. — Mas você poderá reparar seu dano, porque, graças a Deus, a pobre da Sophie resolveu te dar mais uma chance. Sua família e ela aceitaram vir jantar conosco hoje, então não ouse me envergonhar mais uma vez Ricardo, nós precisamos desta aliança. Esteja aqui às 21h, e não se atrase.

— Mãe, eu não estou a fim de bancar a marionete... Eu preciso conversar com vocês, eu quero falar sobre o que sinto pela Mel...

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Nem pense em concluir esse pensamento, Ricardo Andrade Belmonte. Isso é um disparate, você já pensou como seria levar a ex-garçonete em um jantar da empresa, na festa de final de ano, nos eventos sociais? Meu filho, eu gosto da Mel, mas ela não tem o que precisa para ser uma Belmonte. Afaste-se dela. Não atrapalhe a aliança com os Velásquez, estamos entendidos? — Eu sabia que seria um desafio.

— Não, eu não compreendi. Vocês não podem firmar uma aliança em cima de um relacionamento que não existe. Isso deveria ser profissional...

— Chega, não vou discutir isso com você até o jantar, não se atrase e esteja ciente de que Sophie mencionou que irá trazer o Dr. Torres, acho que é esse seu nome, ela disse que é importante manter boas relações com ele, e que, por algum motivo que ela não quis me contar, parece que vocês dois andaram se... estranhando.

O quê? Inferno!

— Mãe, eu não quero falar com esse cara hoje...

— Às 21h, Ricardo. Tchau.

Ótimo, a Sophie me paga. E esse Elton que não banque o engraçadinho comigo.

Depois de acordar da pior maneira possível, eu decidi ir até a casa da Mel. Mesmo que não pudesse me declarar para ela ainda, eu, pelo menos, queria garantir que estava tudo bem entre a gente.

Cheguei em sua casa aproximadamente ao meio-dia. Eu sabia que era um horário inapropriado, mas não me importava porque eu só gostaria de poder ver ela e conversar.

Quando cheguei, toquei interfone e nada, toquei novamente e nada, mas eu não iria desistir, então toquei mais uma vez.

— Quem me incomoda? — Eu conheço essa irritadinha e não era minha Mel.

— Boa tarde, delícia, eu preciso falar com a Mel.

— Babaca, não me chame assim... A Mel não está. — Sempre soube que ela não gostava do apelido.

— Ela vai demorar? Eu posso subir e esperar. — Não estava com pressa, só queria falar com ela.

— Não sei, ela saiu para almoçar e não sei que horas ela vai voltar... Mas sobe aí.

Como assim, saiu para almoçar?

— Com quem ela saiu? —perguntei, já meio irritado.

— Sobe. — E sem me dar uma resposta decente ela desligou.

A porta destravou e eu subi, eu precisava falar com a Mel, e estava curioso para saber com quem ela tinha saído.

Quando cheguei ao andar delas, Sara estava parada na porta me esperando.

— Oi, bonitão. — Me saudou mais educada dessa vez.

— Oi, Sara.

Não esperei entrar direito e já fui direto ao ponto:

— Onde a Mel foi almoçar e com quem?

Ela me observava com curiosidade, parecia me estudar, me senti um rato de laboratório.

— E por que eu te contaria? — Maldita, estava se divertindo à minha custa.

— Por favor, Sara. Só quero conversar com ela. — Devo ter parecido patético implorando daquela forma, mas eu nem me importei.

— Ricardo, eu não vou te contar, a Mel me contou todo o ocorrido de ontem, você praticamente estragou a nossa noite... Olha, é melhor você deixar ela em paz. — Acionou seu modo melhor amiga protetora.

— Eu sei que falhei com ela novamente, mas, Sara, eu... eu... — Porra,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

eu não sabia o que falar ou como falar.

Ela respirou fundo.

— Ricardo, o que você sente pela Mel? E, por favor, seja sincero.

A encarei por um momento, eu não sabia se devia dizer que não sabia exatamente como nomear o sentimento, mas que tudo indicava que era mais que amizade.

— Eu não sei... Eu... Eu não estou dizendo que eu não sinta nada, apenas estou dizendo que não sei... É complicado. — Me sentia derrotado.

— Olha, eu não quero me meter, mas vou ser sincera com você. — Respirou profundamente e eu sabia que viria bomba. — Eu acho que você precisa sair de cena e deixar a Mel seguir com a vida dela. Não me leve a mal, mas realmente não dá para continuar assim.

— Sara...

— Não, me deixe terminar, tudo bem?... — Me silenciou, apenas acenei com a cabeça em concordância. — Ricardo, ela não merece ser tratada da forma como você a vem tratando todos esses anos. Você só fala com ela quando tudo está ferrado para você, quando quer se sentir... livre. Ela merece mais do que isso. Ela merece alguém que lute por ela, que cuide dela, que queira estar com ela e não se envergonhe de quem ela é ou quem é sua família. Me desculpa se estou falando demais, mas essa é minha opinião.

Tudo que Sara falava era um punhal lançado em minha direção, e doía muito. Mas ela tinha razão, eu era o único ferrando com tudo. A verdade era essa, eu sempre tirava tudo dela, a amizade, as folgas, mas eu nunca dava nada em troca. A não ser descaso. Eu nunca a defendi, pelo contrário, a humilhava ainda mais.

Meu Deus, eu era um covarde desprezível.

Sara continuou me olhando com aquele olhar avaliador.

— Ricardo, você é meu amigo também, e eu realmente gosto de você e não quero ter que te matar com requintes de crueldade. Então, por favor, não

comece nada que não esteja disposto a terminar, é só o que peço. Agora, se ela for realmente importante para você, faça algo. Lute por ela.

Essa menina sabia como apertar meus botões.

— Você tem razão, ela merece alguém que a... que a...

— Fale logo a porra da palavra, vai te fazer bem. — Ela era irritante.

— Ela merece alguém que a ame.

Caramba, era difícil admitir isso para mim mesmo.

— Uhuuuul! Viu? Nem doeu. — Voltou a se divertir à minha custa novamente.

— Quer beber algo? Água, café...

— Não, obrigado... — Olhei para o relógio novamente, já havia passado meia hora e nada da Mel.

— Será que ela vai demorar? — perguntei novamente, impaciente.

Ela ficou ali me encarando, pensativa, tentando decidir se me respondia ou não.

— Olha, eu vou te contar, mas você está proibido de surtar.

Porra! Eu sabia que não ia gostar da resposta. Mesmo assim decidi acenar, concordando.

— Ela saiu com o Elton, ele apareceu mais cedo e a convidou para passar o dia com ele, então, eu não sei que horas ela vai voltar.

O quê? Merda! Desgraçado! Meu sangue estava fervendo, eu abria e fechava os punhos, eu queria socar algo, matar alguém.

— Eu já vou. Obrigado, Sara. — Não conseguia disfarçar a minha raiva.

— Você prometeu não surtar. Não vai fazer nada estúpido.

Com certeza, eu faria algo estúpido. Eu iria matar o desgraçado. Só de pensar nele o dia todo com ela, e se ele a beijasse? Se a tocasse? Meu Deus...

Nada bom, definitivamente nada bom.

— Eu sei. — Soei mais ríspido do que gostaria. — Desculpe.

— Sem problemas. Eu entendo que você está nervoso de ciúmes. —
Começou a rir.

— Vai se ferrar, Sara. — Droga, eu estava com raiva, ela não podia respeitar isso?

E ao invés de parar de rir, piorou, porque ela começou a gargalhar. Santo Cristo, eu mereço!

— Sara, eu já vou... Quando a Mel chegar fala pra ela... Fala que... Esquece, não fala nada, nem conta que eu estive aqui. Eu vou pensar em um modo de conversar com ela depois. Talvez eu ligue mais tarde.

— Ok.

Voltei para casa com o rabo entre as pernas e uma tremenda dor de cabeça por causa da raiva que estava sentindo.

Meu coração doía pelas verdades que a Sara tinha me falado. Eu sabia que não era a melhor opção para Mel, sabia que deveria sair e deixá-la livre para ser feliz. Entretanto, eu não podia abrir mão dela.

Eu queria lutar por ela. Descobrir se o que eu sentia era verdadeiro. De uma forma estranha, eu precisava dela. E o pior é que eu sabia que não ia ser fácil.

Quando era 16h30, eu decidi ligar para ela, não era possível que ainda estivesse com o Dr. Amor... Filho da Puta.

Pra minha alegria, ela atendeu no terceiro toque. E tudo que pensei após cada uma de suas respostas, foi que não deveria ter ligado. Ela estava com ele e, pela forma como desligou na minha cara, eu era o único sobrando.

Ah, branquinha, isso não vai ficar assim.

O jantar naquela noite prometia. Eu teria que olhar para a cara do babaca do Elton e ele sabia que eu havia ligado para Mel, e mesmo depois do meu

aviso de ontem ele ainda foi atrás dela, isso significava que ele não tinha juízo nenhum. Mas ele estava caminhando para descobrir que quando eu entrava numa briga, eu entrava para vencer.

Maldito, eu o tinha avisado!

Já passava das 21h30 e nada daquele bastardo do Elton chegar. Será que ele ainda estava com ela? Ou pior será que ele a havia convidado? E será que ela aceitou?

Tomei outro gole do meu uísque tentando não enlouquecer, enquanto andava impaciente de um lado para o outro na sala da casa dos meus pais.

— Boa noite. Me perdoem pelo atraso, mas ainda não estou familiarizado com o caminho até aqui.

Enfim, ele resolveu dar o ar da graça. Virei desconfiado com medo de que pudesse ver alguém com ele. Mas, graças a Deus, ele estava sozinho.

Todos já estavam a sua volta o paparicando, até a Sophie e Anabel haviam descido e dado o ar da graça. Os pais de Sophie não puderam vir, então mandaram apenas ela os representando.

Ignorando a todos, inclusive ao ilustre convidado, me aproximei da janela observando o jardim, enquanto tentava engolir minha fúria. Entretanto, não tive sucesso. Estava entalado em minha garganta o fato do infeliz ter passado o dia com a minha Mel.

E a conversa repugnante com a minha mãe quando cheguei? Palhaçada total, só contribuiu para me deixar ainda mais irritado. Anabel e Sophie fizeram um bom trabalho distorcendo o ocorrido da noite anterior, como se Mel tivesse se aproximado e se jogado nos meus braços e depois nos braços de Elton somente para que brigássemos. Será que não viam o quanto isso era impossível? Mel era a menina mais honesta e pura que já conheci. Mesmo tentando explicar, mais uma vez minha mãe não me dava ouvidos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Escutei passos em minha direção e, pelo barulho dos saltos, eu já sabia que se tratava de minha mãe.

— Será que falhei tanto em sua educação? Seja, pelo menos, educado.
— Sua falsa calma, apenas me deixava enjoado.

— Não sou criança. — Virei e falei com ela friamente. — Não sei por que se preocupa tanto? Quando é preciso sei atuar muito bem. Tenho feito isso há anos. — E segui em direção ao ilustre convidado.

Pelo canto dos meus olhos, pude ver que a deixei sem fala. Com certeza, dando a ela o que pensar.

— Boa noite. — Estendi minha mão cordialmente a Elton.

O cretino estava ali, sorrindo como um idiota. Retribuiu o aperto e educadamente respondeu meu cumprimento.

— Venha, Elton, sente-se, aceite uma boa taça de vinho, um de nossos melhores. — Minha mãe voltou a agir como a bela anfitriã que era.

— Diga-nos, Elton, o que está achando da cidade? — Esse era meu pai.

— Na verdade, senhor Fernando, eu morava aqui, então estou apenas reencontrando velhos amigos e aproveitando a cidade o máximo que posso.

Revirei os olhos. O desgraçado disse a última parte me encarando, era óbvio que estava jogando em minha cara que tinha passado o dia com a Mel.

Sophie sentou-se ao meu lado, colocando sua mão em meu joelho, a infeliz sabia que não tínhamos nada, mas continuava se comportando como se houvesse algo. Quando fiz menção de retirar sua mão, minha mãe me lançou um olhar de morte. Mas que droga, até quando serei escravo dessa situação?

Quando havia me tornado o filho objeto?

— Você está bronzeado, visitou o clube? — Sophie perguntou, me deixando de orelhas em pé imediatamente. Será que ele havia levado Mel àquele lugar? E as pessoas a teriam tratado bem?

O bastardo sorriu.

— Na verdade, passei o dia na fazenda... com uma amiga especial. — Continuava a responder olhando pra mim.

Eu faria qualquer coisa para tirar o sorriso de sua cara.

— Não sabia que você possuía uma fazenda? E a jovem que o acompanhou, poderia a ter trazido. — Novamente minha mãe se dirigia a ele, agora com um meio sorriso. Anabel, por sua vez, estava... desconfortável? Só o que me faltava, esse idiota como cunhado.

Por outro lado, antes tê-lo como cunhado do que com a minha Mel.

— Não possuo, é de um amigo que está fora da cidade e me emprestou por uns dias. Quanto a jovem, sim eu a convidei, mas ela... preferiu não vir.

Engasguei com minha bebida, derramando-a por toda a camisa. Desgraçado, havia convidado a Mel. A levou para uma fazenda, como ele ousava? Grunhi em meu lugar, não conseguia mais esconder meu ódio.

— Querido, sente-se bem? — Sophie me estendia um guardanapo me ajudando a limpar a bebida de meu rosto e camisa.

— Sim, estou ótimo. — Me desvencilhei de suas mãos.

— Com licença, senhor Fernando, o jantar está servido. — Graças a Deus, Ellen veio nos avisar e de quebra-galho me ajudou. Vi que Elton se levantou e abriu um sorriso enorme.

— Dona Ellen, como está? E o Nelson?

Caminhou em sua direção, a abraçando. Minha mãe o olhava chocada e emudecida, confesso que foi revigorante a ver assim. Mas, inferno, tinha que ser tão atencioso? Não que Ellen não merecesse, mas, pelo amor de Deus, ser o preferido dela era o que me mantinha em vantagem.

Ellen nos olhava com olhos arregalados. Coitada, estava morrendo de medo da reação de minha mãe.

— Elton, meu jovem. Estamos bem, obrigada. Não sabia que estava na

cidade. — Delicadamente Ellen se desvencilhou de seu abraço passando as mãos na frente de seu uniforme.

— Cheguei há poucos dias.

Era óbvio que a mãe de Mel gostava desse cretino.

— Mel ficará feliz em saber que está na cidade... Se tiver um tempo livre, ligue pra ela, ela ainda usa...

— Então, vamos jantar. Ellen, por favor. — Minha mãe cortou a conversa de ambos. Fiquei feliz pela interrupção, mas detestei a forma como foi ríspida com Ellen.

— Sim, senhora.

— Ellen. — Elton voltou a chamá-la. — Estive com ela hoje.

— Então, quer dizer que você conhece Ellen e sua família? — Meu pai parecia curioso ante a situação e a cara da minha mãe. O velho estava se divertindo.

— Na verdade, sim. Sou amigo da Mel há um bom tempo e conheço toda a sua família. — Estava orgulhoso de si mesmo, era só olhar para seu sorriso arrogante.

— Então, a amiga especial que mencionou antes era... Melissa? — Anabel perguntou, dizendo o nome de Mel com desprezo.

Vi que Elton arrumou a coluna e ergueu o queixo, a encarando.

— Sim, minha companhia era ela. Algum problema?

Anabel não conseguia formar palavras diante do olhar astuto dele. E eu tampouco. Permaneci ali com a mão em punhos, me corroendo de ciúmes.

Estávamos seguindo em direção à sala de jantar, quando minha mãe recobrou sua consciência.

— Elton, a jovem que você convidou para o jantar é a Melissa? — minha mãe mal conseguia pronunciar as palavras, estava em choque. Em sua cabeça pequena, um homem com o nosso nível não podia se interessar por

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

uma mulher como a Mel.

— Sim, senhora. Creio que isso não seja um problema. — Elton foi firme, não parecendo se dar conta do quanto estava surpreendendo a todos.

— Não, claro que não... Apenas pensei que depois do ocorrido na danceteria. Bem... não é apropriado um homem de sua posição com uma jovem...

— Por gentileza, peço que não conclua seu pensamento, não vou aceitar que falem o respeito com ela. Tenho certeza de que a senhora está equivocada a respeito do ocorrido, mas não pretendo discutir minhas escolhas pessoais com ninguém.

Minha mãe engoliu em seco, meu pai o olhava com... admiração? Porra, não podia ser. Anabel e Sophie se encaravam. E eu estava igual um idiota, ao mesmo tempo agradecido e com raiva dele.

O jantar seguiu um tanto quanto desconfortável. Um silêncio constrangedor consumia o ambiente, era palpável a tensão. Assim que a refeição passou voltamos para a sala e a conversa voltou a fluir. Meu pai, Elton e eu conversando sobre negócios e as mulheres na outra extremidade da sala, absortas em sua própria conversa.

Ainda não conseguia olhar diretamente para Elton sem ter vontade de matá-lo. Queria muito ter um momento a sós com ele e poder esclarecer as coisas. Mas todos pareciam decididos a me atrapalhar.

— Elton, gostaria de te convidar para se juntar a nós no jantar de quinta. — Ah, que ótimo, meu pai não podia ter ficado quieto. — É um jantar em pró de angariar fundos para uma das instituições que apoiamos. Teremos alguns leilões de arte, um final de semana em Campos do Jordão em um dos nossos chalés e duas noites em um cruzeiro pelo litoral. E, claro, será ótimo também para contato com futuros novos clientes.

— Anabel, Alice, vocês poderiam me dar um convite do jantar de quinta? — meu pai pediu, atraindo assim toda a atenção para si.

— Na verdade, dois... Se não for um problema gostaria de trazer uma acompanhante. — Desgraçado! Ele nem precisava mencionar quem seria.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Aqui está. Será uma festa a caráter, esteja vestido de branco ou preto.
— Anabel sorriu amavelmente, pelo jeito ela realmente possuía um interesse em Elton.

Minha mãe se aproximou com uma cara não muito amigável.

— Pretende trazer sua amiga... Melissa?

— Na verdade, eu ainda não sei. Mas há uma grande chance de ser ela.
— Virou em minha direção e me encarou. — Com sorte não como amiga e sim como minha NAMORADA.

Nunca!

Quando me dei conta, já o havia atingido com um soco. Todos gritavam se assustando com minha atitude. Mas já não aguentava mais segurar a raiva. Elton levantou e revidou o soco me acertando em cheio também. Desgraçado!

— Fique longe dela, ela não é para você! — gritou enfurecido.

— E ela seria para quem? Você? — Fui em sua direção na intenção de acertá-lo novamente. — Não vou permitir que a toque. Mel é minha. — Já não me importava mais com os demais na sala. Só queria deixar bem claro para esse bastardo que a Mel já tinha dono.

— Até onde sei, ela não é de ninguém e eu pretendo mudar esse status o mais rápido possível. — Levantou do chão, ficando a meros centímetros longe de mim.

— Fique longe dela! — vociferei.

— Já chega, rapazes. — Meu pai me puxou pelos ombros.

— Pelo amor de Deus, o que deu em você, Ricardo? — Minha mãe me olhava com repreensão. Dane-se!

Sophie voltava com um pano e gelo.

— Venha, querido, deixa eu te ajudar.

Anabel foi em direção a Elton, mas ele a afastou com um aceno de mão.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Apontou o dedo na minha direção.

— Você não a merece, você é fraco e deixa todos a sua volta te manipular. A Mel merece alguém que realmente goste e lute por ela. Fique longe do meu caminho, Ricardo, porque eu não vou desistir. — Saiu batendo a porta.

A fúria cresceu em mim. Não sabia se ficava com mais raiva por sua atitude e por suas palavras. No fundo sabia que tinha razão, mas não podia, melhor, não conseguia deixá-la. Não conseguia nem tomar uma atitude em relação a ela, isso estava me matando, mas eu precisava fazer algo.

Levantei assustando a Sophie que eu nem havia percebido que limpava o sangue do meu lábio cortado pelo soco.

— Ficou louco? Como pode se comportar dessa maneira, não é mais um adolescente, Ricardo. Pelo amor de Deus! Estou desapontada, humilhada...

— Basta! — gritei, a cortando. — Não aguento mais. Será que podem me deixar em paz por um momento?

— Como você pode, Ricardo, como fala dessa Mel como sua e ainda assim me dá esperanças? — Sophie me encarava, com um choro falso.

Maldita! Estava tentando deixar a situação ainda pior.

— Nunca dei esperanças... Não confunda a minha simpatia por outra coisa, pedi desculpas por aquele beijo e pensei que estava tudo resolvido entre nós. — Não precisava de mais mentiras.

— Vejo que perdeu totalmente o seu juízo, olha como a deixou, seu idiota! — Anabel caminhou até Sophie, que agora soluçava de tanto chorar. Eu tinha certeza de que não era por mim e sim pela vergonha de ser trocada pela filha da empregada. — Venha, Sophie, te levarei para casa. — Anabel, a ajudou se levantar, saindo.

Pela primeira vez meu pai se pronunciou.

— Ricardo, precisamos conversar e é urgente.

— Não agora, amanhã eu te ligo, mas hoje chega. — Saí tentando

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

controlar minha respiração em direção à garagem, precisava ir embora, já não aguentava mais.

Entrei em meu carro e olhei para o relógio: 00h15.

Será que a Mel ainda estava acordada? Não pensei duas vezes, e saí cantando pneus em direção à sua casa.

Capítulo 13



Eu estava muito empolgada, não podia acreditar na minha ousadia. Realmente o tinha agarrado? Sorria para mim mesma como uma adolescente sonhadora, deslumbrada pelo primeiro beijo roubado.

Abri a porta e entrei, vi que Sara estava na sala e corri até ela, precisava contar para alguém.

— Sara, Sara. — Cantarolava, me jogando no sofá ao seu lado.

— Eiii, o que temos aqui? — Sara sorria contagiada por minha alegria.

— Sara, ele me levou em uma fazenda linda. Tinha cavalos brancos, negros, marrons, todos maravilhosos; e a casa, Sara, a casa era um sonho, enorme, ah... também tinha uma piscina. — Não conseguia parar de falar.

— Calma, agora respira. — Gargalhou. — Parece que você se divertiu.

— Muitooooo. Nós caminhamos por tudo, e é tudo tão maravilhoso. Eu estou empolgada.

— Sério? Eu nem havia percebido. E agora sei porque está bronzeada e com os cabelos molhados. — Ela me olhava com carinho e realmente feliz por mim.

— Sara... Sara... — Voltei a chamar sua atenção, que já havia voltado para o livro que estava lendo. Nós... nos beijamooooos — sussurrei.

Sara se sobressaltou derrubando o livro sem se importar em perder a marcação da página, se sentando com as pernas dobradas de frente pra mim.

— O quê? — Agora eu tinha sua atenção. Safada.

— Na verdade, quem o beijou fui... eu. — Fiz charme.

Ela me encarava com a boca aberta, chocada, eu entendia sua reação, afinal de contas nem eu mesma havia acreditado.

— Mentira?

— É verdade. Pode acreditar, no carro, quando fomos nos despedir... Eu praticamente pulei no colo dele. — Sorri. Na verdade, eu tinha acabado no colo dele, mas Sara não precisava saber dos detalhes.

— Menina, eu sempre soube que aí dentro morava uma vadia. — Sorriu, voltando a ser a Sara que eu conhecia. — Mas tudo bem? Tipo... Você gostou?

— Simmm, eu gostei. Na verdade, já estou querendo outro. — Ok, eu estava fora de controle.

— Meu Deus, Elton criou um monstro. Te deixo com ele por algumas horas e olha o que ele me devolve?

A empurrei de volta contra o sofá. Fazendo uma careta.

— Vou tomar um banho, estou morta.

— Vai... Mel?

Virei para ela, ainda sorrindo.

— Sim.

— É... hum... Nada, esquece. Estou feliz que se divertiu. — Por um momento tive a impressão de que ela queria me dizer outra coisa. Mas estava animada demais para me preocupar.

Fui até ela e a abracei.

— Você é a melhor, Sara. — Depois fui tomar banho.

O resto do dia passou tranquilo, já era quase 22h, quando decidimos pedir uma pizza e assistir a um filme, acabamos escolhendo *Um Porto Seguro*, Sara amava filmes baseados nos livros de Nicholas Sparks, e eu também.

— Mel, por que você não liga pro Elton e o convida para vir comer pizza com a gente. — Subia e descia as sobrancelhas maliciosamente.

— Eu o convidaria, mas ele deve estar neste exato momento jantando na casa do Rick. — Dei de ombros. Eu realmente não me importava.

Sara, por outro lado, se engasgou com o vinho que estava bebendo.

— Calma, Sara, disse algo de errado?

— Não... Não... Uau, eu não sabia que eles eram... amigos.

— Eles não são. Pelo menos, não ainda. É um jantar de negócios. Ele até me convidou para ir com ele, mas achei melhor não ir.

Sara me encarava pálida e em choque, o que ela não estava me contando?

— Sara, aconteceu algo?

— Não, esquece. Ainda bem que você não foi, acho que dona Alice não ia ficar muito feliz. — Correu limpar a bagunça de vinho que havia feito.

A pizza escolheu esse momento para chegar. Paguei o entregador e fomos pra sala, coloquei o DVD e nós fizemos o que mais gostávamos: pizza com filme e Coca-Cola.

Já passava da meia-noite quando o filme acabou, arrumamos tudo e fomos cada uma para seu quarto, havíamos combinado de na manhã seguinte sairmos para comer junto com a Flávia e a Renata.

Estava colocando minha camiseta do *Ramones*, que sempre usava para dormir, e lembrando do Elton, quando meu celular tocou. Olhei para o visor e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

meu sangue congelou.

Rick. Será que havia acontecido algo com meus pais?

Atendi rapidamente e ele me tranquilizou que não havia acontecido nada. Por outro lado, ele parecia estranho.

— Mel, te acordei? — sussurrou hesitante.

— Não, estávamos assistindo a um filme. Acabei de entrar no quarto. O que aconteceu, Rick?

— Estou aqui embaixo, posso subir?

Corri para a janela, olhando para ver se encontrava seu carro, tentando confirmar se não havia escutado errado.

— Rick, já é tarde. — Não fui convincente nem para meus próprios ouvidos.

— Não é você que sempre dizia que o tempo é um mero detalhe. — Suspirou. — Eu só quero te dar um oi, talvez um abraço e prometo ir embora.

Sentia que deveria apenas seguir firme e dizer que não. Que o tempo tem importância sim, ainda mais quando ele corre contra mim. Mas, como todas as outras vezes, com Rick por perto, eu deixava de escutar a voz da razão.

—Sobe.

Troquei de roupa rapidamente, vestindo um short e uma regata. Descalça mesmo, corri até a porta e a destravei.

— O que aconteceu com você?

Não dei tempo para que respondesse. Saí o arrastando em direção à cozinha, fazendo com que se sentasse em um dos bancos próximos a ilha, enquanto buscava o kit de primeiros socorros no banheiro do meu quarto.

Rick estava com os lábios inchados. Um corte ainda vermelho, com resquícios de sangue.

— Pelo amor de Deus, Rick, andou brigando por aí? — Balançava a

cabeça, contrariada e preocupada.

— Bem, ele mereceu. E não pense que sou o único com um belo hematoma.

Umedeci um pedaço de algodão com água oxigenada, me preparando para limpar o local ferido.

— Eu não disse que era. — O encarei furiosa. — Não acredito que se meteu em uma briga.

— Não foi uma briga qualquer, Mel, foi com...

As palavras ficaram presas em meio a seu gemido de dor. Revirei os olhos. Mimado. Limpei o local meticulosamente, estudando para ver se seria necessário dar algum ponto. Por sorte havia sido apenas um corte superficial. Passei uma pomada anestésica para a boca que tinha em casa e só fiquei satisfeita ao ver que ele verdadeiramente estava bem.

Ficamos parados nos encarando. O silêncio era quase que palpável. Senti quando sua mão tocou minha cintura, ainda que de modo hesitante. Minha respiração acelerou e confusa com o clima que pairava entre nós, dei um passo para trás, me desvencilhando de seu aperto.

— Por que está aqui, Rick?

Seu olhar encontrou com o meu repleto de carinho e emoções que tentei negar a mim mesma de estar vendo. Não queria tirar conclusões precipitadas, enxergar aquilo que queria ver e que não eram verdadeiras.

— Eu só precisava te ver. Saber que está tudo bem entre nós.

Puxei o banquinho próximo a ele, me sentei. Ficamos na mesma altura, um de frente para o outro.

— Acho que não somos os mesmos há muito tempo, não é?

Rick acenou em concordância.

— O que mudou, Mel? Por que deixamos isso acontecer?

Quis gritar e dizer que a culpa era toda dele. Que esta era a pergunta
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mais estúpida que ele poderia me fazer. Mas cada vez que ele me encarava com aquele olhar cabisbaixo, o mesmo de quando era garoto e sentia-se sozinho e contrariado, minha única vontade era esquecer tudo, puxá-lo para um abraço e dizer: “Que sim, sempre estaríamos juntos e bem. Que ele não precisava se preocupar”.

Eu era tão culpada quanto ele.

— No fundo sempre soubemos que isso aconteceria, Rick. Não fique chateado. Sempre seremos como água e óleo, separados por inúmeras diferenças que nos marcaram desde o nascimento. Acho que demorou para percebermos que...

— E se eu não quiser que as coisas sejam assim? Porque eu não quero, Mel. — Passou as mãos pelos cabelos, frustrado.

— Então, faça algo. Mude isso. Pare de aceitar tudo que te é imposto, Rick. — Torci para não parecer tão decepcionada quanto me sentia.

Seus olhos voltaram a fixar os meus. Não havia raiva, apenas entendimento.

— Não desista de mim, Mel. Não me abandone, por favor. Eu preciso de você. Da nossa amizade. Tudo que sempre tivemos, os anos que passamos juntos.

Pulei do banquinho que estava sentada e parei em sua frente, o puxando para um abraço. Seus braços me apertaram com força contra seu peito. Seu calor preenchendo cada célula do meu corpo. Um encaixe perfeito, uma sensação de segurança, amparo, cumplicidade.

Podia sentir o tamborilar de seu coração que pulsava acelerado. Seus lábios tocaram o meu cabelo. Suspirei satisfeita. Este era o homem por quem sempre fui apaixonada. O homem errado? Sim, totalmente. Mas ainda assim, era ele e eu me sentia uma viciada incapaz de me livrar do vício.

— Eu nunca vou te deixar sozinho, Rick. Nunca. — *Só, por favor, não machuque mais o meu coração*, pensei sentindo uma lágrima teimosa se formar. Respirei fundo e me desvencilhei de seus braços.

— Não desista de si mesmo também. Você sabe que precisa acreditar mais em si, não é?

Um sorriso tímido surgiu em seus lábios.

— Obrigado, branquinha.

Corei com a menção do apelido carinhoso que sempre usava comigo. Voltei a me sentar de frente pra ele.

— Mel, quero te fazer um convite.

Paralisei em meu lugar, o encarando com expectativa.

— Terá um destes jantares chatos da minha mãe. Será esta semana, e... eu gostaria que fosse comigo. Como minha acompanhante.

Estava atordoada, perdi minha voz, não conseguia pensar, muito menos responder. Ele pareceu perceber meu desconforto e permaneceu em silêncio me deixando digerir seu convite mais que inesperado.

Seria capaz de aceitar seu pedido ousado? Aparecer em sua casa como sua acompanhante, o lugar onde sempre estive como garçoneiro? Enfrentar sua família?

Por que essa mudança repentina de comportamento?

Sentia-me completamente desorientada.

E o Elton? Uma vizinha insistia em trazê-lo para minha mente. Mais cedo, naquele dia, eu estava em seus braços, contente por poder me dar mais uma chance e deixar essa relação confusa com o Rick no passado. E agora?

— Eu... Você me pegou desprevenida. — Forcei um sorriso.

— Façamos assim. Vou te ligar amanhã e você me conta sua resposta, tudo bem?

Seus olhos brilharam com expectativa. E, mais uma vez, me vi hipnotizada pela sensação de que fazíamos todo o sentido juntos. De que poderia ser real.

— Tudo bem.

— Você é especial, Mel. Muito.

Sorriu timidamente, levantou e foi embora. Enquanto que eu tentava me beliscar na esperança de não estar sonhando.

Acordei quase ao meio-dia. Depois de horas pensando sobre meu dia nada convencional, acabei adormecendo. Espreguicei-me demoradamente, e fiquei em silêncio absoluto, tentando escutar se Sara já havia acordado e se estava preparando o almoço.

Droga! Havíamos combinado com as meninas. Pulei da cama e corri para o banheiro, tomei um banho rápido, escovei os dentes, coloquei um vestido florido na altura dos joelhos e só então saí do quarto, já pensando em vários modos de me desculpar por atrasar o almoço delas.

— Bom dia, bela adormecida!

— Bom dia, Sara. — Fui até ela e a abracei.

— As meninas ligaram, para falar do almoço? — Sentei no mesmo lugar que ocupei na noite anterior.

— Não vai rolar, a Flávia foi para casa dos pais, parece que seu irmão ia apresentar a namorada para toda a família. E a Renata vai passar o dia fotografando.

— Que droga! Estava animada para ter um dia com as garotas.

— Pois é, eu também. Mas vai ter que ficar para a próxima. — Deu de ombros.

Mas analisando bem, Sara não parecia muito triste com o cancelamento.

— Mas então você fez o almoço?

— Não. Estava esperando você acordar. — Sorriu.

Era óbvio que sim, ela queria que eu cozinhasse.

— Sério? Você é uma péssima amiga.

— Você me ama.

— Sara?

— Diga.

— Ontem... depois que nós deitamos. O... O Rick veio aqui. — Tentei soar calma e tranquila, e não eufórica e feliz.

— Ai, meu Deus, eu sabia que não ia dar certo. — Arregalou os olhos.

— O que não ia dar certo? O que eu perdi, Sara?

Pensei ter visto confusão no olhar de Sara, mas logo ela se recompôs.

— Nada, esquece. Mas me fala, o que ele queria?

— Você não vai acreditar. Ele me convidou para ir com ele no jantar de quinta. Aquele que você não aceitou servir, lembra?

Sara me encarou boquiaberta e sem palavras. Eu, por outro lado, fiquei ali toda sorridente. Gostei de passar o dia com o Elton, mas eu sempre amei o Rick, e se essa fosse minha única chance com ele? Eu precisava tentar.

— E você aceitou? — Ela estava cautelosa.

— Bom, ainda não. Mas acho que vou. — Dei de ombros, indiferente.

— Mel, eu não quero que me entenda errado, mas... e o Elton? Vocês pareciam felizes ontem.

— Eu sei. — Levantei caminhando até a cafeteira. — Mas, amiga, e se for minha única chance com o Rick? Se for um sinal de que eu devo esperar por ele?

— Mel, isso é loucura. Eu gosto do Rick, mas, amiga, você vai ser engolida por aquelas pessoas, a mãe dele nunca vai te aceitar, você sabe

disso.

Tudo bem, eu sabia, mas eu não queria escutar isso agora. Na verdade, eu queria seu apoio, que ela me falasse que tudo iria dar certo, não que ela desse voz aos meus medos.

— Mas ele me convidou, Sara. E se tudo for diferente? Se ele for conversar com a família dele e realmente me assumir? — Senti um aperto no peito.

— Mel... — Respirou fundo. — Eu só não quero te ver quebrada e sofrendo. Mas se você acha que vale a pena arriscar, então tudo bem.

Eu não sabia o que fazer. Não sabia que decisão tomar. Mas depois de tantos anos esperando por uma chance, eu só queria tentar. Esse era meu único sinal desde... sempre.

— Eu sei, amiga. Eu prometo que é minha última tentativa. Se ele vacilar dessa vez, eu vou seguir em frente, sem olhar para trás. — Gostaria de ter soado mais otimista.

— Ótimo. Então venha, vamos preparar algo para o almoço.

A velha Sara estava de volta.

Depois do almoço me tranquei em meu quarto preparando minhas aulas da semana e Sara foi ler para seu mestrado. Eram três horas quando meu celular tocou, olhei para o visor abrindo um largo sorriso: Rick.

— Oi.

— Oi, branquinha.

Eu amava quando ele me chamava assim, era tão íntimo e doce.

— Você está bem? — Não sabia o que falar, então optei pelo de sempre.

— Sim, estou ótimo. Na verdade, estou indo para a casa dos meus pais. Meu pai disse que precisa falar comigo urgente.

— Algum problema?

Fiquei preocupada, afinal de contas era domingo. O que poderia ser tão urgente?

— Não, segundo ele é apenas negócios. Mas, Mel, eu te liguei para saber sua resposta. — Foi direto ao ponto. — Você vai ao jantar comigo?

Hesitei por um momento, mas eu queria ir, certo? Respirei bem fundo reunindo toda a coragem que precisava.

— Eu aceito, Rick. Mas você precisa me dizer o que vestir e a que horas você me busca. — Sorri, e pelo som que ele fez do outro lado da linha ele também.

— Que maravilha, Mel, você me deixou imensamente feliz. A festa é do preto ou branco, então algo com essas cores e eu te busco às oito.

— Certo, eu vou encontrar algo assim.

— E, Mel... obrigado. Você é uma mulher muito especial. — Foi tão carinhoso, que eu quase me desmanchei ainda mais de amor por ele.

— O prazer é meu. — Que voz foi essa? Eu estava realmente ronronando feito uma gata.

— Preciso ir, mas eu te ligo antes de quinta, tudo bem?

— Tudo ótimo.

— Perfeito. Beijo, Mel.

— Beijo.

Ai, meu Deus! Eu estava completamente feliz e excitada. Se fosse um sonho eu me recusava a acordar. Eu estava indo para a casa dos Belmonte como convidada? Isso é real? Minha felicidade era tão grande por, enfim, Rick me notar, que já não me importava se sua família fosse gostar ou não. Agora seríamos nós dois contra o mundo.

— Mel? Mel? Você está acordada?

O quê? Ah, sim, Sara. Nem percebi que ela gritava. Estava imersa em meus pensamentos felizes.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Oi, estou sim. A porta está aberta.

— Você tem visita.

Eu tenho o quê? Ai, meu Deus, só me faltava ser o Elton.

— Sara? Sara?

Ela colocou a cabeça para dentro do quarto.

— O quê?

— Quem é?

Agora ela entrou por completo, colocou as mãos na cintura e me encarou divertida.

— Sêrio, Mel? Quem será que é? O Elton, é claro.

Ai, Santo Cristo, eu estava ferrada!

— Amiga, e só para você saber... Ele está com um olho roxo e o lábio cortado.

Capítulo 14



Estava a caminho da casa dos meus pais. Me senti incomodado demais depois da ligação que recebi do meu pai. Havia algo o preocupando, e minhas suspeitas eram de que não se tratava apenas do meu comportamento na noite anterior. De qualquer forma, realmente não me importava mais, eu iria conversar com ele de qualquer maneira. Ele, assim como minha mãe, precisava estar ciente de que eu iria lutar pela Mel.

Na noite passada, fiquei a um passo de confessar para ela o quanto estava confuso em relação aos meus sentimentos por ela. Não era apenas amizade, eu tinha certeza. Quando nos abraçamos, a sensação foi revigorante e tão certa, que me senti pela primeira vez na vida, em casa. Como se seus braços fossem meu lar. Minha família precisava aceitar isso, dar uma chance a ela, a nós. Estava feliz por ela ter aceitado ser meu par. Por ter me dado mais uma chance e confiado em mim, mesmo que não merecesse. Este era o primeiro passo para tomar as rédeas da minha vida.

Após estacionar, respirei fundo juntando toda a coragem que precisava para encarar minha família. Estava distraído e por esta razão, levei um susto ao encontrar meu pai sentado na varanda me esperando.

— Vejo que o Elton pode dar bons socos. — Encarou meu lábio

inchado.

— Aposto que ele está pior — desdenhei torcendo para que o bastardo estivesse muito pior do que eu.

— Venha, vamos conversar no quiosque perto do jardim. Não quero que nos interrompam. — Nem terminou de falar e já se levantou caminhando na minha frente.

— Pai, na verdade eu gostaria de fazer um comunicado antes. Para a família toda, você se importa? — Eu gostaria de anunciar minha decisão antes de perder minha coragem.

— Sim, me importo. Vamos conversar antes, é realmente importante.

Fiquei com todos os pelos do meu corpo arrepiado. O que poderia ser tão importante assim?

— Você está me preocupando.

— Vamos.

Segui meu pai até seu lugar preferido na casa. Todas as recordações que tenho de menino e adolescentes se davam a ele sentado aqui, enquanto eu e Mel brincávamos na grama, próximos a piscina.

Acomodamo-nos e sem mais delongas, meu pai começou a falar:

— A empresa está muito mal.

Eu já desconfiava. Mas escutá-lo falando foi como tornar a coisa real. Foi impossível não sentir a garganta secar.

— Mas como?

— Prefiro que você me escute até o fim. Depois você pergunta e questiona. Tudo bem?

Acenei, concordando.

Ele estava preocupado, com olhos cansados, eu nunca o tinha visto desta maneira antes.

— Há alguns anos, devido a uma geada, perdemos uma grande safra. Naquele ano, nós não cumprimos os contratos com nossos colaboradores. O resultado foi inúmeros processos e uma grande perda de dinheiro. — Respirou fundo. — Nós ainda tentamos de diversas maneiras reerguer a empresa, mas a concorrência hoje é muito grande e com a crise econômica foi ficando cada vez mais difícil.

Ele deve ter notado meu atordoamento, porque parou para me encarar.

— Meu filho, nós ainda não falimos... Mas estaremos caminhando para isso, se não dermos um jeito de injetar capital. E é por isso que a fusão com os Velásquez é tão importante.

Eu não conseguia acreditar, se as coisas estavam tão ruins por que continuaram com as festas? Com as viagens internacionais? Por que não cortaram gastos? Não tomaram medidas de urgência?

Meu Deus! Passei as mãos pelo meu cabelo. Eu estava nervoso.

— Por que não me contou antes?

— Você nunca foi muito ligado aos assuntos da vinícola, meu filho. Mesmo se esforçando, e eu sei que você sempre quis fazer o seu melhor, ainda assim eu sabia que isso não era o que você queria. Eu só queria te dar espaço para você decidir por si só.

Isso não fazia sentido. Pelo amor de Deus, eu estava todos os dias naquela maldita empresa e agora isso.

— Nós poderíamos ter encontrado outra saída. Você deveria ter me contado — vociferei nervoso.

— Não adianta ficar apontando o que deveria ter sido feito, o que importa agora é o que será feito daqui por diante.

Essas palavras me deixaram com um frio na espinha. Eu sabia que o que viria a seguir iria acabar comigo.

— Os Velásquez estão dispostos a injetar um bom capital na empresa, será uma aliança, onde ambas as partes sairão ganhando. Precisamos disso.

Você precisa se entender com aquele advogado, para que os termos por ele escolhido não sejam ruins para nós, ele pode influenciar e muito na decisão deles.

— Olha, pai, eu não quero problemas com ele, mas aquele bastardo precisa ficar longe da Mel. Eu não vou aceitar...

— Eu sei que você gosta da Melissa, e eu também gosto muito dela e de sua família. Mas, meu filho, não são eles que nos salvarão da ruína. — Bateu as mãos na mesa, frustrado.

— Sophie está assumindo tudo na empresa, ela está sendo treinada para ser a futura CEO, eu não estou falando para você se casar com ela. Mas você precisa manter a cordialidade... e se afastar da Melissa, pelo menos por enquanto.

Não, inferno não. Justo agora que eu havia tomado a decisão de me declarar, de poder estar com ela. Só podia ser um pesadelo, eu precisava acordar.

— Eu a convidei para o jantar. Ela já aceitou, era essa a notícia — sussurrei amargando cada palavra.

— É por isso que te chamei para conversar ontem, depois daquela cena toda. Eu sabia que você ia tomar uma decisão precipitada.

— Eu não posso cancelar com ela. Ela nunca mais vai... — Eu não podia concluir. Tudo estava desmoronando a minha volta.

— Meu filho, eu sei o quanto você gosta desta mulher, eu sei disso desde que vocês eram crianças, eu sei que estou te pedindo muito, e que isso está te matando... Mas você é minha última esperança. Eu não posso contar com Anabel e sua mãe não pode fazer muito. Só me resta você.

Eu estava destruído, eu não conseguia encontrar outra saída, nesse momento me odiava por ter esperado tanto tempo para assumir o que sentia por Mel, porque agora seria tudo diferente.

— Mas... e a Mel? — Tinha certeza de que meu olhar era de puro desespero.

— Não estou pedindo que desista dela. Apenas que adie até que o contrato esteja assinado.

Meu pai levantou, parou ao meu lado e me deu um aperto consolador no ombro.

— Eu sinto muito, meu filho.

— Não sei se acredito nisto, pai — cuspi as palavras amargamente. — Era isso que vocês sempre quiseram. Que eu estivesse envolvido com este meio podre, aceitando tudo quanto vocês me impusessem, sem que eu tivesse alternativa...

— Você está entendendo tudo errado. Eu jamais quis sua infelicidade, que jogasse...

— Jura? Quer que eu realmente acredite nisto?

Levantei derrubando a cadeira para trás. Meu pai me encarou horrorizado, ele nunca havia me visto tão transtornado.

— Vocês nunca aceitaram que eu me formasse em Publicidade. Nunca me apoiaram, disseram que estavam orgulhosos, ou que tinha feito um bom trabalho. Não importa o quanto me esforce. Não importa o quanto eu faça. Vocês sempre vão me enxergar como uma marionete, alguém que poder servir aos seus propósitos e somente isso.

— Ricardo, por favor, contenha-se. Não é mais uma criança, já é um homem. É meu único filho e eu preciso da sua ajuda.

Gargalhei, fui frio e gelado. Desdenhoso.

— Fico feliz por ter se lembrando de mim apenas agora, papai.

Peguei a chave que estava sobre a mesa e me virei enfurecido, pronto para ir embora.

— Isso vai destroçar a Mel. — Engoli em seco, podia sentir as lágrimas se formarem. Meu coração estava acelerado, tamanha a dor em meu peito, só de imaginar o sorriso da minha branquinha se esvaindo. — Ela não irá me perdoar. Não outra vez. Tenha isso em mente quando se deitar esta noite e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

todos os demais dias da sua vida. Você não está destruindo apenas a mim, está destruindo a ela e a minha única chance de ser feliz.

— Ricardo...

Sabia que o tinha atingido. Sua voz estava vacilante e seu olhar perdido em meio à dor.

— Só vou ficar na empresa até que este maldito contrato esteja assinado. Não vou trabalhar com os Velásquez, não vou mais pagar por seus erros. Pra mim chega.

Ignorei completamente o lampejo de tristeza em seu rosto. Não fiquei para escutar sua resposta.

Eu estava ferrado, na verdade totalmente lascado, mas eu ainda não havia desistido de tudo, muito menos da Mel. Eu possuía apenas mais uma chance, e eu sabia que a probabilidade de ser compreendido seria mínima, mas eu precisava tentar.

Estava com a cabeça quente, mas não tinha tempo para deixá-la esfriar, subi no meu carro e segui em direção ao lugar que eu não pretendia voltar tão cedo: a casa de Sophie.

Me sentia apavorado. Não sabia o que iria dizer e nem se era uma boa ideia estar aqui, mas eu precisava tentar. Eu precisava muito desta chance.

Toquei a campainha e, para minha surpresa, foi a própria Sophie quem abriu. Assim que me viu ali, parado, um sorriso enorme de satisfação brotou nos seus lábios, mas nem isso eu conseguia retribuir.

— Preciso conversar com você. — Fui grosseiro, mesmo sem querer.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Na verdade sim, você tem algum lugar onde podemos conversar a sós? — Precisava resolver isto logo.

— Entra, meus pais estão no clube, vão demorar a voltar. — Sophie demonstrou preocupação em seu olhar, por um momento eu tive esperanças.

— Sente-se. — Indicou o assento livre ao seu lado. — Agora me fala o que está te preocupando.

— Sophie, eu não sou muito bom em enrolar, então vou direto ao ponto.

Respirei fundo enquanto ela apenas assentiu, concordando.

— Não há nenhum ponto em te explicar a situação da vinícola porque a essa altura você já está muito bem familiarizada.

Ela continuou apenas acenando afirmativamente.

— Então, vocês sabem da importância que é para os negócios da minha família a aliança?

— Sim, eu sei. Mas, Ricardo, você não está fazendo muito sentido para mim neste momento.

— Sophie, eu quero saber quais os termos que tem desagradado vocês no contrato?

— Até o momento está tudo andando tranquilamente. Você esteve na reunião, Ricardo, você sabe que a negociação está perfeitamente tranquila.

— Quando vocês pretendem assinar o contrato?

Ela parecia estudar minha expressão, assumindo uma postura mais cautelosa.

— Não tenho certeza ainda. Mas posso perguntar. Por que a pressa?

— Nada... Apenas curiosidade.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Tudo parecia estar caminhando bem. Então, não havia motivos para cancelar o convite feito a Mel.

— Ricardo? Ricardo?

— Oi, sim? — Voltei a fitá-la com atenção.

— Você estava distante.

— Desculpe, não percebi.

— Ricardo, você vai me levar no jantar quinta, como sua acompanhante?
— Seu olhar afiado me sondava atentamente.

Droga!

— Bom, Sophie, eu gosto da sua companhia, mas eu convidei alguém.
Desculpe.

Perfeito, agora era só levantar e sair. Sem dor, sem traumas, sem problemas.

— Você a convidou, não foi? A garçonete, a mulher que causou a briga entre você e o Elton ontem.

Ótimo, agora ela estava irritada.

— Sophie, isso é irrelevante. Não vamos falar sobre isso.

— É aí que você se engana. — Levantou-se contrariada, parando na minha frente com as duas mãos na cintura.

— Eu não vou ser humilhada dessa maneira, Ricardo. Eu não vou deixar você aparecer naquele jantar, diante de todos os amigos da minha e da sua família, com a garçonete que nos serviu na semana passada.

O quê?

— Pare de chamá-la assim, a Mel é muito mais mulher do que você.

— Me poupe. Guarde seu latim para quem se importa. Eu juro, Ricardo, se você ousar me expor ao ridículo desta maneira, sua família pode começar a dar adeus a todos os círculos sociais, e sua preciosa empresa.

— Você está me ameaçando? — Não era possível, isso estava virando um pesadelo. Me levantei irritado, andava de um lado para o outro, não conseguia mais raciocinar, minha vontade era de estrangular a mulher à minha frente.

— Isso não é uma ameaça, meu querido, isso é um aviso. — Com o dedo apontado na minha direção, ela cuspiu todo o seu veneno. — Você vai
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

naquele jantar comigo, vai me apresentar a todos como sua namorada, nós teremos um relacionamento, essa Melissa será apenas sua amiguinha a uma boa distância, e você não vai mencionar isso para ninguém ou amanhã mesmo eu começo a mexer meus pauzinhos para acabar com essa aliança, vou acabar com seu contrato, vou acabar com o nome da sua família.

— Você está LOUCA? Perdeu completamente a noção, isso é chantagem. — Minhas mãos fecharam em punhos, eu iria matar essa desgraçada.

— Paga pra ver, Ricardo, eu posso ser terrível quando necessário.

— Você vai se colocar nesse papel? Vai aceitar estar com um homem que ama outra mulher? Você sabe que nosso relacionamento nunca será verdadeiro. O que você ganha com isso?

— Sim, eu não me importo. Acredite, Ricardo, todas as minhas amigas passaram um bom tempo te desejando, você será o meu troféu. Exibir um dos solteirões mais cobiçados, e que ainda por cima tem fama de ser um verdadeiro deus do sexo, vale o sacrifício.

— Eu nunca irei para a cama com você. — Devo ter rosnado feito um animal. — Você será muito infeliz.

— Veja, Marcos, que visita mais agradável.

Merda, os pais da víbora chegaram.

— Boa noite, Helena — cumprimentei dando um beijo em sua bochecha.
— Marcos.

— A que devemos a sua visita, meu rapaz? Aceita uma bebida?

— Não, na verdade eu já estava de saída. — Caminhei em direção à porta.

— Na verdade, pai, ele veio aqui me convidar para acompanhá-lo durante o jantar de quinta. Não é encantador?

Desgraçada, sorria enquanto falava. Começou a caminhar em minha direção, praticamente se pendurou em meu braço. Seus pais pareciam em
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

êxtase.

— Que ótimo. Vocês formam um belo par. Não acha, Helena?

— Perfeitos.

Sorriam feito um bando de hienas. Inferno, queria que o chão se abrisse e me engolisse.

— Bom, eu realmente preciso ir. Com licença.

— Eu te acompanho.

Claro que me acompanharia, a conversa ainda não havia terminado.

Seguimos em direção ao meu carro, eu estava andando a dois passos na frente de Sophie, porque se chegasse perto demais a mataria. Quando notei estar a uma distância aceitável, a puxei pelo braço, prendendo-a contra meu carro.

— Escuta bem o que eu vou te falar. Vou com você ao jantar. Você vai agilizar o processo, assinar sem dar nenhum problema e o showzinho termina aqui.

Não estava brincando. E ela deve ter notado isso, porque teve a decência de estremecer sob meu olhar irritadiço.

— Não vou negociar com você. Já disse, quais são os meus termos — resmungou.

— Então, nada feito.

A soltei puxando para que saísse da porta.

— Vou cumprir tudo o que falei. Você será um homem arruinado! — gritou histérica.

Virei em sua direção, respirando fundo para não estrangulá-la.

— Tente, chantagem é crime, princesa. Faça isso e seu papai vai saber quem é a cobra que ele tem como filha. Faça isso e todos saberão das suas artimanhas e enganação. É pegar ou largar. A decisão é sua, eu não vou fazer

nenhuma concessão, Sophie.

Seus olhos estreitaram com raiva. Podia sentir a fúria consumindo cada pedaço do seu corpo. Sophie estava tremendo.

— Tudo bem, Ricardo Belmonte. Sabe por que estou aceitando? Porque se eu não serei feliz e conseguirei as coisas ao meu modo, você também não será. — Gargalhou. — Aquela criatura a qual você tem tanta consideração, nunca irá te perdoar por abandoná-la para ir comigo para o jantar. E eu vou assistir a sua queda, de camarote.

— Tchau, Sophie.

Cuspi enfurecido, batendo a porta com força.

— Não se esqueça. Estarei pronta às oito, não se atrase.

Desgraçada!

Capítulo 15



Mesmo desconfiada sobre o que se tratava os hematomas do Elton, preferi soar brincalhona e aguardando que ele mesmo confirmasse.

— Ei, o que aconteceu com o seu rosto? Estou torcendo para que a outra pessoa esteja pior. — Caminhei em sua direção, e beijei sua bochecha boa.

— Oi, linda. Acho que você não deseja isso realmente.

— Sério? Com quem você brigou?

Ele pareceu desconfortável, trocou o peso de um pé para o outro.

— Eu briguei com o Ricardo, Mel.

Sabia!

— Mas o que deu em vocês? Pelo amor de Deus! Não são mais crianças para se comportarem deste modo.

— Ele ficou todo ofendido porque eu tinha passado o dia com você.

— E por que você foi comentar sobre nosso dia com ele?

— Qual é, Melissa, eu não estou indo para esconder o que eu faço ou

não. E foi sua mãe que perguntou se eu iria entrar em contato com você. Ele só escutou a resposta. — Deu de ombros.

— Desculpe. Não estou brigando com você, apenas acho esse comportamento de ambos... que fique claro... Ridículo.

— Tudo bem, Mel, eu não vim aqui para discutir sobre ele.

Respirei fundo.

— Elton, vocês brigaram onde? Não vai me dizer que vocês caíram na briga no meio do jantar?

Estava tensa. Era só o que faltava para fazer com que dona Alice me odiasse ainda mais.

— Bom, tecnicamente o jantar já havia terminado.

— Meu Deus! — Sentei segurando a cabeça com as mãos.

— Mel, não dê muita importância a isso, está tudo bem. De verdade.

Alguns minutos se passaram, eu não deveria dar muita importância, afinal de contas o Rick havia vindo até aqui e me convidado para o jantar. Então, as coisas não poderiam estar realmente ruins, não é verdade?

— Tudo bem. — Sorri, o tranquilizando.

Ele retribuiu o gesto, se sentando ao meu lado.

— Olha o que eu tenho aqui?

Mostrou dois convites elegantes.

— Mel, você me daria a honra de ser minha acompanhante no jantar na casa dos Belmontes, na quinta?

Tudo parou, o ar deixou meus pulmões. Isso não estava acontecendo, não podia ser verdade. Jesus amado!

Hesitei. Como iria dizer para ele que o Ricardo já havia me convidado e que eu já tinha aceitado.

— Elton... Hum... É... É que... — Abaixei meu olhar, não conseguia encará-lo. — o Ricardo já me convidou, e bem... eu aceitei.

— Quando ele te ligou? Pelo amor de Deus, foi antes ou depois de você passar o dia comigo? Por isso que ele estava com tanta raiva de mim. Sabe... Eu pensei que aquele beijo significava alguma coisa — resmungou exasperado.

— Elton, claro que... eu gostei do beijo. É só que... você está complicando as coisas. Ele veio aqui ontem, depois da meia-noite para ser mais exata.

— Foi depois da nossa briga, Mel. Você não enxerga, não é verdade? Você não vê que ele é um covarde? Ele só vai te magoar, Mel. Você não compreende? Homens de famílias poderosas como a dele, nunca possuem direito de escolha. Ele vai ficar com quem a sociedade escolher, Mel. E, acredite, não vai ser você.

Ele falou com tanta convicção que senti minhas forças vacilarem.

Me senti magoada. Meu Deus, eu quase estava chorando novamente. Por que todo mundo insistia em me dizer isso? E se ele mudou? Se descobriu que realmente gostava de mim? Se optou por encarar a todos, para ficar comigo? Era um direito meu tentar, nos dar uma chance.

— Para. Chega, Elton, eu entendi seu ponto de vista. Mas eu já aceitei e não pretendo voltar atrás. Desculpa, eu deveria ter sido sincera com você. Eu deveria ter falado que sempre gostei do Rick.

Ele se ajoelhou à minha frente e segurou as minhas mãos com as suas.

— Eu nunca quis te magoar, eu só quero que você possa ser feliz. Mel, eu posso te ajudar a esquecê-lo. Você me conhece há anos. Sabe que posso ser bom para você. Que podemos sim ter uma chance.

Ai, meu Deus, ele parecia tão vulnerável, tão sincero.

— Elton, eu sinto muito. — E as comportas foram todas abertas. Meu choro era incontrolável. — Eu sempre gostei dele. E... E realmente não entendo por que você está aqui agora, pensando em nós além da amizade. —

O encarei confusa. Necessitava de respostas.

— Não tem como explicar, Mel. Nós sempre fomos amigos, você sempre foi doce, inteligente, linda. — Respirou fundo. — Só acho que temos muito em comum, que podemos ser bons um para o outro.

Para minha surpresa, Elton me abraçou com todo carinho e me deixou chorar sobre seu ombro. Quando me acalmei, ele se afastou, levantou e caminhou para a porta. Eu seguia muda. Palavras me faltavam nesse momento. Quando estava com a mão no trinco, ele se virou em minha direção.

— Pensa no que te falei, Mel. Eu sei esperar. Você tem até terça para decidir se vai ou não comigo no jantar. Quanto a nós dois... vou apenas esperar seu tempo. Boa noite.

Me deixou. Eu estava acabada emocionalmente, mesmo querendo acreditar que Rick e eu ainda tínhamos alguma chance, no fundo eu sentia que algo muito ruim estava para acontecer, eu só não sabia se realmente era uma espécie de sexto sentido ou meus medos falando mais alto.

Depois que Elton foi embora, segui sentada no sofá da sala enquanto as lágrimas escorriam por meu rosto. Me sentia doente, entristecida, as palavras que ele havia atirado sobre mim, ainda pesavam: *“Você não vê que ele é um covarde? Ele só vai te magoar, Mel. Você não compreende? Homens de famílias poderosas como a dele, nunca possuem direito de escolha. Ele vai ficar com quem a sociedade escolher, Mel. E, acredite, não vai ser você”*. E se ele tivesse razão?

Sara se aproximou, ajoelhou à minha frente com as mãos em suas coxas. Em seu olhar havia preocupação, carinho e cautela.

— Mel, não chore.

Suas palavras serviram apenas para aumentar o fluxo de água sobre meus olhos. Me puxou para o chão junto a ela e me embalou como uma mãe embala sua criança.

Ela foi paciente e aguardou até que me acalmasse, saí de seus braços e sentei cruzando as pernas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Você acha que sou louca, não é? Você também acredita que alguém como eu não possa conquistar o Rick?

— Pelo amor de Deus, Mel, não tem nada de errado em alguém como o Ricardo gostar de você. — Respirando fundo, ela continuou: — Eu só me preocupo com você, amiga, a família dele é... difícil. E o Ricardo não é um exemplar de homem corajoso.

— Eu sei.

Estava totalmente derrotada e começando a me perguntar se realmente havia sido uma boa ideia aceitar seu convite. As lágrimas voltaram mais uma vez. Mas que droga! Minhas emoções estavam sem controle.

— Amiga, não chore. Olha, você pode estar certa, vai que ele resolveu assumir de uma vez por todas que sente algo por você? E se esse jantar servir para isso, mostrar a todo mundo que ele não se importa com o que eles pensam?

Uma pontada de esperança surgiu dentro de mim, se existisse uma única chance que fosse, eu aproveitaria. Tudo bem que estava correndo o risco de cair e nunca mais conseguir levantar. Mas, desta vez, eu não iria recuar, não ficaria da janela apenas observando a vida passar.

— Sara, amanhã de tarde é minha folga, você iria comigo comprar um vestido?

— Pode ter certeza. — Sorriu animada.

— Obrigada.

Na segunda-feira pela manhã, a hora não passava, estava tão ansiosa para poder comprar meu vestido que não era possível se concentrar em mais nada. Às 13h, cheguei em casa e, para minha felicidade, Sara estava pronta me aguardando.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ei, boneca, está atrasada.

— Me desculpe, tive um imprevisto com os diários. Cinco minutos e estarei pronta, apenas vou jogar uma água no corpo. — Saí apressada para o quarto.

— Tudo bem.

Corri para o quarto, tomei um banho rápido, coloquei um short preto com uma regatinha branca confortável e uma rasteirinha, peguei minha bolsa e me encontrei com a Sara.

Seguimos para uma loja que sempre costumávamos visitar, ela não era tão elegante, mas seus preços cabiam em meu bolso. Um grande erro, duas horas depois eu estava exausta de tanto experimentar vestidos, saias e blusas e nada havia dado certo.

Sem outra alternativa, fomos para o shopping. Sara me levou a uma loja que ela sempre frequentava, os manequins eram negros, suas vitrines um sonho, em compensação as etiquetas gritavam *foge*. Hesitei na entrada da loja, ainda me decidindo se esse jantar compensava dois ou três meses do meu salário. E sim, eu queria estar linda e não envergonhar o Rick. Respirando fundo, entrei.

— Relaxe, Mel, eles aceitam cartão.

Sorri, concordando, não me importava em usar o cartão, mas o custo seria o mesmo de qualquer maneira.

As vendedoras foram simpáticas, já conheciam a Sara. Em vinte minutos, estava andando em direção ao provador com três vestidos na cor preta, cinco na cor branca e dois na cor preta e branca. Em todo o processo de experimentação, eu me recusei a olhar os preços.

Dos pretos, apenas um ficou bom, dos brancos nada ficou apresentável, já estava entrando em desespero, porque nada parecia ser bom o suficiente para estar ao lado do Ricardo e em frente à sua família.

Experimentei o primeiro misto e fiquei parecendo uma zebra. Odiei. Sara se acabou de rir. A vadia estava se divertindo à minha custa.

— Sara, nada aqui fica bom.

— Pare de reclamar, o preto ficou... apresentável e você tem mais um para provar. Anda logo, vai. — Me empurrou novamente para dentro do provador.

Me troquei de costas para o espelho, senti que precisava do elemento surpresa. Quem sabe assim o vestido me agradaria. Quando encarei o espelho, não conseguia acreditar em meus olhos. O Vestido era... perfeito. Com o fundo branco, de um ombro só, seguia todo drapejado no busto, coberto com renda preta, com detalhes minúsculos em pedras nas extremidades. O branco, abrindo levemente até os pés. Com uma fenda profunda sobre a coxa esquerda. Toda a imagem em si era impressionante.

Tomada por uma alegria sem tamanho, saí do provador em direção à Sara, que, assim que me viu, pulou de seu assento, sorrindo amplamente.

— Mel, caramba, você está incrível. Com toda certeza é esse.

— Eu sei. — Não conseguia parar de sorrir.

— Está realmente deslumbrante. — A vendedora aprovou. E somente agora me dei conta de sua presença.

Eis o momento da verdade. Seja corajosa, Mel.

— Qual o preço do vestido?

Sara engoliu em seco, eu sabia que ela estava preocupada com minha reação diante do valor, e que jamais aceitaria que ela me pagasse por ele.

— São R\$ 1.357,00 reais.

Congelei.

— Mel? Mel? Amiga respira.

Eu estava sem ar. Senhor, me belisca! Eu nunca comprei um vestido que custasse mais do que R\$ 130,00 reais.

— Eu preciso me trocar.

Segui de volta ao vestiário, não havia a menor chance de que eu assumisse uma dívida nesse valor por causa de um vestido. Mas todos os convidados estariam impecáveis, eu não podia ir de qualquer jeito. Eu precisava estar linda pelo Ricardo.

Me encarei novamente no espelho. Ele precisava ser tão perfeito? Moldar-se ao meu corpo com tanta precisão?

Respirei fundo. E acabei decidindo que iria comprar. Pelo Rick, por mim, pela nossa felicidade. Depois de passar o cartão em seis vezes, sim eu era professora, com aluguel, alimentação, transporte e todas as demais despesas. Gastar esse valor me deixaria no zero agora, mas estava feliz com minha decisão. Eu precisava de confiança e o vestido era perfeito.

— Vem, Mel, vou te pagar um suco.

— Isso é ótimo, porque, por sua culpa, eu acabei de ficar pobre.

— Não seja dramática, pobre você já é. Eu te deixei incrível, deveria me agradecer. — Sorriu, me lançando uma piscadela amigável.

Vadia!

Capítulo 16



Meu domingo havia sido um completo inferno, e para ajudar minha segunda estava um tormento. As reuniões seguiam, todos olhavam do Elton para mim curiosamente. Mas ninguém ousou perguntar por que estávamos com os hematomas. Falávamos apenas o necessário, e somente sobre negócios, a animosidade entre nós estava crescendo a níveis gritantes.

Sophie continuou a jogar, sempre por perto e me tocando todas as vezes que teve uma oportunidade. Meu pai ainda parecia constrangido e envergonhado com tudo que estava acontecendo. Tudo desmoronava à minha volta e o pior ainda estava por vir.

Eu precisava conversar com a Mel e contar que não poderia levá-la ao jantar. Pensei em ligar, porque não queria ter que olhar em seus olhos, quando falhasse com ela novamente. Mas isso seria uma completa canalhice, até pra mim.

Depois de um jantar torturante com Elton, Sophie e sua família, encontrei-me seguindo em direção à casa da Mel. Eu não podia esperar mais, não era justo com ela.

Eram exatamente 21h30 quando estacionei em frente à sua casa. E

totalmente infeliz, toquei o interfone.

— Olá.

— Oi, Sara, a Mel está?

— Ei, Ricardo, ela vai ficar feliz em te ver. Sobe aí, vou deixar a porta aberta e ir para o quarto, não quero atrapalhar vocês. Boa noite. — Ela estava animada.

Eu iria perder a Sara também, com toda certeza ela ficaria ao lado da Mel. Ela já havia me avisado para não magoar sua amiga outra vez, e eu estava indo fazer exatamente isso.

Parei em frente à sua porta, respirei profundamente e, por fim, entrei. Mel estava na sala, sentada no canto direito do sofá, linda, deslumbrante em um vestido florido. Assim que me viu, abriu um sorriso perfeito e veio em minha direção.

— Oi, Rick. — Me abraçou, dando um beijo estalado em minha bochecha.

Tentando aproveitar o máximo que podia, passei meus braços em sua volta, a puxando com força contra mim.

— Oi, Mel.

— Vem, vamos nos sentar na sala, você aceita alguma bebida, mas vai ter que ser água ou suco, é a única coisa que temos.

Parecia uma menina, não a via tão radiante e animada em muito tempo. E me matava saber que o único responsável por destruir essa imagem perfeita seria eu.

— Não quero nada. Só conversar com você.

Ela sorriu docemente, sentando-se ao meu lado.

—Estou feliz por estar aqui, fazia muito tempo que não visitava com frequência. — Suas bochechas ficaram um tom rosa, assumindo que estava constrangida por admitir que sentia minha falta.

Toquei seu rosto com carinho.

Decidi que não adiantava prolongar o nosso sofrimento, meu coração sangrava, uma dor terrível se apossava de mim, estava sentindo que a perdia a cada segundo que passava. E que jamais conseguiria recuperá-la. Tive que respirar bem fundo para não chorar. Sim, eu admito, estava a ponto de lágrimas, como um garotinho.

Mel parou de sorrir quando notou minha expressão. Me olhou com preocupação e amor. Eu seria condenado ao inferno por essa noite.

— Rick, aconteceu algo? Você está pálido.

— Mel, eu preciso que você se sente e me escute, tudo bem.

— Rick, você está me preocupando. Pelo amor de Deus, o que aconteceu? Minha mãe está bem? Foi meu pai?

— Sim. Calma, Mel, não é nada com eles.

Senti uma nova onda de tristeza.

— Então, o que está acontecendo?

Comecei a andar de um lado para o outro, não havia um jeito fácil de lhe dizer isso. Então fui direto ao ponto, encarando a única pessoa que jamais desejei machucar. Eu iria arrancar seu coração e jogá-lo fora.

— Não posso te levar no jantar na quinta. — Acabei soando brusco, frio e duro.

Vi quando sua expressão congelou, o brilho dos seus olhos se apagou. E ela, enfim, se sentou.

— Como? Por quê? — Sua voz era tão baixa que quase não se podia ouvir.

— Mel, não posso ir com você. Eu... Eu sinto muito.

— E o que mudou? Porque até ontem não havia nenhum problema em você ir comigo.

Seus olhos estavam marejados e sua voz falha. Seu olhar procurava pelo meu, magoado e confuso.

— Não... não mudou nada. — Engoli em seco. Havia um nó se formando em minha garganta.

— Então, me diga por que, Ricardo? Eu juro que não compreendo. — Havia lágrimas em seus olhos.

— Vou com a Sophie.

Esse nome a rasgou, a primeira lágrima escorreu de sua face, e minha única vontade era de correr até ela e consolá-la, dizer que precisava de um tempo, que logo tudo se ajustaria.

— Se você tinha a intenção de ir com ela, por que me convidou?

— Eu não tinha intenção de ir com ela. — A dor era evidente em seus olhos.

— Jura? — Soou amarga. — Olha, quer saber, esquece.

Levantou ficando a um braço de distância de mim.

— Mel. — Respirei fundo. — Eu preciso ir com ela. Mas depois tudo vai acabar, eu juro que é a última vez. — Ela precisava entender, eu não queria perder ela para sempre.

— A última vez? — Sorriu sem vontade. — Você está se escutando? Quantas vezes você já me disse essa mesma frase? Nunca terá uma última vez, Ricardo... Nunca.

— Mel, não é...

— Chega, eu estou cansada de suas desculpas, cansada de ser sua segunda opção. Não quero escutar mais nada.

Ela andava de um lado para o outro, balançando a cabeça em confusão. As lágrimas escorriam livremente sobre sua face. Meu coração estava destroçado.

— Sabe o que mais me magoa? É saber que confiei em você, que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

depositei todas as minhas esperanças em um homem que se comporta como um moleque, que aceita tudo que a mamãe e o papai falam, que nunca vai ter coragem de seguir com a própria vida. Você é um MERDA, RICK! — gritou, me assustando. Seus olhos brilhavam em fúria. Suas palavras eram como punhais lançados contra meu peito. Eu precisava explicar. Contar tudo.

Segurei seus ombros, mas ela se afastou.

— Não me toque. Não. Me. Toque. — Com essas palavras, congelei.

— Você fez sua escolha, Ricardo. Agora sai.

Corri em sua direção.

— Mel, não. Não me tire da sua vida. Me deixe explicar? Eu vou te contar tudo.

— Você está fazendo isso. Você é o único me tirando da sua vida. Não me culpe por sua covardia, por seu medo. Você teve tempo o suficiente para explicar. Tempo o suficiente para me chamar e conversar. Chega! Eu não aguento mais. Sai, Ricardo. Eu te avisei. Eu te avisei que era sua última chance. — Voltou a chorar copiosamente.

Me sentia impotente, arrasado, enquanto uma parte de mim morria.

— Eu nunca vou pertencer ao seu mundo, sempre serei a filha da empregada, não sou adequada para estar ao seu lado. Eu demorei para entender, mas agora eu compreendi. — Sua voz era um sussurro. Abraçava a si mesma, tentando se proteger.

— Chega de ilusão, chega de mentira. Cansei. Não vou mais te esperar. E se você não confia em mim para te ajudar, então não há nenhum motivo para continuar essa conversa.

— Mel, não é isso. Você é a mulher mais maravilhosa que eu conheço, você é incrível, linda. Mel, Eu... Eu... Eu te amo. — As palavras saíam sem controle, ela precisava entender.

— Não fala isso. Não agora. Por favor, chega. — Estava derrotada, abatida.

— Sai, Rick.

— Mel, eu não...

— Sai — pede em um sussurro.

— Mel, só mais uma chance. Me deixa explicar.

— SAAAAAI! — gritou.

— SAI DAQUI. EU NÃO QUERO MAIS FALAR COM VOCÊ. SAI.

Chorava compulsivamente. Sua dor era minha culpa.

— Sai.

— Mel, meu Deus, o que aconteceu?

Sara correu em sua direção.

— Tira ele daqui. Fala pra ele sair, Sara.

Sara me encarava com olhar de morte.

— Eu te avisei, seu desgraçado. — Um tapa veio tão rápido, que só percebi quando minha bochecha queimava pela dor. — Sai daqui.

Dei uma última olhada na mulher que tanto mal havia feito, agachada no canto, encostada na parede, chorando inconsolavelmente. Eu perdi minha branquinha. Eu a havia perdido.

— Eu sinto muito.

Fechei a porta atrás de mim, e a derrota se apossou de todo o meu corpo. O caminho para casa foi silencioso e doloroso. Eu estava drenado. Minhas emoções em frangalhos.

Nunca me esqueceria do seu olhar. Da maneira como havia me expulsado da sua vida. Jamais seria capaz de perdoar a mim mesmo pela dor que havia lhe afligido. Mel merecia mais, alguém que a fizesse feliz.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 17



Eu só conseguia chorar. A dor do engano me tomava por completo. Como pude ser tão burra? Como me deixei enganar mais uma vez? Meu Deus! Todo mundo havia me avisado, todo mundo enxergava, menos eu. Meu mundo havia desabado. Toda a alegria do meu corpo havia saído junto com o Rick pela porta.

Ele arrancou meu coração e levou embora. Essa havia sido a pior conversa do mundo. Eu já havia me sentido humilhada, e abandonada outras vezes, mas, dessa vez, o nível era maior. Minha dor era maior. Eu estava exaurida. Detonada.

— Vem, Mel, levanta.

Sara havia passado a última hora sentada ao meu lado em silêncio. Sua preocupação era palpável.

— Vem, Mel, eu te ajudo.

Parecia um robô. Com a ajuda de Sara fui para meu quarto, me deitei, ela me cobriu e apagou as luzes.

— Qualquer coisa, me chama — falou da porta tão abatida quanto eu.

A minha noite foi horrível, não conseguia dormir e a cada cochilo um pesadelo. Amanhecer na terça foi o maior sacrifício que já fiz. Ao abrir os olhos me deparei com o cabide e meu vestido perfeito. Meu primeiro impulso foi rasgá-lo. Mas me recusei a estragar algo tão belo e caro.

Ouvi batidas na porta, não precisava perguntar para saber quem era.

— Entra.

— Oi, você está bem? — Sara me encarava preocupada.

— Oi, estou sim.

— Mel, você vai pra escola?

— Sim. Só preciso de um minuto.

— Tudo bem. — Se virou para sair.

— Sara? — A chamei novamente.

— Oi.

— Você se importa de levar o vestido e tentar devolvê-lo na loja? Qualquer coisa você pode trocar ele por qualquer outra roupa.

Sara entrou e se sentou ao meu lado na cama.

— Não, Mel. Eu não vou devolvê-lo, porque você vai precisar dele.

— Sara, eu não...

— Sim, você vai. Mel, acorda. Agora é hora de você seguir em frente. Você vai ligar para o Elton e dizer que aceita ser sua acompanhante. E você vai. Nem que eu mesma tenha que te levar até lá. — Seu olhar não deixava o meu. Apesar de toda sua convicção havia um pontinha de dor em sua voz que eu não fui capaz de compreender, e nem tive forças para perguntar.

— Mas não sei se consigo.

— Mel, olha pra você. Você é inteligente, é bonita, sempre preocupada com todos à sua volta, está na hora de fazer algo por si mesma. Você vai nesse jantar. Vai se divertir. Porque eu não aguento mais uma noite inteira

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

escutando *Você me ensinou o amor*, da Natália Siqueira, e seu canto desafinado misturado a choro.

Sorri. Eu não sei o que faria sem ela por perto. Ela tinha razão, essa canção precisava sair de minha mente mesmo que explicasse o que estava sentindo.

*...Você me ensinou amor
Você me ensinou paixão
Tocou tão fundo minha alma
Mas machucou meu coração
Não sei se um dia vou amar alguém
Como amei você
Tudo de bom que eu aprendi
Hoje só me faz sofrer...*

— Obrigada, Sara.

Era mais do que apenas um agradecimento. Sara sempre estava ao meu lado independente da situação. Me apoiava, incentivava e cuidava. Eu só gostaria de poder fazer o mesmo por ela.

— Agora levanta, te dou uma carona.

Apesar de toda a dor que carregava comigo, o dia passou como um borrão. Quando cheguei em casa já se passava das 18h30. Sara não estava em casa. Segui para meu quarto, tomei um banho e comecei a preparar o jantar.

Sara chegou logo depois. Cumprimentou-me com um beijo, havia me trazido chocolate. Ela realmente se preocupava comigo. Seguiu para o seu quarto dizendo que precisava de um banho.

Talvez estivesse precipitando as coisas, ou quem sabe, tentando curar uma ferida de maneira errada. Mas naquela noite resolvi ligar para o Elton. Era chegada a hora de uma nova página.

No segundo toque, ele me atendeu.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Oi, Melzita.

Sorri com a menção do meu apelido e a forma carinhosa como ele o pronunciou.

— Oi. Como você está?

— Bem. A que devo a honra de sua ligação?

— Você gostaria de vir jantar comigo e com a Sara aqui em casa? Fiz estrogonofe.

Escutei seu riso do outro lado da linha, o que me encorajou e me deixou mais feliz.

— Pode apostar que eu vou.

— Perfeito. — Tentei soar sexy — Não demore.

Desliguei animada. Primeiro passo dado.

— Ai, Mel, estou acabada. Quem era no telefone?

— O Elton.

Sara congelou, derrubando a escova de cabelo. Fui obrigada a sorrir diante da cena.

— Você acha que aguenta aturar ele hoje, depois do Rick ontem?

— Sim. Fui eu quem o convidou.

Sara ficou boquiaberta me encarando em confusão.

— Sério? — Ela estava estranha.

— Sim. Sabe, uma amiga minha me aconselhou a seguir em frente.

Respirando fundo, Sara se endireitou e voltou a sorrir.

— Essa sua amiga é esperta.

— Sara?

— Oi.

— Você deveria trocar de roupa. Não quero que o Elton se apaixone por você com esse pijama.

— Opa. Verdade.

Voltou para o quarto correndo.

Meia hora depois, Sara e eu tomávamos vinho enquanto aguardávamos Elton chegar. Quando o interfone tocou, já sabia que era ele.

— Boa noite.

— Oi, Elton — o cumprimentei.

— Peruca — Sara o provocou.

Ele apenas sorria diante do apelido. Era ótimo que ele estivesse se comportando normalmente depois de nossa conversa no domingo, o que fez ganhar mais pontos comigo.

O jantar foi uma delícia, conversamos sobre os velhos tempos, relembramos quando saímos para os shows, sobre metas, sonhos e futuro. A cada novo detalhe que eu descobria sobre o Elton eu gostava ainda mais do homem que ele havia se tornado. Precisava de tudo quanto fosse possível, de admiração e respeito por ele. Eu não estava buscando por amor, mas eu precisava ter um carinho especial por ele.

Apesar do clima de amizade, Sara não parecia muito confortável e, às 23h, foi para seu quarto, com a desculpa de que precisava dormir, nos deixando a sós.

Durante os próximos minutos conversamos amenidades. E por mais ansiosa e nervosa que estivesse, aguardando o momento em que ele tocaria no assunto do jantar, ele não fez. Fiquei com medo de que ele pudesse ter desistido.

— Elton, posso te perguntar algo? — Por sorte, minha voz permaneceu tranquila.

— Claro. O que você quiser.

— Você ainda me quer como acompanhante para o jantar de quinta?

Ele abriu um sorriso incrivelmente lindo.

— Claro que sim, Mel. Só não falei nada, porque não queria te pressionar. Eu sei que havia dito que você teria que me dar uma resposta hoje, mas eu te esperaria até o último minuto de quinta.

Me senti derretendo. Uma fagulha de esperança fez com que meu coração batesse descompassado.

Desta vez, eu não seria covarde nem egoísta. Eu diria a verdade. Porque tudo que começava com mentira acabava mal.

— Elton, eu sei que você não perguntou sobre o porquê de eu ter mudado de ideia, mas eu preciso que você saiba.

— Mel, você não precisa me dar satisfação.

Seu olhar desviou do meu.

— Mas eu quero.

Com minha resposta firme, ele voltou a me encarar, acenando em concordância.

— Ontem o Ricardo esteve aqui. Ele me disse que não me levaria ao jantar, porque vai com a Sophie. Ele não disse, mas no fundo eu sei que é pelo fato de eu ser a filha da empregada e por ter servido em todas as festas anteriores. Ele tem vergonha de aparecer comigo ao seu lado. Eu sou inadequada. — Respirei fundo, engolindo o nó que insistia em se formar na minha garganta. As lágrimas ameaçavam voltar, mas, desta vez, seria forte.

— Estou te dando a chance de desistir agora. Se você tem outra pessoa mais adequada, vou compreender. Eu só te peço que seja honesto comigo. — Fechei os olhos tentando recuperar o controle das minhas emoções.

Nem sempre era fácil abrir mão daquilo que se amava. Não era simples dizer a si mesmo que acabou, que era hora de seguir em frente, trocar a

página e abrir o coração para novas experiências. Mas era preciso.

Podia ouvir os passos dele, enquanto ele caminhava em minha direção, sua proximidade era perceptível pelo seu perfume que pairava entre nós e o calor que emanava de seu corpo.

— Eu quero que você me olhe nos olhos, Mel. — Me encarou intensamente. — Eu só quero você. Te convidei porque nada me daria mais prazer do que te ter ao meu lado. Eu estou pouco me importando para o que aquelas pessoas vão dizer ou pensar. Você está me entendendo?

Apenas acenei positivamente com a cabeça.

— Ótimo. Eu venho te buscar, às oito.

— Obrigada.

Me puxou em sua direção e apenas me abraçou. Eu queria chorar, mas não faria isso com ele, ele não merecia.

— Eu gosto de você, Mel. Eu vou cuidar de você, é só você deixar.

Me afastei um pouco de seus braços. E o encarei, parecia tão sincero, tão verdadeiro. Por que não podemos escolher de quem gostamos?

— Não posso mentir pra você. Elton, eu... eu amo o Ricardo, sempre amei. Eu estou destruída agora e realmente quero esquecer ele, mas eu não posso te usar assim.

— Mel, eu estou pedindo que você me use. Estou aqui te dizendo que se você me der uma chance, eu vou te ajudar a esquecê-lo. A gente tenta, se não der certo, seguimos como amigos.

— Não acho que seja assim tão simples. Eu...

Colocou um dedo em meus lábios me silenciando.

— Eu vou embora agora. Você não precisa me responder de imediato. Um dia de cada vez, tudo bem?

Seu olhar abaixou em direção aos meus lábios e voltou a me fitar nos olhos. Intenso e caloroso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu vou te beijar, Mel.

Não era um pedido. Lambi os lábios, que ficaram secos de repente. Bastou um instante e seus lábios tocaram os meus. Foi diferente do primeiro beijo que trocamos. Era um beijo suave, doce, amoroso, ele estava tentando curar todas as minhas feridas. Estava me reivindicando para si. Naquele momento decidi que valeria a pena tentar. Talvez aquele fosse um sinal da vida me dando mais uma chance, devolvendo minhas esperanças e curando a necessidade de me sentir especial.

Capítulo 18



Os dias passavam em uma velocidade alucinante. Eu mal os notava. Minha vida se resumia a trabalhar, beber, trabalhar, beber... Havia virado um círculo vicioso. Não conseguia mais dormir, a bebida ajudava a entorpecer os sentidos, aliviando a dor. Estava com olheiras tão grandes que já havia considerado usar um corretivo. Todos na empresa me olhavam com curiosidade, tentando descobrir o real motivo por trás do meu abatimento.

Havia evitado me encontrar com qualquer pessoa da minha família fora da sala de reunião. Estava totalmente sem paciência com meu pai, com raiva da minha mãe e irritado com a minha irmã. Por outro lado, Sophie era outra história, sempre me vigiando, seguindo, me ligando, como se a qualquer momento eu fosse ceder e contar a todos a farsa que era nossa “amizade”.

Cada segundo dos meus dias, eu me lembrava da dor nos olhos da Mel, enquanto ela me implorava para sair de sua casa, com as lágrimas que insistiam em cair pelo seu rosto doce. Minha vontade era de poder voltar no tempo e abraçá-la, dizer que tudo ficaria bem, pedir que ela fugisse comigo para longe de tudo e de todos. *Minha branquinha, como torço para que um dia me compreenda e me perdoe.*

Naquela noite eu havia chorado como um bebê pela dor que causei a ela,

pela dor que me causei, por minha falta de coragem, por ter falhado com ela, mais uma vez. Minhas lágrimas eram para ela, por nós. Um nós que jamais existiu e que eu temia nunca existir.

Se eu tivesse a chance de mudar tudo. Se houvesse um meio de solucionar as coisas sem causar tanto estrago.

As reuniões seguiam bem. Tudo parecia estar se ajeitando e logo os contratos seriam assinados. Elton e eu nos mantemos profissionais e o mais longe possível um do outro. Essa semana ele estava muito feliz e a felicidade dele estava me incomodando.

Eu enviei mensagens para Mel, tentei ligar, mas qualquer tentativa de aproximação foi rejeitada. Ela estava magoada e com toda razão. A impotência diante da situação só me deixava ainda mais desestruturado e só, então, comecei a me dar conta de que meus sentimentos por ela estavam além da amizade. Era mais poderoso, doloroso e intenso.

Odiava o fato do dia fatídico do jantar ter chegado. Eu não queria ir com a Sophie. Eu não queria estar lá. Mas, como em todas as outras vezes, eu seria o filho perfeito, o funcionário exemplar, o ser que seguia os passos de seu pai e oferecia orgulho a sua família. Meu consolo era saber que Mel não estaria lá para presenciar esse circo de horrores e acumular ainda mais raiva de mim.

— Um beijo pelos seus pensamentos?

Passo.

— Oi, Sophie. Precisa de algo? — Não estava no clima de brincadeiras, ainda mais com ela.

— Recusando meu beijo? Que deselegante. Na primeira noite que nos conhecemos você bem que desfrutou — provocou sugestivamente, recordando da única vez em que estivemos juntos.

— Se voltasse no tempo, jamais a teria beijado. Já te disse que foi um lapso. Estava bêbado e não pensei na possibilidade de ser envenenado por seus lábios.

Eu sabia que a havia atingido com minhas palavras de repulsa. Pude perceber uma dor atravessar seu rosto. Mas, dane-se, se ela causou a minha, eu não me importava de causar a dela.

— Não precisa ir me buscar esta noite.

Meu Deus! Era bom demais para ser verdade, será que ela desistiu? Será que vai me liberar desse pesadelo?

— Ótimo — respondi secamente.

— Mas não pense em nenhum momento que irá se livrar da sua parte do acordo. Irei com meus pais.

— Tanto faz.

— Pelo amor de Deus, Ricardo. Estou aqui parada na sua frente e você não se dá ao trabalho de levantar os olhos do computador. — Estava irritada, aumentando seu tom de voz. — Será que pode, pelo menos, fingir respeito?

Maldita!

— Quer atenção? Vai incluir isso em nosso acordo também? — Meu tom foi cru e irônico. — Se quer respeito, o conquiste. Até onde sei, a nossa farsa se limita aos círculos sociais e não quando estamos a sós.

— Vai à merda, Ricardo. Esquece essa garçonne. Eu sou seu futuro. Se conforme.

— Não fale dela. Não abra sua maldita boca para falar um “A” sobre ela.

Ela queria minha atenção, agora ela tinha. Eu estava furioso de pé, a encarando.

— Veja só. Não é que você tem um ponto fraco. — Sorria descaradamente.

Olhou-me de cima a baixo, avaliando meu estado.

— Espero que faça a barba, e que coloque algo apresentável. Está parecendo um zumbi. Horrível, Ricardo. — Seguiu em direção à porta, pisando duro. — Chegarei por volta das oito e meia da noite. Esteja pronto

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para me receber na garagem, de preferência com um belo sorriso.

Saiu fechando a porta atrás de si. Desprezível! Se havia como, meu ódio por ela se elevava a cada segundo.

Eram quase 21h, eu já havia bebido três taças de vinho e nada de me acalmar, o jantar estava intolerável. Minha mãe me enchia por causa de minha aparência cansada e emagrecimento. Minha irmã me importunava querendo saber por que Elton não chegava e Sophie grudada em meu braço como um carrapato, mesmo com toda a rejeição.

Na verdade, estava dando graças a Deus pelo bastardo não ter vindo. Eu ainda estava tentando digerir o dia que ele havia passeado com a Mel, em sabe Deus onde. E o fato de ter plena certeza de que ela o estava atendendo e vendo.

Como prometido Sophie chegou pontualmente, às 20h30, e se manteve próxima. Apesar de suas tentativas de me incluir nas conversas com nossas famílias, eu mantive minha postura fria. Meu pai parecia tão aflito quanto eu, me olhando de canto de olho e se não estivesse ficando louco, uma ou outra vez senti culpa em seu olhar. E se os pais de Sophie perceberam minha mudança de humor, não comentaram nada.

Notei que todos observavam a entrada da tenda, minha mãe que há pouco sorria, agora estava pálida, minha irmã com raiva em seu olhar e Sophie aumentando seu aperto em meu braço. Quando me virei para ver o motivo de tamanha comoção, meu coração parou.

Mel.

Ela estava incrível, perfeita, tão linda como as flores na primavera. Nunca a vi tão espetacular. Todos a olhavam com curiosidade e admiração. Meu Deus! Senti minha boca secar, meu coração voltou a pulsar acelerado, todo o meu corpo reagiu diante da mulher na entrada, sorrindo docemente

para os convidados que a cumprimentavam receptivos.

Ao seu lado o desgraçado do Elton, todo orgulhoso, sorridente, com uma mão nas suas costas possessivamente. Fechei minhas mãos em punhos. Ela era minha. Por que esse desgraçado estava com as mãos sobre ela? A fúria me tomou.

Mas que direito eu tinha sobre ela? Fui eu quem a rejeitou. Maldição! Eu mataria um naquele momento.

Não havia a menor chance de sair intacto, depois daquela noite.

— Ora, ora. Vejo que o Dr. Torres possui o mesmo gosto terrível para mulher quanto você — Sophie provocou. Preferi ignorá-la. — Será que ela pensa que por usar um vestido bonito a torna como nós. Sua presença é um ultraje!

— Cale a boca, Sophie. Juro que em silêncio você é mais inteligente e menos insuportável. — Seus olhos se arregalaram diante do meu ataque. Nem eu mesmo conseguia acreditar no que havia acabado de falar. — Ela está linda, é uma convidada e merece respeito.

— Pelo amor de Deus, Ricardo. Fale baixo.

Bufei, irritado, a empurrando para longe.

Quando estava retomando o controle dos meus nervos, tudo voltou a desandar, Elton e Mel, caminhavam em nossa direção.

Meu coração estava acelerado, uma verdadeira fúria me consumia. Elton sorria tanto que seu rosto poderia ser partido em duas partes. A cada passo que se aproximavam, mais sangue quente corria em minhas veias, aumentando meu descontrole, permitindo que a raiva me consumisse. Ele estava a tocando, possessivamente, como se tivesse algum direito sobre ela.

— Boa noite, Ricardo — Elton disse me estendendo a mão.

— Boa noite. — Por mais que tentasse me controlar, tenho certeza de que a raiva ficou evidente em minha voz e na força com a qual apertei sua mão.

Virei em direção ao objeto de minha felicidade e dor. Estava perfeita, parecia uma boneca de porcelana, senti que meu coração se partia em um milhão de pedaços. Minha amada, minha branquinha, estava nos braços de outro homem.

Capítulo 19



Amanheci na quarta-feira, muito mais disposta e confiante. Ainda me doía lembrar todo o ocorrido com o Rick, mas eu havia tomado a decisão de seguir em frente e era isso que iria fazer. Eu precisava focar em coisas positivas e felizes, e o Elton me trazia exatamente essas emoções. Depois de nosso beijo, ele foi embora, sem cobranças, exigências ou julgamentos.

Naquela tarde, quando estava chegando em casa do trabalho, eu fui surpreendida com um lindo buquê de rosas amarelas, mas o que mais amei foi o cartão.

Oi, linda.

Escolhi amarelas porque representam respeito, alegria, amizade, desejo e AMOR.

Espero que esteja melhor.

Elton.

Quando li o cartão, meu coração foi inundado por esperança. Esperança de uma segunda chance. Esperança de que ainda havia alguém esperando por mim. Esperança de poder ser amada. Esperança de conseguir, enfim, ter uma família, afinal de contas ninguém fica mais jovem com o passar do tempo. E eu não era diferente de qualquer garota que sonhava com um véu, grinalda e casa com a cerca branca.

Hoje era o grande dia, o dia que enfrentaria meus demônios, eu estava apavorada, com medo de envergonhar o Elton, de não conseguir segurar as lágrimas ao ver o Rick, medo de sua família me expulsar, de Anabel ou Sophie me humilharem.

Eu havia ligado para minha mãe e contado todo o ocorrido, não havia motivos para mentir para ela, mas a poupei de alguns detalhes. Falando apenas que Rick havia me convidado, mas que depois optou por ir com Sophie. Tentei falar que não me importava e que estava tudo bem, mas mãe era mãe e ela sabia a verdade. Ela fingiu que havia compreendido e apenas ficou feliz por eu estar indo com o Elton.

Novamente fui surpreendida pelo carinho e cuidado de Elton, quando cheguei em casa na quinta do trabalho. Sara veio em minha direção e me entregou uma embalagem de coração linda.

— Você é uma cadela sortuda. — Sorriu.

— Aposto que sou. — Retribuí o sorriso. Fiquei animada, nem precisava ver o cartão para saber de quem eram.

— Abra, tenho certeza de que são aqueles bombons deliciosos com recheio de licor. — Sara era chocólatra. Certeza que estava querendo ganhar um.

— Hum, acho que vou guardar para comer apenas na semana que vem.

Seus olhos arregalados e suplicantes eram sensacionais.

— Você vai me fazer implorar, não é?

— Com certeza — provoquei.

— Vamos fazer um trato?

Concordei com um aceno de cabeça.

— Eu arrumo seu cabelo e faço sua maquiagem, se você me der dois bombons.

Fingi pensar a respeito.

— Combinado.

Ela sorriu maliciosamente para mim.

— Eu teria te arrumado sem nada em troca.

— E eu teria te dado os bombons de qualquer jeito.

Gargalhamos.

— Não vai ler o cartão? — Sara e sua curiosidade.

— Vou.

Oi, linda.

Não resisti. Preciso que saiba que sempre estou pensando em você.

Elton.

— Amiga, que lindo. — Sara tinha aquele olhar bobo, apaixonado.

— Ele é... — Não sabia como definir.

— Ele é incrível, lindo, doce, querido, amoroso? — Ela parecia ponderar cada elogiou.

— Sim, ele é. — Eu poderia falar o que mais?

— Agora suba e vá tomar banho. Já são 18h30, você tem apenas uma hora e meia para ficar deslumbrante.

Sem mais nenhuma palavra, fui para meu quarto e tomei um banho. Eu queria estar linda para o Elton. Ele merecia o meu melhor. E era exatamente isso que eu lhe daria, mesmo que ainda não pudesse entregar meu coração a ele.

— Mel?

— Oi, Sara. Já tomei banho. Pode entrar.

Ela estava segurando os chocolates.

— Você não abriu. — Seu sorriso era contagiante.

Abri e entreguei três para ela. De cara, já abriu um e começou a comer. Depois me colocou sentada de frente para minha penteadeira e começou a mexer no meu cabelo, fez uma escova, depois cacheou as pontas com o babyliiss e os prendeu com grampos. O resultado foi fantástico, um coque elegante, parecia coisa de profissional.

— Amiga, ficou perfeito. Eu não sei como você consegue fazer essas coisas. — Eu estava muito feliz com o resultado.

— Não é nada de mais. Que bom que gostou. Mas agora me deixa fazer sua maquiagem, temos apenas meia hora.

Continuei sentada, agora de costas para o espelho, enquanto Sara fazia sua magia. Momentos depois ela me olhava com admiração, eu estava ansiosa.

— Pode virar.

Quando me virei, não conseguia acreditar no reflexo, a imagem que refletia de volta para mim, não podia ser eu. Minha pele estava lisa, perfeita e tão natural ao mesmo tempo, havia um iluminado que deixava meus olhos enormes. Nos olhos a sombra era um esfumado diferente, havia um toque de lilás junto com todo o preto e marrom, um delineado fino na raiz dos meus cílios. Gente, e que cílios, eles estavam enormes, com toda a máscara que Sara havia usado. Nos lábios, havia apenas um toque de brilho com um fundo rosadinho. Eu me sentia linda, poderosa e sofisticada.

— Sara, ficou perfeito. Juro que quase posso chorar.

— Nem ouse em fazer isso. Vai estragar todo meu trabalho — choramingou.

— Obrigada.

— Não me agradeça, você me pagou, lembra? — ela disse indicando os chocolates.

— Vem, Mel. Te ajudo a colocar o vestido.

Primeiro Sara escolheu minha lingerie, uma calcinha fio dental linda de renda branca, com um sutiã tomara que caia da mesma cor e renda. Depois me ajudou a colocar o vestido.

Quando me olhei no espelho, o resultado era impressionante. Me senti como uma princesa, como essas mulheres de revista. Se antes eu estava com medo de envergonhar o Elton por não me parecer como as demais mulheres da festa, agora eu estava confiante e animada.

— Obrigada, Sara. Mesmo. — Estava segurando as lágrimas.

Tudo que eu mais queria, era olhar para o Rick e sua família e calá-los e agora eu estava pronta para isso.

Sara me deu um abraço, fez os últimos ajustes no meu cabelo.

— Amiga, quero que use esses sapatos, essa bolsa, esses brincos e pulseira. — Sara apontou em direção à minha cama. Eu não sabia quando ela havia colocado aquelas coisas ali. O sapato era preto com o solado vermelho, lindo. A bolsa branca e preta com alguns detalhes brilhantes, combinando com os brincos e as pulseiras.

Sim, era meu conto de fadas.

O interfone tocou e Sara e me disse para esperar cinco minutos e depois sair, que ela iria abrir a porta para o Elton.

— Mel? — Sara chamou minha atenção parada rente à porta. — Me prometa que independente de qualquer coisa, você irá aproveitar a noite e ser

feliz?

Forcei um sorriso, engolindo as lágrimas que eram de pura emoção. Sara era o mais próximo de uma irmã que eu tinha. E sua dedicação e amor faziam com que me sentisse especial.

— Prometo que vou tentar.

Ela fez um aceno satisfeito e foi atender a porta.

Assim que os cinco minutos passaram, eu peguei a bolsa e saí em direção à sala. Elton estava de costas para mim, o que foi bom, porque pude observá-lo um pouco. Seu terno era negro como a noite, esplêndido, o paletó moldava seus ombros largos, a calça descia reta, escondendo aquelas pernas fortes e torneadas.

— Oi — minha voz soou baixa.

Eu estava morrendo de medo de sua reação. Ele se virou ao meu chamado, e quando me viu seus olhos se arregalaram, seu olhar brilhou com admiração e desejo. Sua boca se curvou em um sorriso perfeito.

— Mel, você está... maravilhosa. — Havia admiração em sua voz. — Uau! Eu sou um bastardo sortudo, terei a mulher mais linda da festa ao meu lado.

Ele andou em minha direção, pegou a minha mão e entrelaçou os nossos dedos.

— Pronta para ir, minha princesa?

— Pronta. A propósito, obrigada pelas flores e o chocolate, eu adorei.

— Foi um prazer. Quero te mimar, Mel. — Elton foi tão doce. Eu poderia me apaixonar por ele, não poderia?

— Realmente foi um prazer, quando quiser esteja à vontade para mandar mais chocolates, a Mel adora. — Sara sorriu diabolicamente de onde estava, próxima a ilha da cozinha.

— A Mel, não é? — Elton disse me dando uma piscadela.

— Vocês formam um par e tanto — sussurrou com a voz embargada e olhar terno.

— Obrigado — dissemos em uníssono.

— Vamos? — Elton voltou a me fitar, dando um leve aperto em meus dedos.

Acenei concordando.

Antes de sair precisei voltar e abraçar minha amiga, que parecia um pouco mais melancólica que o normal. Ela sussurrou um *divirta-se* malicioso em meu ouvido, e voltou a sorrir.

Elton também se despediu dela e em cinco minutos estávamos a caminho do tão esperado jantar.

Desde que chegamos à festa, eu havia sido apresentada a tantas pessoas diferentes, que seria difícil me lembrar do nome da metade delas. Mas uma pessoa eu nunca perdia de vista: Rick. Estava tão lindo de terno, com sua camisa branca e gravata preta e branca. Eu sabia que teria que encará-lo em algum momento, mas desejava que demorasse.

Elton era maravilhoso, o tempo todo me apresentando às pessoas, me envolvendo na conversa, sorrindo e me animando. Ele sabia que eu não estava cem por cento segura, mas fazia o possível para me deixar pelo menos oitenta.

Conheci os pais de Sophie e eles foram tão encantadores, que era difícil acreditar que eram parentes daquela bruxa. Depois de mais algumas apresentações, estávamos seguindo agora em direção ao Rick.

— Não se preocupe, minha princesa, eu estou aqui. Se você cair, eu prometo não rir muito. — Tive que sorrir. Elton estava tentando quebrar o gelo.

— Você é um idiota!

— Mas você gosta de mim mesmo assim.

Rick me olhava com admiração. Em seu olhar eu podia ver arrependimento e dor, mas eu não me deixaria enganar novamente. Não seria mais a boba esperando por ele.

Elton sorriu.

— Nós não precisamos cumprimentá-lo, Mel — sussurrou preocupado, enquanto a cada passo nos aproximávamos mais dele.

Apreciei sua preocupação. Mas de qualquer forma, eu estava disposta a enfrentar o momento de cabeça erguida.

— Vou ficar bem.

Paramos diante do Ricardo, seus olhos me buscavam avidamente. Quando notou nossas mãos entrelaçadas, seu maxilar cerrou e pude notar a maneira como seus lábios se comprimiram.

— Boa noite, Ricardo — Elton o cumprimentou, estendendo a mão em sua direção.

— Boa noite. — Por mais que ele tentasse controlar, eu notei a raiva em sua voz. Eu o conhecia bem demais para que o ato passasse despercebido.

Rick virou em minha direção.

— Não sabia que viria. — As palavras saíram roucas, contidas e frias.

Mudei meu peso de um pé para o outro, desconfortável.

— Bem, como você pode ver, Elton me convidou e eu aceitei. — Tentei controlar a dor e a tristeza pulsante em meu peito.

Rick abriu a boca como se fosse dizer algo. Porém, acabou sendo interrompido por dona Alice, que chegou toda animada.

— Boa noite, pensei que havia desistido de vir. — Dona Alice sorriu, cumprimentando o Elton.

Vi quando notou minha presença, ela até tentou disfarçar sua surpresa, mas foi em vão. Seus olhos estavam arregalados e abriu e fechou a boca algumas vezes, sem emitir nenhum som.

— Boa noite, querida, está deslumbrante! — elogiou me deixando sem reação.

— Boa noite, dona Alice, a decoração está maravilhosa. — Obriguei-me a ser educada e contida. Não queria envergonhar Elton e nem despertar a ira de dona Alice. O medo de ser expulsa ainda me deixava inquieta.

— Dona Alice, Ricardo, se nos dão licença, gostaria de apresentar Mel a mais algumas pessoas.

Fiquei feliz quando Elton interveio e saiu me puxando ao seu lado, nos afastando de todo aquele cenário inesperado e constrangedor.

Dancei algumas vezes com Elton e foi relaxante, ele ficava falando como eu estava linda, que todos os homens da festa estavam com inveja dele, e loucos para arrancar meu vestido. Apenas sorria e dizia a ele que a atenção era para ele, e que todas as mulheres se perguntavam porquê eu e não elas.

Tudo estava tranquilo, até que fomos direcionados para o jantar e eu tive que ficar sentada de frente para o Rick e a loira de plástico Sophie que não parava de tocá-lo, mas isso não foi o pior.

Anabel não parava de me fuzilar com o olhar. E o sorriso sarcástico e maléfico que ela me lançava, me dizia que viria algo por aí. E eu não estava enganada.

— Veja só. Melissa, querida, como é estar no jantar como convidada e não como uma... garçoneiro?

Tudo ao meu redor se silenciou. Olhei para baixo, sentindo meu coração afundar, enquanto esperava por um novo golpe, ou ser convidada a deixar a mesa.

— Não entendi. Como assim, garçoneiro? — Helena, mãe de Sophie, perguntou com curiosidade.

— Eu... — Tentei falar, mas as palavras pareciam não querer sair. Engoli em seco. — Eu trabalhei em algumas festas dos Belmontes como garçomete, senhora. — Não queria me envergonhar pelo que precisei fazer para me manter. Poderia não ter nascido em um berço de ouro, mas tinha plena certeza de que valia muito mais que muitas das pessoas que ali estavam sentadas.

— Mamãe, por favor. Ela é a garçomete sem jeito, que serviu vinho ao Rick no momento de nosso brinde. Lembra-se? — Sophie me encarou com desprezo.

— Acredito que basta. — Elton bateu com seu guardanapo na mesa se levantando. Me assustei com a rispidez em sua voz. — As informações que estão fornecendo são totalmente desnecessárias. Para quem possui alguma curiosidade sobre minha acompanhante, essa é Melissa Barboza, uma amiga de longa data e muito especial. É a mulher mais inteligente e fascinante que eu tive o prazer de conhecer em toda a minha vida. Se pretende continuar a desrespeitando, nos retiraremos desta mesa.

Sorri em sua direção, agradecida e emocionada.

Pela primeira vez, eu não estava sozinha. Elton me defendeu, tive vontade de abraçá-lo e agradecê-lo para o resto da minha vida. O restante do jantar correu maravilhosamente bem e por um momento relaxei e apenas desfrutei. Até que Sophie sorriu para Anabel e disse que estava namorando Rick. Eu não conseguia acreditar. Tudo que ele havia me falado na segunda era mentira. Havia um buraco vazio no peito, onde um dia existiu um coração. Meus olhos ficaram marejados e eu estava prestes a me envergonhar, quando Elton veio em meu socorro pela segunda vez.

— Vamos, princesa, vamos dar uma volta. Está tudo bem.

Eu apenas concordei e aceitei a sua mão. Elton caminhou com as mãos entrelaçadas à minha, no caminho todos nos observavam com curiosidade, mas ninguém se aproximou. Fiquei grata. Quando chegamos em um canto isolado, Elton ficou de frente para mim.

— Se sente melhor?

— Sim. Me desculpe, fui pega de surpresa. — Eu não queria estragar a noite dele.

— Tudo bem, Mel, todos fomos pegos de surpresa.

— Eu cheguei a pensar que ele gostava de mim — balbuciei na esperança de que ele me compreendesse.

— Mel, eu também pensei isso. Mas suas atitudes não são de quem ama alguém.

— Eu sei.

Ficamos em silêncio por mais algum tempo, afastados de todos.

— Podemos ir embora, se você quiser.

— Não. Eu vou ficar bem.

— Ok, então vamos dançar de novo.

Eu tinha o melhor homem do mundo na minha frente. E por que ainda estava pensando no idiota que só me magoava?

Sorri para Elton quando a canção acabou e nos preparávamos para a próxima.

— Será que posso, pelo menos, ter a honra da próxima dança?

Fiquei sem saber como reagir, apesar de ter passado vários momentos da noite o observando, eu não sabia se seria uma boa ideia essa proximidade. Olhei para Elton buscando ajuda, ele apenas acenou afirmativamente. Rick acompanhou seu movimento e sem precisar de mais nenhuma resposta, me pegou pela mão e me conduziu para o meio da pista de dança, onde os demais casais se aglomeravam.

Meu coração estava acelerado, todos pareciam estar nos observando. Assim que nos posicionamos, a música mudou, e para o meu desespero começou a tocar *Someone Like You*, da Adele. Meu mundo rodou, minhas pernas ficaram bambas, um nó se formou em minha garganta e o meu medo era começar a chorar ao escutar a música que tanto falava sobre o que eu

estava sentindo.

Não podia encará-lo, então apenas fiquei procurando o Elton como uma louca pelo salão em busca de socorro. Seu toque me queimava, a cada palavra cantada pela Adele era como uma facada em meu peito. Precisava de ar puro, precisava de espaço, ficar o mais longe possível dele.

Eu esperava que você veria meu rosto

E que você se lembraria

De que pra mim, não acabou

Deixe para lá, eu vou achar alguém como você

Não desejo nada além do melhor para vocês também

Não se esqueça de mim, eu imploro

Vou lembrar de você dizer

Às vezes, o amor dura, mas, às vezes, fere.

Senti o aperto aumentando, meus pés começavam a não me responder mais, uma lágrima solitária escorreu por minha face. Rick percebeu e com o polegar a secou. Minhas entranhas se apertaram. Maldição! Por que as coisas não podiam apenas ser simples? Por que ele não podia apenas me amar?

— Mel, me perdoa. — Sua voz estava repleta de dor.

Apenas acenei negativamente com a cabeça, não porque não o perdoava, mas para ele parar. Ele colocou sua mão na curva do meu pescoço, acariciando minha bochecha com o polegar.

— Me espera, me dá mais uma chance. Mel, por favor, tenta entender o meu lado?

Mais lágrimas se formavam em meus olhos, por suas palavras, por seu toque, eu estava sendo consumida por todos os sentimentos ocultos dentro de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mim.

— Não posso, me perdoa. Rick, eu não posso. Isso está acabando comigo.

Graças a Deus, Elton chegou bem nesse momento e me salvou.

— Se você me dá licença, eu preciso de minha acompanhante. — Sua voz soou firme, sem a menor chance de contestação.

Eu aceitei de bom grado sua mão. Sem precisar dizer nada, apenas com o olhar, Elton compreendeu minha confusão emocional e me levou para o jardim, longe de tudo que estava me rasgando.

Quando estávamos afastados o suficiente, ele me puxou para um abraço. Escorada em seu peito, me senti protegida e segura. Elton havia se tornado meu pilar e, mesmo amando Rick, eu precisava seguir em frente. E ele estava me dando essa chance. Engoli cada lágrima, engoli toda a minha dor. Eu não faria isso com o Elton, eu não faria isso comigo.

— Está melhor?

— Sim, obrigada. Elton, me perdoa, eu não quis... é que...

— Shhh, está tudo bem. Eu pude ver nos seus olhos seu pedido de socorro. Mel, eu estou aqui para você, por você. Eu sou paciente, eu sei que o Ricardo está vivo dentro de você, mas, minha princesa, eu vou te ajudar a passar por tudo isso. — Seu olhar era tão intenso e sincero.

Sabia que Elton não me amava, mas ele gostava de mim e estava disposto a me ajudar. Quem sabe juntos poderíamos encontrar uma nova forma de amor.

— Obrigada — sussurrei forçando um sorriso.

— Vem, minha linda, acho que já deu por esta noite. Vou te levar para casa.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 20



Nosso coração tende a ser teimoso, querendo apenas o que quer e pronto. Ele não está acostumado a ser contrariado e por mais que nos esforcemos, por mais que desejemos ser capazes de mudar suas estúpidas escolhas, ele sempre irá querer apenas o que deseja, guiando-nos por caminhos perigosos, espinhosos e traiçoeiros.

Fiquei parado no centro da pista de dança, observando enquanto Mel partia com Elton. Me culpava por ter sido tão idiota e nunca ter notado o quanto ela verdadeiramente era especial e minha. Amargava o fato de que outro apareceu e ameaçou levá-la para longe de mim, para que me desse conta do quanto ela sempre foi a única. A única a iluminar meus dias com seu sorriso. A única que sempre me esperou e apoiou.

— Para quem acabou de assumir um namoro, você parece bem preocupado com outra mulher. — Meu pai parou ao meu lado, olhando para o mesmo local que tão insistentemente eu seguia encarando, como se Mel fosse voltar correndo para os meus braços a qualquer momento.

— Acho que não precisamos bancar os hipócritas aqui, não é? — Sei que fui rude e grosseiro, mas quando virei pude ver a tristeza no olhar de meu pai. Talvez, no fundo de seu coração, ele estivesse se sentindo culpado em

me ver tão derrotado. — Nunca pedi para namorar a Sophie. Ela mentiu, não assumi nada. Ela apenas queria ferir a Mel e me enlouquecer. E, adivinhe, ela conseguiu.

Sorri amargamente. Meu pai abaixou o olhar fitando seus sapatos.

— Mas isso não importa, a merda já foi feita. Então agora apenas desfrute, seu tão sonhado acordo vai ser assinado — cuspi enfurecido jogando em sua cara toda minha frustração.

— Tudo bem, eu mereço. Acabei com a empresa, não fui capaz de trazer lu...

— Basta, aqui não é o momento, nem o lugar para falar sobre isso. Aconteceu e pronto, não há como mudar — o cortei. Estava cansado da mesma ladainha.

Segui para dentro de casa, não aguentava mais essa festa, logo Sophie viria atrás de mim, para levá-la até sua casa. Mas eu precisava de espaço, de tempo e ficar o mais longe dela para não cometer uma loucura.

Dentro da casa, estava tudo tranquilo, apenas alguns funcionários transitavam em seu interior. Segui em direção à outra porta e quando me dei conta já estava parado de frente para a casa dos pais de Mel.

— Perdido, meu jovem? — A voz familiar do senhor Nelson, pai de Mel, trouxe paz para o meu coração. — Me desculpe, não quis te assustar.

— Não foi sua culpa, só não esperava te encontrar aqui fora a essa hora. — Me aproximei.

— E você, não deveria estar lá se divertindo?

— Sem diversão nenhuma. — Me acomodei na cadeira ao seu lado.

— Espero que isso não tenha a ver com o fato de minha menina ter estado lá como convidada ao invés de garçonne.

Sobressaltei-me. Será que ele realmente pensava que eu agiria assim com a Mel?

— De forma alguma. Nunca a enxerguei apenas como a garçonete, senhor Nelson. Mel é especial para mim.

Ele pareceu analisar minha resposta. Senti-me desconfortável.

— Será mesmo, meu filho?

Gelei. Meu coração parou uma batida. Ele tinha razão? Eu realmente a tratava como todos os demais? Meu Deus! Eu era um monstro.

— Não precisa ficar se condenando, Ricardo, a culpa não é sua.

— De certo modo, eu digo que é sim. Sabe, senhor Nelson, você tem razão, eu nunca fiz nada para ser diferente dos demais. — A culpa me consumia.

— Melissa ainda está aí?

— Não, senhor, eles foram embora há algum tempo.

Respirou profundamente, aliviado. Estava preocupado com ela?

— Ela está bem, senhor Nelson. Elton a levou para casa. Pelo que sei é um amigo antigo.

— Sim, ele é. — Fitou as luzes que iluminavam o caminho até a tenda onde a festa estava acontecendo. — Ricardo, não leve a mal o que vou te dizer, mas você é um burro!

Pisquei cético com suas palavras, ele havia me chamado de burro?

— Como?

— Um burro, meu filho. Sabe, desde que eram pirralhos correndo por essa grama... Toda vez que você trancava Anabel em seu quarto para ela não vir atrás de você, e vinha correndo para chamar Melissa para brincar, lá no fundo eu podia sentir que você a amava. Amava a minha menininha. Eu falava para Ellen: “Olhe, esse será nosso genro”. Cada vez que você aparecia, minha menina se iluminava. — Ele parecia perdido em meio às lembranças. — Mas com o tempo, tudo foi mudando, vocês cresciam e seguiam por caminhos diferentes, o que é normal. Você indo para as melhores escolas,

viajando nas férias com seus amigos; e Mel indo para a escola pública, e trabalhando nas férias como garçom para sua mãe, ou na padaria da esquina, para juntar dinheiro para comprar um presente de feliz aniversário para você. Ela sempre me falava: “Papai, esse ano ele vai me convidar para a festa”, mas então você não a convidava, sua mãe não a chamava para trabalhar, e ela ficava aqui, exatamente onde estou, olhando para sua festa, seus amigos, segurando o presente em suas mãos enquanto chorava.

Senti meus olhos lacrimejarem. Olhei em direção ao senhor Nelson, ele contemplava o céu, engolindo em seco, tentando controlar as próprias lágrimas, até que se recompôs e voltou a falar:

— E eu, meu filho, ficava ali da janela, a observando, me sentindo impotente, me sentindo o pior pai do mundo por toda a dor que ela estava sentindo e não poder fazer nada. Quando a festa acabava, ela ia até sua casa, chamava por você e a única resposta que possuía era de sua mãe: “Ele está muito cansado, menina, volte amanhã”. Ela nem respondia, apenas saía, ia até a lixeira, jogava o presente lá e voltava para casa. Quando perguntava pra ela o que você tinha achado, ela abria um grande sorriso e falava: “Papai, ele adorou, disse que foi o melhor presente de todos”, mas eu sabia que era mentira, eu sabia o quanto ela estava triste, eu sabia que o presente estava no lixo. Mas ela gostava demais de você para permitir que sua mãe ou eu a afastássemos de você. Com o passar do tempo, ela desistiu por conta própria, não se importando mais. O brilho em seus olhos foi se apagando e ela passou a entender a que lugar ela pertencia.

Eu estava destruído. Nunca em toda a minha vida havia parado para pensar em todo o mal que eu havia feito para Mel. Mas agora, meu Deus! Eu me odiava. Desde pequena ela havia sido mais corajosa que eu. Eu não a merecia, nunca mereci nem sua amizade. As lágrimas escorriam pelo meu rosto livremente, palavras não saíam de minha boca, então apenas continuei escutando.

— Não estou te contando isso, para te atingir, meu filho. Mas sim para te ajudar a entender o que eu quis dizer te chamando de burro. Minha menina é especial, e por mais que você a deixasse de lado, ela sempre foi atrás de você, foi paciente, amiga e companheira, ela nunca te exigiu nada, pelo contrário,

ela sempre se doou. Eu pude ver quando os sentimentos dela passaram de amizade para o amor. E talvez você não tenha percebido isso, mas eu sim. Eu sabia que era loucura, que ela ia sofrer, mas eu não podia fazer nada. No fundo, eu tinha esperança de que ela pudesse viver seu conto de fadas, que você pudesse amá-la, como ela te amava. Que você iria enfrentar essa sociedade e sua família e assumir esse amor. Mas não. Você continuou indiferente. Quando ela me disse que viria a esse jantar, eu pensei que a chance dela havia chegado, mas então ela me disse que viria com o Elton. Você tem ideia de como fiquei frustrado e decepcionado, ao saber que o homem que a traria para o jantar, que a apresentaria como acompanhante ao invés de garçoneiro, era outro e não você? Então sim, Ricardo, você é um burro. Burro por deixar que outro assumisse o lugar que sempre pertenceu a você no coração da minha filha. Burro por ter feito ela sofrer todos esses anos esperando por você. Burro por ser um covarde. Burro por estar aqui sentado escutando tudo que eu estou te falando, ao invés de ter ido atrás dela e dito que a ama, que a quer. Eu posso ser um velho, mas eu sei que você a ama, eu sei que você vive na droga de uma mentira, eu sei que você a quer.

Não podia mais ficar calado.

— Senhor Nelson, eu amo a sua filha. Eu sempre amei. Mas eu não a mereço, eu não mereço seu amor, eu não mereço tudo que ela fez por mim em todos esses anos. Eu não sei o que fazer, eu estou perdido, eu não posso recorrer a minha família, eu não tenho ninguém. — Chorava como um bebê, mas, inferno, era libertador, era como se toda a dor contida nesses anos, estivesse saindo.

— Você tem a nós, meu filho, e sempre teve a Melissa. Você não tinha enxergado isso ainda? Você ainda tem tempo, meu filho. Ainda pode mudar tudo. Só precisa se decidir. Mas eu também preciso ser pai, e vou te avisar, que se machucar a Melissa mais uma vez, se maltratar a minha menina novamente, eu nunca mais vou te perdoar, e se precisar eu mesmo acabo com você.

Sua voz era calma, mas seria um idiota se não acreditasse em seu aviso e não pensasse na raiva que ele continha. Havia um leão ali. Um leão implorando para ser liberto. Mas eu estava grato por saber que ainda tinha

seu apoio. Eu só precisava virar o jogo.

Me levantei, fui até ele e dei um forte abraço.

— Obrigado. Muito obrigado. O senhor acabou de trazer luz para a minha vida.

E assim, me despedi. Quando estava descendo as escadas para voltar para a festa, o senhor Nelson me chamou, me virei para saber o que ele desejava.

— Ricardo, nós estamos voltando para o interior.

Isso me manteve paralisado.

— Desculpe, acho que não compreendi.

— Ellen e eu estamos voltando para nossa cidade. Vamos estar perto de nossa família, temos nossas economias e decidimos voltar.

— Minha mãe aceitou?

— Vamos dizer que... ela não teve muita escolha. — Sua voz estava brincalhona, mas algo havia acontecido, o que seria?

— Já falaram com a Mel? — Precisava saber, essa notícia a abalaria muito.

— Ainda não. Mas logo vamos contar. Só estou te contando para que saiba que ela não é mais a filha da empregada e do jardineiro.

Isso me doeu, na verdade machucou muito. Ele tinha razão.

— Me perdoe, senhor Nelson. Eu sinto muito.

— Não é a mim que você deve pedir perdão.

Sem mais palavras, desci as escadas e voltei à festa, agora com forças renovadas e uma nova meta em mente. Eu nunca mais sentiria pena de mim mesmo e seria um covarde. Melissa merecia mais, ela merecia tudo e era exatamente isso que ela teria.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 21



O caminho para casa foi silencioso, eu não estava muito a fim de conversar e Elton tampouco parecia saber o que dizer. Quando estacionou em frente ao meu prédio me virei, o encarando.

— Obrigada pela noite. Apesar de tudo, eu me diverti. — Forcei um sorriso.

— Minha linda, não precisa agradecer.

Droga! Somente agora me lembrei do leilão beneficente que aconteceria logo após o jantar e as danças. Havia notado que Elton estava animado quando observou os itens leiloados.

— Elton, me perdoa, por minha culpa você teve que sair antes do leilão. — Me sentia verdadeiramente culpada. Eu havia estragado sua noite.

— Não se preocupe com isso. Realmente não me importo em tê-lo perdido. — Ele parecia sincero, o que me tranquilizou.

— Você quer subir? — perguntei meio sem jeito, não é que não queria que ele subisse, mas não saberia o que fazer.

— Hoje não, princesa. Você precisa descansar e eu não quero atrapalhar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sei que estava sendo uma tremenda sacana. Mas me senti aliviada com sua recusa.

— Elton, obrigada por tudo mesmo. Você veio ao meu resgate e estive por perto, me protegendo, e eu... agradeço.

Ele soltou o cinto e se aproximou.

— Eu sempre vou estar aqui para você, princesa. Acima de qualquer coisa, somos amigos.

Eu sempre seria imensamente agradecida. Como seria fácil poder apertar um botãozinho e me apaixonar por ele.

— Por que você teve que sumir por dois anos? — Apesar de sorrir, eu realmente falava sério e desejava que tudo pudesse ter sido diferente.

— Me perdoa. — Me deu um beijo casto nos lábios. — Eu sei que isso pode soar estranho, mas realmente sinto que perdi muito nesses dois anos.

— É, você perdeu. Mas estou feliz que esteja aqui agora.

Um silêncio pairou entre nós. Apesar da dor crescente em meu peito, por todos os acontecimentos da noite, eu precisava aprender a seguir em frente. Eu precisava me dar uma chance. Elton me encarava com um olhar perdido. Suas emoções estavam em conflito assim como as minhas. Éramos dois seres que não sabiam como agir diante da presença do outro. Seria amor ou amizade? Atração ou necessidade? Havia um nome para o que estávamos tentando começar a viver nos braços um do outro? Talvez tudo não passasse de precipitação e erro. Mas de uma forma deturpada, juntos acabávamos amenizando os conflitos que nos cercavam.

Talvez por esta razão não tenha recuado, quando segurou meu rosto entre suas mãos e se aproximando me beijou. Um beijo suave, doce e cauteloso. E apesar de todo o carinho, eu não me sentia consumida por completo como sempre li nos livros. Foi um beijo bom, mas apenas isso. Desta vez, eu senti que faltava algo, ou alguém.

Quebrei nosso beijo, olhei em seus olhos e sorri timidamente.

Ele tocou meu rosto com carinho, como se fosse capaz de ler meus pensamentos.

— Apenas dê tempo ao tempo, Melzita.

Engoli o nó que se formou em minha garganta. Elton merecia mais do que eu lhe estava dando.

— Almoça comigo amanhã?

O certo seria recusar. Colocar a cabeça no lugar e só então continuar a incentivá-lo. Mas quando dei por mim, estava acenando positivamente.

Ele sorriu e foi contagiante. Nos despedimos e ele foi embora.

Encontrei o apartamento silencioso. Sara ainda não havia chegado, tinha saído com as meninas. Fiquei grata pela solidão, pois tudo que eu precisava no momento era de paz, banho e cama.

A noite havia sido uma completa loucura, eu estava emocionalmente acabada. Meu coração estava apertado e dolorido. Amar quem não te amava era horrível, mas certa vez li em algum lugar que amar era privilégio de todos, mas ser amado era privilégio de alguns. Infelizmente estava começando a acreditar que isso era a mais pura verdade. Amava o Rick desde que me entendia por gente, e isso precisava acabar. Ele estava namorando outra, e sua família parecia amar isso. Então não havia nenhuma razão em continuar sofrendo por ele, esperando por ele, sonhando com ele.

Talvez Elton fosse a minha luz na escuridão. Talvez ele fosse minha força para seguir em frente. Mas será que estava disposta a tentar? Disposta a dar uma chance para nós dois? Poderíamos conseguir, encontrar um meio termo e aos poucos descobrirmos como nos amar e quem sabe ser felizes. Eu teria uma chance de realmente ter alguém meu, alguém que me amasse e me colocasse em primeiro lugar na sua vida.

O caminho ainda era muito longo. Mas eu viraria a página, estava disposta a recomeçar. E se fosse Elton a pessoa certa, tinha um resquício de esperança que pudesse ser outro alguém.

Escutei a porta abrir. Estava na cozinha tomando água, quando Sara entrou cambaleando enquanto tentava em vão acertar a letra de alguma música. Sorrindo caminhei até ela, para ajudá-la.

— Pelo jeito, a noite foi boa.

Ela fez um biquinho contrariada, encarando-me de modo estranho.

— *See voocê exxtá* aqui, é porqueee a suuua noite nãooo foiii boa. Eraaa para estaaaar por aí na caaama com o *goxxxtoso* do peeerucaaaa — Sorriu débil.

Revirei os olhos.

— Olha só, um elogio para o Elton. Ele ficará feliz em saber o que pensa sobre ele.

Sara arregalou os olhos, tentando ficar ereta e firme, ainda que sem sucesso.

— *Nãooo ouuuuse abriiir essssaa sua booocaa, Meliiiiixaaaa.*

Mordi o interior de minha bochecha para não gargalhar da cara de pânico que ela fez. Sara não estava normal, o álcool realmente estava causando um grande efeito em seu corpo e mente.

— Tudo bem, ruiva. Vamos, vou te ajudar a tomar um banho.

Relutante ela aceitou se apoiar em meus ombros e eu a guiei. Já no banheiro, a ajudei a se despir e liguei o chuveiro na água gelada. Ela iria querer me matar. Sara odiava banho gelado.

Surpreendentemente, Sara não reclamou, ou falou absolutamente nada. Ela apenas me fitava com uma expressão que não conseguia decifrar, o que estava começando a me deixar desconfortável.

—Euuu sei...

Parei de ensaboá-la e fitei seu rosto. Sara estava com os olhos fechados, respirando com um pouco de dificuldade, mas sua voz parecia estar começando a voltar ao normal. Não querendo apressá-la ou instigá-la a falar algo que realmente não queria, fiquei calada, apenas a escutando.

— Seeei como é... Como é amaaaar alguém queeee não te ama, Mel. Eu sei.

Congelei sem saber o que dizer, ou fazer. Sara sempre foi extremamente confiante e segura de si. Em todos os anos de amizade e morando juntas, eu nunca a vi se apaixonar, ou dizer que amava alguém. A informação me pegou desprevenida, totalmente de surpresa.

Lentamente ela abriu os olhos e notei quando uma lágrima escorreu por sua face, partindo totalmente meu coração. Sara realmente estava sofrendo por alguém. E eu completamente presa em meu próprio drama, não prestei atenção no quanto ela também precisava de uma amiga.

— Seja quem for, é um tolo por dispensá-la. Você é a melhor pessoa deste mundo, Sara.

Sequei sua lágrima e a ajudei se levantar, se secar e colocar suas roupas. Fiz uma nota mental de que precisávamos conversar e, enfim, desvendar esse mistério, quando ela estivesse sóbria. Não seria justo arrancar sua confissão enquanto ela estivesse tão vulnerável. Sara precisava estar pronta para compartilhar seu segredo comigo.

A ajudei se acomodar na cama e prometi buscar água, já na porta precisei parar e me virar, pois estava escutando seus murmúrios.

— Ele nunca vai me amar. Eu sei. Eu sei. Eu sempre soube — ela repetia incansavelmente, como uma melodia.

Contendo meu próprio choro, saí de fininho em direção à cozinha. Odiava saber que minha amiga estava passando pelo mesmo que eu. Que sua dor era tão próxima a minha.

Deixei a água do lado de sua cama, na escrivaninha, com uma cartela de remédio para dor de cabeça. Liguei o ar condicionado e a cobri.

Cansada pelo dia maluco e doloroso, voltei para meu quarto na esperança de fazer a mesma coisa.

Olhei para meu celular e ele piscava informando que alguém estava me ligando. No visor havia uma chamada não atendida, seguida de uma mensagem do Ricardo. Fiquei estarelecida sem saber se lia ou não, mas vencida pela curiosidade e a necessidade de saber o que ele ainda tinha para me dizer, a abri.

Não importa quanto tempo leve para que possa me perdoar e me deixar explicar, eu vou esperar, assim como você sempre me esperou. Somos apenas um, branquinha.

Ricardo.

E de todas as coisas que considerei encontrar, sua declaração singela jamais foi uma delas. Enquanto meu coração perdia mais uma batida por ele, fechei meus olhos e teimosamente sonhei com o amor que sempre quis, com a vida que sempre almejei, ao lado do homem que eu sempre sonhei. Uma sádica assumida, era isso que eu era.

Acordei assustada com o toque do interfone que não parava de tocar. Me recusava a acreditar que o dia já havia amanhecido e que alguém sem nenhum pinga de bom senso já me incomodava. Apalpei o lado da minha cama, até que encontrei meu celular, bastou uma olhada para o visor para pular e sair em disparada em direção à cozinha, onde o bendito ficava.

Eram quatro horas da manhã, o que significava que havia dormido muito pouco, talvez menos de uma hora. E se alguém estava impaciente do lado de fora da minha porta, só poderia ser urgente e importante. Corri para atendê-lo.

Capítulo 22



— Pronto — atendi esbaforida.

— Mel?

Elton?

— Elton? O que você está fazendo aqui? — Estava alarmada e curiosa.

— Posso subir? Sara me ligou e eu...

— Como assim, ela te ligou? Ela está dormindo... Quer saber, sobe logo.

Destranquei a porta e fiquei esperando Elton chegar. Não estava entendendo nada. Por que Sara teria ligado para ele?

Em poucos minutos, ele já estava entrando em casa e trancando a porta.

— Por que a Sara te ligou? — Algo na situação me incomodava, como se tivesse perdido algo.

Elton soltou um sorriso discreto. Algo bobo e despreocupado.

— Ela realmente está muito bêbada, não é?

— Sim, mas depois do banho ela parecia melhor e eu a ajudei se deitar...

Arregalei meus olhos. Ela estava passando mal? Elton deve ter notado o pânico em meu olhar, pois quando virei abruptamente para correr até seu quarto ele segurou meu braço.

— Ela está bem, Mel — tentou me tranquilizar.

— Então, por que ela te ligou? Caramba, Elton, eu acho que estou perdendo algo aqui. — Apontei em sua direção e a porta do quarto de Sara.

— Já que te acordei mesmo, que tal ir fazendo um café? Eu vou lá e vejo como ela está. E depois conversamos, tudo bem?

Acenei positivamente. Elton se distanciou entrando cautelosamente no quarto de Sara e trancando a porta.

Soltei uma lufada de ar contrariada, jogando a cabeça para trás.

Sério que eu estava na minha própria casa, com a minha melhor amiga bêbada, falando nada com nada e um cara com o qual eu não sabia o que estava rolando, entrando em seu quarto? Por que ela ligou para ele?

Liguei a cafeteira e fiquei encarando o recipiente de vidro, enquanto o líquido escuro escorria. Meus pensamentos divagavam sem freio e destino, um emaranhado de dúvidas, certezas e suposições, onde nada fazia o menor sentido. Servi duas canecas e me sentei próxima a ilha, esperando que Elton voltasse, duelando contra o impulso de ir até lá e ver o que estava acontecendo.

Alguns minutos depois, a porta abriu e Elton saiu, caminhando até onde eu estava e sentando ao meu lado.

— E então? — Empurrei a caneca em sua direção e passei a encará-lo com determinação.

— Sabe... Eu nunca entendi de fato, como você e Sara poderiam ser melhores amigas. Sério, vocês nunca tiveram absolutamente nada em comum...

— Pare de enrolar — resmunguei, impaciente.

Elton bebericou seu café enquanto me fitava sobre a borda da xícara. Seu
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

olhar estava impassível. Impossível de ser lido.

— Ela está fazendo isso com frequência. Quero dizer, beber?

Respirei fundo.

— Não. Ela quase nunca bebe, só mesmo quando saímos com as meninas, mas sempre é sociável. — Fechei os olhos, os apertando com o dedão e o indicador impaciente. Voltei a fitar Elton. — Na verdade... ela toma um porre, pelo menos uma vez no ano. Sempre. Mas ela sempre fala que é apenas uma maneira de sentir. — *Seja lá o que isso quer dizer*, pensei frustrada. — Elton? — Voltei a encará-lo interrogativamente.

— Sara alguma vez te falou que... que tivemos um lance, um pouco antes de eu ir embora?

Fiquei estatelada o encarando com incredulidade. *Como é que é?* Balancei a cabeça desanuviando minha mente, tentando ter certeza de que havia escutado corretamente.

— Como? — sussurrei. — Ela... ela nunca me contou.

Senti um desconforto crescente em meu peito. Só podia ser brincadeira, eu estava ficando com o ex da minha amiga? Meu Deus!

— Foi apenas uma noite, Melissa, não precisa ficar com essa cara de pânico — falou voltando a atrair minha atenção.

— Por que você também nunca me contou? Eu estou sentindo como se tivesse perdido algo. Algo sério, entende? — Passei as mãos no meu rosto. Isso não podia estar acontecendo.

— Mel, lembra quando fomos ao show dos Ramones?

Concordei. Foi no dia que ganhei a camiseta e passei o show inteiro reclamando, falando que odiei, enquanto ele e a Sara pulavam como loucos.

— Então, naquele dia, depois que te deixei em casa, encontrei Sara e alguns amigos em um barzinho ali perto. Continuamos bebendo e não sei como, amanhecemos na mesma cama e nus.

Fiquei o encarando. Não sabia o que dizer. Nós estávamos nos envolvendo. Elton falava de tentar, nós nos beijamos... Eu estava à beira de surtar.

— Mas... — tentei falar algo, mas nada coerente poderia sair da minha boca naquele momento.

— Nós não lembramos de nada, Mel, só... só sabemos que rolou algo, porque encontramos a camisinha no banheiro. Não significou absolutamente nada.

— Como pode não ter significado nada? Meu Deus! E nós? Eu não consigo lidar com isso agora.

Levantei, andando de um lado para o outro.

Elton respirou profundamente, exalando o ar com força.

— Só não significou. — Deu de ombros se levantando e caminhando em minha direção, segurou meus ombros. — Sara sempre foi como um dos caras, Mel, só que em corpo de mulher. Nós sempre fomos amigos, companheiros de balada e bebidas, mas só isso. Aquela noite... ela não existiu. Como poderia, se nenhum de nós se lembra?

Desvencilhei-me de suas mãos. Apoiei-me na bancada, era muito para absorver.

— Mel? — Ele voltou a se aproximar. — Ela e eu nunca daríamos certo. Somos malucos e descontrolados, sempre nos metemos em confusão quando estamos juntos. Meus pais morreriam se eu apresentasse Sara oficialmente a eles. Lembra como foi quando fomos presos por dirigir bêbados? Loucura, Mel, meu pai me joga aquela cena na cara até hoje. — Sorriu sem vontade.

Escutei um clique e olhei em direção ao quarto de Sara, mas a porta estava trancada.

— Eu só preciso de um tempo, Elton. Só isso. — Voltei a encará-lo. — Ela está bem?

— Sim, ela tomou os remédios e voltou a dormir.

— Obrigada por vir. Agora... você deveria ir embora. — Precisava de um tempo para pensar em tudo. O dia já estava quase amanhecendo e tudo que eu queria era reorganizar minha mente e aguardar que Sara acordasse para que pudéssemos conversar.

— Tudo bem. Te ligo amanhã para conversarmos e ver como ela está.

Beijou minha testa e saiu, deixando-me sozinha.

Por que nunca me contou, Sara? Seria ele a pessoa que ela amava? Então, por que ela me empurrou para seus braços?

Voltei para meu quarto e deitei, sem conseguir dormir, fitei a janela enquanto o sol nascia, anunciando que um novo dia estava para começar. Entretanto fui incapaz de desligar a mente e esquecer todos os acontecimentos. Voltei para a cozinha e preparei mais café. Às seis e meia da manhã liguei para o diretor na escola onde trabalhava e avisei que não poderia ir.

Com o café em mãos, caminhei até o quarto da Sara, entrei e me sentei na poltrona que ficava de frente para sua cama no canto direito e, pacientemente, aguardei que acordasse. O que ocorreu às sete quando seu celular começou a despertar.

Sara se remexia e gemia, provavelmente com muito dor de cabeça. Suas mãos passeavam pelos lençóis, até que encontrou seu celular e o desligou. Sentou na cama e voltou a cair para trás quando me viu, se assustando.

— Bom dia, dona encrenca.

Sara resmungou algo que não fui capaz de compreender. Preferi ignorar.

— Mel... — Voltou a se sentar, passando as mãos pelos cabelos emaranhados e por seu rosto.

— Precisamos conversar, Sara. E muito sério.

Provavelmente soei como uma cadela venenosa e furiosa. Mas dane-se! Eu poderia estar me sentindo desta maneira. Estava sem dormir, confusa e com muitas perguntas precisando de respostas.

— Posso tomar um banho?

— Não — fui seca.

— O que está acontecendo aqui, Mel? — Me encarou séria.

Respirei fundo, tentando colocar a cabeça no lugar.

— Tudo bem. Me desculpa, vou te esperar na cozinha, só não demora, tá legal?

Sara levantou hesitante e caminhou até onde eu estava sentada, parou na minha frente e se acomodou no chão.

— Desembucha, Mel, nós não temos esse tipo de comportamento uma com a outra. O que está acontecendo?

— Por que você nunca me contou que já se envolveu com o Elton? — Não consegui ponderar as palavras ou perguntar de um modo gentil. Quando me dei conta, tudo já estava saindo dos meus lábios.

Sara abriu e fechou a boca algumas vezes. Seu olhar deixou o meu e fixou-se no chão. Não resisti e, no impulso, também me sentei no chão, com as pernas cruzadas, ficando de frente para Sara.

— Olha para mim. É uma pergunta simples. Não é?

Seu olhar encontrou o meu, cheio de emoções conflitantes.

— Aquela noite nunca aconteceu, Mel. Não teve a menor importância. Elton... Eu... Nós não nos lembramos nada do que aconteceu — justificou-se.

— Mentira. Você se lembra. Aquela noite significou algo para você sim. Sara...

— Como você soube? — exasperou-se. — Desde quando você sabe deste dia?

— Desde ontem, quando você ligou para o Elton, e eu exigi respostas dele.

Seus olhos se arregalaram.

Sara fechou os olhos com força e se jogou no chão, ficando deitada por alguns minutos.

— Que droga, Mel. E você deixou?

— Eu não tive culpa. Era para você estar dormindo. E não mude de assunto. Por que você nunca me contou?

— Era desnecessário, tá legal? Fomos impulsivos e loucos. Sempre fomos assim juntos. Na manhã seguinte, ele não se lembrava de nada. Absolutamente nada, Mel. Então, eu fiz o mesmo. Se não existe uma recordação verdadeira, então realmente não existiu, não é?

— Não, não é assim que funciona e você sabe disso.

Respirei fundo. Sentia-me magoada. Sara voltou a se sentar e ficamos nos encarando por um longo tempo, apenas digerindo tudo.

— É ele, não é? O cara que você ama, a pessoa que você disse ontem que jamais te amou e que jamais amará. É ele, não é, Sara?

Sara se levantou, irritada.

— Está ficando louca. Você melhor do que ninguém deveria saber que nós não temos nada. Nunca tivemos e nunca vamos ter. Deveria saber que eu nunca, NUNCA me apaixono. E que não se leva a sério o que uma bêbada diz. Por favor, Melissa — desdenhou, se levantando e caminhando até seu guarda-roupa.

— Você faz ideia de como me senti? Se você gosta dele, por que me incentivou com ele, Sara? Por que me fez acreditar que estar com ele poderia ser um bom recomeço? Não consigo acreditar que fui tão cega e estúpida que não notei que você gosta dele.

— EU. NÃO. GOSTO. DELE — gritou entredentes. — Você sempre foi o nosso ponto de equilíbrio. O elo que nos mantinha unidos e mais calmos. Elton sempre me viu como um dos caras. Já você... Você sempre foi a menina bonita. Aquela que qualquer um gostaria de apresentar para a família. Não me julgue se eu quis te ver feliz e bem com uma pessoa boa e que fosse capaz de te fazer bem. Eu e ele, bom... Nós nunca daríamos certo. Não era

para ser, se fosse teria dado naquele tempo.

— Isso é o que você está tentando se convencer. — Me levantei. — Em todos os nossos anos de amizade, eu sempre te contei tudo. Sempre te disse cada maldita dor e angústia que passei. Assim como sempre compartilhei minhas alegrias. Pensava que fosse assim com você também.

— Foi só uma noite estúpida, Mel. Não significou nada. Éramos inconsequentes. Sempre fomos amigos, gostávamos das mesmas festas e bebíamos, acabou rolando e pronto. Isso é tudo. Só não te contei, porque realmente era irrelevante e na semana seguinte ele foi embora.

Fitei Sara. Ela estava com os ombros caídos e os olhos vermelhos. O cansaço era evidente. Caminhei em sua direção e a puxei para um abraço.

— Eu te amo muito, Sara. Você sempre foi a irmã que eu nunca tive. A pessoa que mais me apoiou e incentivou em tudo. Eu quero ser isso para você também, entende?

Sara fungou e eu notei que ela estava chorando. Apertei meus braços ao seu redor.

— Você já é, Mel. Sempre foi. Me desculpa não ter contado antes. É só que...

Eu a entendia, sabia exatamente como era amar alguém e essa pessoa não retribuir. Estávamos na mesma página. Mesmo que Sara negasse, eu sabia que Elton era o cara da vida dela, assim como o Rick era o da minha.

— Nós estamos bem? Mel, eu preciso saber que não está mais chateada comigo.

Se afastou, fitando meus olhos, procurando por qualquer sinal de mágoa.

— Sim, nós estamos.

Sorrimos cúmplices.

— Agora posso tomar banho? — provocou.

— Claro. E depois...

O interfone tocou, nos interrompendo. Olhei para Sara interrogativamente. Será que ela estava esperando por alguém?

Ela apenas deu de ombros, negando com a cabeça.

— Tudo bem. Vá tomar banho, que eu atendo.

Peguei minha xícara no chão ao lado da poltrona em que estive sentada mais cedo e fui até a cozinha.

— Pronto? — Atendi, curiosa.

— Mel, está tudo bem? Fui até a escola e você não apareceu.

Rick? O que ele estava fazendo aqui?

Capítulo 23



Após minha conversa com o pai de Mel, me senti revigorado e determinado a fazer tudo diferente na minha vida. Minha cabeça fervilhava com cada descoberta sobre tudo que Mel passou e de como ela sempre me amou. Sempre. E essa certeza me aterrorizava tanto quanto me acalmava. Sempre foi ela, o tempo todo, em cada dia, cada olhar, cada palavra, a cada tentativa vã de me afastar, de tê-la ao meu lado apenas como amiga. Mel, minha doce Mel, sempre foi mais.

Com uma nova página a se iniciar, caminhei até a casa dos meus pais e ocupei o quarto que foi meu na infância. Precisava ter uma conversa muito séria com minha mãe pela manhã, e teria que pegá-la antes que fosse para o clube.

Tomei um banho e segui para a sacada, fiquei observando a lua, sentindo o vento fresco soprar, e pela primeira vez na vida, permiti que meus pensamentos voassem de modo seguro em direção a Mel. Lembrei de quando era uma menina, com seus cabelos negros longos, aquele sorriso doce, o modo como sempre foi pequena, branquinha, sempre ao meu lado.

Abri um sorriso largo e verdadeiro.

Todo o jogo e manipulação estavam sendo dados por encerrados. Feliz e esperançoso enviei um mensagem para Mel, e quando o relatório de entrega voltou notificando que ela havia lido a mensagem, eu apenas voltei a sorrir.

— Você será minha, Mel, você sempre foi. Eu vou te provar que te mereço. Eu e você contra o mundo, branquinha — sussurrei para mim mesmo.

Devido à ansiedade, mal consegui dormir durante a noite inteira. Por esta razão eram quase seis horas e eu já estava sentado no banco da cozinha tomando café.

As horas pareciam não passar, eu andava de um lado para o outro, e foi somente às sete e meia que minha mãe, enfim, apareceu e, para minha sorte, sozinha.

— Caiu da cama, Ricardo.

Não foi uma pergunta, apenas uma constatação.

— Bom dia, mãe.

Ela ignorou meu bom-dia, seu humor estava negro.

— Não sabia que havia passado a noite em casa. — Encarou-me enquanto se sentava em sua cadeira habitual para tomar seu café.

— Precisava conversar com a senhora.

Isso pareceu chamar sua atenção.

— Certo. Então, sente-se, tome seu café comigo e fale.

Me sentei de frente a ela. Era óbvio que ela estava fora de sua zona de conforto, ainda de robe, cabelos soltos e bagunçados, sua aparência era cansada, o que, de certa forma, me surpreendeu.

— Mãe, por que Ellen e Nelson deixarão nossa casa depois de tantos anos?

Notei seu desconforto e o lampejo de tristeza em seu olhar.

— Não os mandei embora, se é isto que está pensando — ficou na defensiva.

— Não foi isso que eu disse. O que aconteceu?

— Creio que os assuntos dessa casa não te dizem respeito. Já não mora mais aqui, então é irrelevante. — Deu de ombros e voltou a se servir.

— Sério? Depois de trinta anos?

— Foram eles que pediram, eu não posso obrigar ninguém a ficar — esbravejou nervosa.

— Por quê? — Porra! Será que minha pergunta era tão difícil assim, para se ter uma resposta coerente.

— Escuta, Ricardo. — Seu olhar cintilou com fúria. — Eu falei para ela, desde o dia em que a Melissa nasceu, que a casa, que você, Anabel, todos, estávamos fora dos limites. Ela era a empregada, e não um membro da família. — Largou o garfo com força sobre a mesa. — Mas não, você tinha que se empenhar em ficar amigo daquela lá. E como se isso não bastasse, você fica todo babão por ela. Acha que sou cega, que nunca percebi seu interesse evidente por ela, e a maneira como ela retribui isso? Por favor!

Senti meu sangue ferver.

— Isto é ridículo. Pelo amor de Deus, mãe! — Senti-me totalmente frustrado.

— E quer saber o por quê? Eu nunca vou aceitar meus filhos bem criados com pobres, com filhos de empregados. E eu disse isso a Ellen. E aquela desaforada se atreveu a me dar um tapa. — Levou as mãos até sua face enfurecida, como se ainda pudesse sentir a dor a ela infligida. — Um tapa na cara — repetiu. — Ainda se atreveu a dizer que sou uma vadia egoísta, me disse que morrerei na solidão. E por mais que eu me negasse a

aceitar... Vocês... Que... Que vocês dois acabariam se acertando.

Sorri por dentro, minha mãe teve exatamente o que mereceu. Não conseguia reconhecer a mulher na minha frente, não era capaz de identificar o momento exato em que ela se tornou tão fria e mesquinha.

— Na mesma hora eu a demiti, mas aquela ingrata disse que quem se demitia era ela. Conversei com o seu pai para dar justa causa, ele se recusou, é claro. Ele insiste em dizer que Nelson é seu amigo, pode isso, ser amigo do jardineiro?

Não pude mais me conter, e gargalhei ali diante dela.

— Do que você está rindo? — gritou irritada.

— De você. Sabe, mãe, pelo menos você não será sogra da filha da empregada. — Era impossível não continuar rindo.

— O que você está insinuando? — O horror evidente em seus olhos foi apenas combustível para minha determinação.

— Insinuando, absolutamente nada. Na verdade estou afirmando, Melissa será minha esposa. É só uma questão de tempo.

Sua expressão foi de total horror.

— Mas... So-Sophie... — gaguejou. — Ela me disse ontem que vocês estavam namorando.

— Ela mentiu.

Passei por ela e dei um beijo em sua bochecha.

— Onde você está indo?

— Vou pegar minhas coisas, estou indo para casa.

Minha pergunta havia sido respondida, Ellen e Nelson estavam deixando nossa casa por vontade própria e o melhor de tudo, eu tinha o apoio dos pais da Mel.

Passei na escola onde Melissa dava aulas e fui informado que ela não tinha ido. Fiquei preocupado. Ela jamais faltava, as crianças significavam tudo para ela.

Estava preocupado e pronto para colocar meu plano de conquistá-la em ação. Por esta razão não pensei duas vezes antes de seguir até sua casa.

— O que está fazendo aqui?

Melissa não esperou nem que eu terminasse de chegar direito à sua porta. Sua expressão estava séria, comedida e impenetrável.

— Eu sei que você me pediu para ficar longe. Que a noite passada e tudo que tem acontecido me deixam sem nenhum direito de vir até aqui e te pedir para me escutar. Mas, Mel, eu preciso te explicar tudo, preciso...

Seus olhos estavam marejados.

— Não é um bom dia, Ricardo. Estou cansada. Na verdade, exausta, eu...

— Não vai me deixar entrar? — a interrompi.

Mel suspirou se recostando contra a porta.

— Como eu te disse, não é realmente um bom dia. É melhor você ir embora...

— Eu passei na escola. Queria saber como você estava, te pedir uma chance para explicar tudo — voltei a interrompê-la.

— Você não precisa me explicar nada, Ricardo. — Sua voz denotava cansaço. — Eu finalmente entendi. Demorei, eu confesso. Mas eu compreendi. Nós nunca existimos de verdade. Nunca daria certo, nunca foi para ser. Você só me prometeu sua amizade...

Fiz menção de interrompê-la, mas ela me calou erguendo uma das mãos em sinal de pare.

— Você sempre foi meu amigo e só. Nunca me deu esperanças a não ser nestas últimas semanas, mas assim que percebeu o erro, você voltou atrás. Eu entendo isso agora. — Engoliu em seco. Seu olhar encontrou com o meu desolado. — Fui a única tola, me perdi no meio do caminho e misturei meus sentimentos. Você não precisa se culpar por isso.

Dei um passo em sua direção e antes que ela pudesse se afastar e fechar a porta na minha cara, a puxei contra meu peito, a abraçando com força.

— Eu sei que deveria te deixar ir. Sei que não sou o homem certo, aquele capaz de só te fornecer alegrias. Mas, Mel... se você me der apenas mais uma chance, eu prometo ser aquele que sempre... Está me escutando? Aquele que SEMPRE fará de tudo para te fazer feliz e provar que a amo mais que tudo.

Melissa engasgou e senti todo seu corpo sacolejar. Ela estava chorando.

— Isso não é justo — murmurou contra meu peito. Seus braços ainda estavam firmes em suas laterais, já que ela se negava a retribuir meu abraço. — Você não deveria me dizer isso assim, na porta da minha casa. Essas palavras não deveriam ser ditas desta maneira. Eu não posso, eu não quero mais acreditar em você — choramingou.

— Sophie e eu não temos nada, Mel. Absolutamente nada. Ela é uma... uma desequilibrada. Mas acabou, eu... Eu vou me demitir, vou sair da empresa do meu pai, vou conseguir outro emprego. E se ele e minha mãe ficarem no nosso caminho, eu corto relações com eles também...

— Não. — Empurrou meu peito, se distanciando. — Você precisa tomar decisões por si mesmo. Jamais quero ser um divisor em sua família, Rick. Eu nunca quis. Você não vê o quanto isso soa errado? Me manter como um segredo sujo perante os amigos da sua família? Ser a responsável por te distanciar da sua vida e seu mundo? Eu não quero esse peso sobre mim.

Sua expressão se suavizou. Mel tocou meu rosto com carinho e me inclinei contra seu toque absorvendo o máximo possível de seu contato doce.

— Você não faz ideia do quanto sempre esperei para escutar as palavras doces que você me disse. — Senti meu peito se inflar com esperanças. —

Muitas vezes sonhei com esse momento. O dia que você chegaria até mim e diria que... que me amava mais que tudo. Eu e você contra o mundo. Só que... — Suas últimas palavras causaram um aperto em meu peito. — Só que agora é tarde, Ricardo. Eu não consigo acreditar que você passou a me amar de um dia para o outro. Agora sou eu quem acredita que você está confundindo os sentimentos. Que está com medo de me perder, já que me viu com outro. Mas é só isso. Medo de perder sua melhor amiga.

— Não, Melissa. — Me desesperei. — Eu sei o que sinto, sei o que está aqui. — Bati contra o meu peito. — Sei que posso ter demorado para abrir meus olhos para o óbvio, mas não me puna desta maneira.

Lágrimas rolavam por seu rosto, fazendo com que as minhas também se formassem.

— Eu sinto muito. Mas eu não tenho mais condições de sofrer. Não posso mais uma vez me anular, deixar de lado toda a mágoa e dor que você tem me imposto e apenas te perdoar e esquecer. Te dar outra chance. Eu já fiz isso, Ricardo, milhares de vezes. E olha no que deu. Em absolutamente nada.

Estava balançando a cabeça descontroladamente de maneira negativa. Ela estava enganada. Eu a amava sim. Nós poderíamos ter mais uma chance. Dessa vez, era pra valer.

— Dessa vez tudo será diferente, Mel. Eu prometo — implorei.

Mel se afastou, entrando em sua casa. A cada passo que ela se distanciava, maior se tornava a dor que rasgava o meu peito, com medo de que nunca fosse capaz de conseguir seu perdão, de conseguir tê-la ao meu lado, o lugar ao qual ela sempre pertenceu.

— Chega de promessas vazias. Me prova, Ricardo. Me mostra de verdade que você merece outra chance. Me faz acreditar que, desta vez, é diferente. E então, quem sabe, teremos uma chance de reescrever nossa história.

Quando a porta estava prestes a ser trancada, coloquei o pé a impedindo.

— O que eu faço, Melissa? O que eu preciso fazer para te provar que mudei de verdade, que desta vez é real? — Me senti desesperado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Melissa suspirou. Encarou-me com intensidade.

— Infelizmente, você terá que descobrir sozinho.

A porta fechou-se.

Eu vou, branquinha. Vou te provar que é verdadeiro e que meus sentimentos são reais. Vou te mostrar que te amo, além de meras palavras.

Capítulo 24



Talvez estivesse um pouco decepcionada por não ter recebido nenhuma visita do Ricardo durante as duas semanas que se passaram. Desde sua última visita, eu nutria a esperança de que suas palavras realmente fossem verdadeiras, e que algo esplêndido fosse acontecer do nada. Me enganei. Ele até me enviava mensagens diárias perguntando sobre meu dia e dizendo que estava com saudades. Mas somente isso.

Também estava chateada com Elton. Ele sabia que precisava conversar com ele e estava me evitando. A conversa que tive com Sara não saía da minha cabeça, e mesmo que ela negasse que o amava, eu sabia a verdade. Precisava colocar um fim na relação não resolvida entre mim e Elton. Jamais magoaria minha amiga ficando com o homem que ela amava, mesmo que o seu sentimento não fosse retribuído.

Quando foi que minha vida começou a virar de pernas para o ar?

Suspirei cansada. Eram seis da manhã de um domingo, e o fato de já estar acordada a essa hora só comprovava o quanto eu precisava tomar as rédeas de tudo e voltar a viver.

— Ainda com insônia?

Sara caminhou até onde estava parada próxima a pia, beijou minha bochecha e se serviu de uma xícara de café. Ela estava vestida com shorts de corrida e uma regata.

— Bom, acho que posso te fazer a mesma pergunta. — A olhei de cima a baixo.

Sara sorriu. Um sorriso fraco e forçado. Algo que ela vinha fazendo muito nos últimos dias. Também havia notado o quanto ela andava saindo e bebendo, o que era atípico à sua rotina.

— Pelo menos, estou ficando em forma. — Deu de ombros. Colocou a xícara sobre a pia e me encarou.

— Você está bem? — perguntou preocupada, me fitando. — Eu sei que está chateada com o Rick...

— Estou bem. — Não deixei que terminasse de falar. — Acho que, enfim, compreendi que ele nunca vai ser meu. Mesmo que ele tenha vindo até aqui me dizer o contrário.

— Você sabe que só quero te ver feliz, não é?

Sorri docemente.

Sara era especial demais.

— Vá se exercitar, eu irei ficar por aqui jogada no sofá.

— Tuuudo bem. — Mas em seu olhar eu pude ver a preocupação, mas logo ela espantou pra longe e voltou a me encarar. — O que acha de almoçarmos fora?

Fiz uma careta.

— Acho melhor não, meu orçamento tá no limite, ainda comprei aquele vestido, estou condenada a ficar em casa pelo resto do ano. — Coloquei a mão na testa dramaticamente.

— Isso não é problema, eu pago.

— Nem pensar, você já me ajuda demais.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Corta essa, vamos e pronto.

Pensei sobre seu convite.

— Obrigada, Sara. Mas eu posso cozinhar.

— Nem pensar. Você precisa sair um pouco de casa. Essas últimas semanas foram chatas e deprimentes demais.

— Ok, então eu aceito. — Eu poderia devolver o convite em breve, assim que minha situação melhorasse.

— Perfeito. Vou terminar de me arrumar para ir. Fiquei de passar na casa da Flávia, ela vai correr comigo e depois vamos tomar café lá na padaria próxima ao apê dela. Vou demorar.

— Sem problemas. Vou só ficar por aqui mesmo.

Assim que Sara saiu me joguei no sofá e liguei a tevê, comecei a assistir a reprises de programas de culinária, nada interessante realmente. Acabei cochilando e acordando com o som de uma mensagem.

Era o Rick. Preferi ignorar, ele sempre me mandava a mesma coisa. *Bom dia, linda. Saudades, linda.* Ridículo. O relógio na parede indicava que já se passava das sete e meia, como Sara iria demorar, tive uma ideia.

Peguei meu celular e liguei para o Elton. Ele antedeu ao terceiro toque.

— Bom dia, Melzita.

— Te acordei? — Só então me dei conta do horário e do fato de ser final de semana.

Elton sorriu.

— Não, na verdade acabei de subir da academia.

Sara realmente era sua cara-metade. Quem mais era tão louco de acordar de madrugada para se exercitar?

— Será que podemos nos ver? Precisamos conversar. — Minha voz deve ter demonstrado que não seria exatamente a conversa que ele queria ter

porque suspirou ruidosamente.

— Vou até aí. Pode ser?

Voltei a fitar o relógio. Sara disse que iria demorar, se ela me avisou é porque não voltaria para casa antes do almoço.

— Sim, te espero aqui.

Após nos despedirmos, tomei um banho e fui para a cozinha arrumar a mesa de café. Elton poderia estar faminto e eu precisava de algo para me concentrar, além da agonia crescente em meu peito.

Quando ele bateu na porta, corri e abri. Um sorriso charmoso estava estampado em seus lábios, ele se inclinou na tentativa de me dar um beijo nos lábios, mas consegui desviar a tempo, ganhando um beijo na bochecha. Notei sua expressão confusa.

— Obrigada por vir.

Elton passou as mãos pelos cabelos ainda úmidos.

— O que está acontecendo? — perguntou sem rodeios. — Pensei que estávamos na mesma página.

— Entra.

Elton entrou e eu encostei a porta, nos guiando até a mesa posta. Acomodamo-nos.

— Você sumiu por duas semanas. — Não era uma acusação, apenas um fato sendo confirmado. Eu não tinha o direito de pedir explicações, mas havia estranhado seu sumiço.

— Você também não se esforçou em me procurar, Melissa.

Ele tinha razão. Em nenhum momento liguei ou mandei mensagens, pelo menos até aquela manhã.

— Pensei que um tempo seria bom. Eu percebi o quanto você ficou sentida quando descobriu sobre aquela noite com a Sara. — Colocou os cotovelos sobre a mesa, apoiando a testa nas mãos cruzadas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Respirei fundo.

— Sim, eu realmente fiquei. Sara nunca mencionou isso e descobrir daquela maneira... Ficar sabendo de tudo aquilo no momento em que pensei em me envolver com você... Caramba, Elton! Nós nos beijamos, estávamos meio que envolvidos e a Sara é minha melhor amiga...

— Você está me dizendo que não se envolveria comigo se soubesse daquela noite? — me cortou. Seus olhos brilhavam com descrença.

— Sim, eu realmente estou querendo dizer isso, Elton.

Ele se levantou, ajoelhou à minha frente e segurou as minhas mãos sobre meu colo.

— Mel, aquela noite foi um erro. Estávamos bêbados. Não significou nada, nenhum de nós nos lembramos. — Levantou frustrado, andando de um lado para o outro, passando as mãos pelos cabelos. — Não é a Sara que eu quero, Mel, é você.

— Você está errado, Elton. — Também fiquei de pé, o encarando com determinação. — Aquela noite não pode ter sido apenas um erro. A bebida está apenas servindo de desculpa. Quando um não quer, dois não fazem sexo, Elton. Mesmo que você diga que não se lembra, que não significou nada, eu tenho certeza de que é mentira. Se aconteceu é porque mesmo inconsciente vocês desejavam um ao outro...

— Então chame apenas disso, atração, desejo, coisa de pele. Mas só isso. Não fique tentando ver o que não há — me interrompeu.

Elton caminhou em minha direção e segurou meu rosto entre suas mãos com carinho.

— Viaja comigo. Vamos para Fernando de Noronha, você sempre quis conhecer lá mesmo. Podemos conversar, nos acertar, estava tudo caminhando tão bem, Mel...

Balancei a cabeça negando. Dei um passo para trás.

— Eu não posso, Elton.

— Mel — Ele respirou fundo. —, eu quero tentar algo com você. Eu sei que aqui não parece ser o lugar apropriado, nem o momento, mas... Mel, eu realmente gosto de você. E eu queria ver até onde isso vai. Podemos descobrir juntos novos sentimentos, deixar o passado de lado. Ignorar esses detalhes.

Eu fiquei ali, olhando para ele como se alguém tivesse roubado meu ar. Ele era tão lindo assim doce, mas ele não me pertencia e seu coração também não. Nos dávamos bem porque reconhecíamos um no outro a necessidade de ser amados.

— Elton, você sabe que eu...

Parei de falar, meu celular estava tocando. Olhei para o visor e Ricardo estava me ligando. Preferi ignorar, aquele não era o momento para atendê-lo.

— Sim, eu sei, você ama o Ricardo. Mas, Mel, nós podemos pelo menos tentar. Eu sei que eu não sou ele e que moro no Rio, mas nós podemos... — Voltou a falar por mim.

— Não. Não podemos. Elton, eu amo o Ricardo. Não estou pronta para tentar novamente. E quando estiver, não poderá ser você.

— O que a Sara te falou que te deixou dessa maneira? — Ele estava furioso.

— Ela não disse nada.

— É típico dela. Ela está se envolvendo. Se metendo onde não foi chamada, maldita hora que ela me ligou. Você nunca ficaria sabendo sobre aquele dia. NUNCA.

— Mentiras não podem ser a base de um relacionamento — acabei falando mais alto do que pretendia.

— Ela se lembra daquela noite, não é? Justo aquela maldita noite ela não poderia esquecer — falou com desdém. — Mel, Sara e eu nunca daríamos certo, somos iguais. Meu pai jamais aceitaria ela, Melissa, você sabe disso. Já você é perfeita. É tímida, sensível, doce, generosa, tranquila. Você transmite segurança e bom senso, enquanto que a Sara é... É toda explosiva.

— Ela é mais especial do que você está se permitindo ver. Elton, você tem uma pedra preciosa ao alcance de suas mãos...

— Eu não quero a porra de um prêmio de consolação, Melissa. Se não deu certo com você tente com ela? É isso que você está insinuando?

— NÃO! — gritei. — Sara é muito mais que isso. Ela é...

Meu celular voltou a tocar, Ricardo novamente. Ignorei outra vez.

Elton bufou. Me observou por longos segundos, ou seriam minutos, não importa, era constrangedor, abaixei meu olhar, tentando me livrar daquele olhar intenso e perturbador.

— Precisamos ser honestos um com o outro, não temos espaço para enganos — continuou sério.

Concordei com um aceno de cabeça.

— O que você sente por mim, Mel?

Por mais simples que a pergunta parecesse, era difícil respondê-la ao certo.

— Eu não sei — respondi completamente honesta. — Eu me sinto... confusa. Você é especial, Elton, é lindo, inteligente, divertido e protetor, está sempre se preocupando como estou, e eu amo passar meus dias com você, conversar com você, mas...

— Mas isso não é amor, não é? — ele terminou por mim.

Balancei a cabeça, concordando.

— Mel — Elton segurou minha mão sobre a mesa. — Você me enxerga apenas como um amigo, talvez até como... um irmão mais velho.

— Não como um irmão — Porra, nós nos beijamos. — Mas, sim. Talvez como um amigo, me desculpa, Elton.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

— Não peça desculpas por estar sendo honesta, Melissa. — Seu sorriso

se desfez. — Mesmo que seja um pouco tarde para isso.

Droga, eu o magoei, ele provavelmente está se sentindo usado. Mas era o melhor a fazer, eu realmente precisava me manter firme, Elton era especial a seu modo, mas não o suficiente para me fazer esquecer o único homem que verdadeiramente amei, e por outro lado tinha a Sara.

— Melissa... você não vai me escolher, não é? — Elton perguntou sério.
— Eu nunca fui uma opção válida realmente.

— Desculpe, Elton, eu... Eu não penso nisso como uma escolha. Mas se colocada dessa forma, então eu prefiro dizer que... — Respirei fundo. — eu me escolho. Pela primeira vez eu escolho a mim mesma. Não você ou o Ricardo.

— Você está mentindo para si mesma, você ainda acredita que o Ricardo é sua felicidade, mesmo depois de tudo que ele te fez — Elton falou amargamente.

Abaixei o olhar. Sabia que o que ele dizia era a verdade. Mesmo com toda mágoa, era impossível não nutrir esperanças que mais cedo ou mais tarde, Ricardo acertaria e voltaria a ganhar minha confiança.

— E você, Elton, me ama? — perguntei devolvendo sua pergunta. Ele também precisava ser honesto.

Elton não desviou seu olhar do meu.

— O amor nasce com o tempo, com a admiração, com a convivência, com o respeito. Talvez eu não te ame como você idealiza em sua mente, Melissa. Mas, com certeza, eu poderia aprender a te amar — concluiu.

A verdade que colocou em suas palavras, me deixou sem fala.

— Sabe o que é mais engraçado, é que eu realmente estava disposto a lutar por nós, a não desistir, mas quer saber, Mel? — Elton respirou fundo. — A decisão é sua, eu não vou lutar sozinho.

Abri a boca para responder, mas nada saía.

— Não se preocupe, Melzita, você ainda é especial para mim. — Me
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lançou um sorriso hesitante. — Só não fique aí aceitando migalhas, você merece mais que isso. — Apontou em direção ao meu celular.

— Obrigada — foi tudo que consegui falar.

— Você é especial, Elton, tenho certeza de que a mulher que tiver a sorte de ser a sua escolhida, será imensamente feliz. — E isso era sincero.

— Você poderia ter sido ela — ele respondeu sério.

Tive que desviar o olhar.

— Ela pode estar próxima, Elton — falei em um sussurro. Eu não queria falar que ela era a Sara, mas eu queria que ele pensasse sobre o assunto.

— Acredito que pensamos e enxergamos isso diferente — respondeu secamente.

— Isso é apenas porque você não quer...

— Mel — Sara entrou correndo no apartamento, seus olhos avermelhados e seu olhar jamais indo em direção ao Elton. —, Ricardo precisa de você. O pai dele...

Senti uma lágrima escorrer por meu rosto. Ricardo estava me ligando porque realmente precisava de mim, e eu apenas o estava ignorando.

Capítulo 25



Passei duas semanas apenas observando a Melissa. Pela manhã estacionava, próximo a escola onde ela trabalhava, apenas para ter um vislumbre de seu sorriso, conforme cada aluno chegava e a abraçava. Durante a noite saía para correr e passava em frente ao prédio onde ela morava, apenas para saber se as luzes estavam acesas e me sentir próximo.

Poderia parecer obsessivo e maluco, mas nada disso me importava. Eu havia descoberto que realmente a amava mais do que poderia descrever e durante esses dias longe, aproveitei para pensar, planejar e descobrir maneiras de colocar minha vida no caminho a qual ela pertencia: ao lado da Mel.

Estava a caminho da casa do meu pai, enfim teríamos uma conversa franca. Já estava preparado para me demitir e começar uma nova página em minha vida. No fundo, eu desconfiava de que ele soubesse o teor da mesma e por esta razão tenha me convencido de ir até sua casa em um sábado, à tarde, ao invés de conversarmos em seu escritório.

Meu celular tocou, tive esperança de que fosse a Mel, algo que acontecia sempre que ele tocava, mas o visor marcava o gerente de cargas da empresa em Portugal.

— Ricardo Belmonte — atendi.

— Sr. Belmonte, nosso carregamento foi embargado. Precisamos do senhor aqui imediatamente.

Levantei caminhando de um lado para o outro da minha sala.

— Ricardo? — voltou a me chamar após uma longa pausa.

Respirei fundo, frustrado. Me afastar nesse momento não estava nos meus planos. Elton estava marcando tão em cima, que logo eu não teria a menor chance com a Mel.

— Alfredo, você tem total certeza de que não é possível resolver o problema sem a minha presença aí?

— Sinto muito, mas precisamos do senhor aqui.

— Tudo bem, embarco ainda hoje.

— Ótimo, vou deixar o hotel reservado e um motorista irá te buscar no aeroporto. Só me avise o horário do desembarque.

— Ok. Eu encaminho um e-mail assim que estiver com a informação do horário do voo.

Não era a primeira vez que esse tipo de problema me levava a uma viagem de emergência. Quando precisava do porto para transportar vinhos, surpresas sempre apareciam. Liguei para o aeroporto e consegui marcar minha viagem para as vinte horas. Minha mente já começou a trabalhar rápido me programando para conversar com meu pai e ainda ter tempo suficiente para conseguir arrumar uma mala, pegar alguns documentos que provavelmente seriam necessários e ligar para a Mel.

— Você só pode estar de brincadeira, Ricardo — meu pai soou frustrado. O fato de que estivesse em sua frente, o encarando determinado, o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

assustava tanto quanto o orgulhava.

— Não, eu não estou brincando. Quero me desligar da sua empresa. — Mantive o tom firme.

Demorei em tomar as rédeas da minha vida e estava determinado a não soltá-las mais.

Meu pai voltou a se sentar. Sua expressão estava cansada, seus cabelos desalinhados em nada lembrando o homem enérgico e agressivo nos negócios que eu conhecia.

— Mas você é meu herdeiro. A empresa deveria ser sua no futuro. Eu não consigo entender. É por causa da fusão com os Velásquez?

Puxei minha cadeira para que pudéssemos ficar mais próximos.

— Em parte sim. Pai, o senhor não confiou o suficiente em mim para me colocar a par da situação da empresa. Em nenhum momento me chamou e pediu para que eu estudasse a crise que estamos enfrentando e assim buscar uma solução. Apenas me informou de seu interesse em arrumar uma fusão e... — Suspirei, me sentindo exausto. — Eu não quero trabalhar com a Sophie e sua família. Ser CEO da vinícola nunca foi meu objetivo, mas ainda assim eu me formei e fui trabalhar lá. Mas está na hora de ir atrás do que realmente quero.

— E o que você realmente quer, Ricardo?

Sorri. Lembrei-me da Melissa e de todos os planos que vinha fazendo ao longo dos últimos dias.

— Quero ser feliz longe desse meio de chantagem, mentiras, aparências e intrigas. Quero ser apenas o Ricardo e que isso baste. Quero me casar com a Melissa, quero fazê-la feliz e não ser mais controlado pelo senhor e minha mãe.

Seus lábios foram pressionados de modo que criou uma carranca. Sabia que meu pai não estava feliz com minha decisão.

— É deste modo que nos enxerga? Como se não quiséssemos vê-lo

bem? Como pode pensar desta maneira? Nós só queremos o melhor para você.

— Não, não querem. Vocês acham que querem o melhor para mim. Mas isso não significa que o que querem realmente seja o melhor. Quero tomar minhas próprias decisões, sem medo das consequências.

— Eu preciso de você.

Sua admissão me deixou em choque. Meu pai nunca havia admitido precisar de ninguém antes. O encarei sem saber o que falar.

— Não posso deixar que saia da empresa, Ricardo. Sei que errei quando te pedi para se afastar da Melissa, mas... Olha, esquece — falou cansado. Levantou-se e parou em frente à janela com vista para o jardim de casa.

— Vou cumprir o aviso de trinta dias. Escolha o funcionário que desejar e eu o ensinarei tudo que ele precisa.

— E você irá fazer o que da sua vida? — soou ríspido, mas preferi ignorar.

— Encontrar outro emprego.

Voltou a se virar e me encarar.

— Ainda acho que isso é um grande erro. Quer ficar com a Melissa, então fique. Mas não precisa sair da empresa.

Respirei fundo, havia feito uma promessa a mim mesmo de me manter calmo e tranquilo.

— Nunca irei concordar com os seus métodos de liderança. E como mencionei não irei trabalhar com os Velásquez. Sinto muito, pai. Minha decisão já está tomada e é definitiva.

Seus olhos brilharam com raiva.

— É um ingrato, um desnaturado que está virando as costas para sua família quando mais precisamos de você! — gritou.

— Está enganado...

— Quer saber, tanto faz. Faça o que achar melhor, não dou a mínima.

Caminhou em direção à porta. Porém, antes que ele pudesse sair, voltei a chamar sua atenção.

— Alfredo ligou, estamos com problemas no carregamento. Existe algo que eu deva saber? — soei tão seco quanto ele.

— Pelo visto, terá que ir até lá e descobrir. Já que está saindo mesmo, termine de cumprir sua função.

Bateu a porta com um forte baque.

Me recostei contra a cadeira, observando o quadro em sua parede em que aparecíamos todos numa foto de família: minha mãe e meu pai estavam em pé se encarando com amor; Anabel com um vestido florido, deveria ter no máximo uns seis anos, e ao seu lado eu tentava em vão esconder um estilingue.

Sorri com o sentimento nostálgico que tomou conta de todo meu coração. Foram tempos de muito amor. Meus pais sorriam mais, sempre trocavam olhares calorosos e a união entre nossa família era o oposto do que tínhamos hoje.

Uma pena que não voltaríamos a ser assim nunca mais.

A viagem havia sido tranquila, apesar de toda a tensão da tarde. Assim que cheguei já tratei logo de seguir até o porto sem me importar se era domingo ou não. Ao invés de me enviar um motorista, Alfredo mesmo me buscou no aeroporto.

Para minha felicidade não tínhamos um grande problema, a carga estava embargada por problemas com o imposto recolhido e a falta de assinatura de uma responsável pelo carregamento. Foi quando descobri que nossa conta corrente tributária estava com saldo devedor e algumas intimações que

precisavam ser avaliadas com mais atenção.

Na correria para conseguir chegar na hora do embarque acabei não conseguindo ligar para Mel e avisá-la que estava me ausentando da cidade. Estava aguardando Alfredo retornar com os últimos contratos assinados e informações das cargas para que pudesse levar até o Brasil e analisá-los com maior atenção.

Pelo pouco que tinha observado em minha curta parada na sede da empresa, já pude notar o quanto meu pai estava me escondendo a realidade das finanças da empresa, o que me enfureceu.

Não era porque estava saindo, que não me preocuparia mais. A vinícola sempre foi tudo para meu pai e em nenhum momento desejei que ela falisse.

Meu celular começou a tocar, olhei no visor: Anabel. Minha irmã me ligando era mais do que estranho. Isso não poderia ser coisa boa. Atendi de imediato.

— Oi, Anabel.

— Oi, Ricardo. Você volta quando?

Havia algo diferente na voz da Anabel, nós nunca fomos muito ligados, mas ela era minha irmã e eu a amava, apesar de tudo.

— Aconteceu algo? Eu acabei de chegar, Anabel. O que foi?

— Ricardo, eu não tenho certeza. Na verdade, eu... eu... Eu acho que o pai não está bem.

Senti um arrepio passar por todo meu corpo.

— Anabel, me fala, por que você está achando isso? — Tentei manter a calma.

— Ricardo... — Ela começou a chorar.

Porra! O que estava acontecendo lá em casa?

— Calma, respira. O que aconteceu?

Eu precisava manter a calma. Anabel nunca teve muita estrutura emocional, sempre foi muito mimada, muito protegida, sempre fez o que todos queriam. Mas ela amava meus pais, nunca saiu ou sequer pensou em sair da casa deles, pois sempre foi muito dependente emocionalmente deles.

— Ricardo, hoje de manhã ele desmaiou. — Ela ainda soluçava.

— Calma. O que aconteceu? A pressão dele baixou ou subiu? Foi apenas um mal-estar, não foi? — Tentei não demonstrar o quanto a informação havia me deixado preocupado.

— Não... Não sei. A mãe não me fala nada, ela está estranha, mas só fala que ele está bem. Que foi apenas um susto. Mas eu... eu sei que não é. Ricardo, com você a mãe vai falar, vem pra casa.

Meu Deus! A empresa, meu pai, Elton em cima da Melissa, estava me faltando alguma coisa?

— Anabel, escuta, eu vou tentar sair daqui ainda hoje. Ok, vou ver se consigo um voo. Tudo bem?

Ela fungou rudemente.

— Tá. Por favor, vem logo.

— Certo, pequena, agora fique calma e qualquer coisa você me liga.

— Tudo bem.

Encerramos nossa ligação e saí da minha sala atrás do Alfredo, dessa vez ele ia precisar assumir um novo cargo, porque eu o estava promovendo para Gerente Regional. Assim que o encontrei no pátio conversando com alguns funcionários eu sabia que estava fazendo a coisa certa.

Antes de chamá-lo tentei ligar para Mel, apesar de ser muito cedo, eu sabia que ela sempre me ajudaria. E naquele momento eu só precisava que ela fosse até em casa, ou que ligasse para seus pais e verificasse como o meu pai estava.

Entretanto, minha chamada foi encaminhada para a caixa de mensagens.

Fiz sinal para que Alfredo se aproximasse.

— Já tenho quase todos os documentos, senhor Ricardo.

— Alfredo, na verdade, eu preciso conversar com você.

Meu celular resolveu apitar nesse momento. Será que meu pai havia passado mal de novo? Me adiantei para atender. Olhei no visor: mensagem da minha mãe.

Assim que tiver um tempo, me ligue, por favor.

— Senhor Ricardo, está tudo bem?

— Desculpe. Mais ou menos. Você pode me acompanhar até o escritório, precisamos conversar? — Estava louco para concluir tudo o mais rápido possível e poder voltar para o Brasil.

— Sim, senhor.

Chegamos ao escritório e pedi que sentasse na minha frente. Alfredo parecia desconfiado, até com medo. Provavelmente pensando que eu o iria demitir.

— Alfredo, eu tenho uma proposta para te fazer.

Seu alívio foi nítido.

— Eu estou com alguns problemas no Brasil, eu realmente preciso voltar, na verdade eu não posso mais ficar vindo aqui todo mês. É aí que você entra, eu preciso de alguém de confiança e realmente disposto a assumir as responsabilidades. Alfredo, você aceita ser meu Gerente Regional?

Ele ficou apenas me olhando. Eu pude ver o lampejo de felicidade e de medo em seus olhos, eu o compreendia, afinal de contas suas funções e responsabilidades aumentariam muito. Mas sua valorização e reconhecimento também seriam maiores. Como ele não disse nada, eu continuei:

— Eu sei que é inesperado e que você talvez esteja um pouco intimidado

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com a função que estou te oferecendo. Mas também sei que você é totalmente capaz e está preparado para esse cargo. Eu preciso que você confie em si mesmo, Alfredo. O que você me diz?

Ele me observava, abriu a boca para responder, mas a fechou sem dizer uma única palavra. Droga, eu comecei a perder minhas esperanças, talvez realmente não fosse meu melhor momento na vida. Se eu acreditasse em astrologia, eu iria consultar um astrólogo para verificar meu mapa astral.

— Senhor Ricardo, eu... eu... — Ele respirou fundo. — Nada me faria mais feliz. Eu aceito. Na verdade, eu estou honrado pela confiança e prometo não desapontá-lo.

O alívio inundou todo meu ser. Talvez os astros estivessem voltando a se realinhar a meu favor. Passei os próximos quarenta minutos explicando todas as suas funções, negociando seu novo salário, benefícios e deixando uma procuração para que ele pudesse resolver toda a situação em minha ausência.

Eu realmente confiava no Alfredo, ele trabalhava conosco há mais de sete anos e passou por várias funções na empresa, então ele conhecia bem o seu funcionamento.

Ele estava em êxtase, eu me perguntei por que nunca me aprofundei nos negócios? Por que nunca realmente conversei e observei meus funcionários, dando oportunidades reais de crescerem e se envolverem com os lucros da empresa?

Após tudo acertado, Alfredo saiu animado para buscar a documentação e eu fiquei feliz pela decisão tomada.

Voltei a tentar ligar para a Melissa e novamente deu caixa de mensagem.

Liguei para o aeroporto, reservei minha passagem e comecei a juntar todos os meus pertences, porque essa sala seria de Alfredo. Sem tempo para ir até um hotel, tomei um banho rápido no porto mesmo.

Já no aeroporto, passei a aguardar o embarque na sala VIP. Como não conseguia falar com a Melissa, liguei para a Anabel.

— Rick — ela chorava copiosamente.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ei, o que aconteceu?

— O pai está a caminho do hospital. Ele... Ricardo vem para casa — disse com sua voz chorosa e preocupada.

— Ei, calma, já estou indo. — Meu sangue corria freneticamente, o medo me assolava.

Encerrei a ligação com minha irmã e tentei falar novamente com a Mel, eu precisava dela.

Caixa de mensagem.

— Maldição! — murmurei frustrado.

Sara. Seu nome me veio à mente e sem pensar duas vezes liguei para ela.

— Ricardo, eu não quero falar com você — atendeu ofegante e raivosa.

— Sara, não desliga — implorei.

— O que você quer? — perguntou ríspida.

— Eu preciso da Mel, Sara. Já tentei ligar, mas ela se recusa a me atender.

— Então, a deixe em paz. Se ela não está te atendendo, é porque não quer falar com você.

Exalei o ar com força.

Sua voz estava repleta de preocupação.

— Sara, meu pai passou mal, está sendo encaminhado agora mesmo para o hospital. Eu estou no aeroporto em Portugal, preciso dela. — Notei o desespero em minha voz. Era a primeira vez desde o acontecido, que me senti confortável sobre demonstrar meus medos. Assim como Mel, Sara sempre havia sido uma grande amiga.

— Ei, calma. Não deve ser nada grave. Seu pai é um homem forte. — Seu tom de voz ficou mais tranquilo e compreensivo.

— Realmente estou me sentindo culpado e perdido — disse com a voz

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

embargada pelas lágrimas não derramadas.

— Sou sua segunda opção, não sou? A Mel não te atendeu?

— Desculpe.

A ligação ficou silenciosa.

— Sara, Mel está bem?

— Sim, pelo menos estava hoje de manhã quando saí de casa.

— Estou te atrapalhando? — Fiquei preocupado.

— Não, só saí para dar uma corrida. Sabe, precisava arejar a cabeça. — Suspirou. — Eu vou ligar para ela, Rick, aí eu aviso que você precisa falar com ela, ou se preferir posso ir ao hospital e ver como seu pai está.

— Obrigado, se conseguir falar com ela eu agradeceria muito, daqui a pouco embarco, mas ficarei mais tranquilo sabendo que a Mel estará lá quando eu chegar.

— Rick, eu sei que não é o momento mais propício para te falar isso, mas... você é um idiota!

Sorri. Essa era a Sara que eu conhecia, havia estranhado que ela ainda não tinha me mandado para o inferno ou me procurado para tirar satisfação, desde meu último encontro com a Mel.

— Eu sei — preferi concordar.

— Você precisa parar de procurá-la apenas quando precisa — me repreendeu. — Não a faça sofrer mais, Ricardo. Porque senão eu juro que corto suas bolas fora e faço farofa com elas.

— Ela e o Elton tem se visto? — resolvi perguntar o que vinha me atormentando.

— Eu não sei. — Respirou fundo. — Tenho evitado me meter entre eles. Mas se estiverem se vendo, apenas os deixe ser feliz, tá legal? Mel merece, Rick. E ele é uma boa pessoa. Ele estava lá para ela quando você ferrou com tudo. Estava ao seu lado quando o mundo desmoronou a sua volta. Ele cuidou

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dela, a animou, a mimou. Elton... Ele é... um cara maravilhoso.

Suas palavras eram lançadas como adagas em meu peito, doía escutar, principalmente por ser verdade.

— Ele está roubando ela de mim — rosnei.

— Não. Você a empurrou para ele. Ele apenas a aceitou de bom grado.

Era tudo culpa minha. Inferno!

— Sara, você acha que ele a ama? E quanto a ela, você acha que ela pode realmente amá-lo?

Sara ficou em silêncio me fazendo pensar que a ligação tinha caído. Olhei para o visor e os segundos passando indicavam que ela ainda estava na linha.

— Eu não sei. Eu acho que... que ele a ama. Se por acaso ainda não for amor, ele está caminhando para isso. Quanto a Mel, eu não sei. Eu sei que ela ainda te ama. Ela quer te esquecer, mas ela ainda o ama.

Sua declaração me deixou com um pequeno fecho de esperança. Talvez, ainda houvesse, por menor que fosse, uma chance.

— Me ajuda, Sara.

— Não.

— Me ajude. Eu só preciso de mais uma chance. Eu não vou fazê-la sofrer nunca mais. Eu... eu prometo.

— Não, Ricardo. Você a quer? Então, você vai lutar sozinho. Arrume uma maneira de se desculpar com ela e consertar cada erro. Eu me recuso a me meter. Elton a tem deixado feliz e animada, ele é bom pra ela. E se ela está feliz, eu também estou.

Escutei uma fungada. Sara estava chorando?

— Sara? — chamei sentindo todo meu corpo ficar tenso.

— Oi. — Sim, ela estava chorando. Sua voz estava embargada. Foi

quando a realidade me bateu forte. Ela gostava daquele maldito!

— Você estará feliz, mesmo que isso sacrifique a sua felicidade? — perguntei a influenciando a me contar o que realmente ela sentia.

Silêncio.

— Não fale besteira — retrucou.

— Sara? Você gosta dele, não é?

— Não! — gritou.

— Não mente pra mim — resmunguei.

— Não quero ter essa conversa por telefone. E você precisa falar com a Mel, eu já estou quase chegando em casa. — Tentou despistar.

— Sara! — Voltei a incentivá-la.

— Ela merece ser feliz, ela... ela merece mais do que qualquer pessoa no mundo. Ela é a mulher mais doce, mais determinada e inteligente que eu conheço, ela é muito especial. Elton... Ele... Ele gosta dela. Ele está ensinando ela a voltar a brilhar. — Sua voz estava embargada pelas lágrimas não derramadas. — Não ouse contar nada a ela, muito menos a ele.

Ponto pra mim. Eu sabia que ela estava sentindo algo por aquele maldito.

Porra! Se antes eu admirava e gostava dessa garota, agora eu a amava. Sara sempre protegeu a Mel, sempre cuidou, apoiou, incentivou, como se elas fossem irmãs e agora ela estava disposta a abrir mão de si mesma por ela.

— Sara, e quanto a você?

Eu gostaria de saber, porque, porra, eu era egoísta o suficiente para saber que não estava abrindo mão da Mel. Mas Sara estava abrindo mão do Elton?

— Ela não sabe. Ninguém sabe. — Sua voz caiu para um sussurro. — Eu vou ficar bem. Ele é apenas um cara, Mas ela, Ricardo... Mel é minha irmã, minha melhor amiga, ela é minha família. Se ela estiver feliz, eu também vou ficar. E tudo vai valer a pena.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Senti meu peito se apertar.

— Obrigado, Sara. Obrigado por cuidar da Mel tão bem e, acima de tudo, obrigado por me inspirar.

Eu não iria deixar Mel nunca mais. Eu a faria feliz e cuidaria dela. Eu provaria a todos o quanto eu era sua melhor opção.

— Rick, cheguei aqui no prédio, vou entrar no elevador, se a ligação cair eu te retorno, tudo bem?

— Sim. E Sara... muito obrigado.

— Qual é, playboy, não vai ficar todo sentimental agora, não é?

Sorri. Sara sendo a Sara sempre aliviava qualquer momento ruim. A ligação caiu, o que já esperava que acontecesse. Abri minha galeria de imagens, procurei a foto da Mel, uma que nem ela sabia que eu possuía, ela estava sentada na varanda olhando para o jardim, com o olhar mais sonhador e perfeito do mundo. Minha menina, minha branquinha, meu amor.

— Nós ainda seremos muito felizes, assim que toda tormenta passar — sussurrei, acariciando sua fotografia.

Capítulo 26



— Melissa, nós estamos conversando — Elton reclamou em minhas costas. Continuei o ignorando e tentando ligar para o Rick.

Sara havia chegado como um furacão há uns cinco minutos e me contou sobre o pai do Ricardo. Desde então, eu tenho tentado ligar para ele e não obtido nenhum sucesso.

— Melissa — Elton voltou a me chamar.

— Espera, Elton, não está vendo o quanto ela está preocupada. — Escutei quando Sara o repreendeu.

— Sabe, Sara, eu realmente pensava que você gostava da Mel, que você pensava no futuro dela, que eram amigas, mas vejo que me enganei — falou acusatoriamente, gritando com Sara, e me fazendo virar.

— Ei, o que deu em você? Ficou louco? — O encarei, furiosa.

— Não, não estou e você sabe — Elton respondeu, enquanto andava de um lado para o outro, passando as mãos pelos cabelos.

— Elton... — Sara voltou a chamá-lo, mas ele ergueu a mão, como um sinal para que ela se calasse.

Ignorei a ambos quando voltei a escutar a caixa de mensagem.

Droga! Liguei mais uma vez.

Elton respirou profundamente, e se aproximou de Sara, a encarando firmemente.

— Você não percebe que ele vai fazê-la sofrer novamente? Que ele não a ama?

— Eu ainda estou aqui, tá legal? — critiquei Elton. O que estava dando nele?

— E você a ama? — Sara gritou, irritada. — Entenda de uma vez, ela não te ama, ela ama o Ricardo, ela sempre o amou. Não me culpe se você não foi suficiente para ela esquecê-lo, não me culpe se o que você sente por ela não é correspondido. Mas nunca diga que eu não sou amiga dela e que não penso em sua felicidade, porque você pode apostar que eu sacrificaria a minha felicidade por ela.

— Sara, Elton. Parem com isso já. Que droga! — gritei. Mas ambos me ignoraram se encarando com raiva.

— Ah, mas que bela amiga que você é. — O sarcasmo pingava a cada palavra proferida por Elton. — Sabe, Sara, lindas suas palavras, mas, então, por que não me diz, onde está o seu amor? Por que você está sempre sozinha? Eu te conheço há o quê? Uns oito, dez anos? E você sempre esteve sozinha, nem sua família está por perto. Então, não venha com palestra sobre amor correspondido ou não, porque tenho certeza de que você não sabe nada sobre isso.

Sara deu um passo à frente, suas mãos em punhos ao seu lado.

— Acredite, você não sabe nada sobre mim, nada sobre a minha vida.

— E nem quero, o que eu conheço já me basta.

— Chega! — gritei voltando a me aproximar. — Elton, acho melhor...

— Mel? — Rick, enfim, atendeu.

— Rick, o que está acontecendo? — perguntei preocupada, me esquecendo completamente das duas bombas-relógios a minha frente.

— Mel, acabei de falar com a minha mãe, eles estão no Hospital São Gabriel, ainda não sabem como meu pai está. — Rick suspirou. — Mel, eu sou o culpado. — Sua voz estava embargada. — Eu...

— Rick, eu estou indo para lá. Vai ficar tudo bem.

— Obrigado, Mel. Eu fico mais tranquilo.

— Ei, não tem que agradecer.

— Eu já estou a caminho de casa. Preciso desligar, vamos decolar.

— Venha seguro. Beijos.

— Beijos, branquinha — sussurrou, me causando um aquecimento no coração.

Quando desliguei, voltei a escutar Sara e Elton discutindo:

— Eu... Eu sinto muito que não tenha dado certo com a Mel, e eu sinto de verdade, porque eu sei que você é uma pessoa especial e que a faria feliz...

Elton tentou interrompê-la.

— Me deixe terminar. Eu sei que você pensa que a ama, que realmente está envolvido, mas eu... Eu sei o que é sentir isso, gostar de alguém que não gosta de você.

— Dá para ir direto ao ponto? Essa conversa realmente é necessária? — Elton retrucou, impaciente.

Eu estava paralisada. Tudo se esclarecendo.

— E se... e se eu... Elton, eu gostaria de ter uma chance de te conhecer melhor. Eu... Eu gosto de você, e acho que poderíamos dar certo, se nos permitíssemos tentar.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. Meu coração estava doendo pela

minha amiga. Estava orgulhosa de sua bravura e coragem.

— Jura? — Elton desdenhou.

Apenas segui os observando.

— Você acha que sou trouxa, não é? Coitadinho do Elton, por que não ser seu prêmio de consolação? Eu passo, obrigado, mas não serei mais um otário na sua lista de conquistas; e outra, eu não gosto de cenoura.

Suas palavras me atingiram tão fortemente, que senti as lágrimas se formarem em meus olhos. E quando me dei conta, já estava diante dele dando um tapa em seu rosto.

Engoli em seco e, apontando o dedo diretamente para ele, falei com toda veemência possível:

— Um dia, você vai se arrepender. E só torço para que não seja tarde demais.

— Tanto faz — foi sua única resposta, antes de sair fechando a porta com força.

Sara encarava o chão com os ombros caídos em sinal de derrota. Eu sabia que deveria estar a caminho do hospital, mas não podia deixar minha amiga naquele momento.

Ao invés de tentar usar palavras para consolá-la, a puxei para um abraço apertado.

Sara seguia em silêncio. Não era preciso olhar em seu rosto para saber o enorme esforço que estava fazendo para se manter firme, sem se permitir chorar.

Me sentia horrível. O que mais eu havia perdido da minha amiga? O que mais eu havia deixado passar durante todos esses anos? Como pude ser tão egoísta e desatenta? Como não havia notado que ela amava o Elton?

— Desde quando? — perguntei, precisando saber desesperadamente.

Sara me ajudou em todos os momentos, ela me incentivou a ficar com o

Elton. Minha amiga estava sacrificando sua felicidade pela minha.

— Mel, eu não...

Balancei a cabeça em negação, não precisava de mais mentiras, não precisava ser poupada, eu era uma menina crescida, uma mulher, eu não queria mais ser a garotinha indefesa que precisava de proteção. Percebi que a culpa era minha mesmo, foram anos na sombra, anos sendo a vítima. Como pude ter sido tão fraca? Por que não assumi o controle, a responsabilidade por minhas escolhas? Por que aceitei as migalhas?

— Chega, Sara, eu quero apenas a verdade. Eu estou te implorando, por favor — falei, sentindo a primeira lágrima escorrer.

Eu amava a Sara, ela sempre foi minha melhor amiga, a irmã que eu nunca tive, e eu estava confirmando naquele momento que eu a negligenciei e a fiz sofrer.

— Mel, me perdoa, eu não quis... — Sara começou a falar, chorando.

A abracei mais forte. Suas lágrimas me rasgavam por dentro, Sara era forte, guerreira e vê-la tão vulnerável me destruiu. Seguimos abraçadas por um tempo. Eu engoli minhas lágrimas, eu seria o seu alicerce naquele momento, assim como ela foi o meu em tantos outros.

— Agora é o momento de esclarecer tudo, Sara — falei suavemente.

Ela apenas balançou a cabeça em concordância.

— Então, me conta.

Sara respirou fundo, limpou as lágrimas com as costas das mãos.

— Eu não... não sei ao certo — Ela começou. — Eu não escolhi isso, Mel, eu não entendo...

Ela parecia completamente confusa e perdida.

— Tudo bem, Sara — tentei acalmá-la.

— Nós nunca tivemos nada, Mel, ele também nunca me deu esperanças, ele sempre me enxergou como... como um dos caras. — Fez uma pausa. —

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Nós íamos aos shows, as festas, reuniões de amigos, eu pensava apenas que admirava sua forma de ser, sempre despreocupado, alegre e divertido. — Um pequeno sorriso amarelo brotou em seus lábios — Aquele dia na boate foi um grande susto, eu não esperava vê-lo novamente. Eu senti... Senti uma emoção enorme, fiquei feliz, ele estava tão diferente, tão... tão homem, não parecia mais o jovem com quem eu saía, não parecia em nada com o meu velho amigo. Eu pensei que fosse apenas pelos anos longe, que aquela emoção e aperto no peito era apenas... saudade.

Sara se afastou. O desconforto era evidente, ela sempre foi reservada e eu sabia que abrir sua alma assim não estava sendo fácil. A cada nova revelação, meu peito se apertava. Sara era uma pessoa especial, única, ela merecia ser feliz.

— Mas então ele estava tão feliz em te reencontrar, você sempre foi especial para ele, Mel, ele sempre se preocupou em te proteger, sempre fazia questão de estar ao seu lado. Sempre falava de você com tanto carinho e admiração... Você era a escolhida dele, sempre foi. Eu preferi me manter longe, você precisava de alguém como ele, alguém que estivesse ao seu lado, que não se importasse com... com essa maldita sociedade hipócrita, alguém que te respeitasse e ele... Ele era exatamente isso, Mel, ele estava ali na sua frente te oferecendo o pacote completo e eu pensei que seria fácil seguir em frente porque você é minha melhor amiga, você é minha família, Mel.

As lágrimas escorriam por sua face.

— Eu tentei controlar, eu tentei assumir o controle e funcionou por um tempo... mas a verdade é que no fundo eu acreditava que você nunca se envolveria com ele. Você sempre o viu como amiga e tinha o Ricardo, mas então... Então, me dei conta de que meus sentimentos por ele eram mais fortes do que amizade, me dei conta de que eu queria o cuidado, a proteção, o... o amor que ele estava oferecendo. Eu queria ser você... E quando vocês... vocês se envolveram, eu fiquei perdida, Mel, e tudo acabou ficando muito... doloroso.

Seu olhar estava tão abatido, seu rosto vermelho, seus olhos refletiam culpa. Ela estava se torturando por mim.

— Me perdoa, Mel, eu não queria sentir nada por ele, eu juro. Mas... mas eu prometo que tudo vai ficar bem, eu... vou esquecê-lo, isso passa. Não me odeie. Por favor.

— Sara — falei chamando sua atenção. — Por favor, não se sacrifique por mim. Não faça isso com você. Amiga, eu nunca vou te odiar, eu... Eu te amo, sua maluca. — Sorri, eu queria que ela compreendesse que eu não estava chateada. — Amiga, eu sinto muito por não ter percebido isso antes, por ter sido uma péssima amiga...

— Não fale assim — ela me interrompeu.

— Nunca mais vamos esconder nada uma da outra — falei apontando o dedo mindinho, como se fosse uma criança fazendo um juramento.

Sara sorriu e levantou o mindinho entrelaçando com o meu.

— Nunca — fungou secando as lágrimas de seu próprio rosto.

— Antes de você chegar estávamos conversando. Eu lhe disse que não poderíamos continuar juntos, Sara. Eu não o amo como homem, eu até posso ter me enganado por alguns instantes, mas... ele é só um amigo especial. Já o Rick... Ele sim é amor.

— Eu sei. — Sara sorriu e me abraçou. — Vai se trocar, eu te levo até o hospital. Ricardo deve estar insano de preocupação.

— Quer que eu entre com você? — Sara estava preocupada com a reação da mãe do Ricardo.

— Não precisa, vou ficar bem. — Desafivelei o cinto e abri a porta. — Obrigada pela carona.

— Mel, qualquer coisa me liga que venho na mesma hora.

Sorri agradecida. Dei um beijo em seu rosto e caminhei confiante para

dentro do hospital.

Na recepção me disseram que eu deveria seguir até a sala de espera. Após algumas instruções caminhei até lá. Assim que me viu entrar, Anabel arregalou os olhos como se não acreditasse em minha ousadia.

— O que você está fazendo aqui? — gritou, atraindo a atenção de todos.

Dona Alice se virou me notando pela primeira vez e me permitindo ter um vislumbre dela toda vermelha e chorosa.

— Melissa — choramingou caminhando em minha direção e me abraçando.

Fiquei tão chocada, que levei um bom tempo até ser capaz de retribuir seu abraço.

— Vai ficar tudo bem — sussurrei.

— Meu marido, Melissa... Meu Fernando não está bem, eu sei que ele não está nada bem — chorou.

Anabel me fuzilava com o olhar, enquanto observava sua mãe buscar conforto em meus braços.

— Dona Alice, eu conversei com o Ricardo, ele já está a caminho. Eu posso pegar algo para a senhora? — Não sabia como agir. Toda a situação era estranha demais.

Ela se afastou, tentando se recompor, ainda que tenha sido em vão.

— Obrigada, eu... eu estou bem. O médico deve chegar a qualquer momento.

— Anabel, você...

— Não fala comigo. Minha mãe pode ter sido abduzida e estar com problemas neste momento, mas eu ainda não gosto de você e não sei o que diabos está fazendo aqui. — Ela passou por mim como um furacão saindo da sala de espera.

Olhei em direção a dona Alice, preocupada. Ela sorriu gentilmente

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

voltando a se sentar em uma das cadeiras disponíveis, enquanto eu caminhei até o bebedor.

Na sala de espera, os minutos pareciam horas. Anabel já havia voltado e seguia sentada ao lado de sua mãe, que ainda chorava preocupada, o que foi revigorante. Ao que tudo indicava, a dona bruxa tinha um coração. Eu sei que isso poderia soar maldoso e cruel, mas vê-la tão abatida e receptiva a minha presença só demonstrava o quanto éramos pessoas iguais e normais.

Quando o doutor se aproximou perguntando pelos familiares, eu não ousei me aproximar, não quis causar uma comoção. Pelo que consegui ouvir, o senhor Fernando estava estável e elas poderiam ir até seu quarto. Lá no fundo, eu esperava que dona Alice se virasse e me chamasse para ir com elas, mas isto não aconteceu.

Decidi dar um tempo a elas, até que pudesse me aproximar novamente. Enquanto isso, fiquei sentada aguardando Rick chegar, aproveitei e enviei uma mensagem para Sara informando que tudo parecia estar melhor.

Acabei ficando inquieta. O celular do Ricardo só dava caixa de mensagem e ninguém voltava para me dar notícias. Juntando toda a minha coragem, respirei fundo e caminhei até o quarto onde o senhor Fernando estava.

Parei em frente à porta e respirei fundo, bati suavemente e coloquei a cabeça para dentro ainda meio sem jeito. Quando meus olhos focaram nas figuras lá dentro, meu peito se apertou. Dona Alice segurava a mão do senhor Fernando e Anabel me olhava com os olhos arregalados.

Arrumei minha coluna e entrei de uma vez por todas. Já estava aqui mesmo, não iria recuar agora.

— Boa noite, eu vim saber como o senhor Fernando está — tentei soar segura. Olhei diretamente para o pai de Rick, não querendo vacilar.

O senhor Fernando sorriu e me estendeu uma das mãos, para que me aproximasse. Dona Alice estava um pouco mais controlada. Jamais a tinha visto tão simples, usando calças jeans e uma blusa básica, com o rosto sem maquiagem.

— Ficamos felizes que tenha vindo, Melissa — dona Alice falou se levantando, para que pudesse me aproximar.

Forcei um sorriso.

Não sabia o que responder, então apenas me deslizei no lugar que antes ela ocupava.

— Que susto, hein, senhor Fernando? — Toquei sua mão gentilmente.

— Foi sim, mas eu estou bem, não é nada sério. — Ele balançou a mão livre do soro como se não fosse nada.

— Já sabe quando terá alta? — perguntei preocupada.

— Provavelmente daqui a dois dias. — Virei abruptamente em direção a voz familiar. Ricardo havia chegado e estava todo desalinhado próximo a porta com um médico ao seu lado.

Ignorei a sensação que me atingiu quando notei o quanto ele estava próximo.

— Boa noite, como está nosso paciente? — Um médico entre seus quarenta e cinco e cinquenta anos entrou sorrindo no quarto.

— Pronto para ir embora — o senhor Fernando respondeu.

Caminhei para fora do caminho e deixei o médico fazer sua checagem.

— É... eu preciso ir, é bom ver que o senhor está bem. Se precisar de algo e eu puder ajudar é só me avisar. — Comecei a me despedir não querendo atrapalhar o momento família.

— Boa noite, Melissa, e obrigada novamente — dona Alice me respondeu.

Dei um aceno de cabeça e continuei meu caminho.

Assim que fechei a porta, a escutei sendo aberta novamente. Olhei por cima do ombro e Rick estava caminhando em minha direção. Apenas continuei andando. Rick parou na minha frente, me fazendo dar um passo para trás, evitando que colidíssemos.

— Obrigado por vir. — Me encarou com carinho.

Havia algo diferente sobre ele.

— Eu gosto do seu pai — respondi secamente.

— Mel...

— Rick, não quero abusar da sorte, é um momento de família e vocês...

Não pude concluir, Rick tomou meu rosto em suas mãos e colocou seus lábios junto aos meus. Por mais que meu lado racional quisesse se manter firme e inabalável, foi inevitável não esquecer todos os meus pensamentos e me entregar ao momento pelo qual eu sonhei a minha vida toda. E me peguei implorando para que o tempo parasse e não voltasse a correr nunca mais.

Seus lábios eram macios contra os meus, Rick me beijava calmamente, como se me saboreasse, os movimentos eram suaves, sugando e exprimindo tanto quanto podia de meu ser, senti minhas pernas vacilarem, mas Rick foi meu apoio enlaçando minha cintura me firmando contra ele. Uma de suas mãos acariciava minha nuca, sua língua invadiu minha boca, convidando a minha a dançar com a dele, eu perdi a noção do tempo, do espaço e do lugar, naquele momento eu me esqueci até de mim mesma, eu só conseguia focar no homem que me segurava em seus braços com tanto amor e reverência.

Seu sabor era único, algo que nunca havia experimentado, todo meu corpo clamava por ele. Meu coração estava acelerado, palpitando com intensidade e sofreguidão. Eram os lábios do homem que sempre amei que tocavam os meus, era sua língua junto a minha, e toda saudade e amor reprimidos durante anos colidindo em um único momento. Senti que poderia levitar, ser transportada para o meio de um sonho, onde o final sempre era feliz.

Quando seus lábios deixaram os meus estávamos ofegantes, tentei respirar, ter minha mente de volta à realidade. Rick ainda me segurava contra si, distribuindo beijos suaves em minhas têmporas, testa e bochecha. Quando se deu por satisfeito me encarou de uma forma que eu nunca pensei ser possível. Havia determinação e amor.

— Eu senti sua falta — sussurrou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— É, eu... acho que notei — respondi ainda fora de mim.

— Mel, nós precisamos conversar — Rick falou firmemente. Eu estava pronta para dizer que poderia ser agora mesmo, quando a porta do quarto do senhor Fernando abriu abruptamente nos assustando.

— Olha, será que vocês podem ao menos fingir que se preocupam com o meu pai e voltar aqui dentro.

Ricardo ignorou a grosseria de Anabel, enlaçou seus dedos ao meus e me puxou contra si.

— Vem comigo? — A esperança irradiava de suas feições.

Acenei positivamente, permitindo que ele nos guiasse.

— Eu te amo, Melissa, sempre foi você — sussurrou me deixando em choque e totalmente sem reação.

Rick sorriu, sabendo exatamente o que havia me causado. Eu não podia me iludir novamente, se eu permitisse que ele me quebrasse mais uma vez eu nunca me recuperaria. Foi difícil conter a emoção e o pânico crescente em meu peito. Eu sempre quis escutar essas palavras saírem de seus lábios, mas nunca imaginei que seriam desta maneira. Apesar de querer acreditar, uma parte minha gritava que ele estava apenas afetado pelos acontecimentos, que logo voltaria à razão e esqueceria as palavras ditas.

Puxei minha mão conseguindo colocar um pouco distância entre nós. Precisava de espaço para reorganizar minhas emoções.

— Eu... eu preciso ir embora. Me liga assim que tiver todas as notícias.

Me afastei antes que ele pudesse me impedir, fugindo de sua declaração, de sua família, de nós.

Capítulo 27



Meu mundo estava rodando em câmera lenta assim que as palavras do Dr. Ribas infiltraram em meu subconsciente: “O Sr. Belmonte foi diagnosticado com um AVC, em função de uma isquemia cerebral”. Por um milagre, tudo havia sido um grande susto, um enorme na verdade. Por ter sido socorrido imediatamente, os danos foram muito pequenos e a área afetada foi mínima. Eles aguardavam uma recuperação total.

As instruções eram claras, pois o período de tratamento era para toda a vida: mudança de hábitos alimentares, disciplina, horários mais rigorosos, até um possível tratamento psicológico.

— Sr. Belmonte?

— Sim.

— Seu pai precisa de férias, ele não poderá voltar ao trabalho, pelo menos não totalmente.

— Tudo bem, eu posso cuidar disso.

O doutor continuou com as instruções, esclarecendo as dúvidas da minha mãe e de Anabel. Minha mente vagava. Por mais complicada que fosse a

situação, eu estava aliviado.

Obrigado, meu Deus, muito obrigado, agradei silenciosamente, grato pelo milagre vivido por meu pai.

Quando saímos de volta para a sala de espera, após assinar os papéis com autorização para a mediação, Anabel foi pra lanchonete atrás de um café e minha mãe seguia calada de modo preocupante. Ela estava sentada em uma cadeira no canto, me aproximei, agachando na sua frente.

— Mãe. — Toquei seu joelho.

Assim que levantou a cabeça, vi que ela estava... chorando. Um nó se formou em meu estômago, minha mãe parecia perdida, vulnerável, tão frágil, diferente de tudo que eu já tinha visto.

— Mãe, ele vai ficar bem. Você escutou o médico?

Acenou em concordância.

— Eiiii... — Me levantei e a abracei.

Para meu desespero, seu choro se intensificou.

— Euuu... eu... eu, qua-quase perdi ele — ela gaguejou.

— Ele está bem. Ele é forte.

— Eu... eu... a-amor seu pai. Amo ele. — Sua voz estava embargada pelas lágrimas.

— Eu sei, mamãe, e ele sabe disso também.

— Me escuta. — Ela se ajoelhou na minha frente, segurando meu rosto com as duas mãos. — Eu falhei com você, com seu pai e com sua irmã. Eu me deixei levar pelos círculos sociais, pelas festas, pelo dinheiro e me esqueci do mais importante: da família. Me esqueci do amor, me esqueci de onde vim. — As lágrimas ainda escorriam por sua face. — Não cometa meu erro. Eu... eu sei que parte é culpa minha, mas se você ainda tem uma chance vai atrás. Eu sei que você ama a... a... Melissa. Vai atrás dela. Não a perca.

Eu estava chocada. Meu Deus, era um sonho, só podia.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Mãe...

— Shhh, não precisa dizer nada. — Ela olhou em direção à porta. — Ela voltou.

Me virei e encontrei a Mel nos observando. Dei um beijo na testa da minha mãe.

— Ele vai ficar bem.

— Eu sei.

Caminhei até onde Mel estava escorada na parede, ela parecia mais abatida, olhos vermelhos.

Ela havia chorado?

— Eu não quis interromper.

— Tudo bem. Nós meio que já tínhamos terminado.

— Como está seu pai?

— Ele vai ficar bem — expliquei a ela o que o médico havia nos dito.

— Eu sinto muito, Ricardo, se puder fazer algo, apenas me informe.

— Obrigado. Obrigado por estar aqui comigo.

— Você é meu amigo, onde mais eu estaria? — ela disse mais animada, cutucando meu ombro. — O que você vai fazer, Ricardo?

A puxei para meus braços, precisava sentir seu corpo junto ao meu e saber que não estava sozinho.

— Agora vou lutar pelo que amo e tomar algumas decisões importantes.

— Me parece um bom plano — sussurrou contra meu peito.

Sorri.

— Sim, é o melhor.

Notei quando Sara chegou, ela sorriu diante da cena. Se aproximou.

— É um momento ruim para anunciar minha chegada?

Mel se desvencilhou dos meus braços.

— Não, eu estava te esperando.

— Obrigado, Sara — voltei a agradecê-la pela ajuda.

— Não me agradeça, playboy. Eu ainda irei te cobrar o favor. — Sorriu.

A puxei lhe dando um abraço.

— Nós precisamos ir — Mel avisou. — Qualquer coisa, me liga. Sabe que estou aqui para o que precisar.

— Eu sei, branquinha.

Corou timidamente, enquanto Sara dava risada da minha cara de bobo, apaixonado.

Depois que elas se foram, voltei e encontrei minha mãe com Anabel. Meu pai estava melhor, mas passaria o resto do dia e a noite em observação. Me despedi delas e saí, precisava assumir minhas responsabilidades. E eu estava sedento por elas.

Fui para casa, tomei um banho e liguei para os pais da Mel avisando que estava tudo bem com meu pai e que eles poderiam ficar tranquilos.

Aproveitei para ir até meu escritório, abri a papelada que havia trazido de Portugal e comecei a analisar minuciosamente cada contrato. Mesmo sabendo que era um domingo e que ninguém me responderia, enviei alguns e-mails e retracei todas as minhas metas e escolhas.

Quando cheguei ao escritório na segunda pela manhã, pedi para minha assistente ligar para os Velásquez e os convocar para uma reunião para o dia seguinte, também solicitei que ligasse para o contador e pedisse que fosse até a minha sala o mais rápido possível.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eu estava com tudo planejado, primeiro verificaria as propriedades, a situação do caixa e nossas dívidas. Era chegado o momento de assumir as rédeas e tirar a empresa do vermelho.

Já passava das dezesseis horas quando consegui ter uma noção ainda que remota da situação da empresa. Havia passado horas conversando com o contador e a assistente pessoal do meu pai e fiquei a par de todos os assuntos emergenciais que precisavam ser tratados. Sem pestanejar convoquei todo o conselho, expliquei o ocorrido e avisei que estava assumindo os negócios.

No início todos pareciam espantados, mas acabaram aceitando. No final do meu dia eu tinha tudo anotado sobre o que seria tratado na reunião de amanhã. E não havia discussão, minha decisão estava tomada e todos teriam que me acatar. Mesmo que pudesse parecer um pouco presunçoso de minha parte, não me importei, um novo Ricardo havia tomado conta do meu ser e eu estava amando essa confiança recém-conquistada.

Saí do escritório e fui direto para o hospital, Anabel havia ido para casa tomar banho e buscar roupas para minha mãe que estava relutante em sair do lado do meu pai, que, por sua vez, estava mais do que feliz com toda a atenção.

— Sua mãe me disse que você foi para o escritório — meu pai perguntou, assim que entrei em seu quarto.

— Sim, mas isso não é conversa para um hospital — respondi com um leve sorriso por ver que, mesmo com todos aqueles aparelhos o monitorando, ele estava bem.

— Tudo bem. — Sorriu orgulhoso.

— Apenas confie em mim e em minhas escolhas de agora para frente — falei um pouco mais duro do que pretendia. Soei firme, torcendo para que compreendesse que não estava falando apenas da empresa.

Minha mãe me encarou entristecida. Ao que tudo indicava, ela realmente estava arrependida por seu comportamento nos últimos anos.

— Você só precisa saber que tem nosso apoio em todas as suas decisões — meu pai falou. Senti um conforto em meu peito, era a primeira vez que
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

escutava essas palavras dele.

— Obrigado. — Me aproximei acariciando os cabelos da minha mãe e dando um aperto reconfortante na mão do meu pai.

— Não poderei buscá-los amanhã, pois estarei em reunião...

— Não se preocupe, meu filho, sua irmã sabe dirigir — minha mãe me provocou.

Ótimo.

Me despedi e segui para casa. De lá, liguei para Sara, ela seria minha cúmplice, eu sabia exatamente como reconquistar a Mel. Eu a sequestraria.

Acordei cedo na manhã seguinte, precisava chegar logo no escritório. Tinha exatamente dois dias para colocar a empresa em novo andamento e seguir rumo a meu plano de sequestro.

— Ricardo, o Sr. Velásquez chegou — Elise, minha assistente, anunciou.

— Peça para que entre.

— Bom dia, Ricardo, confesso que fiquei surpreso com sua ligação — o Sr. Velásquez falou, entrando.

— Bom dia. Obrigado por vir. — Me mantive sério.

— Bom, então a que devo a honra? — Por mais que ele estivesse tentando disfarçar, notei sua preocupação.

— Sr. Velásquez, eu quero imensamente agradecer a disposição de sua empresa em comprar parte da Belmonte, mas eu estou rompendo as negociações. — Fui direto ao assunto, não havia motivos ou tempo para ficar dando voltas.

À minha frente, o Sr. Velásquez parecia confuso e completamente sem reação, abria e fechava a boca, mas nenhuma palavra saía.

— Permita-me explicar, Sr. Velásquez. Eu não quero perder o poder de decisão da empresa, o senhor conhece a nossa situação atual e sabe dos problemas que teremos que enfrentar. Mas eu já estou tomando as devidas providências. Minha família construiu a empresa do zero e, se for preciso, vamos recomeçar do zero. — Fui firme e estava orgulhoso de poder me sentir... útil.

— Ricardo, eu compreendo essa sua necessidade de controle, mas seu pai já está com o contrato final, as negociações estavam prontas, só nos resta assinar — o Sr. Velásquez protestou.

Puxei o contrato da minha pasta e lhe entreguei.

— Aqui está. Nós não vamos assinar. As negociações estão acabadas. — Antes mesmo que pudesse dizer qualquer coisa, puxei um novo contrato de minha pasta e lhe entreguei. — Mas eu tenho uma nova proposta, esse novo contrato propõe uma parceria de comercialização. Teremos laços mercantis, mas cada um com a sua empresa, eu não terei poder de interferir na sua e nem você na minha empresa.

O Sr. Velásquez me lançou um sorriso sagaz. E passou a analisar o contrato que dispus em sua frente.

— O senhor também vai notar que há uma cláusula muito específica, na página cinco — prossegui com minha explicação. — Quero a Sophie longe da minha empresa e dos negócios que nos envolvam. Ela é sua filha, eu sei. Mas o senhor possui outros diretores.

— Me desculpe, mas acho que não estou compreendendo, Ricardo. — O Sr. Velásquez me encarou, confuso.

Antes que pudesse explicar, a porta da minha sala foi aberta com mais força que o necessário.

— Essa reunião é completamente inadequada. Eu mereço participar, assim como nosso advogado. — Sophie entrou como um furacão em minha sala com Elton em seus calcanhares.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Desculpe, Sr. Belmonte, eu tentei segurá-la. — Elise parecia apavorada.

— Tudo bem, Elise, obrigado.

— O que fazem aqui? — o Sr. Velásquez perguntou rispidamente.

— Mamãe falou que o senhor havia vindo para uma reunião com os Belmonte, sendo assim liguei para o Elton, ele é nosso advogado e está a par das negociações.

Eu não conseguia prestar atenção em nenhuma de suas palavras, minha vontade era de pular no pescoço desse bastardo. E para minha surpresa o maldito parecia querer o mesmo.

— Já que estão aqui, por que não se sentam? — falei, apontando para as cadeiras ao lado do Sr. Velásquez.

Sophie e Elton se sentaram. O Sr. Velásquez entregou o novo contrato para Elton.

— Preciso que leia esse novo contrato, Ricardo está cancelando a negociação anterior e acabou de me fazer uma nova proposta — explicou.

Os olhos de Sophie estavam tão arregalados que temi que caíssem de sua face.

— Acredito que não esteja a par da situação real da empresa, Ricardo. Vocês precisam do dinheiro — Sophie falou soberba.

Elton seguia lendo o novo contrato.

— Estou completamente ciente da situação da empresa, Sophie — respondi sem me dar ao trabalho de olhá-la.

— Interessante essa cláusula. Creio que não se importe de discutir esse aspecto do contrato, Ricardo. — Elton atraiu minha atenção.

— Esclarecerei qualquer cláusula que não compreenda.

— Qual o seu interesse em manter a vice-diretora da empresa longe dos negócios? — Elton perguntou profissionalmente.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sophie praticamente caiu da cadeira.

— Como é que é? — perguntou praticamente gritando.

Todos me encararam esperando minha resposta.

— Exatamente isso. Não a quero envolvida em nada relacionado à empresa — falei com desdém.

Eu não queria falar sobre a chantagem e todas as merdas que Sophie havia aprontado, então estava esperando apenas que aceitasse e se calasse.

— Isso é um absurdo, Ricardo, nós somos namorados — ela falou irritada.

— Não, não somos — falei firme. — Chega dessa farsa, Sophie, pare de mentir para si mesma e tentar fazer com que os outros acreditem nisto.

— Farsa? — O Sr. Velásquez me encarou confuso.

— Vocês deveriam conversar sobre isso em privado — Elton falou desconfortável.

— Não há mais o que falar. Essas são as minhas condições — falei, encarando uma Sophie muito nervosa.

— Aparentemente não há nada de errado com o contrato, Sr. Velásquez, posso levá-lo e estudá-lo melhor, mas tirando essa cláusula, não creio que tenha qualquer problema. — Elton voltou a postura profissional.

— Isso é um absurdo, o senhor não vai aceitar isso, não é? — Sophie perguntou ao seu pai.

— Acalme-se, Sophie.

— Me acalmar? Eu estou calmíssima, apenas não compreendo esse disparate.

Não estava de muito bom humor e mesmo sabendo que não era o momento mais adequado, resolvi estourar.

— É claro que compreende, usou de chantagem no contrato anterior para

me manter ao seu lado, eu posso ter sido estúpido em permitir que isso acontecesse uma vez, mas chega. Não quero alguém que jogue baixo como você envolvida com a minha empresa — soltei, sem me preocupar com mais nada.

— Como é que é? — o Sr. Velásquez perguntou, irritado.

— Não o escute, papai, está louco — Sophie respondeu dissimulada.

— Acredito que não seja apropriado ter essa discussão — Elton falou. — Sr. Velásquez, se me permite, não acredito que uma aliança entre as duas empresas seja algo positivo para ambos, o melhor seria romper todos os laços por enquanto.

Eu sabia que estava perdendo um grande parceiro de negócios, mas nesse momento estava grato ao Elton por sugerir o rompimento.

— Bom, iremos conversar em casa. Ricardo, eu te envio uma resposta depois — o Sr. Velásquez falou, ainda abalado. — Acredito que temos tudo certo por enquanto. — Estendeu a mão me cumprimentando. — Melhoras para seu pai, eu soube que passou mal. — E sem mais saiu, puxando Sophie pelo cotovelo.

Elton se levantou, mas permaneceu na sala.

— Algo a mais, Elton? — perguntei.

— Ela é especial, Ricardo, não a trate como um capricho.

De início fiquei sem entender sobre o que ele falava, senti meu sangue tremer com a percepção.

— Eu sei, ela é única e eu a amo, e a quero comigo. Fique longe dela — falei levantando meu tom de voz.

Elton respirou fundo e me encarou com um olhar conflituoso.

— A Mel sempre foi alguém especial, desde que a conheci. Ela é doce, gentil e muito carinhosa — Elton começou a falar.

— Mas você não a ama, não é? Você gosta dela, se preocupa com ela,

mas não a ama — acusei.

Ele não me respondeu, apenas caminhou até a porta e falou sobre seu ombro.

— Se machucá-la outra vez, eu mesmo me certificarei de matá-lo. — Bateu a porta.

Maldito!

Ainda que estivesse com raiva e ciúmes, preferi me controlar e seguir trabalhando. Com meu plano em andamento, eu não tinha tempo para distrações e brigas.

Chamei os dois melhores amigos do meu pai e homens que ele confiava desde o início para minha sala. Nunca me senti tão apavorado e confiante como estava me sentindo naquele momento. Sentando na ponta da mesa de reuniões, discuti com esses dois grandes homens as novas medidas adotadas para a reestruturação da empresa. Fizemos uma pausa para o almoço e quando retornei recebi uma ligação do Sr. Velásquez me informando que recusaria minha proposta, confesso que fiquei realmente feliz, qualquer laço com aquela família não me interessava em nada.

A luta pela frente seria imensa, estávamos vendendo duas propriedades e buscando diminuição de custos, o trabalho foi triplicado, mas eu estava feliz e ao que parece meus diretores também. Pela primeira vez na minha vida, eu me sentia verdadeiramente um homem e no controle da minha vida.

A reunião foi um sucesso, estratégias foram traçadas e tudo estava caminhando para um caminho correto. Saí da empresa e fui para casa, meu pai teve alta e eu precisava saber como ele estava.

Cheguei na casa dos meus pais e encontrei minha mãe na cozinha conversando com a mãe da Mel, Anabel não estava em casa e meu pai estava no jardim conversando com o pai da Mel, respirei fundo e caminhei até eles.

— Boa tarde — os cumprimentei. — Como está, papai? — perguntei preocupado.

— Estou ótimo, não se preocupe — falou, sorrindo.

— Senhor Nelson. — Apertei a mão dele.

— Bom, eu soube do rompimento do contrato — meu pai falou ao acaso.

Olhei para ele sem acreditar que já estava a par dos acontecimentos da empresa.

— Sim — falei firmemente, não voltaria atrás com minha decisão.

Tanto meu pai quanto o senhor Nelson me olharam com sorrisos em seus lábios.

— Estou orgulhoso de você, meu filho — meu pai falou me chocando e me deixando completamente extasiado de felicidade.

— Eu sei que parece loucura, mas vamos sair desta, pai — tentei acalmá-lo.

— Eu não tenho dúvidas, meu filho.

Senti a admiração e a confiança em sua voz, me deixando feliz.

Parei observando o jardim, olhando as árvores, a plantação de rosas, a forma como a grama estava verde e impecável, o quiosque próximo a piscina, e então, como um estalo, eu tive uma ideia. Comecei a sorrir como um bobo.

— Você está bem, Ricardo? — o senhor Nelson perguntou, me olhando divertido.

— Sim, na verdade — Respirei fundo. — eu preciso conversar com vocês dois — falei seriamente.

Ambos acenaram em concordância.

— Senhor Nelson, pai, eu amo a Melissa — falei com um único suspiro. — Eu a amo mais do que posso descrever e eu quero a bênção de vocês para lutar por ela.

Os homens à minha frente estavam completamente atordoados, me observando com queixos caídos.

O senhor Nelson estava com um sorriso tímido nos lábios.

— Ricardo, acredito que essa decisão tenha que ser dela. Mas fico feliz em saber que, enfim, você acordou.

— Eu realmente estou feliz, meu filho, você com toda certeza tem minha bênção. Acho que já atrapalhamos demais vocês — meu pai falou, se sentindo culpado.

Perfeito.

— Bom, fico feliz que o senhor esteja bem, pai — falei, me levantando.
— Mas se me dão licença, eu tenho uma mulher para conquistar.

Ricardo, é chegado o tempo e não importa o quão difícil você tenha que lutar, você não vai desistir, pensei determinado.

Capítulo 28



Sara andava pensativa e alienada. Por diversas vezes tentei conversar com ela sobre o que Elton havia dito a ela. Entretanto, ela não me permitia sequer tocar no assunto. Também havia tentado conversar com Elton, estava furiosa pela maneira como ele tratou Sara e não queria que ele fosse embora outra vez, sem deixar nenhum sinal, conosco ainda brigados.

— Mel, você vai seguir não contando nada sobre você e o Ricardo? O que está rolando? Eu vi as flores que você recebeu a semana toda e senti aquele dia no hospital que estava atrapalhando algo entre vocês.

— O que você acha de uma pizza, filme e brigadeiro de panela? — Um sorriso doce e verdadeiro se formou em seus lábios. — Vamos, Sara, será nossa noite do pijama, aí prometo te contar tudo — falei empolgada.

Sara sorriu e pegou o telefone para pedir a pizza e eu fui tomar um banho, estava cansada. Os últimos dias haviam sido exaustivos com a correria do encerramento do bimestre na escola.

Sobre minha cama estava o último presente enviado pelo Ricardo. Um porta-retrato com uma foto de nós dois ainda crianças. Ele estava empurrando o balanço em que estava sentada e eu sorria feito uma boba. A legenda escrita

com letra cursiva dentro de uma faixa preta era minha total perdição.

Dois perfeitos imperfeitos, que juntos se completam.

Sorri, o pegando e colocando sobre o criado-mudo ao lado da minha cama. Toquei meus lábios com a língua à procura de qualquer resquício de seu sabor. Eu nunca me esqueceria da sensação da sua boca na minha. Da forma como ele me beijou com tanto amor e reverência.

Eu poderia me entregar por completo a ele? Deixar o passado para trás e confiar que, desta vez, era realmente pra valer?

Após um banho relaxante, me sentei ao lado da Sara na sala, que já me esperava com a pizza na mesa de centro.

— O brigadeiro é por sua conta — ela falou, sorrindo.

— Hum, ok.

Optamos por sentar no chão, uma de cada lado da mesa, após a pizza iríamos assistir “Juntos pelo Acaso”, uma comédia romântica. Sara não gostava muito desse estilo porque achava clichê demais, mas eu amava e ela aceitou.

Depois do filme, fui para meu quarto e senti como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros. Sara estava feliz, animada e parecia aliviada tanto quanto eu por ainda sermos as amigas de antes.

Peguei meu celular e caminhei para a cama, havia uma mensagem do Rick.

Ainda sinto seu sabor, minha doce Mel. Boa noite.

Sorri. Eu também podia sentir o seu sabor. Não sabia como responder, optei pelo seguro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Boa noite, Rick, amei meu presente. Pare de me mimar. Beijos.

Eu costumava acordar a cada manhã com o peso do mundo nos ombros, eu nunca me sentia boa o suficiente ou especial, pelo contrário acreditava que minha existência era praticamente sem sentido. Então, comecei a trabalhar com crianças especiais e tomei isso como a minha tábua de salvação, porque durante aqueles momentos passados com elas, eu me sentia útil e única aos seus olhinhos sonhadores.

Mas, pela primeira vez na minha vida, ao acordar, eu me senti viva, olhando para o mundo com outros olhos, eu não era apenas uma mulher me comportando como uma jovem assustada fugindo dos meus medos e inseguranças, desta vez eu acordei me sentindo uma mulher sem medo de enfrentar a vida e ser feliz.

O relógio marcava sete e quinze, me levantei rapidamente e fiz minha higiene. Eu queria poder conversar com Sara antes de ela ir para o trabalho, ontem ela se mostrou bem, mas eu temia ser apenas uma máscara. Sara sempre foi fechada sobre suas emoções.

Para minha surpresa, a casa estava silenciosa e tranquila, fui até a porta do quarto da Sara e escutei apenas o barulho de seu ar condicionado ligado, ótimo, pelo menos ela não tinha saído ainda. Fui para a cozinha e preparei nosso café. Enquanto colocava a mesa, Sara entrou e se sentou no banco próximo a ilha. Seus olhos estavam inchados, mas estava linda com um vestido florido e rabo de cavalo.

— Bom dia, Mel — falou com a voz suave.

— Bom dia, fiz nosso café — falei, sorrindo.

— Eu juro, você é a melhor amiga do mundo — disse, devolvendo meu sorriso. — Eu poderia me acostumar com isso... — Deu de ombros. — Com

você fazendo o café todas as manhãs.

— Pode parar de sonhar. — Me diverti. — Amanhã é seu dia.

— Droga! Pelo menos tentei.

Sentei de frente para ela e tomamos nosso café.

— Você vai para a escola hoje? — Sara perguntou, curiosa.

— Sim, daqui a pouco.

— Você está indo para o laboratório?

— Não, eu... preciso de um tempo hoje. — Desviou o olhar. — E depois tenho uma missão a cumprir. — Voltou a me encarar, sorrindo.

— E eu não posso saber nada sobre seu dia? — Fiquei curiosa.

— Não. — Pulou do banquinho, me deu um beijo na bochecha e saiu.

Acabei indo para a casa de meus pais, conversei com a minha mãe e contei sobre como Rick estava me tratando, comentei sobre meus medos, inseguranças e minha conversa com Sara. No início ela ficou calada e, ao invés de me ajudar, me deixou ainda mais confusa, falando: *“Minha filha, a resposta está dentro de você e você é a única que pode encontrá-la, a procure com os olhos da alma”*. Ela não poderia simplesmente falar “Dê uma chance para ele” e pronto?

Minha mãe aproveitou minha visita para me contar sobre os planos dela e de meu pai de irem embora. Fiquei surpresa e triste. Fui pega totalmente de surpresa e confesso que fiquei sem saber como reagir. Então, chorei.

Mesmo que tenha ido morar em outra casa, me tornado uma mulher independente, eu sempre podia vir até a casa onde eles moravam e passar um tempo apenas abraçada a eles. E agora, apenas o pensamento de tê-los tão longe, me deixava despedaçada.

— Vocês não podem. Vão viver do quê? Trabalhar onde? O que aconteceu? Eu pensei que vocês gostavam de trabalhar aqui.

— Nós gostamos, mas, minha filha, às vezes é preciso fechar um ciclo,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para poder começar um melhor. Você não deve se preocupar. Estamos com tudo planejado. Já compramos um sítio, e antes que diga qualquer coisa, sim, nós amamos a vida no campo, nós queremos voltar a ter nossa horta, as galinhas correndo pelo quintal, uma mesa debaixo de um grande pé de manga, com almoços ao domingo. Temos economias, minha filha, que significa uma boa poupança. São mais de trinta anos trabalhando aqui.

— Mas... E eu? — Eu sei que soei infantil, mas foda-se! Eles estavam indo para longe de mim.

— Ora, você já é uma menina bem grandinha. E não é como se estivéssemos morrendo, apenas estamos indo para algumas horas de distância. — minha mãe me repreendeu.

— Por quê? O que aconteceu? — Tinha que ter acontecido algo, eles não iriam embora do nada. Não é?

— Ora, já falamos, queremos um novo começo. Basta ficar feliz por nós. Vamos todos sobreviver.

Não, foi a pior notícia que eu poderia ter recebido, mas também não foi a mais agradável. Ficamos mais alguns momentos ali, apenas conversando.

Quando me recompus e sorri, os incentivando a buscar a felicidade, independente de ela estar longe, em outra cidade, minha mãe explicou que devido aos problemas de saúde do Sr. Belmonte, eles também acabaram adiando um pouco a mudança, o que me deixou feliz.

Eu estava no ônibus a caminho de casa quando meu celular tocou, piscando em meu visor o nome de Elton, senti um pequeno nó em meu peito ao me lembrar da conversa que tive com Sara.

— Oi — atendi hesitante sem saber como Elton estava hoje.

— Oi, Mel, você está bem? — Elton falou, voltando a ser o bom Elton de sempre.

— Estou sim. — Tentei soar tranquila.

— Mel, eu estou indo embora, mas antes de ir, gostaria de poder

conversar com você — Elton falou suavemente. — Podemos almoçar? — continuou quando não respondi.

— Sim, é... Precisamos mesmo — falei com toda a coragem que ainda habitava meu corpo.

— Posso te buscar, está em casa? — perguntou.

— Estou indo para casa, me fala onde quer almoçar e eu te encontro lá. — Eu não queria que Sara tivesse que vê-lo ainda. Pelo menos, não agora.

— Tudo bem, em meia hora no Pizzolatto?

— Perfeito.

Pizzolatto era um bom restaurante de comida italiana.

Mas assim que cheguei a frente ao restaurante me arrependi amargamente de ter aceitado o pedido. Olhando para o interior do restaurante fino e sofisticado me dei conta de que estava simples demais para a ocasião. Mas não havia tempo para cancelar e, outra, eu não estava indo para fingir ser o que não era nunca mais. Respirei fundo e entrei, trajando apenas meus jeans, regata e sapatilhas.

Claro que a recepcionista iria me olhar de cima a baixo e torcer o nariz, mas dane-se! Eu não iria abaixar a cabeça como sempre fiz. Então, apenas mantive meu olhar sobre o seu e perguntei pelo Elton, que, graças a Deus, já estava me aguardando e pela graça santíssima, usando um terno que o deixava... lindo.

— Obrigado por aceitar meu convite — Elton falou me dando um abraço.

Retribuí seu abraço, agradecida por sentir que meu bom e velho amigo estava de volta.

— Obrigada pelo convite. — Sorri e me acomodando de frente para ele.

— Eu só quero me desculpar com você por tudo. — Elton realmente parecia arrependido.

— Não é a mim que você deve desculpas, Elton. O modo como você tratou a Sara foi cruel.

Deu de ombros desdenhoso.

— Não quero falar sobre ela — teimou.

Revirei os olhos com raiva.

— Você quem sabe. Não vou ficar te repetindo um milhão de vezes que quando se der conta, vai ser tarde demais...

— Então não repete — me interrompeu. — Melissa, eu não planejei voltar para esta cidade e reencontrar vocês duas. Vim a trabalho e acabei me envolvendo nessa situação maluca. Confundi meus sentimentos por você, me magoei, magoei a Sara e decepcionei meu pai. — Respirou fundo. — Já sentiu como se sua vida sofresse um giro de trezentos e sessenta graus e você tivesse dificuldade em acompanhar?

Sorri. Era exatamente assim que me sentia.

— Sim, acho que faço uma ideia do que quer dizer. — Toquei sua mão que estava sobre a mesa. — Obrigada por tudo, Elton, mesmo que tenhamos agido por impulso, ainda assim... valeu a pena.

Elton sorriu aquele sorriso travesso que ele tinha de canto de lábios. Pegou uma caixinha e colocou sobre a mesa. O encarei boquiaberta.

— Não me olhe assim. Não sou louco, já entendi que ama o Ricardo, não vou te propor em casamento — brincou. — Será que você... — Parou um pouco desconfortável e desviou o olhar. — pode entregar para a Sara? Por favor.

Fitei a caixinha sobre a mesa sem saber o que dizer.

— Por que não vai até ela e entrega? Ela ficaria muito feliz — falei por fim.

— Eu... Eu não posso encará-la ainda. Apenas entregue, por favor, e... diga que eu sinto muito. — Engoliu em seco.

Agarrei a caixinha como se minha vida dependesse dela e fiz um aceno positivo.

— Quando for a hora, tudo vai se resolver, Elton, independente de qual for seu destino.

Ele apenas sorriu desdenhoso com a minha declaração. Mas resolvi não forçar. Acabamos tendo um almoço agradável, mas quando nos despedimos, eu o abracei bem forte.

— Apesar de tudo, vou sentir saudades — falou com a voz embargada, escondendo o quanto também estava emocionado.

— Eu também vou. — Sorri. — Fique bem e... apenas seja feliz — sussurrei.

— Você também.

Cheguei em casa me sentindo exausta, entretanto feliz. Entrei na sala e olhei de um lado para o outro, confusa.

— Desculpe, acho que entrei na casa errada. — Não sabia que receberia visita.

— Gostou? — Uma voz familiar perguntou, insegura.

— Sara? — Mais perguntei do que afirmei.

— Poxa, Mel. Fala se ficou bom. — Caminhou em minha direção, balançando seus longos cabelos.

Uau! Ela estava morena? A Sara, a dona ruiva quente, estava na minha frente exibindo cabelos na cor chocolate. E preciso dizer que estava linda.

— Amiga, você está um arraso — falei tocando seus cabelos. — Mas, Sara, por quê? — perguntei sem compreender. Ela sempre amou seus cabelos vermelhos, era sua marca registrada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Simples, amiga, eu quero um novo começo. Então, tudo o que me faz lembrar do passado e do E... Só quis mudar — Deu de ombros, travessa.

— Está deslumbrante. Amei.

Escutamos alguém batendo na porta.

— Está esperando alguém? — perguntei, confusa.

Sara fez que não com a cabeça.

— Atende enquanto eu preparo um suco pra gente, está muito calor. — Saiu despreocupada.

Abri a porta.

— Mel — Rick falou em um sussurro.

Estava lindo vestindo uma camisa com os primeiros botões abertos, a gola erguida como se tivesse retirado a gravata a caminho de casa.

— Aconteceu algo com seu pai? — perguntei ignorando o buquê imenso que ele tinha nas mãos.

— Ele está ótimo. — Me encarou de um modo que nunca havia feito antes. — Mas não é sobre ele que vim falar.

— Não é? — perguntei sentindo minha garganta secar em antecipação, compreendendo exatamente sua intenção.

Rick me puxou com o braço livre.

— Vim falar sobre nós. — E me beijou.

Deveria estar preparada para o turbilhão de emoções que viriam com seu toque. Seus lábios tão firmes, se movendo com necessidade, como se estivesse esperando por isso a vida toda, ou esses seriam os meus?

Eu não queria que o beijo se rompesse nunca mais, Rick possuía um sabor único, seu braço em minha cintura, sua boca sobre a minha, era como estar em casa. Acabei correspondendo ao beijo com o mesmo fervor, minha necessidade por ele era igual, se não maior. Eu estava derretendo em seus

braços e, ao invés de me afastar, eu me agarrei ainda mais ao seu corpo, necessitando aumentar nosso contato.

— Mel — Rick sussurrou se afastando.

Eu estava atordoada, ofegante e tão... bem.

— Rick — sussurrei com os olhos ainda fechados.

Escutei um risinho, abri os olhos lentamente encontrando com o olhar do Rick intenso me queimando. Empurrei contra seu peito, precisando de espaço para pensar, mas Rick apenas aumentou seu aperto contra minha cintura.

— Não fuja de mim novamente, Mel — ele falou me encarando.

Soltando-me aos poucos, consegui recuperar o equilíbrio.

— Não vai me convidar para entrar? — perguntou com um sorriso torto.

Apenas fui para o lado permitindo que passasse.

— Essas são para você. — Me entregou o buquê.

— Obrigada. — Ainda estava meio sem jeito.

Rick seguiu até a sala e se sentou. Isso estava me deixando louca, quem era esse homem e o que ele fez com o Ricardo que eu conhecia?

— Rick, o que você quer? — perguntei parando próxima a ele.

— Você!

Fiquei estatelada, o encarando boquiaberta.

— Desculpe, acho que não compreendi — falei perdida.

Rick se levantou, aproximou-se e segurou meu rosto com ambas as mãos, prendendo meu olhar ao seu.

— *Eu. Quero. Você* — enfatizou cada palavra. — Eu quero mais uma chance, Mel. Eu quero fazer o certo para você. Quero de verdade te provar que... que... eu te amo, Melissa. Eu sempre amei, apenas... apenas fui covarde demais para assumir isso pra mim, mas eu prometo que se você me der mais

uma chance, você não vai se arrepender, eu vou te fazer feliz e te lembrar todos os dias o quanto é especial. — Seus olhos brilhavam com determinação.

Senti lágrimas se formando em meu olhar, meu coração estava acelerado, isso tudo foi o que eu sempre sonhei, essas palavras foram as que eu sempre quis ouvir. Fechei os olhos apenas apreciando o momento. Me lembrei da voz da Sara falando que deveria pensar em mim, pensar na minha felicidade. Talvez esse fosse o momento.

Mas dar mais uma chance para o Rick?

E se ele me magoasse novamente?

Ele estava diferente, sua postura, até a forma de falar. Talvez...

— Abra os olhos, Mel — pediu.

Abri os olhos. Rick ainda me observava.

— Diz que não me ama mais? Me fala que não é o que quer e eu vou embora. Mas, Mel, se ainda existe um vestígio de mim em você... — Respirou fundo. — Aceita ser minha namorada?

— Eu... Rick — Ai, meu Deus!

Rick roçou seus lábios nos meus.

— Uma chance, Mel, eu juro que não vou te machucar nunca mais.

— Si-sim... — As palavras saíram antes que pudesse controlá-las. — Sim, sim e sim.

Rick abriu um largo sorriso, foi contagiante e acabei sorrindo junto. Me pegou pela cintura, me girando em sua volta, o buquê acabou caindo no chão, coloquei meus braços em volta do seu pescoço, enquanto sua boca voltava a saborear a minha. Meu mundo estava voltando a ser colorido.

— Caramba, estou quebrada. — Sara entrou na sala, mas parou assim que nos viu. — Ops, acho que...

Foi engraçado ver sua reação.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— O que houve com seu cabelo? — Rick perguntou curioso.

Sara deu de ombros despreocupada, como se não fosse grande coisa.

— Apenas mudando um pouco. Mas e vocês? — ela perguntou gesticulando para nós.

Um largo sorriso se formou em meus lábios. Antes que pudesse responder utilizando palavras, Rick me virou em seus braços, e me beijou novamente.

— Estamos namorando — falou orgulhoso de si.

— Uau! — Sara sorriu. Retornou para a cozinha e voltou para a sala com três copos de suco de laranja. Indicou que nos sentássemos e se sentou no meio entre mim e Rick, nos fazendo sorrir.

— Isso não é maravilhoso? Como nos velhos tempos. — Pegou o controle e ligou a televisão.

A boa e velha Sara, não tinha como não se divertir. No final da noite, Sara se despediu e foi para seu quarto, deixando eu e Rick sozinhos novamente.

— Quero te levar para um encontro de verdade — Rick falou após me beijar mais uma vez.

Sei que hesitei diante de seu pedido. Ainda era tudo muito novo, e eu não sabia ao certo como seus pais reagiriam ao nos ver juntos.

— Amanhã, e não se preocupe, Sara irá ajudá-la com tudo. — Senti meus pelos se arrepiarem.

— Rick, do que você está falando? — questionei.

Mas ele apenas sorriu e voltou a me provocar.

— Minha branquinha... — sussurrou contra meu ouvido. — somente minha. — Trilhou um caminho de beijos por todo meu pescoço e mandíbula, até encontrar minha boca e tomá-la, mais uma vez, em um beijo amoroso e terno.

— Apenas confie em mim — pediu.

E indo contra toda a razão, eu confiei.

Capítulo 29



Acordei durante a madrugada com um sobressalto, me dando conta de que na agitação de ter encontrado Sara morena, me esqueci de entregar o presente do Elton. Não me importei com o horário, ou qualquer coisa, apenas peguei o embrulho dentro da minha bolsa e saí correndo em direção a seu quarto.

Seu quarto estava congelando para variar. Mania que a Sara tinha de dormir com o ar no mínimo, só para poder ficar toda enrolada no edredom. Liguei a luz, puxei sua coberta e pulei sobre ela gritando seu nome.

— SARA, acorda! — Chacoalhei seu corpo, recebendo apenas murmúrios.

— Me deixa em paz — resmungou virando para o outro lado.

Bufei. Ela sempre foi difícil de acordar.

— Sara, acorda! — Voltei a pular sobre ela, ganhando um tapa. — Ai, doeu.

— Eu juro, Melissa, se você não estiver com muita dor de barriga, morrendo, ou se, por acaso, a Terceira Guerra não tiver iniciado, eu vou te

matar. — Esfregou o rosto e se sentou.

— Tenho um presente para te entregar. — Entreguei o embrulho para ela.

— Eiii, por que você está me olhando assim? — Sara me encarava com olhar divertido.

— Amiga, olha você é até bonitinha, mas na boa, não faz meu tipo. Não vou aceitar me casar com você.

Começamos a rir.

— Não é meu. É do Elton.

Sara encarou a caixa em sua mão como se fosse algo de outro mundo.

— Como assim, é do Elton? — Estava toda confusa e receosa.

Me sentei de frente a ela.

— Hoje ele me ligou e acabamos nos encontrando para almoçar. Ele queria se desculpar por aquele dia. E me pediu para te entregar isso e dizer que sentia muito, Sara.

Sara me olhava com tristeza.

— E por que ele mesmo não me entregou o presente?

— Ele... — Toquei suas mãos, que seguravam a caixinha com total reverência. — Ele disse que não estava preparado para te encarar ainda.

Sara fungou e eu notei que uma lágrima escorreu por sua face.

— Eu vou sair e te deixar abrir quando se sentir confiante para isso...

— Não. — Segurou meu braço. — Eu... Eu quero que você esteja aqui comigo, com você me sinto mais confiante. — Sorriu.

Sara começou a tirar o laço dourado que estava envolto da caixinha vermelha. Seus dedos tremiam à medida que ela segurava a tampa, pronta para erguê-la.

— Acho que estou com medo de me decepcionar. Não sei bem o que espero encontrar aqui. — Me encarou sem jeito.

— Então, não espere nada. Apenas se deixe surpreender, até agora pouco você não tinha nada em mãos, a partir de agora tudo é lucro.

Sara me puxou para um abraço.

— Eu te amo, amiga, e sempre estarei aqui para você.

— Eu sei. Eu também estarei sempre aqui para você. Agora abre — a incentivei.

Ela respirou fundo, pegou a caixinha com determinação e a abriu. Nos encaramos sem saber como reagir diante do que estava na nossa frente.

— É... É uma... Uma chave? — Sara segurou seu presente insegura.

— Tem um bilhete. — Apontei para dentro da caixinha.

Sara pegou o papel e o abriu, lendo. As lágrimas caíam por seu rosto livremente. Curiosa, peguei o papel de suas mãos.

Sara, não consegui olhar em teus olhos e me desculpar depois de todas as grosserias que te falei. Espero que um dia possa me perdoar. E quando esse dia chegar estarei te esperando ansiosamente.

Residencial Viva Real – Rua B, 1950.

Olhei para Sara com expectativa.

— Você vai? — Não consegui conter minha curiosidade.

Sara pegou o bilhete, olhou para a chave e os colocou de volta dentro da caixinha. Secou as lágrimas do seu rosto e me olhou forçando um sorriso.

— Não. Pelo menos, não agora, quem sabe um dia. Ele não teve coragem de olhar em meus olhos e eu não sei se tenho disposição para ir atrás dele. Simples assim.

— Você sabe que são duas cabeças-duras, não é? E que teimosia e orgulho não levam ninguém a lugar algum?

Sara sorriu me puxando para outro abraço.

— Sim, eu sei. Você e Ricardo são um ótimo exemplo quanto a isso.

— E então? — questionei outra vez.

— Então... — Colocou a caixinha sobre o criado-mudo, puxou as cobertas e arrumou os travesseiros. Fez sinal para que me acomodasse ao seu lado, deitando junto com ela. — Então, que amanhã nós temos compromissos juntas e vamos focar em te fazer feliz e depois... quem sabe? — Deu de ombros. — O futuro a Deus pertence.

Sorrimos, nos acomodamos como duas adolescentes em suas festas de pijama dividindo a cama.

Acordei primeiro que a Sara e saí tremendo de seu quarto frio. Fui para meu quarto. Tomei logo um banho quente e coloquei uma camiseta velha. Precisava arrumar meu quarto, lavar algumas roupas e aproveitar que o sábado havia, enfim, chegado.

Assim que saí do banheiro, parei na porta com a imagem de uma cama muita bagunçada com roupas, uma mala enorme no centro e uma Sara esparramada no chão comendo torrada.

— Você demorou, e eu estava com fome, enquanto esperei resolvi te dar uma ajudinha.

— O que significa tudo isso? — Apontei para a bagunça.

— Você vai precisar de uma mala. — Deu de ombros como se não fosse nada. — E é bom agilizar, temos depilação daqui a duas horas.

— Você está ficando doida? Perdi algo?

— Não. E eu não vou te falar mais nada. Então aceita e cumpra minhas ordens.

Apenas sorri, eu não estava querendo brigar com minha amiga por ser

alguém tão maravilhosa comigo. Me sentei no chão com ela e peguei uma de suas torradas.

— Mel, e como foi com seus pais? — perguntou enquanto comíamos.

Droga, eu até havia me esquecido.

— Eles estão indo embora.

Sara parou me encarando com olhos arregalados. Óbvio que isso a surpreendeu também.

— Por quê?

— Segundo eles, estão cansados e querem curtir o que conquistaram ao longo desses anos. Querem a vida no campo novamente.

— Você está bem com isso?

— Por incrível que pareça, estou. Eu quero que eles sejam felizes, então se ir embora é o que querem, por mim tudo bem.

— Bom, amiga, só posso te dizer que estou aqui por você.

— Obrigada.

Terminamos de comer, recolhemos nossa pequena bagunça, e eu sabia que a tortura ia começar: arrumar mala. Eu nunca tinha viajado, então não fazia a menor ideia do que levar e de como fazer uma mala. E para ajudar eu não fazia a menor ideia do porquê estava arrumando uma.

— Sara, essa sua mala é enorme. Cabe meu guarda-roupa inteiro aí dentro — reclamei encarando o objeto à minha frente.

Sara sorriu.

— Amiga, minha mala é perfeita, e você vai ficar uma semana fora, então é bem provável que ainda seja pequena.

— Vou ficar uma semana fora? — Arregalei meus olhos.

— Droga! Faz de conta que não te falei nada — murmurou.

— Você é uma vadia. Pode começar a falar já!

Seu sorriso se ampliou.

— Sara, como vou saber o que levar, se não sei para onde estou indo?

— Relaxa, tenho tudo sob controle.

— Sêrio?

— Sim. Agora trate de começar a dobrar a roupa que eu já separei e colocar dentro da mala.

Havia muitas roupas sobre a cama, comecei com os shorts, tinha pelo menos cinco, duas saias, três vestidos entre eles um florido longo, que eu nunca tinha visto.

— Sara? — Ergui o vestido mostrando pra ela.

— É um empréstimo, depois você vai me agradecer.

— Tudo bem.

Continuei minha arrumação.

Duas calças jeans, três camisas, um vestido elegante e mais formal. Novamente ergui em direção a Sara.

— O mesmo, apenas coloque na mala.

Com certeza, Sara havia planejado tudo, escolhendo minhas melhores lingerie, calcinhas fio dental, sutiãs de renda, somente o melhor. Havia quatro regatinhas e opaaaaa biquínis e saídas de banho. Então, eu estava indo para a praia? Interessante!

— Sara, eu não posso levar seus biquínis.

— Mel, relaxa, é apenas dois, você compra os seus lá, mas até que você faça, você usa os meus. E o outro é o seu mais novo, porque o resto eu joguei no lixo. Impossível usar aqueles trapos — desdenhou.

Ela me mostrou a lixeira, a vaca havia mesmo jogado meus biquínis no lixo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Nem ouse! — ela me advertiu.

Se levantou e caminhou até o meu banheiro voltando alguns momentos depois com meu xampu, condicionador e sabonete líquido.

— Como você não tem nenhuma maquiagem decente, eu coloquei umas aqui para você. É apenas um pó, uma base, delineador, uma paleta de sombras, lápis, rímel e batom. Depois você acrescenta sua escova de cabelo e a de dentes. Ok?

— Só isso? Você não quer acrescentar um maquiador profissional aí dentro também? — Eu não estava entendendo nada. — Sara? — chamei impaciente sua atenção enquanto ela parecia uma máquina colocando tudo dentro da mala gigante.

— O quê? — Parou aborrecida, como se eu estivesse atrapalhando.

— O que significa tudo isso? — perguntei novamente.

Sara bufou.

— Olha, você irá viajar hoje. E sim, o Rick está envolvido. E antes que comece a falar sobre a escola, já está tudo resolvido lá também. Entendido?

Fiz que sim com a cabeça ainda incerta sobre tudo.

— Ótimo. Agora precisamos de toalha de banho, mesmo que o hotel ou casa forneça é sempre bom ter uma por precaução. Veja, eu coloquei um chinelo, uma sandália baixinha, duas rasteirinhas e um salto alto. Bom, acho que é isso.

— Também se você colocasse mais algo, eu duvido que a mala fecharia.

— Sou prevenida, amiga. E quero que você se divirta muito.

— Obrigada, Sara. Eu prometo que vou tentar. Mesmo sem entender nada ainda.

— Não, você vai conseguir.

Fechamos a mala e Sara foi para o seu quarto se arrumar, para que pudéssemos ir para a depilação.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sara, não sei se já te agradei o suficiente. Mas obrigada.

— Pare com isso, façamos assim. Obtenha alguns orgasmos e tudo estará pago. — Gargalhou.

Senti meu rosto corar com seu descaramento.

Já em casa estava roendo as unhas de tão nervosa que me encontrava. Rick já havia ligado falando que estava a caminho e Sara tentava em vão me acalmar e dar conselhos malucos.

Quando escutei alguém na porta, senti meu pulso acelerar. Sara saiu correndo e abriu. Era Ricardo, e ele estava lindo de bermuda e camiseta, todo relaxado e sorridente.

— Acho que estou te sequestrando, branquinha — falou pegando a mala no canto e estendendo a mão em minha direção.

Capítulo 30



Assim que me viu, meu pai abriu um largo sorriso. Fiquei imensamente feliz em notar que estava bem. Fazia poucos dias que havia recebido alta e todos ainda estavam preocupados e cheios de cuidados com ele.

— Oi, meu velho, que susto que nos deu. — O abracei.

— Não vou me desculpar por isso.

Poderia soar errado, mas o AVC que meu pai sofreu teve alguns benefícios, como aquele velho ditado diz: “Há males que vem para o bem”. Tomei decisões importantes, encontrei novas perspectivas, minha mãe pareceu acordar de um transe e voltou a ser apenas uma mulher apaixonada e humana, e meu pai estava com um humor muito mais agradável e leve.

— Como se sente?

— Como se tivesse levado uma pancada na cabeça. — Fez uma careta divertida.

— Bom, foi quase isso. — Sorri.

Ficamos em silêncio nos encarando. Estávamos sentados no jardim, o lugar preferido do meu pai. A verdade é que não sabia como começar a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

contar para ele sobre todas as mudanças que havia realizado na empresa. E ainda precisava comunicá-lo sobre minha viagem. Eu só queria...

— Soube das suas mudanças na empresa — interrompeu meus pensamentos.

O encarei com expectativa, aguardando que continuasse. Sua expressão estava ilegível, observando o horizonte à nossa frente.

— Estou... — Parou engolindo em seco. Me encarou e foi quando notei as lágrimas não derramadas em seus olhos. — Sei que não... Que não falo isso com a frequência que deveria, mas... eu estou muito orgulhoso de você, meu filho.

Foi a minha vez de engolir em seco e tentar conter a emoção. Eu sempre quis escutar estas palavras vindas do meu pai.

— Eu não estou tomando seu lugar, pai, ou passando por cima da sua autoridade. Quero que entenda isso, só estou agindo como julgo ser o correto. — Senti necessidade de explicar.

— Eu sei. — Sorriu. — E me orgulho do homem que se tornou.

— Obrigado — sussurrei.

— Ricardo, eu preciso que você me escute.

Assenti com a cabeça, não confiando em mim mesmo para falar mais nada.

— Meu filho, eu cometi erros que não tem como serem consertados. Eu falhei com você, com sua irmã, com minha esposa, com a empresa e principalmente comigo mesmo.

— Pai...

— Cale-se e apenas escute. — Concordei. — Nós só temos uma chance nessa vida, meu filho, uma chance para ser feliz, para viver e para escolher o que é certo. Quando eu comecei a vinícola, meu sonho era apenas ter um lugar para morar com as vinhas me cercando. Poder ver os cachos de uva e fazer um vinho que trouxesse a felicidade ao paladar. Sabe aquele gosto de

vida, de alegria, um pedaço suave e doce do que o amor significa?

Fiz um aceno positivo, apenas concordando, hipnotizado pela luz que brilhava em seus olhos.

— Eu era jovem, cheio de planos e sonhos. E por um bom tempo a vinícola foi assim, até que me tornei ambicioso, querendo sempre mais, onde nada nunca estava bom. Me deixei consumir por esse desejo, querendo mais trabalho, mais clientes, mais pedidos, expansões, fusões e quando me dei conta... — Suspirou cansado. — a minha pequena vinícola havia se tornado uma das maiores multinacionais do país. Muitos podem pensar que eu ganhei tudo. Mas sabe o que eu perdi? Ver meus filhos crescerem, o momento em que a menina doce com que me casei se transformou em uma mulher distante, eu perdi o verdadeiro significado da vinícola e o que ela sempre representou.

— Tudo bem, pai. Isso não impor...

— Eu ainda não terminei — me cortou.

Suas palavras me esfaqueavam a cada revelação. Não queria que ele pensasse nas coisas que o machucavam nesse momento, e por sua testa franzida e olhar distante eu sabia que para ele esse momento estava sendo difícil.

— Ricardo, eu quero que você viva, meu filho, quero que arrisque, que acredite em si mesmo, que voe alto. Quero que não tenha medo e que, acima de tudo, seja feliz. — Tocou minhas mãos que estavam entrelaçadas sobre a mesa. — Eu não sei se você quer assumir a empresa, mas isso é uma decisão sua. Quanto a Mel, eu... eu sei que você está com esse olhar amoroso sobre ela, e eu só peço que tome a decisão certa, vocês cresceram juntos, sempre foram amigos e ela é uma mulher incrível, mas, meu filho, você realmente a ama? Ou você está apenas intimidado pela presença do Elton? Não me interprete mal, eu apenas não quero que você sofra e se arrependa e nem que machuque a Mel.

— Eu a amo com tudo que sou, pai. — Tentei colocar nas palavras toda a verdade do meu sentimento. — Sabe o amor que descreveu sobre as vinícolas? O meu amor por ela é um milhão de vezes maior. Mel traz alegria,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

paz, esperança e força. Ela me faz sentir uma pessoa melhor. E eu amo cada detalhe nela: seu sorriso, seus olhos, sua alma generosa e o amor com o qual ela faz tudo.

Senti que meu rosto estava quase se partindo com o tamanho do meu sorriso. E fiquei fascinado quando o sorriso no rosto do meu pai se assemelhava ao meu.

— Eu só quero fazê-la feliz. — Era como se essa frase representasse tudo.

— Vocês serão. Merecem.

Sorrimos cúmplices.

Aproveitei o momento e contei para meu pai meus planos para a viagem. Avisei que passaria a semana fora, mas que tudo estava encaminhado e em ordem no escritório. Deixei claro também que ele estava proibido de pisar lá e que qualquer problema, eu voltaria.

O que mais gostei na conversa com meu pai foi poder restabelecer o laço de pai e filho. E saber que tinha ao alcance de minhas mãos e olhos, o homem que sempre amei e senti orgulho: meu pai, meu herói.

Não parava de tamborilar os dedos em minha perna no táxi a caminho da casa da Mel. Havia conversado com a Sara há menos de dois segundos e Mel estava pronta me esperando.

Estava receoso por sua reação. Não sabia se ela ficaria feliz com minha escolha, ou se surtaria por ter tomado uma decisão sem seu consentimento.

O táxi parou em frente ao seu prédio e pedi que aguardasse. Estava me sentindo como um adolescente aventureiro indo para seu primeiro acampamento sem os pais: apavorado e excitado.

Bati em sua porta e aguardei. Sara me recebeu com um sorriso

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

verdadeiro e radiante estampando suas feições. Olhei por cima do seu ombro e meu coração acelerou. Mel estava usando jeans e uma regata, simples, básica e incrivelmente linda, como só ela conseguia ficar.

Sorri.

Peguei a mala que estava posicionada ao lado da porta e estendi minha mão em sua direção, torcendo para que ela a aceitasse sem nenhuma hesitação.

— Acho que estou te sequestrando, branquinha.

Mel gargalhou. Parecia uma menina animada. E sem pestanejar, caminhou até Sara, deu um beijo em seu rosto, agradeceu por tudo e segurou minha mão em um aperto doce e firme. Essa era minha garota.

Beije seus lábios castamente.

Pisquei em direção a Sara.

— Obrigado — agradei feliz por tê-la como amiga.

— Parem já! Eu odeio despedida, mesmo sendo somente por uma semana. — Fingiu secar uma lágrima de seu rosto.

— Prometo te ligar — Mel falou.

Sara revirou os olhos, antes de nos encarar maliciosamente.

— Não quero receber nenhuma ligação sua. A menos que seja para me contar sobre seus orgasmos — provocou.

Mel ficou rubra ao meu lado, tão envergonhada que começou a encarar o chão.

— Você é terrível, Sara — falei, sorrindo.

— Boa viagem! — desejou mais séria.

Puxando Mel para o meu lado, beijei sua testa caminhando para fora do apartamento.

— Você realmente não vai me contar para onde estamos indo? — Seus
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

olhos brilharam esperançosos.

— Não. Surpresa.

Mel sorriu.

Quando entramos no táxi, puxei Mel para meu lado e passei o braço em seus ombros a abraçando.

— Animada?

— Sim. Mas para onde estamos indo mesmo? — soou travessa.

— Ainda é uma surpresa. Apenas desfrute do passeio, espertinha.

Parecendo uma menina fez um biquinho lindo, não resisti e a beijei. Beijá-la havia se tornado minha coisa preferida no mundo. Nunca era igual e sempre me transportava para um universo paralelo, onde existíamos apenas nós dois. Envolto em seus lábios e braços, orei a Deus, pedindo que nos abençoasse e que nos permitisse, ainda que por apenas uma semana, viver reclusos neste universo alucinante.

Estávamos no portão de embarque, aguardando nosso voo ser chamado. Sem conseguir desviar o meu olhar, encarava Mel com verdadeira reverência. Ela estava linda e sorridente, de um modo como eu nunca havia visto antes.

— Estou animada — me confidenciou.

— Então, também estou.

Mel levantou da poltrona onde estava sentada e me surpreendendo se sentou em meu colo. Segurou meu rosto em suas mãos e me beijou profundamente. A abracei apertado, desejando poder nos tornar apenas um.

— Obrigada — sussurrou, ainda com os lábios colados ao meu.

— Não me agradeça ainda. Melhor, não me agradeça nunca. Acredite, esta viagem é para o meu prazer tanto quanto para o seu — sorri malicioso.

Mel acariciou meu rosto com carinho.

— Você é...

— Atenção senhores passageiros com destino a Fernando de Noronha, dirijam-se ao guichê de embarque...

Mel pulou do meu colo, dando um gritinho maravilhado.

— Fernando de Noronha? — perguntou, não contendo sua animação.

Pensei em torturá-la e dizer que não. Mas bastou um olhar para seus olhos esperançosos e radiantes, para apenas acenar em concordância.

Mel correu até sua poltrona, pegou sua bolsa, segurou minha mão e saiu me arrastando.

— Vamos, Rick, corre. — Estava realmente apressada.

Pelo jeito havia acertado em cheio na minha escolha.

Sorri.

Antes de agendar a viagem, lembrei de uma agenda que Mel tinha na adolescência, ela costumava marcar tudo lá. Era chamada de sonhos possíveis, e em uma das páginas estava viagem a Fernando de Noronha. Quando a recordação voltou, tudo que conseguia pensar era em realizar o primeiro sonho possível dela, e com muita sorte, ser capaz de voltar de lá, com o segundo praticamente certo.

Capítulo 31



Sentia-me eufórica. Meu estado de animação e alegria ultrapassavam os níveis normais, me levando para uma nova categoria. Era madrugada, e Rick e eu estávamos no táxi a caminho do hotel que ele havia reservado. Apesar da pouca luz fora das janelas, cada vislumbre que conseguia ter agitava meu estômago. Rick mantinha um sorriso doce e travesso nos lábios, ao longo do voo sempre que podia me tocava, beijava ou acariciava.

— E aí? Gostando? — Rick atraiu minha atenção, dando um aperto suave em meus dedos.

Me virei em sua direção, sorrindo, e como se fosse a coisa mais natural e certa a fazer o beije, um beijo suave e carinhoso, repleto de amor e agradecimento.

— Sim, estou amando. É minha primeira viagem e tudo está perfeito.

Rick acariciou meu rosto.

Paramos em frente a um hotel pousada perfeito, palavras não fariam jus a imagem à minha frente, tudo tão verde, natural, repleto de natureza e vida, a vista do mar era ainda mais impressionante e roubou o meu fôlego. Parecia que alguém havia parafusado meu sorriso. Eu mal poderia esperar pelo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

amanhecer para poder ver toda essa beleza à luz do sol.

Rick terminou de acertar tudo com a recepcionista e pegou a chave do nosso quarto. Isso me deixou com um gelo na barriga, pela primeira vez Rick e eu estaríamos sozinhos de maneira tão íntima, compartilhando o mesmo espaço. Era excitante e aterrorizante na mesma proporção.

Fomos encaminhados para um chalé, ou espécie de bangalô. Eu só poderia estar presa em meio a um sonho. Tudo era lindo, ou melhor, era perfeito. Quando entramos, todo o ar dos meus pulmões foi roubado, a decoração era alegre e viva, amarelo e verde predominava, mas as cores eram ricas e totalmente suaves, era simplesmente magnífico. Havia até uma varanda com uma rede. Eu estava no paraíso.

Rick colocou nossas malas ao lado da porta, e eu me virei para ver a maravilha que meus olhos não conseguiam parar de observar. Braços fortes rodearam minha cintura e me pressionaram contra um peito firme e acolhedor. Seu perfume familiar era tudo que sempre sonhei ter impregnado em minhas roupas e pele. Ele abaixou a cabeça e deu um beijo no meu pescoço.

— Gostou da vista?

— É maravilhoso. É perfeito, tão lindo, tão... Eu realmente não tenho palavras. — Sim, euforia era a palavra perfeita para me descrever.

— Eu fico feliz. Muito, na verdade.

Sua boca trilhou um caminho de beijos ao longo do meu pescoço, até alcançar o lóbulo da minha orelha onde ele deu uma mordidinha, o que me fez estremecer. Senti seu hálito quente acariciar meu ouvido, quando ele falou:

— Quero que essa semana, seja inesquecível. Que seja perfeita para você e para mim. Nosso refúgio e ponto de partida para uma nova história. Uma em que caibamos você e eu.

Me virei em seus braços, e o encarei com todo meu amor.

— Já é.

Ele não precisou de mais nenhuma palavra, sua boca encontrou a minha mais uma vez. A cada novo beijo, uma nova ligação se formava. Eu estava mais à vontade em sua presença. Talvez meu recomeço estivesse aqui.

Rick interrompeu nosso beijo.

— Vai, pode tomar banho primeiro, tenho certeza de que você está exausta da viagem.

Dei um selinho em seus lábios.

— Obrigada, eu não demoro.

Peguei minha mala e a abri, eu não sabia o que vestir. Eu mataria a Sara, ela colocou apenas fio dental e muita renda como roupa de baixo.

Escolhi uma calcinha preta de renda e uma camisola mais comportada.

Tomei um banho relaxante, e só então me dei conta de como estava exausta. Sequei-me e quando coloquei a camisola, vi que não era tão conservadora assim. Preta com detalhes pink, a camisola era o próprio pecado. Apesar de o busto ser escuro e tampar totalmente meus seios, assim que a costura terminava a transparência reinava, revelando tudo que estava por baixo.

Confesso, sexy pra caramba. Eu estava com vergonha. Mas eu decidi arriscar e ser ousada, abri a porta e caminhei até a varanda, onde Rick ainda estava sentado na rede. Quando ele me viu, seus olhos piscaram com luxúria e desejo. Sorri internamente, eu poderia ser a escolha perfeita de alguém. Sexy, linda e inteligente. Minha autoestima estava voltando a reinar.

— Porra! — Rick balbuciou — Você está... sexy. Perfeita.

Resolvi provocar e dei uma vultinha.

— Obrigada. Que bom que você gostou.

Ele se levantou e caminhou em minha direção.

— Eu não gostei. Eu adorei.

Me puxou pela cintura, me agarrando e beijando com fervor. Suas mãos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

deslizaram pelo meu corpo, como se nada pudesse escapar de seu toque.

— Entra. Eu vou tomar banho, estou todo suado — ofegou.

— Tudo bem. — Foi o máximo que consegui dizer. Meus sentidos estavam todos em alerta máximo.

Entrei e me ajeitei na cama, enquanto ele mexeu em sua mala e depois foi para o banheiro.

A cama era perfeita, macia e os lençóis de um tecido que não conhecia. Tudo estava maravilhoso. Escutei o barulho do chuveiro e soube que Rick estava tomando seu banho. O barulho foi ficando distante e cada vez mais longe e, então, silenciou.

Acordei com um corpo quente totalmente colado ao meu. Um braço forte envolvia minha cintura possessivamente. Abri os olhos vagarosamente, e me recordei de que tudo era real e não apenas um sonho.

Meu Deus! Que vergonha. Havia dormido enquanto Rick tomava banho.

Me virei bem devagar, fitando o teto e começando a pensar em formas de me desculpar sem ao menos dizer boa-noite. Mas antes que qualquer pensamento pudesse se formar em minha mente, um corpo muito quente se elevou sobre mim. Soltei um grito de susto.

— Rick! Pensei que estava dormindo.

— Eu estava meio acordado há um tempo, na verdade eu não dormi muito bem essa noite. — Sorriu maliciosamente. — Tive problemas depois que uma deusa da sedução me deixou na mão.

Senti meu rosto queimar de vergonha.

Seus cotovelos estavam um de cada lado do meu rosto, seu corpo quente sobre o meu, enquanto seu olhar intenso me consumia. Nossos olhares estavam fixos um no outro. Era como se o ar condicionado tivesse sido desligado e a temperatura estivesse subindo a níveis extraordinários.

— Você é absolutamente linda dormindo, Mel. — Acariciou meu rosto.

— Desculpe, eu...

— Shhh, nada de desculpas aqui, linda. Você estava cansada e eu compreendi — me interrompeu.

— Você acha estranho estar aqui comigo? Quero dizer, esse lance de que sempre fomos amigos e agora... — Me calei, não sabia como expressar minha dúvida. A verdade é que desde que começamos a namorar, eu andava pensando se em algum momento isso soaria desconfortável.

— Não, Mel. Muito pelo contrário.

Sua boca pairou a um fio de distância da minha.

— Eu nunca pensei que seria possível algo soar tão perfeito como nós dois juntos. Quando estou com você é diferente de tudo que já vivi. É intenso, é real, é voraz e guloso. É mais que pele e desejo, é algo que me consome e domina todos os meus sentidos.

Seu olhar brilhava com determinação.

— Me sinto exatamente igual — sussurrei.

Rick sorriu.

— Eu espero realmente que você não seja do tipo que rejeita beijos ao amanhecer. Porque eu vou te beijar, e muito, e depois vou saborear cada pedaço seu. E só vou estar satisfeito depois que estiver enterrado bem fundo dentro de você, quando você gozar gritando meu nome. — Sua voz, sussurrada, estava rouca de desejo.

Senti a excitação tomando conta do meu corpo, meu sexo realmente estava pulsando em necessidade. Nunca ninguém havia sido tão honesto em suas palavras. Tenho certeza de que estava vermelha. Mas todos os meus pensamentos foram arrancados de mim quando sua boca precisa, caiu sobre a minha, exigindo, tomando e roubando todo o meu ar, me deixando ofegante e necessitada por ele.

Seu beijo estava repleto de promessas sobre como seria nossa primeira vez juntos, em uma manhã perfeita em Fernando de Noronha. Rick possuía

um beijo inesquecível, lábios fortes e macios que exigiam e doavam ao mesmo tempo. O sangue quente corria sobre minhas veias, causando arrepios involuntários. Estava sedenta por mais. Um gemido necessitado escapou dos meus lábios, eu estava entregue, rendida ao momento. A antecipação do que estava por vir me deixava elétrica. Rick aprofundou o beijo, sua língua duelando contra a minha sem nenhuma misericórdia e, que Deus me perdoasse, eu não queria nenhuma.

Ele estava deitado meio de lado, meio sobre mim, escorado sobre o cotovelo direito e com a mão no meu rosto, enquanto que com a outra mão livre, ele estava passeando sobre meu corpo. Descendo e subindo, deixando um rastro quente sobre minha lateral. Entrelacei meus braços em seu pescoço, o puxando com mais força contra mim, necessitando aumentar nosso contato. Rick gemeu, suas mãos apertaram minha cintura com força, provavelmente deixariam uma marca. Mas nada disso tinha importância, eu queria mais.

— Linda — sussurrou, interrompendo nosso beijo, me encarando com intensidade. Respirávamos com dificuldade.

Sorri deslumbrada. Ele me fazia sentir linda, desejada e especial de um modo como nunca pensei ser possível.

Sua boca desceu beijando meu pescoço e mandíbula, trilhando um caminho de beijos e lambidas. Com uma das mãos livre ele fez seu caminho por baixo da minha camisola, tocando minha pele, apertando-a. Rick sentou e me incentivou a fazer o mesmo. Começou a puxar minha camisola para cima, e eu o ajudei a tirá-la. Ficando apenas de calcinha diante de seus olhos. Meu primeiro impulso foi de procurar uma maneira de me esconder de seu olhar atento e intenso. Minha pele formigava, minha garganta estava seca. Senti-me como uma virgem prestes a ter sua primeira vez.

Ele respirou profundamente, com o desejo puro em seus olhos. Sorri tímida. Toquei seu rosto com carinho, mantendo nosso olhar fixo um no outro, criando uma conexão íntima e tão nossa, que me deixava sem ar. Todas as barreiras e inseguranças desmoronavam, uma a uma foram despencando, restando apenas a necessidade e vontade de ser dele por completo.

— Porra, Mel! Você me deixa sem fôlego.

Seus lábios tocaram os meus docemente, apenas com um leve roçar. Rick se afastou com um sorriso malandro se formando no canto de sua boca. Estendeu as mãos tocando meus seios, como se os reverenciasse.

— Perfeitos — sussurrou.

Ele os massageava, brincando com a minha carne antes de começar a provocar meus mamilos. Caramba! Isso era bom. Não pude me conter e acabei soltando um gemido de prazer. Rick só pode ter tomado isso como incentivo, porque em questão de segundos sua boca estava sobre meus seios, chupando, mordiscando lambendo, era uma verdadeira tortura. Contorci-me debaixo dele. O que só parecia incentivá-lo ainda mais, porque suas mãos voltaram a serpentear pelo meu corpo.

Eu não era virgem, mas Rick me fazia sentir como se tudo fosse inédito e novo. Seu toque, seus lábios, tudo me causava arrepio e um frisson que não nunca havia experimentado.

Senti quando sua mão deslizou para dentro da minha calcinha. Seus dedos hábeis sabiam exatamente onde tocar e a pressão exata com a qual pressionar. Perdi a noção do tempo, do espaço e de qualquer outra coisa a minha volta, a não ser as sensações maravilhosas que cresciam em meu ventre.

— Rick — gemi. Não sabia se lhe implorava para parar com a tortura, ou se clamava para que me desse exatamente o que meu corpo necessitava.

Ele me ignorou.

Continuou seu assalto sobre meu corpo. Meus quadris começaram a se mover de encontro a sua mão, era impossível controlar a necessidade crescente em meu interior. Quando eu estava no limite, ele retirou a mão, deixou meus seios e desceu pelo meu estômago e barriga, deixando uma trilha de beijos e mordidinhas.

— Rick. — Me senti frustrada.

Ele apenas sorriu e voltou a deixar sua trilha de beijos.

— Tão perfeita. Tão suave.

— Rick, por favor — implorei, deixando toda a vergonha de lado.

— Calma, branquinha. Eu preciso te saborear.

Retirou minha calcinha e depositou um beijo sobre o canto interno da minha coxa direita e depois na esquerda. Me remexi, inquieta. Seu rosto pairou a centímetros do meu sexo, me deixando ainda mais quente. Gemi, a antecipação estava me deixando insana. Senti o primeiro toque de sua língua, num longo e lento golpe, da minha entrada ao meu clitóris. Perdi a razão, o foco, a noção de espaço e tempo, estava rendida por todas as sensações que meu corpo estava desfrutando. Era como se uma corrente elétrica tivesse substituído meu sangue. Meu corpo formigava, meu sexo pulsava e podia sentir o quanto estava úmida. Sua boca habilidosa me consumia, saboreava por todos os lugares, mordiscando meus grandes lábios, lambendo e sugando meu clitóris. Tudo era intenso demais. Remexi os quadris, não conseguindo controlar a necessidade que só aumentava à medida que sua língua e lábios me faziam viver uma deliciosa tortura.

Senti que iria explodir, eu estava sem sexo há quase um ano e encontrar um homem tão atencioso e amoroso assim estava me levando a um estado de loucura.

— Rick, eu... eu... preciso de você.

Sem deixar de me lambar, Rick colocou um dedo em minha entrada.

Porra! A sensação era ótima. Agarrei os lençóis ao meu redor. Seus golpes se sincronizaram em um ritmo perfeito de entra e sai com os movimentos de sua língua sobre meu clitóris. Era demais, me contorcia, gemia, tenho certeza de que estava implorando, e com uma forte sucção seguida com um golpe de mestre, eu me desmanchei sobre sua mão e boca.

Respirava com força buscando recuperar meu fôlego.

Senti quando Rick se levantou saindo da cama, quando abri os olhos ele estava colocando a camisinha. Seu corpo era um conjunto completo de músculos perfeitos, suas coxas eram torneadas. Minha primeira reação foi cobrir o meu corpo, eu não estava mal, mas ver um exemplar da perfeição

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

masculina na minha frente era demais. Seu pênis estava ereto e muito inchado. Senti minha pulsação acelerar com a consciência de que o que faríamos a seguir não teria mais volta. Estávamos consumando nosso amor da maneira mais carnal, crua e voraz possível.

Ele voltou a subir na cama e seu olhar nunca deixava o meu. Lambi meus lábios que ficaram repentinamente secos. Rick sorriu, consciente do quanto estava me afetando. Espalhou minhas coxas e se posicionou bem no meio delas. Meu olhar foi em direção onde nossos sexos estavam tão próximos.

— Mel, você ainda pode dizer não. Porque se eu chegar mais perto, eu juro que não vou mais poder me controlar. Branquinha, a escolha é sua.

Não havia repreensão, julgamento ou qualquer vestígio de decepção em suas palavras, ele apenas estava verdadeiramente preocupado comigo. Ele se negaria prazer para realizar o meu desejo. Senti uma nova onda de emoção passar pelo meu corpo.

Segura do que queria e feliz com o que estávamos compartilhando, fechei a distância entre nós, me sentando e o puxando para que sua boca fosse de encontro a minha.

Rick aceitou de bom grado, assumindo o controle sobre o beijo e o aprofundando, enquanto sua língua duelava com a minha. Com coragem renovada, entrelacei meus braços em seu pescoço o incentivando a seguir em frente. Lentamente voltei a me deitar. Acompanhando meus movimentos e compreendendo que não havia a menor chance de voltar atrás, Rick voltou a tomar o controle, fazendo com que deitássemos e, por cima de mim, ele me encarava com verdadeira adoração. Não precisávamos de palavras, nossos sentimentos estavam refletidos nos olhos um do outro.

Entrelacei minhas pernas ao redor de sua cintura, o incentivando a prosseguir. Mostrando a ele que estava pronta para recebê-lo. Não havia espaços para arrependimentos, não havia espaço para desistir. Se tratava apenas de nós dois e nosso momento lindo.

Rick me penetrou lentamente, me permitindo adaptar ao seu tamanho e espessura. Ofeguei. Não havia pressa, apenas a plenitude da sensação de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ligação, seu corpo junto ao meu. Perdi o fôlego, agarrei seus ombros e apertei minhas pernas sobre ele, o incentivando a aumentar o ritmo. Necessitando de mais a cada segundo. Rick parecia tão entregue quanto eu, seus músculos se retesavam, seu maxilar estava cerrado e seu olhar me queimava.

Estocada atrás de estocada, sua boca sempre sobre mim, pescoço, mandíbula, seios, suas mãos me tocando, causando arrepios maravilhosos, o orgasmo se construía em meu interior e senti as primeiras contrações dos meus músculos vaginais. Era como um paraíso particular. Eu estava além do que podia imaginar alcançar. Uma névoa de luxúria e amor nos enredava, através de um ato carnal que só servia para solidificar um sentimento já existente.

— Rick — ofeguei.

— Olha nos meus olhos, Mel — sussurrou.

Abri os olhos e o encarei, nossos olhares estavam conectados, como se estivessem conectando as nossas almas, como se meu porto seguro fosse ele. Vi a luz que salvava, que me resgatava e foi... intenso.

— Porra, Mel... Eu vou gozar. Goza comigo.

Seus dedos encontraram meus clitóris, pressionando na medida certa.

Me arqueei em sua direção. Arranhando as suas costas.

Gritei, me contorcendo de prazer, gozando. E com mais algumas estocadas ele encontrou sua própria liberação. Seus olhos nunca deixando os meus.

— Eu te amo, Mel.

Suas palavras derrubaram as barreiras do meu coração. Me marcando e, ao mesmo tempo, me deixando sem reação. As palavras que eu sempre sonhei em escutar. O momento perfeito. A hora exata.

— Eu te amo tanto. — Não era segredo, mas dizê-las foi libertador.

Rick saiu de dentro de mim e retirou o preservativo o levando para o banheiro, voltando a deitar na cama e me puxando ao seu lado, nos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

aconchegando juntinhos.

— Obrigado, Mel. Eu prometo te fazer feliz enquanto você me deixar. E mesmo quando você pensar que eu não sou mais o cara que possa te fazer feliz, eu irei te reconquistar.

— Você já faz. Você é tudo que eu sempre quis e desejei.

Ficamos assim, juntinhos por alguns momentos, apenas com nossos corpos saciados e próximos, em um silêncio mais que bem-vindo, nos permitindo apenas sentir.

Capítulo 32



Ao longo da minha vida, acabei me envolvendo com várias mulheres, mas nenhuma delas foi capaz de me fazer sentir o que Mel fazia. A forma como ela me olhava, a maneira reverente que me tocava, seu sorriso, seus gemidos e sussurros, era tudo o que precisava para me sentir especial. Como se eu fosse o único capaz de proporcionar a ela seu prazer.

Estávamos deitados. Mel presa em meus braços, corpos suados e respiração ofegante. Jamais pensei que fazer sexo com amor pudesse ser tão extraordinário. O tesão que senti foi diferente. A fome que me tomou foi intensa, visceral, algo quase beirando o descontrole.

O cheiro de sexo ainda pairava sobre o quarto, se misturando ao seu perfume delicado. Beijei seus cabelos. Estava tão feliz, que temia que tudo não passasse de um mero sonho.

Melissa se mexeu, aconchegando-se em meu peito. Solto um suspiro preguiçoso, o que me arrancou um sorriso.

Fechei os olhos e fui capaz de escutar as ondas do mar. Eu estava em Fernando de Noronha, com a mulher mais maravilhosa do mundo e deveria aproveitar. Sim, aproveitar de todas as maneiras possíveis, dentro e fora do

quarto.

— O que você acha de irmos tomar café na beira da praia? — sussurrei contra seu ouvido.

— Hummm, parece perfeito. — Ela estava toda dengosa.

— Ótimo, está decidido, vamos para o banho? — Pulei da cama, animado.

Mel sorriu se espreguiçando.

Na recepção nos informaram que poderíamos tomar café ali mesmo. Mas disse a eles que queria um lugar de frente ao mar, onde pudéssemos sentir a brisa. A recepcionista nos indicou uma padaria, que ficava a duas quadras do hotel, nos garantindo que eles possuíam o melhor café da manhã da região.

Como dois bobos apaixonados, caminhamos de mãos dadas, observando tudo a nossa volta. Melissa parecia encantada com cada detalhe. E descobri que o que sempre amei nela foi justamente sua simplicidade, pelo fato de que a pousada caríssima e bem localizada não a deixava tão deslumbrada quanto a vendinha de artesanato na beira da praia. A maneira como ela escolheu colocar um chinelo de dedo, não usar nenhuma maquiagem e preferir se sentar em uma padaria mais simples na esquina, porque possuíam uma varanda ao ar livre, de frente para o mar, ao invés da indicada pelo hotel.

— Rick, é completamente lindo aqui. — Apontou em direção ao mar.

Ela tinha razão, a vista era de tirar o fôlego.

— Que bom que gostou. — Sorri encantado.

Passamos no balcão, fizemos nosso pedido e depois caminhamos até nossa mesa. Acaricieei sua mão sobre a mesa. Mel encarou nossos dedos entrelaçados, um sorriso tímido se formou em seus lábios.

— Eu... — Respirou fundo, como se buscasse coragem. Voltou a me encarar. — É errado eu estar tão feliz? Digo, olha o hotel onde estamos, essa vista e... E a passagem e tudo que ainda vamos ter... Rick, eu não tenho condições de bancar nada disso, de dividir a conta e ainda assim, tudo o que

consigo pensar é que estou feliz e...

— Ei! — chamei sua atenção, dando um leve aperto em sua mão. — Eu te sequestre, se lembra?

— Eu sei... É que...

— Não, Mel. Se você está feliz, eu estou feliz. Dinheiro é só... dinheiro. Eu trabalhei para conquistá-lo e eu escolho como gastá-lo. E eu escolhi gastar com essas férias. Com nós dois. Então — Toquei seu queixo. —, devolva aquele sorriso lindo aí para seu rosto e apenas desfrute.

— Obrigada — agradei feliz e sentindo que meu coração estava em paz.

— Eu te amo, Mel. Não estou apenas dizendo isso da boca para fora. Eu te disse que passaria o resto da minha vida tentando te fazer feliz. E isso inclui te mimar.

Debrucei sobre a mesa e beijei seus lábios castamente, apenas pelo prazer de saber que podia desfrutar da mulher à minha frente, sem nenhum medo de ser feliz.

Mel sorriu.

— Estou amando ser mimada — confessou timidamente.

— Fico feliz.

Mel olhou em direção ao mar.

— E, então, senhor sedutor, quais nossos planos para hoje?

Coloquei a mão no queixo, como se estivesse ponderando nossas opções. Mel revirou os olhos, me fazendo sorrir. Nossos pedidos chegaram e começamos a comer apenas desfrutando um da companhia do outro.

— Rick, acho que vou ligar para a Sara.

— Certo, linda. Enquanto você fala com ela, vou pagar nossa conta e ligar para o meu pai. Quero saber se está tudo bem.

Após pagar a conta e ter me certificado de que tudo estava ótimo em casa e na empresa, voltei até onde Mel estava e fui recepcionado com um sorriso doce. Ela se levantou e caminhou me encontrando.

— Sara mandou um beijo.

— Acho que aceito que você me dê ele. — Entrelacei nossos dedos, a puxando em minha direção.

Mel desviou os lábios o beijando, pegando sua bochecha.

— Se é da Sara o beijo, que seja apenas na bochecha mesmo. — Sorriu travessa.

Gargalhei diante de seu ciúme.

— O que você acha de um passeio no iate e depois dar um mergulho?

Mel arregalou os olhos antes de um sorriso empolgado brilhar em seus lábios.

— O que eu acho? Perfeito, é óbvio!

Voltamos para o hotel e pegamos algumas coisas necessárias. O iate estava ancorado à nossa espera. Quando planejei a viagem, havia tomado o cuidado necessário para preencher cada dia com o havia de melhor.

Enquanto Mel tomava sol relaxada em uma espreguiçadeira, aproveitei para conversar com o capitão a fim de encontrar o lugar perfeito para que pudéssemos ancorar e mergulhar, já tinha verificado o equipamento umas três vezes. Quando tudo estava definido, voltei para junto da minha branquinha, ou melhor, vermelhinha.

Me aproximei beijando seus lábios.

— Deveria ser proibido você usar esse biquíni.

Ela estava deslumbrante, sexy e apetitosa. Desde que ela havia retirado o short e a blusa, ficando apenas com esse pedaço de pecado no corpo, eu desfilava pelo iate com uma meia ereção.

— Você não gostou? — Se sentou olhando para si mesma insegura.

— Meu amor, eu adorei. Você fica parecendo o pecado em carne e osso.
— Sentei ao seu lado, acariciando sua coxa.

— Se é assim, eu fico feliz em escutar isso. — Retribuiu meu beijo.

— Vamos nos preparar para o mergulho?

Mel sorriu. Seria a primeira vez que ela mergulharia. Não que fosse um mergulho de grandes profundidades, onde seriam necessários tanques de oxigênio e todo equipamento de segurança necessário. Na verdade, precisaríamos apenas de uma máscara de mergulho e respirador.

— Mel, Luzia disse que nosso almoço será servido às treze horas. Tudo bem?

— Sim, está ótimo. — Sorriu.

Ancoramos próximos a uma praia linda, e mergulhamos, o lugar era absolutamente lindo, água e mais água, o sol estava perfeito, radiante e alegre. As imagens à minha frente jamais poderiam ser expressas somente com palavras: corais, vegetações marinhas, peixinhos fofos e coloridos. O local poderia ser facilmente chamado de paraíso.

Mel sorria e parecia uma criança. Em determinado momento parava apenas para poder observá-la. Minha branquinha, minha Mel, minha amiga, minha mulher. Ela significava o mundo para mim e meu único arrependimento foi ter percebido isto tão tarde, ter deixado tanto tempo passar sem experimentar meu pedacinho do céu.

— Rick, essa experiência está sendo única na minha vida, eu nunca havia me sentido tão bem. — Mel estava se secando. Seu sorriso era tão largo que parecia que seu rosto partiria em dois.

— Para mim também, branquinha. Algo único e precioso.

E o melhor de tudo é que nossa viagem estava apenas começando. Havia outros lugares aos quais eu gostaria de levá-la. Muitas experiências novas que eu gostaria de compartilhar com ela.

Estávamos caminhando de mãos dadas pela orla. Depois de uma manhã regada a muito amor em nosso quarto de hotel, e uma trilha durante a tarde, optamos por um jantar leve em um restaurante de frutos do mar, próximo ao hotel. A noite estava fresca, com a brisa suave e relaxante. Mel estava abraçada a minha cintura com um dos braços e seu sorriso de menina não saía de seus lábios. Ela estava feliz, e deste modo, eu também estava.

— Nunca mais quero ir embora — sussurrou me fazendo sorrir.

Puxei Mel para mais próximo ao meu corpo, fazendo com que andar se tornasse mais difícil, já que a cada passo nos esbarrávamos.

— Eu também adoraria poder passar o resto da minha vida assim, com você ao meu lado, em um lugar nosso. Nossa própria bolha. Mas... — Respirei fundo. Havia passado boa parte do meu banho ponderando sobre como abordar Mel e contar a ela sobre tudo que havia acontecido e a empresa. Entretanto, nenhuma brecha havia sido aberta.

— Mas... — incentivou-me com um sorriso nos lábios.

Não conseguindo me conter, parei e fiz com que ela parasse também. A puxei para um abraço e beijei seus lábios.

— O que acha de nos sentarmos aqui? — Apontei para a areia em nossos pés.

Como já era de esperar, Mel não se importou nem um pouco em sujar seu short e sentou me puxando para que fizesse o mesmo. Nossos corpos estavam próximos, aproveitei para abraçá-la.

— Agora você pode me contar o que aquele mas significa.

— Você sabe que meu pai sofreu um AVC, não é? — Comecei pelo óbvio.

Mel acenou positivamente.

— Bom, com isso eu precisei assumir a empresa, Mel.

Ela se afastou, me encarando.

— Mas... você nunca quis assumir os negócios. Nunca foi o que você quis, Rick.

Ela tinha razão. Mas durante todo o meu processo de aprendizado e descoberta, eu havia chegado à conclusão de que realmente era bom em tomar decisões e assumir o controle. A empresa poderia nunca ter sido minha primeira opção, ou o que eu realmente gostaria para mim, mas ela pertencia a minha família e significava muito para meus pais. Eles precisavam de mim e eu me sentia bem os ajudando, com o que podia.

Coloquei uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

— Sim, nunca foi, ou pelo menos, não era. Entretanto, por incrível que pareça, eu acho que me encontrei lá, Mel. Gosto de tomar decisões, de estar a par de tudo que está acontecendo. De saber que sou útil, e necessário. Que posso fazer mais do que realmente estava fazendo.

Mel me encarou atentamente.

— Eu fico feliz em saber que está fazendo isso por si mesmo, Rick, e não por ser uma imposição da sua família.

— Não é. Realmente estou feliz na posição que assumi. E feliz com tudo que tenho feito.

Seu olhar voltou em direção ao mar.

— Isso quer dizer que você verá aquela va... Sophie todos os dias, não é?

Sorri. Minha branquinha estava claramente com ciúmes.

— Não! — fui firme em minha resposta. Queria que ela percebesse que realmente não havia mais nenhuma Sophie em minha vida.

Seus olhos voltaram a me fitar, com uma interrogação neles.

— Eu desfiz o contrato com a família dela, Mel. — Como ela permaneceu em silêncio, continuei a explicar. — Na verdade, eu disse a seu

pai que me recusaria a trabalhar, ou ter qualquer contato com ela. E pedi que isto fosse incluído em contrato. Ele não ficou muito feliz e recusou a proposta.

— Uau! — sussurrou. — Eu posso perguntar por quê?

Toquei seu rosto com carinho.

— Você pode e deve me perguntar qualquer coisa que tiver vontade. — Sua expressão relaxou. — Respondendo a sua pergunta, Sophie não é uma boa pessoa. Ela me chantageou, porque sabia que minha família precisava da fusão. Mel, a empresa está com muitas dívidas e por mais que estejamos lutando para nos manter, as coisas realmente podem ficar complicadas. E Sophie sabia disto, ela sabia o quanto o capital que sua família investiria na vinícola seria importante.

— Como assim? Quero dizer, a vinícola sempre foi... Eu...

— Meu pai se enrolou na safra do ano passado. A colheita não foi das melhores. Alguns contratos foram quebrados, perdemos clientes e as disputas judiciais podem ser agressivas. Mas nós vamos ficar bem. Eu confio que tudo vai se resolver, tenho um plano.

Sorri, tentando recuperar o clima perfeito que estávamos antes do começo da conversa.

— Eu sei que você tem. Sempre acreditei no seu potencial e talento, Rick. Estou orgulhosa, de verdade.

Tenho certeza de que corei com seu elogio. Me dei conta naquele momento do quanto a opinião da Mel era importante em relação a mim.

— Rick, como Sophie te ameaçou?

— Ela me queria longe de você. Que eu assumisse um namoro com ela, mesmo sendo totalmente falso. Ameaçou acabar com a empresa e com o nome da minha família.

— Ela é louca! — Mel me encarava de boca aberta. — Mas, Rick, eu vi vocês dois se beijando, ela falou que vocês estavam juntos, é...

— Naquela noite eu não pensei direito, Mel. Eu estava bêbado e acabei beijando ela. Não que isso seja uma desculpa. Mas foi só isso. Ela nunca significou nada pra mim. Naquela noite do jantar que precisei cancelar com você... aquilo me destruiu, Mel. Jamais quis te fazer sofrer, ou passar por aquilo tudo.

Mel desviou o olhar.

— Me senti péssima naquele dia, Rick. O vestido, cabelo, maquiagem, tudo aquilo era... era para você. Queria que você sentisse que eu podia ser parte do teu mundo, que era capaz de não te envergonhar. Que eu fosse suficiente.

— Você sempre foi, Mel. Eu que demorei demais para perceber o quanto você era importante e especial.

Um sorriso tímido brotou em seus lábios.

Odiava ter que voltar a deixar o clima tenso, mas precisava tirar uma pulga de trás da minha orelha.

— E quanto ao Elton? Vocês se envolveram, eu sei...

— Foi um erro. — Voltou a me encarar. — Elton sempre foi protetor e generoso, acabei me deixando levar por seu carinho e cuidado. Ele me tratava como eu queria ser tratada por você. Me fez sentir especial e até desejada, mas... mas ele não é você.

— Mas vocês se envolveram, ele... ele meio que deixou isso explícito, Mel.

— Sim, nós nos beijamos e não vou mentir. Eu realmente cheguei a cogitar em ter um relacionamento com ele. Só que não consegui. Me dei conta de que o estava usando, que jamais conseguiria vê-lo como amante. Elton é um grande amigo e será sempre assim.

— Você acha que esse sentimento é recíproco? Quero dizer, o que ele sente por você?

— Acho que ele também se confundiu. E creio que já tenha se dado

conta disto, mas por orgulho e medo ele pode estar demorando mais para aceitar isto.

Olhei para a imensidão de água à nossa frente. Fechei os olhos e permiti que ar fresco tocasse minha pele. Eu não tinha direito de ficar com raiva ou ciúmes, mas ainda assim estava. E por alguma razão temia que Elton voltasse e ameaçasse minha relação com a Mel. Eu não o conhecia o suficiente, não sabia até que ponto minha branquinha era importante para ele, mas tinha uma boa noção de sua determinação e voracidade. Havíamos nos enfrentado uma vez. E naquele dia, ele havia dito que faria de tudo para tê-la. Poderia tudo ter sido um engano?

Senti quando Mel se mexeu ao meu lado. Abri os olhos a tempo de vê-la se esgueirando para meu colo, passando seus braços por meu pescoço. Seu olhar ficou na altura do meu. Como eu amava seu perfume, seu calor, sua presença e sorriso. A maneira como ela me fazia sentir um homem melhor.

— Eu te amo — sussurrei.

Ela sorriu, aproximando seus lábios dos meus, me beijando com doçura e amor.

— Não existe ninguém entre nós, Rick — falou contra meus lábios. — Ninguém. — Seu olhar prendeu o meu. — Me prometa que independente da situação, ou do problema que você tiver que enfrentar na empresa, em sua casa, ou seja lá o que for, nós iremos conversar sempre, ser honestos um com o outro. Não quero que enganos ou mal-entendidos nos separem.

— Eu prometo. — Não precisava pensar a respeito. Jamais deixaria que qualquer obstáculo interferisse em minha relação com a Mel novamente.

— Começamos uma nova página hoje, branquinha. Uma em que escrevemos juntos. — Deitei na areia, a puxando comigo.

Seu rosto pairou acima do meu, seus olhos brilhando. Acariciou meu cabelo. Aproveitei o momento para puxá-la pelo pescoço e colar seus lábios aos meus. Saboreando seus lábios, marcando-a como minha, deixei bem claro, que seríamos um para sempre.

— Acho que precisamos voltar para o hotel — sussurrei contra seus

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lábios.

— Eu poderia dormir aqui mesmo. Você até que é bem confortável. —
Para comprovar, se ajeitou sobre meu corpo.

Sorri.

— Gostaria muito de poder fazer sua vontade. Mas para os planos que
tenho em mente, aqui não seria um lugar apropriado.

Senti sua risada agitar nossos corpos.

— Você não se cansa nunca?

Beije seus cabelos.

— Quando se trata de você, não.

Mel apoiou em meu peito e se levantou estendendo a mão em minha
direção.

— Então, vamos. Porque quando se trata de você, eu também não me
canso.

Sorri aceitando sua ajuda para me levantar. Eu realmente havia
encontrado a pessoa certa para mim. Aquele alguém que nasceu para estar ao
meu lado.

Já em pé, puxei Mel contra meu peito, não conseguindo conter minhas
mãos de tocá-la.

— Eu e você, Melissa.

— Você e eu, Rick.

E essas simples palavras falavam muito mais do que qualquer
declaração.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 33



Sabe aquele sentimento de que, quando tudo está perfeito demais, algo ruim vai acontecer? Estava sentindo isso naquele momento. Mesmo com toda a beleza esplendorosa do pôr do sol à minha frente, tudo o que conseguia pensar era que meu paraíso particular e férias perfeitas estavam chegando ao fim. E uma vozinha sacana ficava repetindo: *E agora? E agora?* A verdade, é que meu subconsciente estava me lembrando aquilo que eu temia evitar pensar. Como seria quando voltássemos para a realidade, quando tivéssemos que encarar anos de preconceito e uma diferença gritante socialmente falando?

Rick beijou meus cabelos, ele estava abraçado comigo. Sentado atrás de mim para que pudesse me recostar em seu peito. Sua respiração tranquila só revelava o quanto estava alheio a meus pensamentos tempestuosos. Talvez estivesse apenas nostálgica já que esta seria nossa última noite em Fernando de Noronha.

— Cansada? — sussurrou contra meu ouvido, depositando um beijo em minha bochecha.

— Sim.

Permiti meu corpo relaxar e recostar ainda mais contra ele. Havíamos passado o dia fazendo Ilhatur, um passeio de bugue pelas principais praias do arquipélago, além dos mirantes e a Vila dos Remédios.

— Rick? Você já pensou sobre como será a volta para casa? Quero dizer, como nós dois ficaremos? — Quando me dei conta, já havia deixado escapar as palavras.

— Exatamente como estamos aqui. Somos um casal, Mel. Você é minha namorada e ninguém vai poder interferir.

Tentei evitar que a fagulha de amor e esperança crescesse ainda mais em meu peito. Mas ele falou com tanta determinação e sem nenhuma hesitação, que foi impossível não acreditar que tudo realmente ficaria bem.

— Não quero que se sinta insegura, Mel. Esta viagem foi um modo que encontrei de podermos ficar juntos para que pudéssemos conversar e esclarecer tudo. Não para que eu te escondesse.

Entrelacei meus dedos em sua mão que estava sobre minha cintura.

— O que acha de voltarmos para o hotel e comermos por lá mesmo. Podemos desfrutar da banheira gigante, apenas como despedida. — Sorriu malicioso.

— Acho uma ideia fabulosa.

Rick fez cócegas em minhas costelas me fazendo contorcer. Levantou-se e saiu correndo e eu, como uma adolescente apaixonada, não resisti e saí correndo atrás.

Rick estava sentado na cama, recostado contra a cabeceira me observando terminar de arrumar minha mala. Tentei não ficar tímida, diante de seu olhar malicioso. Havíamos acabado de nos secar, após uma longa e deliciosa visita à banheira de hidromassagem. Estava um pouco dolorida,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

afinal de contas, fazia muito tempo que não usava determinada parte do meu corpo com tanta frequência.

Rick sorriu, atraindo minha atenção de volta para ele.

— O que é tão engraçado? — questionei, aproveitando para observar o belo exemplar masculino, vestido apenas com uma boxer na minha frente.

— Você aí toda metódica e murmurando sozinha porque não consegue guardar todas as suas coisas.

Bufei irritada.

— Bom, caberia se você não tivesse me comprado tantos presentes. Não que eu esteja reclamando. — Sorri, travessa. — É que mesmo que tenha amado tudo, foi um pouco exagerado, Rick.

— Bom, não vou me desculpar por isso. Eu queria te mimar, e foi o que fiz. — Deu de ombros. — Se quiser, posso devolver. — Fingiu estar emburrado.

Caminhei em sua direção, apoiando um joelho na cama e me inclinando para roçar nossos lábios.

— Obrigada por tudo. Eu realmente amei cada canga, biquíni, vestido, rasteirinha e todos os demais mimos que ganhei. — O beijei.

Soltei um grito assustado, que logo se transformou em uma risada melodiosa, quando ao notar que iria me afastar, Rick segurou minha cintura, me empurrando contra o colchão, deitando sobre mim.

Seu olhar encontrou o meu.

— Você é linda, Mel. A minha joia preciosa. — Beijou meus lábios com reverência e amor.

Enquanto nossos lábios falavam tudo aquilo que as palavras não podiam, toquei seus cabelos e acariciei suas costas. Nossa semana havia sido muito mais esplendorosa do que qualquer sonho que havia tido ao longo da minha vida. Estar junto a ele, compartilhando momentos íntimos e conversas bobas, desfrutando de seu toque e companhia, era tudo que sempre sonhei.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Rick era a minha joia preciosa, meu diamante bruto, que estava se moldando em um verdadeiro, romântico e delicioso namorado.

— Não estou pronto para voltar. Essa semana foi maravilhosa — sussurrou contra meus lábios. — Você sente isso? Essa conexão especial que criamos? — Mordiscou meu queixo.

— Eu sinto — ofeguei.

Seu olhar encontrou o meu, com seus cotovelos um de cada lado do meu rosto.

— Me promete que nada vai mudar? — O encarei com intensidade, necessitando que ele me confirmasse, que nossa pequena bolha não iria estourar quando a realidade de nossas vidas, voltassem a ser parte dos nossos dias.

Rick segurou meu rosto com carinho.

— *Nada. Vai. Mudar* — enfatizou cada palavra. — É uma promessa.

E eu acreditei. Seus lábios voltaram a encontrar os meus, selando a promessa, criando a certeza de que nada poderia nos atrapalhar. Éramos apenas um, dois corpos em uma mesma página, lutando pelo mesmo objetivo: nossa felicidade.

Quando cheguei em casa, após a viagem, tudo estava silencioso e tranquilo. Rick me ajudou a subir com as malas e nos despedimos com um beijo cheio de saudade. Após passar uma semana inteira juntos, acordando um ao lado do outro, saber que voltaríamos a ter que nos acostumar com os encontros esporádicos estava nos deixando tristes.

— Acho que preciso ir — Rick sussurrou contra meus lábios.

Sorri. Ele já havia dito isto, pelo menos, umas três vezes.

— Você sabe que pode dormir aqui, não é? — provoqueei.

— Não me tente, branquinha, está sendo difícil te deixar aqui. — Voltou a me beijar.

Nossos lábios sabiam exatamente como provocar um ao outro. Nossas línguas estavam mais que familiarizadas e felizes em se tocarem e causar no outro a necessidade de jamais se separar.

— Amanhã eu te ligo. Descansa, meu amor, e não se preocupe, nada mudou e nem vai mudar. — Quebrou nosso beijo, segurou meu rosto com carinho e falou exatamente o que precisava escutar, para não me deixar abater pela insegurança.

Relutante, beijou meus lábios castamente em seguida e caminhou até a porta, fazendo um aceno dramático de tchau.

Ainda sorrindo, peguei minha mala e caminhei para meu quarto. Precisava tomar um banho, colocar uma roupa confortável e me jogar no sofá da sala para assistir qualquer filme ou série, enquanto aguardava Sara chegar para poder compartilhar com ela cada detalhe da minha viagem dos sonhos.

Acabei adormecendo e acordando quando escutei a porta batendo. Assim que me viu a encarando, Sara se assustou levando a mão até o peito em direção ao coração.

— Que susto, Mel. Não sabia que já tinha chegado.

Não resisti à cara de assustada da Sara e acabei gargalhando. Ela não se irritou por minha reação, muito pelo contrário ela largou sua bolsa sobre o balcão da cozinha e saiu correndo em minha direção, se jogando no sofá contra mim.

— Senti sua falta. — Me abraçou.

— Eu também senti a sua. Como você está?

Nos sentamos e aproveitei para encará-la e observar cada traço de seu rosto bonito. Buscava vestígios de que Sara estivesse bebendo ou sofrendo demais.

— Eu estou bem, dona Melissa. — Pareceu ler meus pensamentos.

— Apenas me preocupo com você, sua boba. — Bati em seu ombro.

— Vai, me conta tudo. Como foi a viagem? Estava corroendo os dedos de ansiedade.

Um sorriso brilhante e gigante brotou em meus lábios.

— Perfeita. Não sei como descrever de outra forma, Sara. Rick foi... apenas o melhor. Jamais pensei que poderia me sentir tão amada, sexy e... — Me joguei para trás no sofá, sorrindo feito uma boba. — Ele disse que me amava, que nada, nem ninguém vai nos separar.

— Acho que já posso começar a planejar meu vestido de madrinha — brincou, se deitando no chão ao lado do sofá, onde estava. — Agora, que tal ser boazinha e começar a me contar os detalhes mais... *calientes*. — Se abanou.

Senti meu rosto corar, e todo meu corpo se aquecer apenas com as lembranças de nossos momentos a dois.

— Nossa, foi tão bom assim? Você não para de suspirar. — Atraiu minha atenção.

— Como te disse, acho que nunca me senti tão sexy e especial. Foi muito mais do que sempre imaginei ou sonhei.

Não havia palavras que pudessem descrever cada toque, momento de desejo e a intensidade com que sempre nos encarávamos no ápice de nossa paixão. Rick conseguia arrancar o melhor de mim, me fazia esquecer onde estava e o tempo, assim como tudo a nossa volta, deixava de existir e perder a importância, éramos apenas nós dois em um novo mundo para desvendar.

— Tudo bem, pequena sonhadora. Vou tomar um banho. Pela sua cara está pensando em sacanagem e por mais que Rick seja um cara quente e muito bonito, imaginá-lo nu e o que vocês fizeram juntos não está na minha lista. — Sorriu, se levantando. — Falando nele, pensei que estaria aqui com você.

Abracei a almofada.

— Ele precisava ir para casa. Fazer algumas ligações e saber como estava tudo com seu pai e a empresa. — Não tentei disfarçar minha cara de tristeza. — Acho que vamos almoçar juntos amanhã.

Sara riu da minha cara dramática.

— Supere isso, Mel. Namorados e até maridos precisam tirar uma folga um do outro, sabe como é... Para não enjoar — debochou.

Joguei a almofada em sua direção. Ela desviou correndo até a porta do seu quarto.

— Não fique triste, você tem ainda tem a mim. E, acredite, estou faminta, vá fazer o jantar, mulher — engrossou a voz no final.

Sorrimos. Minha melhor amiga seguia sendo a mesma.

A semana pós-férias acabou se arrastando. Devido à empresa e todas as responsabilidades que precisou assumir, Rick estava com pouco tempo livre. Apesar disto, ele sempre dava um jeitinho de me buscar na escola onde trabalhava, muitas das vezes apenas tínhamos o período durante o trajeto para ficarmos juntos, já que assim que me deixava em casa, ele voltava para a empresa. Mas não havia como negar o quanto ele estava mudado e determinado em me provar que realmente me amava.

Sorri assim que vi seu carro virando a esquina. Sempre pontual, Rick desceu e caminhou até onde estava sentada próxima ao portão da escola. Me levantei e encontrei com ele no meio do trajeto. Como de costume, entrelaçou nossos dedos e me puxou para um beijo.

— Já estava com saudades — sussurrou contra meus lábios.

— Você me viu ontem. — Acariciei seus cabelos que estavam compridos, alcançando o colarinho de sua camisa.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não é o suficiente. — Voltou a me beijar. E, em seguida, fomos até o carro.

— Como seu pai está? — perguntei enquanto afivelava meu cinto de segurança.

— Melhor, ele até foi trabalhar hoje.

— E como foi lidar com seu pai novamente no comando? — Encarei seu perfil, que seguia concentrado em nosso percurso.

Rick respirou profundamente.

— Estranho. — Deu de ombros. — Imaginei que ele chegaria todo mandão, querendo saber de cada alteração que fiz, que questionasse as minhas ordens, mas... ele só quis saber de tudo, depois me chamou e falou que quer férias. Que pretende viajar com a minha mãe e que eu deveria mudar minhas coisas para a sua sala.

— E isto é ruim? Quero dizer, isso prova o quanto ele está gostando do seu trabalho. Pelo que você falou, ele acabou de te promover.

Rick sorriu me tranquilizando, depois suspirou cansado.

— Pode parecer bobeira, mas... eu estou apavorado. Não sei se estou preparado para assumir tudo, entende? É o patrimônio da família e ele está deixando em minhas mãos. Se eu falhar, todos perdem.

Coloquei minha mão em sua perna, acariciando sua coxa.

— Acredite, você está no caminho certo. Aceitar que está com medo, só prova o quanto você tem amadurecido, Rick. E você não precisa assumir tudo sozinho. Você tem sua equipe e tem a mim. Eu acredito em você, no seu potencial e no quanto você é esforçado.

Entrelaçou nossos dedos, levando minha mão até seus lábios, beijando-a.

— Obrigado, branquinha. Agora chega de falar sobre mim e me conte como foi seu dia.

Sorri ao recordar das minhas crianças.

— Ícaro aceitou se sentar com as demais crianças hoje. Ele até coloriu e depois me entregou o desenho de presente. — Poderia parecer algo bobo, mas cada vez que uma das crianças aceitava a aproximação e dava um passo, ainda que minúsculo em direção ao que julgávamos normal, eu me sentia incrível por ser parte de seu crescimento.

— Isso é fantástico, Mel. Não sei se já te disse isso antes, mas tenho muito orgulho de você.

Engoli em seco pela emoção com a qual fui atingida. Rick tinha um poder único de me fazer sentir especial.

Seguimos o restante do caminho em um silêncio confortável.

— Você quer entrar? — Convidei. Estava morrendo de saudade da semana em que passamos o tempo todo juntos.

— Não posso, amor.

Desviei o olhar, tentando evitar que notasse minha tristeza. Algo estava errado, eu só não sabia o quê.

— Rick... Está tudo bem? Quero dizer, entre nós dois.

Notando meu desconforto e entendendo o que eu estava insinuando, não demorou nem dois minutos para que ele estacionasse o veículo e desafivelasse seu cinto de segurança, me encarando com intensidade.

— Claro que estamos. Por que está me perguntando isso?

— Desculpe. — Forcei um sorriso. — É apenas bobagem, é melhor você ir, não quero te atrapalhar. Obrigada pela carona. — Tentei soar normal, mas devo ter deixado transparecer que realmente andava incomodada.

Rick segurou meu braço, me obrigando a permanecer dentro do carro. Tocou meu queixo com carinho e fez com que voltasse a encará-lo.

— Lembra o que combinamos na viagem? Nada de mentiras e segredos entre nós. Se temos um problema, conversamos. — Acenei concordando. — Ótimo, agora me fala o que está te incomodando.

— Sinto sua falta. Quase não temos passado tempo juntos. Não quero que se sinta culpado, Rick. Eu entendo que tem sido puxado na empresa e que você tem trabalhado muitas horas a mais. — Deveria estar parecendo uma menina mimada.

— Tenho negligenciado minha namorada linda? — Sorriu.

Ele estava tirando sarro da minha cara?

— Ricardo! — Fingi irritação, já sentindo todo o clima melhorar e nossa intimidade voltar.

Tocou meu rosto, se aproximando.

— Desculpe, amor. Essa semana realmente foi uma loucura. Que tal eu voltar assim que a reunião acabar? Aí podemos passar a noite juntos. — Beijou meus lábios.

— Acho uma ideia maravilhosa. — Sorri.

Fiquei parada na porta, observando Sara. Ela estava de costas, pegando uma assadeira no forno, a cozinha um verdadeiro caos.

— Devo ficar preocupada e chamar os bombeiros? — Tentei conter o riso.

— CARALHO! — Saltou para trás se assustando, quase deixando a assadeira cair.

— Opa, desculpa. Não quis te assustar.

Sara revirou os olhos, sabendo que sim, eu havia tido a intenção.

Caminhei até onde ela estava, deixando minha bolsa e pasta sobre o balcão.

— Biscoitos? O que aconteceu? — Eu a conhecia. Sabia que Sara só
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cozinhas quando estava chateada, ou muito inspirada.

— Precisava espairar. — Deu de ombros.

— Dia difícil? — Sentei, pegando um dos biscoitos.

— Semana, mês, ano... — Suspirou. — Não estou em um bom dia.

— Percebi. Quer conversar?

Sara caminhou em direção ao seu quarto. Fiquei frustrada. Estava me levantando para ir atrás dela e fazê-la confessar o que estava acontecendo, quando voltou e colocou um papel na minha frente.

— O que é isso? — Estava confusa.

— Leia.

Olá, Sara.

Não pensei que seria tão difícil escrever este e-mail. Ainda não sei como prosseguir, ou o que falar. Nem sei se deveria te enviar algo, mas ainda assim aqui estou.

Minha mãe sempre me disse, que para desfazer um nó, é preciso estudá-lo e descobrir onde foi que ele se iniciou, então afrouxamos os lados e puxamos o fio central, ganhando novamente uma reta perfeita.

Talvez, seja isso que esteja procurando aqui. Uma maneira de desfazer o nó em que estamos.

Me perdoa pelo que te disse aquele dia. Estava nervoso, frustrado e com o ego ferido. Não que eu goste de admitir isto. Estava tão certo de que Melissa era minha melhor opção, que nem parei para prestar atenção no quanto éramos incompatíveis. Permiti que meus sentimentos por ela se confundissem e quando me dei conta, nada mais fazia o menor sentido.

Estou virando a página, Sara. Tentando me encontrar e descobrir o que realmente quero e preciso. E antes de partir em busca de um futuro, quero acertar meu passado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sei que tem recebido minhas mensagens. Que notou que te liguei. Mas é teimosa demais para me responder.

Então, esta é mais uma tentativa. E esteja ciente, não vou desistir. Eu nunca desisto.

Beijos,

Elton.

— Uau! — Estava tentada a me beliscar e confirmar se o papel nas minhas mãos realmente era verdadeiro.

— Eu sei.

Debruçou sobre o balcão.

— Você respondeu?

— Não — choramingou. — Ainda não consigo. Sei que posso estar soando infantil. Mas realmente não me sinto preparada para encará-lo ainda. O melhor que podemos fazer é seguir longe um do outro. Ele me magoou demais, Mel. Debochou dos meus sentimentos. Bola pra frente!

— Se você diz... — Seu olhar fixo ao meu era um aviso para não ousar contrariá-la.

— Vou tomar banho, Rick disse que vem para cá depois do trabalho. — Sorri.

— Olha quem está toda boba apaixonada.

— Eu não vou negar. — Levantei caminhando para meu quarto.

— Mel, eu posso sair. Você sabe, deixar a casa livre — ofereceu.

— Você não precisa sair, Sara. Nós três ainda somos amigos, você sabe. Podemos pedir uma pizza, assistir a algum filme e depois quando eu for para o quarto me divertir, você pode ficar chupando o dedo — brinquei, tendo que desviar da colher de pau que voou em minha direção.

— Você já foi uma amiga muito melhor, Mel. E só para você saber, tenho um encontro. Vou sair para dançar.

— Sei — provoquei.

— Cale a boca, Mel, e vai se arrumar logo.

Capítulo 34



Sim, eu estava completamente apaixonado, eu havia me transformado em um romântico incorrigível. Mel despertava o melhor em mim. Após nossa viagem maravilhosa, caímos em uma rotina confortável. Meus dias se estendiam entre os preparativos da surpresa que estava planejando, a empresa e buscar Mel todos os dias na escola, ela havia voltado a dar aulas e, pela primeira vez, eu fiz a coisa certa, fui conhecer seus alunos e me informar um pouco mais sobre sua rotina.

Lembrei-me do primeiro dia que a busquei no trabalho. Acabei pegando ela de surpresa. Estacionei na frente da escola, do outro lado da rua, desci e fiquei observando as crianças saindo, não pude deixar de imaginar em um dia ver a minha filhinha com a Mel, ou seria meu filhinho? Não importava, eu só queria ter um filho com ela, minha família. Notei quando ela passou pelo portão e seus olhos me encontraram, um sorriso perfeito se formou em seus lábios, estava tão linda com seus cabelos presos em um rabo, jeans, regata e sapatilha. Ela ficou tão feliz em me ver que saiu correndo em minha direção se lançando em meus braços. Claro que ganhei o melhor beijo do mundo. Depois desse dia passei a buscá-la sempre.

Por mais que me esforçasse, as responsabilidades na empresa estavam me deixando no limite. Jamais havia pensado na quantidade de serviço e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

trabalho que teria assumindo a empresa. E toda a carga estava começando a interferir em minha rotina com a Mel. Eu podia notar o quanto ela estava chateada com a minha ausência, nosso tempo junto havia sido reduzido, mas se tudo que estava planejando desse certo, logo não teríamos mais este problema.

Ela não fazia ideia do quanto era importante e do quanto eu a amava e a maneira como minha vida, minha confiança havia se transformado desde que decidimos ficar juntos. Por ela, eu enfrentaria tudo e a todos, me sentia mais forte. Anabel ainda estava relutante com meu namoro, meus pais, por outro lado, se mantiveram na deles, desde o problema de saúde do meu pai, eles meio que entraram em uma espécie de lua de mel constante, estavam até planejando viajar para Moscou, uma viagem que eles sempre quiseram fazer, mas que acabou se perdendo no tempo.

Com a empresa, tudo parecia estar voltando à normalidade. Conversei com alguns fornecedores e clientes e fiz novos contratos, descobri um lado meu que nunca pensei que descobriria. O Ricardo decidido e administrador: tomando decisões, delegando tarefas e me preocupando com toda a rotina trabalhista.

Havia acabado de encerrar uma reunião importante com a equipe de marketing. A vinícola estava precisando de uma imagem nova, algo mais atual, familiar e aconchegante. Apesar do meu pai ser contra e julgar desnecessário, eu sabia o quanto era importante e, após uma discussão acalorada com ele, acabei conseguindo que prevalecesse minha vontade. Ele mesmo já havia dito que iria tirar férias e que eu deveria assumir a presidência. Então, que comesse a confiar em mim e acatasse minhas decisões.

— Vai para casa? — Olhei em direção ao estacionamento e encontrei meu pai.

— Não. Prometi a Mel que passaria a noite com ela.

— Ela já sabe sobre amanhã, à noite?

Sorri satisfeito comigo mesmo.

— Não, será surpresa.

— Você não tem medo?

Enrijeci.

— Eu deveria temer o que precisamente?

— Não precisa ficar todo eriçado, Ricardo. Não estou questionando ou me incomodando com a sua decisão. Sabe que gosto da Melissa e que estou feliz por vocês. Só estou te preparando para o que pode acontecer.

— Então, não precisa se preocupar mais. Estou mais do que preparado e decidido. E sabe o que aprendi nos últimos dias? — O encarei. — Nada, nem ninguém, possui o poder de estragar o seu dia, seus planos ou sonhos, a não ser que você permita isso. E eu, pai, já deixei que ditassem demais o rumo da minha vida. Agora quem dá as cartas sou eu. Minha vida, minhas escolhas.

Ele balançou a cabeça, concordando.

— Tenha uma boa-noite, meu filho. E... Parabéns, estou realmente orgulhoso. Você está pronto para a empresa e mais do que pronto para ser um bom homem de família.

Dito isso entrou no carro, me deixando com um sorriso nos lábios.

— Oi, Rick. — Sara abriu a porta sorridente.

— Oi, linda. A Mel está?

Caminhei até a sala, colocando a caixa de chocolate preferida da Mel sobre a mesinha de centro.

— Ela está terminando de se arrumar. Chocolates? — Apontou para a caixa.

— Sim, e fique longe deles. — Sorri com a cara de emburrada que Sara

fez.

Sara olhou em direção ao quarto da Mel e caminhou até onde eu estava.

— E os preparativos? — sussurrou.

— Tudo certo. Vou convidá-la hoje. Obrigado pela ajuda, Sara.

— Ela está muito feliz, Rick. Você está fazendo a coisa certa. Tenha certeza disto. Nunca a vi tão iluminada. Ela vive cantando pela casa, voltou a fazer planos e tem sempre um sorriso bobo nos lábios.

— Estou do mesmo jeito. É uma nova página, Sara. Uma em que cabemos nós dois.

Sara sorriu e me abraçou.

— Ela merece. Vocês dois merecem. Estou ansiosa por amanhã.

— Eu também. Muito.

— Vou pegar as pizzas na cozinha. Por que não vai lá no quarto e apressa a Mel?

Melissa procurava uma peça de roupa distraidamente. Ela estava de costas para a porta, o que me permitiu ficar parado de lá, apenas a observando. *Linda*, pensei. Naquele momento, realmente me dei conta do quanto havia a deixado de lado na última semana. Apesar de nossos encontros periódicos, a preocupação com o trabalho não me permitiu aproveitar nosso tempo junto adequadamente. Reverteria isso, não me permitiria deixá-la de lado. Jamais.

— Se a Sara não estivesse nos esperando na sala com a pizza, pediria que permanecesse nua.

Mel sobressaltou-se com o susto. Sorri.

— Caramba, Rick. Quase me matou.

Caminhei sorrateiramente em sua direção. A puxando para dentro de um abraço, toquei seu rosto com carinho.

— Desculpe, amor. Não resisti. — Beijeí sua testa.

Timidamente, ela retribuiu meu sorriso. Enlaçando minha cintura com força.

— Estava com saudades — sussurrou.

— Eu também.

Tomei seus lábios junto aos meus, em um beijo guloso e necessitado. Minhas mãos vagavam por seu corpo coberto apenas pela toalha. Minha ereção pressionava o zíper da minha calça, implorando por espaço e alívio.

— Você precisa se trocar. — Distribuí beijos por todo seu rosto, descendo por seu pescoço.

Mel soltou um gemido baixinho, fazendo com que minha ereção pulsasse com mais força. Voltei a beijá-la.

— Rick — choramingou contra meus lábios. — A Sara está nos esperando.

Respirei fundo, buscando recuperar meu autocontrole.

— Você está certa. É melhor se trocar. — Me afastei sentando em sua cama, ficando de costas para ela, com medo de que se ficasse observando, a atacasse, sem me preocupar nada. — Mel?

— Hum...

— Amanhã terá um jantar de negócios, e eu... Bem, eu gostaria que fosse comigo.

O silêncio que se estendeu foi tão estarrecedor, que tive que me virar para confirmar que ela ainda permanecia no quarto.

— Eu?

Mel parecia desacreditada.

— Você. A minha namorada, mulher linda que amo. Sim, você. — Balancei o ombro indiferente.

Mel terminou de colocar o vestido. Um sorriso tímido se formou em seus lábios, caminhando em minha direção.

— É claro que eu quero. — Parecia triunfante.

Segurei sua cintura, puxando-a para mais perto.

— Perfeito. Será na casa dos meus pais.

Levantei entrelaçando nossos dedos, puxando-a em direção à porta, entretanto, Mel permaneceu imóvel.

— Na casa dos seus pais? — Me encarou confusa. — Não acho que seja uma boa ideia.

— Na verdade, é uma ideia maravilhosa. Não vou te esconder, Mel. Somos um casal. Você me disse que eu precisava te provar o quanto a amava e que realmente havia mudado. Pois, bem, eu estou tentando.

Me abraçou.

— Eu sei — sussurrou contra meu peito.

— Não sou perfeito. Sei que errei feio e estou tentando consertar tudo. A viagem, te buscar na escola, tomando a presidência da empresa, enfrentando meu pai e tudo o mais... Isso é por você, Mel. Por nós dois. Quero ser seu porto seguro, a pessoa a quem você recorre. Aquele em quem você pode confiar e que te deixa orgulhoso.

Segurei seu rosto entre minhas mãos.

— Eu quero mais que apenas palavras. Mais que amor. Quero uma relação baseada na amizade, respeito e admiração. Nem que para isso, eu precise a cada dia, te provar o quanto eu te amo de verdade, entende?

— Entendo. Eu quero o mesmo, Rick. Quero tudo.

— Estou no caminho certo? Digo, em relação a nós dois?

Acenou positivamente.

— Sim. Você está.

Voltei a beijá-la provando de seu sabor e me certificando de que atos também pudessem comprovar o que as palavras por si, ainda não conseguiam. Éramos perfeitos um para o outro. Éramos um do outro. Jamais haveria outro alguém.

— Eu trouxe chocolate — sussurrei contra seus lábios.

Mel sorriu.

— Eu amo chocolate. Onde eles estão?

— Os deixei na sala.

Mel arregalou os olhos.

— Na sala? E a Sara está lá?

Concordei, não compreendendo nada.

— Ela vai comer tudo. Sara é viciada em chocolate. Vamos.

Saiu correndo me arrastando com ela.

— SARAAAAA! — Mel soltou um grito, fazendo com que Sara se sobressaltasse. — Não ouse, é meu!

A danada sorriu provocadora. Levantou o bombom mordido e o colocou por inteiro na boca.

— Hummm, está uma delícia, Mel.

Melissa pulou contra ela, arrancando a caixa de suas mãos.

— Eu não acredito que você comeu meu chocolate, Sara — choramingou.

Sara deu de ombros, indiferente.

— Não me culpe por isso. Eles são meus preferidos, não consegui resistir.

— Mas eram meus. Você não podia! — Melissa começou a vasculhar dentro da caixinha.

Eu me recusei a sequer mencionar qualquer palavra, estava segurando o riso a todo custo. Elas eram divertidas, parecendo duas crianças.

— Só sobraram dois! — Melissa fuzilava Sara com o olhar. — SARA, sua gulosa! Ricardo... — choramingou.

— Ei, não brigue comigo. Estou necessitada, eu merecia o chocolate. Você está aí toda feliz e sorridente pelos cantos, tendo orgasmos e sendo feliz com o pau do Ricardo. E eu, o que tenho? NADA. Então, não seja uma estraga-prazeres e me devolve essa caixa.

Mel correu em minha direção, me abraçou escondendo o rosto em meu peito. Eu estava gargalhando. Sara era terrível!

— Ela faz isso de propósito — resmungou.

— Chorona — Sara provocou, revirando os olhos.

— Os chocolates eram dela, Sara! — Fingi que a repreendia.

Sara deu de ombros.

— Então, da próxima vez, não os deixe nas minhas vistas, ou, pelo menos, tenha a decência de trazer duas caixas. Poxa vida, Rick, pensei que éramos amigos.

Mel sorriu. Se desvencilhou do meu abraço e encarou sua amiga.

— Vou escondê-los no meu quarto. — Saiu pisando duro, nos deixando sozinhos.

Sara bufou.

— Egoísta.

Sorri. Elas realmente pareciam duas crianças birrentas.

Ela voltou a se sentar no sofá. Aproveitei a deixa e me sentei ao seu lado.

— Tudo bem?

Apesar de seu esforço em parecer bem, eu a conhecia e sabia que algo a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

estava deixando triste.

— Vou ficar bem, Rick. Não sou criança.

— Não fique com raiva, mas Mel me contou sobre o Elton.

Ela revirou os olhos.

— Ei, não banque a mimada comigo — a repreendi. — Você não acha que precisa correr atrás da sua felicidade?

— Falou o cara que levou quase vinte e oito anos! — exasperou-se.

— Isso não é justo.

— Desculpe. É só que... não é o tempo certo, entende? Eu não sei se poderíamos dar certo. Acho melhor deixar como está. Viver na ilusão de que não era para ser, ao invés de me iludir com uma falsa esperança de amor.

Toquei seu joelho, atraindo sua atenção.

— Escute bem o que vou te falar. — Concordou. — A oportunidade é como uma mulher com cabelos somente na parte da frente da cabeça, e ocasionalmente ela passa por nós, e é nesse momento que devemos ter coragem, ousadia e determinação o suficiente para agarrá-la com as duas mãos e não permitir que ela passe sem que a aproveitemos. — Sara mordeu o lábio, engolindo o choro. — Não a deixe passar e você perceber que se arrependeu, porque daí você irá querer segurá-la e não terá mais como.

— Obrigada. — Se ajoelhou no sofá me abraçando. — Vou pensar nisso, eu prometo.

— Ele é um idiota, eu não gosto dele e morro de ciúmes. Mas se ele for o único capaz de te fazer feliz, eu posso conviver com isso. Digo, podemos tentar manter uma boa relação.

Sara sorriu.

— Quem é você, e o que fez com o velho Rick?

— Ele se transformou em um belo e incrível, homem sábio — Mel falou, caminhando em minha direção, com os olhos marejados.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Empurrou Sara para longe de mim, fazendo com que ela risse, e se sentou em nosso meio. Beijou meus lábios castamente e depois sussurrou em meu ouvido:

— Obrigada.

— Tudo por você — sussurrei de volta.

— Ok, agora estou diabética. — Sara quebrou o clima.

Começamos a rir. Eu era afortunado por tê-las em minha vida.

Estava nervoso e inquieto. Havia passado a semana planejando o momento que definiria o resto da minha vida. Acabei fazendo uma jogada arriscada e só esperava que desse certo.

Planejei cada detalhe, liguei para a decoradora, a mesma que fez a decoração do maldito jantar em que conheci Sophie, solicitei uma decoração que remetesse a conto de fadas, e observando o ambiente, eu realmente me sentia em um.

Uma tenda imensa se estendia ao longo do jardim, um lustre de cristal no centro brilhantava o ambiente. Também havia uma pista de dança instalada, e ao longo dela as mesas e cadeiras foram espalhadas. Os arranjos de centro eram todos em flores naturais em tons de rosa, amarelo e azul-claro, tudo parecia incrível. Ao final da pista, eu solicitei um palco, contratei uma banda incrível, selecionei cada canção atentamente.

E o momento tão aguardado havia chegado. Estava em pé no centro aguardando a mulher da minha vida chegar. Eu jamais poderia me esquecer de agradecer Sara, ela havia sido incrível me ajudando com cada detalhe. E seria a chave principal para conseguir convencer Mel a não desistir de aparecer. Ela não sabia sobre a grandiosidade do evento, apenas que seria um jantar com meus pais.

Meu medo se deu principalmente quanto a isso, eu liguei mais cedo avisando que não poderia ir buscá-la, mas que estivesse pronta às nove que um carro a buscaria, Sara ficou incumbida de convencê-la a vir de todas as formas, inclusive de entregar meu presente.

Meus pais estavam sentados na mesma mesa que naquele dia, me observando com cumplicidade, ao lado deles os pais da Mel se encontravam evidentemente desconfortáveis, mas ainda assim ambos exibiam um sorriso brilhante. Não havia sido fácil convencê-los. Os demais convidados eram os mesmos que frequentavam os jantares extravagantes da minha mãe. Eu só queria que não restasse a menor dúvida do quanto eu a amava e não possuía vergonha de sua presença.

Meu celular vibrou exibindo o texto que tanto estava esperando. “*Chegamos*”, era da Sara.

Fiz sinal para os músicos iniciarem a canção Cama & Mesa, do Roberto Carlos.

*Eu quero ser sua canção,
Eu quero ser seu tom,
Me esfregar na sua boca
Ser o seu batom.*

*O sabonete que te alisa
Embaixo do chuveiro,
A toalha que desliza
No seu corpo inteiro.*

*Eu quero ser seu travesseiro
E ter a noite inteira,
Pra te beijar durante
O tempo que você dormir.*

*Eu quero ser o sol que entra
No seu quarto adentro,
Te acordar devagarinho,*

Te fazer sorrir.

Escolhi esta canção porque gostaria que Mel entendesse exatamente tudo o que eu queria ser para ela. Meus olhos a encontraram, no exato momento em que ela chegou ao jardim. Estava completamente deslumbrante, o vestido que escolhi era um azul-turquesa longo, realçando cada detalhe precioso de seu corpo. Seu olhar encontrou o meu, perdido e confuso, acredito que até um pouco amedrontado. Mel começou a caminhar em minha direção lentamente, quase que hesitante.

— Senhoras e senhores, obrigado a todos por virem — chamei a atenção de todos. No mesmo instante, Mel paralisou, estava bem no centro da pista de dança, as pessoas a sua volta começaram a caminhar até suas mesas, a deixando sozinha.

— Essa noite é muito especial para mim, ela está marcando o começo da minha vida. — Sorri. — O começo da minha vida, porque é assim que me sinto. Recomeçando, aprendendo a viver, descobrindo o que realmente importa e o que eu quero. — Respirei fundo.

— Estão vendo esta mulher maravilhosa no centro da pista? — Melissa arregalou os olhos ficando envergonhada. — Eu a amo. Amo além do que posso explicar. Mas eu errei muito com ela. — Melissa balançou a cabeça, como se estivesse dizendo que não era preciso tudo aquilo, mas sim, era. — Eu te peço perdão, Mel, perdão por ter sido fraco, perdão por cada ano que te fiz sofrer, perdão por cada dia que não disse o quanto era especial. Perdão por ter te humilhado, envergonhado e negado. Perdão por não ser o homem certo para você, e perdão por se egoísta a ponto de não te deixar partir e estar aqui nesse momento, prometendo que tentarei ser o melhor homem para você eternamente.

Mel chorava. Não me preocupei em olhar para os demais convidados, porque a única pessoa que importava estava bem na minha frente.

Desci do palco e comecei a caminhar em sua direção.

— Vocês conhecem aquele poema de Camões?

*Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.*

*É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que se ganha em se perder.*

*É querer estar preso por vontade
É servir a quem vence o vencedor,
É ter com quem nos mata lealdade.*

*Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade;
Se tão contrário a si é o mesmo amor?*

O declamei para ela, confesso que utilizei uma colinha.

— Viu, ele concorda comigo, que o amor nem sempre é fácil? — Escutei risos à minha volta. Me ajoelhei em frente a ela, segurando sua mão direita junto à minha. — Eu errei, e não posso nem ao menos contar quantas vezes foram, e sei que talvez nunca possa compensar todas elas. Mas, Mel, eu te amo. Estou aqui pedindo que acredite em nosso amor, eu sei que pode parecer cedo, mas nos conhecemos a vida toda... — Respirei fundo. — Eu quero me casar com você. Sim, eu quero muito te ter como minha esposa, porque eu quero namorar você, eu quero conhecer cada detalhe seu que eu deixei passar durante todos esses anos, eu quero ser seu melhor amigo, quero ser seu amante, quero ser seu... Seu Amor. Mel, minha branquinha preciosa, você aceita se casar comigo, tornar-me o homem mais feliz desta Terra?

Mel me encarava com os olhos marejados e um sorriso doce nos lábios.

— Eu... Eu... aceito — falou suavemente.

Coloquei o anel em seu dedo e me levantei, beijei sua testa como forma de respeito e depois seus lábios. Devido à quantidade de pessoas que estavam nos observando optei por apenas um beijo suave.

Soaram muitos aplausos, Mel olhou à nossa volta timidamente e, quando notou seus pais, levou uma mão à boca e a outra em seu peito.

— Meus... meus... — começou a falar, mas as palavras se negavam a sair.

— Sim, amor. Eles sabiam de tudo — falei em seu ouvido.

As lágrimas voltaram a escorrer por sua face. As sequei com o lenço que estava no bolso do meu terno e caminhei com ela até a nossa mesa. Nesse momento, a banda voltou a tocar e os garçons voltaram a servir as mesas.

Meus pais se levantaram e nos desejaram parabéns, minha irmã optou por ignorar a Mel e saiu caminhando para junto de seus amigos, apenas lancei um olhar de desaprovação em sua direção. Notei que a mãe da Mel chorava e seu pai me cumprimentou com um forte abraço.

— Não ouse magoá-la novamente. — Sua voz estava suave, mas em nenhum momento desacreditei de sua promessa.

— Prefiro morrer antes — fui honesto.

Melissa me ensinou a ser um novo homem, a ser alguém melhor. O velho Ricardo havia morrido e tudo que me importava era o que eu seria de agora em diante, e a missão da minha vida era fazê-la feliz.

— Então, o jantar de negócios é o nosso noivado? — Seus olhos ainda brilhavam pelas lágrimas.

— Sim. É o início do nosso felizes para sempre.

Mel gargalhou.

— Você é tão piegas quando está apaixonado.

— Já fui chamado de coisa pior. — Toquei seu rosto com carinho.

Escutamos um limpar de garganta, chamando nossa atenção de volta para nossos pais. Minha mãe segurava uma taça, em suas mãos.

— Eu proponho um brinde. Aos noivos!

Todos os presentes repetiram o gesto com um grande grito de guerra de felicitações.

— Eu te amo — sussurrei, beijando seus lábios.

— Agora... Agora, eu tenho certeza que sim. Eu também te amo. Muito.

Capítulo 35



Eu não conseguia acreditar que estava vivendo meu próprio conto de fadas. Quando Rick me ligou falando que não poderia me buscar, senti uma tremedeira descontrolada e não pude conter algumas lágrimas de cair, eu sei que não havia motivos para voltar a desconfiar dele, afinal de contas, ele estava mudado, mais decidido, com uma postura completamente diferente da que sempre manteve. Mas uma parte em mim, ainda gritava insegurança. Então, Sara estava lá por mim, mais uma vez, me animando e falando que seria bobeira me deixar levar pelo passado, que era o momento de focar no hoje e no meu futuro.

E ela estava certa, a emoção que senti ao chegar ao local onde cresci, onde passei por tantas coisas, algumas boas, outras nem tanto, seria impossível descrever. Eu confesso que sempre amei o romantismo, mas nem em todos os meus sonhos eu imaginei o que Ricardo preparou para mim. A música, o poema... o pedido de casamento.

Meu Deus! Eu estava noiva!

Ver meus pais sentados na mesma mesa que os pais do Rick, foi como uma quebra de tabu. Anabel ainda estava desconfortável com meu relacionamento com seu irmão, mas preferi ignorar sua cara fechada e

irritada, eu estava feliz demais para me preocupar com tão pouco quanto sua imaturidade.

Passei a noite inteira ao lado do Rick, todos os convidados ali presentes sabiam quem era Melissa, a garçonete, mas Rick fez questão de passar de mesa em mesa, comigo ao seu lado, me apresentando como Melissa, sua noiva. Ao contrário do que pensei, todos me receberam muito bem, me cumprimentando com entusiasmo. Dançamos várias músicas, e toda vez que voltávamos para nossa mesa, seus pais me tratavam com respeito. O receio ainda estava presente, mas eu sentia a libertação próxima.

— Nossa noite ainda não acabou — Rick sussurrou contra meu ouvido, enquanto balançávamos pela pista de dança ao som de uma música lenta.

Parei dando um passo para trás, observando seu rosto, fui presenteada com um sorriso lento e fácil, deixando meu coração acelerado e repleto de expectativa.

— Vem comigo. — Segurou minha mão e sem se despedir de ninguém, me levou até seu carro, rapidamente estávamos no tráfego.

— Para onde estamos indo? — perguntei curiosa.

Rick sorriu, mas permaneceu focado na estrada, ele não perdia o costume de não me contar nada. Olhei para o anel brilhando em minha mão, só podia estar sonhando.

— Você gostou? — Rick perguntou em um sinal vermelho, puxando minha mão, entrelaçando nossos dedos, depois a ergueu até os lábios e beijou meu anel de noivado.

— Eu... Eu adorei. — Sorri. — Rick, obrigada. Eu nunca me senti mais feliz.

— Nem eu, branquinha... Eu te amo — declarou.

— Eu te amo mais. — Lancei um beijo em sua direção.

Rick seguiu o caminho e quando me dei conta, estávamos na garagem de seu apartamento. Ele desceu e correu abrir a minha porta e me ajudou a

descer. Pegamos o elevador e paramos em frente à sua porta. Rick me virou de frente para ele e segurou meu rosto com ambas as mãos.

— Eu nunca poderei mudar o passado, mas com toda certeza posso melhorar nosso futuro. — Seu olhar era intenso. — Eu errei com você por anos, mais do que posso contar, e vou te pedir perdão eternamente. Mas, Mel, ao abrir essa porta, eu quero que você perceba, que estamos recomeçando, estamos escrevendo uma nova história.

Beijou suavemente meus lábios e abriu a porta me permitindo entrar. Assim que fechou a porta, acendeu a luz. Me virei no ambiente que eu já conhecia, mas fui surpreendida em todos os sentidos. As paredes que sempre foram impecavelmente brancas, estavam em um tom de creme e um marrom-claro, da forma que eu sempre mencionei que queria. Os móveis estavam realinhados, alguns até eram novos, caminhei até a estante e observei os porta-retratos. Todos com fotos nossas, da nossa viagem e infância. Havia também três porta-retratos vazios. Fiquei os observando sem entender.

— Esses são para nossas novas lembranças — sussurrou próximo ao meu ouvido, enlaçando minha cintura.

— Vem comigo. — Rick nos guiou em direção ao seu quarto. Abriu a porta lentamente e me puxou para dentro.

Perdi o fôlego completamente. Tudo estava diferente, não havia nenhum móvel antigo, as paredes seguiam a mesma tonalidade creme da sala, mas o que realmente chamava atenção, era nossa foto desenhada em uma das paredes. Os móveis na cor branco com tabaco, exatamente da forma que sempre sonhei.

— É perfeito, Rick. — Sorri.

Ele se aproximou me puxando em sua direção.

— É tudo novo, minha branquinha, é nosso lugar, nossa casa, nosso lar, eu quero que você seja muito feliz aqui — falou ternamente. — Eu quero que venha morar comigo.

Senti uma lágrima solitária escorrer por minha face. Uma lágrima de felicidade por, enfim, estar com o homem que sempre amei ao meu lado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Não parece rápido demais. Digo, você ainda pode querer desistir.

— Eu não vou desistir — falou com convicção. — E nada entre nós é cedo, Mel. Só estou querendo recuperar todo o tempo perdido que passamos longe um do outro. Pense nisso.

Rick tomou meus lábios junto aos seus em um beijo suave, sua boca adorava a minha sem pressa, sugando, mordiscando, era como se estivesse tentando me persuadir a abri-la e dar passagem para que entrasse. E foi o que fiz, entreabri mais meus lábios e o recebi, com todo meu amor, com toda minha paixão.

Rick interrompeu nosso beijo, e encostou sua testa na minha, encarando meus olhos.

— Eu te amo — falou.

Suas palavras eram como músicas para meus ouvidos, eu gostaria de poder gravar e ficar escutando a cada momento do meu dia. Eu jamais me cansaria.

— E eu vou passar a vida tentando te fazer feliz, Mel.

Seus lábios voltaram a tomar os meus, senti suas mãos deslizando por meu corpo, seu toque era minha cura, meu corpo se rendia a essa sensação maravilhosa. Minha pele formigava, clamando por mais de seu toque.

Rick tocou o zíper do meu vestido em minhas costas, interrompeu nosso beijo e observava atentamente seus próprios movimentos, deslizando suavemente o vestido por meu corpo, me deixando apenas em meu sutiã tomara que caia e calcinha.

— Tão linda. — Seus olhos brilhavam com luxúria, me fazendo sentir linda e sexy.

Respirei fundo ante sua atenção, dei um passo em sua direção e toquei em seus ombros. Deslizei minhas mãos por seu peito, abdômen e o ajudei a retirar o terno, desfiz o nó de sua gravata e lentamente comecei a desfazer os botões de sua camisa, revelando sua pele bronzeada e quente. Corajosamente distribuí beijos a cada botão desfeito.

— Isso é tortura, branquinha — sussurrou com a voz rouca.

Sorri contra sua pele, mas segui meu caminho até que seu peito ficou completamente nu, músculos no lugar certo, braços fortes, abdômen sexy, embalados por uma pele quente.

Toquei em seu cinto e o desafivelei. Sorri maliciosamente, sentindo-me corajosa. Abri o botão de sua calça, mas não concluí minha missão, Rick segurou minhas mãos, as erguendo até seus lábios, beijando meus dedos.

— Branquinha, se eu deixar que me toque mais um segundo, não serei capaz de te amar do modo que planejei essa noite.

Me pegou no colo e me depositou no centro da cama, o mais delicadamente possível, com seu corpo cobrindo o meu, sua atenção e cuidado me deixavam rendida, entregue e ainda mais apaixonada.

Seu olhar voltou a fixar o meu.

— Que hoje seja o início do nosso para sempre — sussurrou. — Eu te amo, Melissa.

— Eu te amo, Ricardo, sempre te amei — falei com toda a minha alma.

— Me perdoa por ter te feito esperar tanto — falou com o olhar triste.

Segurei seu rosto com as mãos.

— Vai valer a pena, já está valendo, Rick, sempre foi você, sempre será só você — falei convicta, o fazendo ofegar.

Seus lábios desceram contra os meus em uma dança lenta, sua língua brincando com a minha em um ritmo doce, não havia pressa, apenas o momento, apenas o agora.

Rick distribuía beijos por todo meu pescoço e mandíbula, em alguns momentos seus dentes me arranhavam com delicadeza, causando arrepios por toda minha pele.

Se elevou sobre mim, com as mãos em minhas laterais, me causando uma sensação de perda. Minha respiração saía com dificuldade

Choraminguei. Rick sorriu, ficando de joelhos em meio às minhas pernas, tocou o fecho frontal do sutiã e o abriu. Seus olhos queimavam de desejo.

— Tão linda, tão... macia — mordiscou meu púbis, me fazendo contorcer.

Eu me sentia excitada, a cada pequeno toque. Quando Rick sugou meu mamilo, eu pensei ser capaz de morrer ali mesmo. Segurei seus cabelos com força, arqueando em sua direção, eu só conseguia pensar o quanto queria mais e mais e ele me deu. Ofeguei.

— Rick, preciso de você — choraminguei, necessitada.

Ele me ignorou. Com paixão saboreou cada seio, enquanto brincava com o outro, lentamente, tornando o momento uma deliciosa tortura. Seus lábios desceram por minha barriga, mordiscando minha pele já sensível.

— Tão deliciosa! — Mordiscou minha pele. Segurou minha calcinha com as mãos e a deslizou por minhas pernas a retirando completamente. Lambeu os lábios e fui obrigada a morder o interior de minha bochecha contendo um gemido de antecipação, mas não precisei esperar muito, seu rosto pairou contra meu sexo, podia sentir sua respiração ali.

Foi quando sua língua tocou primeiro em meu clitóris, tive que segurar os lençóis à minha volta, todo meu corpo pulsava. A temperatura do meu corpo se elevava mais e mais a cada carícia. Rick usava a boca e os lábios em seu assalto, sugando e tomando para si, tudo que meu corpo gentilmente lhe dava. Como se não fosse o suficiente, introduziu um dedo em meu núcleo, não fui capaz de conter um gemido alto, me contorci em necessidade. Enlouquecida.

— Rick — choraminguei implorando. Logo em seguida introduziu um segundo dedo, investindo contra meu sexo no mesmo ritmo que sua língua brincava com meu clitóris. Não fui capaz de me segurar, um orgasmo alucinante tomou conta de todo meu ser, minhas vistas embaçaram, todo meu corpo tremia.

Seu nome saía dos meus lábios como uma ladainha. Era como ser transportada para outra dimensão. Um universo totalmente paralelo.

Olhei para Rick e ele estava de pé à minha frente, lambeu seus lábios molhados com minha excitação, levou os dedos até sua boca e os sugou, como se aquilo fosse seu doce preferido. Abaixou suas calças, levando junto sua boxer ficando completamente nu. Minha respiração acelerou. Meu núcleo pulsava de desejo, eu havia acabado de ter um orgasmo e necessitava de mais.

Não precisávamos de palavras, nossos olhares conversavam entre si, Rick pegou uma camisinha no criado-mudo ao lado da cama e me encarou.

— Você toma remédio, branquinha? — ofegou.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu não quero nada entre nós, mas se você preferir eu posso usar o preservativo.

— Eu também não quero nada entre nós — sussurrei apressada, já pronta para recebê-lo.

Rick voltou para a cama se juntando a mim, esfregou seu sexo por minha extensão, a deixando ainda mais molhada com a minha e a sua excitação misturada.

— Rick, por favor — implorei descaradamente.

Ele parou seus movimentos, colocando seu sexo em minha entrada, respirei fundo e fechei os olhos.

— Abra os olhos, Melissa — ordenou.

Fiz exatamente o que me pediu, seu olhar estava fixo em meu rosto, em minhas reações.

— Você nunca mais implora nada em sua vida, tudo que desejar terá — falou, enquanto deslizava seu membro para dentro. A sensação era inebriante e insana.

Caramba! Ofeguei, Rick não estava com pressa, ele deslizava lentamente, me estirando, me obrigando a acomodá-lo. Até que estivesse completamente acomodado dentro de mim, então seu corpo voltou a cobrir o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

meu. Nossos olhares estavam fixos um no outro, nossos sexos unidos e o amor nos envolveu em uma bolha apenas nossa.

— Eu te amo — voltou a sussurrar.

E naquela noite, com atos e palavras, Rick verdadeiramente me amou, ganhando não apenas meu coração, mas minha alma também.

Capítulo 36



Por que temos tanto medo de amar?

Por que temos tanto medo de assumir nosso sentimento?

Por que sempre deixamos o medo, a dúvida e a sociedade ditar o que queremos ser, o que gostamos, o que sentimos, e a forma como devemos viver?

Por que demoramos tanto para acreditar e confiar em nós mesmos?

Eu não sabia a resposta para nenhuma das perguntas. Mas tinha certeza de que jamais me deixaria guiar por qualquer uma delas.

O sol já estava se infiltrando pela janela do quarto, Mel ainda dormia com a cabeça contra meu peito, seu braço envolto em minha cintura, o cheiro doce de seus cabelos inebriavam meus sentidos. A puxei ainda mais próxima do meu corpo, um instinto protetor imenso, tomou conta do meu ser.

Essa mulher, essa joia rara, esse tesouro em meus braços, era meu tudo: minha amiga, minha mulher, minha amante, o grande, único e verdadeiro amor da minha vida. Era por ela que sempre lutaria e a cada novo dia, iria me esforçar para mantê-la segura e feliz, compensando cada dia que deixei

passar.

Lembrei-me de nossa noite e um sorriso imenso se formou em meus lábios, Mel era tão suave, tão delicada, tão doce e sensível. Ela se doou, se entregou com tanta paixão e desejo, e eu, com certeza, fui um filho da mãe sortudo tomando tudo para mim. Eu nunca mais a deixaria longe.

Levantei-me lentamente, a acomodando contra os travesseiros e a coberta, peguei uma calça de moletom no guarda-roupa e vesti saindo do quarto.

Procurei na cozinha por uma bandeja, mas não encontrei nada. Optei por usar uma assadeira mesmo. Fiz café, preparei suco de laranja, e fiz a única coisa que sabia cozinhar, torradas na torradeira elétrica, peguei o mel, a manteiga, algumas frutas frescas, iogurte, coloquei tudo na assadeira e voltei para o quarto.

Mel ainda dormia, coloquei a assadeira na beirada da cama, abri as janelas e voltei para seu lado, beijei seu rosto, seus lábios e acariciei seus cabelos.

— Acorda, meu amor — sussurrei em seu ouvido.

Mel soltou gemidos fofos. Voltei a beijar seu pescoço.

— Acorda, preguiçosa.

Ela abriu os olhos ainda que relutante, assim que me viu pairando sobre ela, abriu um sorriso doce e tímido.

— Bom dia. — Sua voz ainda estava rouca pelo sono.

— Bom dia. — Sorri. — Trouxe café da manhã.

Me afastei e peguei a bandeja improvisada. Mel se sentou, puxando o lençol cobrindo seu lindo corpo, tive que sorrir diante de sua timidez descabida. Me levantei, peguei uma camiseta minha e entreguei a ela, eu estava me sentindo territorial. Mel me encarou com os olhos divertidos e a vestiu sorridente.

— Você fez tudo isso? — perguntou incrédula.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sim, eu fiz. — Me acomodei de frente a ela, com a bandeja improvisada entre nós. — Gostou?

— Sim. — Ela parecia feliz, e isso era tudo que eu precisava para desejar eternizar esse momento para sempre em minha memória.

— Então, o que faremos hoje? — perguntei animado.

— Podemos ir almoçar com meus pais? — Ela estava hesitante. — Você sabe, te apresentar como meu noivo. — Deu de ombros.

Segurei sua mão, entrelaçando nossos dedos.

— Perfeito.

Terminamos nosso café e eu fui arrumar a cozinha. Quando voltei, Mel estava tomando banho, não resisti e acabei entrando junto com ela. Não preciso nem falar que acabamos nos amando contra a parede.

Estar em casa, mas sem estar em casa era realmente engraçado. Eu estava na casa dos funcionários, aos fundos da casa dos meus pais, almoçando com os pais da Mel como seu noivo e não como o filho dos donos, com certeza foi um dos momentos mais deliciosos da minha vida.

Mel e sua mãe estavam organizando a cozinha, olhei ao redor e Nelson, meu agora sogro, estava sentado na varanda, olhando em direção aos jardins assim como Mel sempre fazia, o mesmo lugar ao qual havíamos tido a conversa mais dolorosa da minha vida, quando fui chamado de burro e soube de todo o mal que fazia a Mel.

Me aproximei devagar.

— Ela está feliz — Nelson falou assim que notou minha presença.

Não era uma pergunta. Ele estava afirmando, colocando em palavras o que seu coração de pai sentia.

— Ela é maravilhosa, Nelson. Eu vou cuidar, mimar e fazer tudo que estiver ao meu alcance, para que Mel conserve o sorriso nos lábios.

— Sim, você vai. Minha menina te ama, Ricardo, nós já tivemos uma conversa séria antes, mas eu vou te dar um último aviso. — Nelson falava sério. — Não a faça sofrer, não a machuque e não a iluda se não tiver a intenção de ir até o fim desta vez... Olha, Ricardo, eu gosto muito de você e realmente estou torcendo por esse noivado, então apenas cumpra o que me prometeu e a faça o mais feliz possível.

— Eu vou. Eu a amo, Nelson. Melissa é a minha vida, eu posso ter demorado a tomar uma atitude, mas tenha a certeza de que nunca mais a deixarei ou farei sofrer — falei convicto, para que não restassem dúvidas.

— Ótimo, a mudança está pronta e na próxima semana estaremos indo embora, vocês sempre devem nos visitar e eu realmente estou mais tranquilo sabendo que minha Mel terá alguém cuidando dela.

— Não se preocupe.

Sempre a protegeria e cuidaria em todos os momentos, para o resto da minha vida.

— E sobre que estão falando? — Ellen perguntou assim que chegou.

Mel caminhou até onde eu estava parado, e eu a atraí para meu lado, a abraçando.

— Sobre nosso casamento — respondi, dando uma piscadela para Nelson, que sorriu.

Mel se virou me encarando em confusão.

— Não se preocupe, branquinha, ainda temos tempo para planejar tudo. — Beijeí sua testa.

E teríamos realmente, nossa vida juntos estava apenas começando.

A vida se resume a escolhas que fazemos ao longo dela. O crescimento e aprendizado que obtemos, além de algumas experiências serão corretas, mas, acredite, a maioria delas será errada, vamos cair e nos levantar, vamos tentar novamente, recomeçar inúmeras vezes e ainda assim nos questionaremos se foram as melhores decisões.

Hoje, tinha consciência do homem fraco que fui, olhava para trás e me sentia verdadeiramente envergonhado por minhas atitudes, mas tudo fez parte das escolhas que fiz, as ditas escolhas erradas, mas que de alguma forma me levaram para a escolha mais acertada da minha vida: Melissa. Eu nunca pensei na felicidade como algo constante, eu sempre a imaginei como um estado de espírito, ao qual tínhamos em alguns momentos. Mas estava enganado.

Descobri que ao lado da Mel eu era feliz, eu me sentia feliz, e podia afirmar que a felicidade fazia parte do meu novo eu. Tínhamos problemas como todo casal, Mel era teimosa, me deixava louco da vida, estava sempre me desafiando. E eu morria de ciúmes dela. Mas até nesses momentos eu era feliz. Porque felicidade para mim era vê-la feliz, era estar ao seu lado. Era poder buscá-la no trabalho e escutar como um aluno seu fez progresso, ou como ela conseguiu fazer com que todos interagissem na aula com tinta. Era saber que quando chegasse em casa, eu ia poder falar sobre meu dia, compartilhar minhas frustrações e principalmente meu sucesso. Era saber que ela ia estar ao meu lado independente da situação, e que depois do nosso banho compartilhado, alguns em que nos amamos contra a parede e sobre o balcão da pia, ou aqueles em que simplesmente nos lavamos, só para ter o prazer do toque um do outro, nós iríamos nos trocar e fazer o jantar juntos, ou em algumas ocasiões especiais, iríamos sair para comer em alguma pizzaria, porque a Mel odiava os restaurantes com frescura.

Acima de tudo descobri que felicidade era o hoje, o agora, que felicidade era o momento que você estava vivendo, era mais sobre o valor que você dava ao que você tinha e a forma como você o valorizava. E eu estava lutando para provar a minha Mel como ela era a minha felicidade.

Jamais serei capaz de esquecer minha conversa com Nelson, suas
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

palavras e a forma como relatou os fatos nunca me abandonariam, não importava quantos anos passassem, eu poderia ouvir agora mesmo, sem nem ao menos precisar me esforçar para isso.

Mas, neste dia, diferente da última vez que me recordei dessas palavras, eu simplesmente deixei as lágrimas rolarem, eu me permiti chorar. Talvez eu nunca apagasse todo o mal que fiz a ela, ou talvez nunca seja capaz de compensá-la por todos esses anos negligenciados, mas eu faria o meu melhor. Talvez eu não mereça a chance que Mel me deu, mas eu nunca desistiria de compensar a cada dia essa oportunidade. E mesmo diante das velhas lembranças e do choro, eu ainda me sentia feliz, porque isso significava que eu apenas estava procurando uma forma de corrigir meus erros, porque ela estava comigo, ela era minha.

Eu passei os últimos cinco dias pensando sobre a conversa com Nelson e meu aniversário, então, passei cinco dias recusando qualquer tipo de festividade e comemoração, apenas aguardando o momento perfeito para seguir me desculpando e preenchendo com novas lembranças nossa vida juntos. Estamos noivos há três meses, no último mês, depois de muito insistir, consegui convencer a Mel a se mudar para nosso apartamento, não fazia o menor sentido ficarmos longe, e eu não aguentava mais acordar sem ela. Só queria desfrutar o máximo que pudesse de tempo com ela.

— Você está muito calado, Rick. — Mel se sentou ao meu lado, me trazendo de volta.

— Desculpa, amor, acabei me distraindo. — Sorri, mas mantive meu olhar fixo no caminho.

— Rick, por que estamos indo para a casa dos seus pais? — Mel perguntou confusa. — Se você tivesse me avisado que eles haviam chegado e que teríamos uma festa, eu teria me vestido melhor. — Pareceu chateada.

Segurei sua mão.

— Você está linda, amor, e perfeita para o que teremos, não há porque se preocupar, e não, eles não chegaram. — Sorri amoroso, ergui suas mãos e beijei seus dedos.

— Chegamos. — Estacionei.

Desci, abri a porta para Mel e a ajudei descer do carro. Segurei sua mão junto a minha, entrelaçando nossos dedos, peguei o bolo que ela havia comprado para mim e a conduzi até o local que preparei para nós, durante o dia de hoje.

Paramos em frente aos degraus da casa dos funcionários, Mel levou uma mão à boca e lágrimas se formaram em seus olhos, ela me olhou confusa, antes de começar a analisar cada detalhe. Eu passei a semana correndo atrás de todos os vinte e nove temas de festas que minha mãe escolheu para meus aniversários e agora todos estavam reunidos decorando meu vigésimo oitavo, ou o primeiro como eu preferi chamar.

Havia balões de todas as cores, espalhados pela varanda, imagens de carros, palhaços, pirulitos, heróis e cores diversas pela parede e uma mesa completa com docinhos e salgadinhos. Eu sei havia comida para mais de trinta pessoas fácil, mas eu quis compensar cada ano que Mel não esteve comigo. Peguei o bolo que ela havia comprado pra mim e arrumei um lugar no meio da mesa e coloquei lá.

— Rick... — Mel não conseguia falar, apenas observava tudo.

No meio da parede estava escrito apenas *Parabéns pelo seu primeiro aniversário*. Aproveitando seu silêncio, comecei a explicar:

— Ano após ano, eu não tive você nessa data. Quando criança eu não compreendia o porquê de você não poder participar, mas apenas aceitei as desculpas que minha mãe me dava. Mel, com os anos se passando eu deveria ter sido mais homem. — Respirei fundo. — Eu deveria ter lutado por você, assim como você lutava por mim.

— Rick, não... — Mel falou balançando a cabeça.

Caminhei até ela, puxando-a e a abraçando forte, apenas esperando que parasse de chorar.

— Já passou, Rick, não precisa mais se lembrar disso — sussurrou, se afastando e olhando em meus olhos. — O que importa é o que temos agora. Eu te amo, Ricardo. E o que ficou no passado deve continuar lá.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu te amo, Mel — falei com toda a minha alma, na esperança de que ela compreendesse.

Mel sorriu. Olhou para onde estava escrito primeiro aniversário.

— Acredito que seja um pouco pretensioso de sua parte dizer que está completando apenas um ano.

— Na verdade não. — Sorri. — Mel, é como se fosse o primeiro porque é o único que vai contar a partir de hoje, seremos apenas nós dois comemorando meus vinte e oito anos. É o primeiro que eu te tenho como minha.

— Você sempre me teve, eu sempre fui sua, Rick, sempre. — Ficou na ponta dos pés beijando meus lábios. — Agora, preciso te entregar meu presente — falou tímida, pegando o embrulho de dentro da sua bolsa. — Feliz aniversário, amor, espero que goste, é bem simples. Na verdade, eu não sabia o que te dar. Então...

— Shhh, é perfeito, eu sei que vou amar. — Peguei o embrulho de sua mão e o abri, dentro havia duas caixas: a primeira continha um chaveiro em formato de casa, na verdade apenas metade de uma casa. Fiquei observando, para muitos poderia ser apenas um chaveiro, mas para nós significava o começo de uma nova vida.

— Eles se encaixam — Mel falou pegando seu próprio chaveiro e o ligando junto com o meu, formando uma casa perfeita. — Nós só estamos em casa quando estamos juntos, Rick, não importa o lugar em que estivermos. Se você e eu estivermos juntos, ainda seremos um lar, uma família...

— Porque só somos completos um com o outro — concluí por ela.

— Sim. — Sorriu tímida.

— Eu amei, Mel.

— Tem outro presente — falou, lembrando-me do segundo embrulho.

O abri e encontrei um frasco do mesmo perfume que costumo usar, tive que sorrir ao me lembrar que na semana passada Mel me avisou que estava

acabando e eu mencionei que talvez não compraria outro, porque estava tentando a usar o seu cheiro para sempre em mim.

— Eu gosto do modo como ele fica em você. — Deu de ombros. — Eu amo seu cheiro em mim, Rick, e não quero perdê-lo.

— Obrigado, meu amor, eu gostei de tudo. — E era verdade. Entretanto, meu melhor presente era ela, sempre foi ela, e eu a tinha agora, aqui comigo, comemorando meu primeiro aniversário.

Capítulo 37



Você já se permitiu viver, sem medo de ser feliz, sem medo de se machucar, de cair, sem medo de estar se enganando novamente? Eu sim, na verdade estou fazendo isso há um ano. Talvez você esteja gritando aí: “Ela é louca, depois de tudo que passou, ainda deu outra chance para aquele banana”. Pois sim, é dele mesmo que estou falando, ou melhor, da vida que escolhi levar com ele.

Eu perdoei o Ricardo, olhar para trás, não me causava mais dor, medo ou qualquer sensação além de uma página virada. Eu escolhi dar uma segunda, terceira ou seria milésima chance? Não importa, a questão é que eu escolhi o amor. Pode parecer clichê, mas quer saber, eu gosto de clichê, gosto dos finais felizes, dos filmes que todos sabemos o fim. Mas que mesmo assim ficamos ansiosos esperando, somente para ver a mocinha beijando o mocinho. Gosto quando, no final do livro, o amor verdadeiro superou tudo, mas principalmente eu gosto na vida real, quando nos damos conta que o presente pode ser lindo e o futuro, o desconhecido, mais atraente. Apenas porque você está disposta a arriscar, você está disposta a desvendá-lo e lutar, lado a lado, com a pessoa escolhida para a vida toda.

Então, sim, escolhi o amor, escolhi esse sentimento sem forma, sem descrição exata, mas que faz toda diferença. Eu escolhi superar e seguir em ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

frente sem medo, sem vergonha e sem amarras. E quer saber, a vida nunca foi tão maravilhosa. Não que não existam espinhos ou atritos no meio do caminho, basta olhar para uma rosa que você irá entender, a flor está no topo, desabrochada, linda e exuberante, mas até que você chegue nela precisa passar pelo caule, olhe pra ele, é cheio de espinhos e assim é a vida. Principalmente, a vida a dois. Sempre existirão as diferenças, os conflitos, as briguinhas e picuinhas, mas olhe para o topo, existe a família, a aliança, o relacionamento, a unidade, o querer, a proteção, o amor, a verdadeira intenção de que tudo dê certo, de que tudo seja superado e algo novo que descobri que realmente é mágico, o encontro de almas gêmeas. De duas pessoas que se completam.

Muita coisa muda em um ano, minha vida é um exemplo disso, meus pais se mudaram, cortar o cordão umbilical, mesmo aos vinte e seis anos é realmente difícil, eu chorei, senti a perda, mas compreendi, eles não morreram, estão apenas a alguns quilômetros de distância e eu sempre posso visitá-los. Os pais do Rick estão viajando há mais ou menos um mês, dona Alice ainda me assusta, mas, aos poucos, estamos nos tornando amigas, Anabel ainda é um tanto quanto arredia, quando estou com seu irmão, ela sorri, até consegue ser simpática, mas quando estamos apenas nós duas, ela volta a ser a patricinha insuportável de sempre. Mas quer saber? Dane-se! Eu realmente não me importo mais, porque o que realmente interessa é o Rick, e com ele, tudo está caminhando bem.

O que realmente andava me preocupando era a Sara. Eu não a tenho visto muito nas últimas duas semanas, e não somente pelo fato de ter me mudado para o apartamento do Rick, mas principalmente porque ela tem me evitado, assim como qualquer outro contato humano. Confesso que em muitos momentos me culpei, afinal de contas seu sofrimento tinha nome, Elton, e meio que tive algo com ele. Mas até quando sofre, Sara se preocupa demais com o restante, ela apenas começou a se manter mais horas no laboratório com a desculpa de que estava em meio a uma grande pesquisa, e assim foram passando semana, após semana. Quando não estava no laboratório, estava em casa com a cara enfiada nos livros ou em alguma festa bebendo até que alguém a trazia para casa, ou o pior, acordasse em algum motel, sem saber com quem passou a noite. Falar não adiantava, Sara estava

no pior estágio da sua depressão, a sua autodestruição e eu apenas poderia apoiá-la e vigiá-la.

Amigos é a família que escolhemos, certo? Então, eu sinto que estou perdendo a minha irmã de coração... Sara. Na semana passada, ela veio me visitar, sua aparência em nada lembrava minha velha amiga. Estava mais magra que o habitual, olheiras, cabelos negros presos em um coque frouxo, jeans surrados, camiseta e tênis. Seus olhos não continham mais o brilho habitual e suas brincadeiras que sempre nos alegravam não existia mais. Assim que saiu, não me contive, eu precisava ajudar a minha amiga.

Mandeí um e-mail para o Elton, perguntando como estava e se pretendia voltar para a cidade. Para minha surpresa, ele respondeu apesar de se manter formal. Mas isso já foi um começo.

Seguimos nos falando por cerca de duas semanas. Sem dar bandeira perguntei sobre ele e a Sara, Elton não me respondeu imediatamente como costumava fazer, me deixando desanimada, mas no outro dia quando acordei e olhei meus e-mails, lá estava sua resposta, dura e direta: *Não tenho contato nenhum com ela, e a culpa não é apenas minha, Melissa, talvez acabamos dizendo coisas duras demais e agora não sabemos como voltar atrás.* Respondi seu e-mail, perguntando se ele a culpava por nós dois não termos dado certo, e ele respondeu que *Sim*, tentei argumentar e de nada adiantou, Elton me falou que tudo havia ficado no passado e que ele já havia me perdoado e perdoado a Sara.

Então, parti para a segunda parte do meu plano. Convencer a Sara que estava na hora dela buscar sua felicidade. Eu melhor do que ninguém sabia como era difícil perdoar, mas não era impossível. Então, resolvi cutucar, enviando a ela a mensagem que aprendi quando escolhi o Ricardo.

Você sabe perdoar?

Talvez tenha respondido que sim, mas eu te questiono sobre isso. Eu quero que você pare e pense melhor, que avalie sua resposta, ou melhor, que avalie suas atitudes, que se recorde de algum momento em sua vida em que foi realmente magoado. Pensou? Agora me fale com sinceridade, o que
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sentiu quando se lembrou desse fato? De alguma forma, doeu? De algum modo, você sentiu desconforto? Seu coração acelerou? O gosto amargo das palavras ou das atitudes tomadas naquela ocasião encheu seus sentidos? Então, me desculpe pela honestidade, mas você não o perdoou realmente.

O perdão significa libertação, é algo que você consegue pôr um fim e extrair da sua vida. Não estou dizendo que você nunca mais se lembrará do ocorrido, porque, como seres humanos, somos falhos e limitados, e nossa consciência pode ser cruel, devolvendo velhas lembranças em momentos frágeis. Mas o que realmente quero dizer é que quando se perdoa, a paz volta, você não vai mais se abalar, não vai mais doer, será algo que não irá mais te incomodar, simplesmente porque você foi capaz de deixar no passado. E agora pode seguir em frente. Porque o perdão tem esse efeito em sua vida, a falta dele te prende, te amarra e faz mal apenas a você mesmo.

Sara, você não acha, que está na hora de seguir em frente? Se dar uma nova chance e ir atrás da sua felicidade? Liberar o perdão pode ser a única forma de você seguir em frente e ter sucesso. Não permita que o passado destrua seu futuro.

Para minha surpresa, Sara não me respondeu e passou a me evitar ainda mais. Decidi dar um tempo a ela, e permiti que ela respirasse e pensasse sobre o assunto.

Escutei a porta abrir, Rick entrou com uma rosa na mão. Sorri, ele estava com essa mania agora.

— Oi, amor. — Beijou meus lábios e depois me entregou a flor.

— Obrigada. Como foi seu dia? — perguntei voltando a preparar nosso jantar.

— Ótimo. Hoje saiu os novos relatórios financeiros, Mel. Estamos, enfim, conseguindo sair da crise. — Sorriu satisfeito.

— Que maravilha. Parabéns, Rick. Você tem trabalhado muito para isso.

Afrouxou o nó da gravata. Se sentando próxima a ilha da nossa cozinha,

me observando.

— E o seu dia, como foi?

— Bom, eu acho.

— Por quê? — Ficou preocupado.

— Não consegui falar com a Sara. Sei que vai dizer que não sou sua mãe, mas eu me preocupo com ela.

— Mel, ela não é mais criança. Ela vai ficar bem.

— Eu sei. É só que... — Como contaria para o Rick que voltei a conversar com o Elton?

Senti seus braços envolverem minha cintura.

— O que foi, amor? Está distante. Aconteceu algo?

— Acho que posso ser a culpada. — Me virei em seus braços, ficando de frente para que pudesse olhar em seus lindos olhos. — Rick, eu... Eu tenho conversado com o Elton.

Seus olhos se arregalaram. Deu um passo para trás e começou a se distanciar.

— Por quê? Está acontecendo algo que eu deva saber, Mel?

— Eu só quero ajudar ele e a Sara.

Rick passou a mão pelos cabelos, exasperado.

— Mel, já passou pela sua cabeça que eles não querem ficar juntos?

— Sim. Não. Talvez.

— Não gosto da ideia de você falando com aquele cara.

Acabei com a distância que havia entre nós. O abracei com força.

— Você não tem com o que se preocupar. Ele é só um amigo.

Meu celular apitou, atraindo nossa atenção.

— Desculpe, deve ser minha mãe, ela anda preocupada com as minhas dores de cabeça e mal-estar.

O peguei sobre o balcão. Era uma mensagem do Elton.

“Eu preciso conversar com a Sara, Melissa. Eu preciso vê-la, me ajuda?”

Sorri. Rick notou minha animação e se juntou a mim, olhando para o visor do celular.

— Você realmente vai se meter, não é, cupido? — Me abraçou beijando meu pescoço.

— Eu vou. Preciso, sabe como é... Ela é como uma irmã, Rick. Só quero vê-la feliz. E eu sei que a felicidade dela é ele.

— Eu entendo, branquinha. Vamos ajudar esses dois cabeçudos.

Toquei a tela do meu celular, enviando a mensagem.

“Sim, conte comigo.”

Afinal de contas, Sara lutou por minha felicidade e ela mais do que qualquer pessoa merecia ser feliz e ter alguém a ajudando a lutar pela dela.

Primeiro passo, descobrir uma maneira de fazer com que ambos tenham que estar na mesma cidade. Segundo, conseguir com que se esbarrem por acaso. E terceiro, convencê-los de que não tive nada a ver com esse encontro.

Eles que me aguardassem.

Estava há quase meia hora olhando para o teste na minha frente. Uma verdadeira guerra estava sendo travada em meu interior. Um misto de felicidade e agonia. Eu estava grávida.

Rick estava viajando a trabalho. Duas semanas em Portugal. A rotina estava corrida no trabalho, a empresa voltando às atividades normais exigia muito mais tempo do que nós prevíamos.

Não pude conter a onda de pânico que me tomou. Estávamos juntos há quase um ano, ainda não tínhamos marcado a data do casamento, nem estávamos conversando sobre isso. Estávamos nos adaptando a nossa nova rotina, curtindo nossos momentos a sós e um filho... Meu Deus! Um filho nem havia entrado em nossos planos ainda. O momento não poderia ser mais inadequado, e pela nossa última conversa, Rick havia deixado bem claro que precisávamos esperar mais um tempo.

Droga!

Senti quando a primeira lágrima escorreu, seguida de muitas outras. Não conseguia conter as emoções de me tomarem, eu seria mamãe. Em meio a todo o caos emocionado, sorri. Acariciei a barriga que ainda era inexistente, mas que já habitava o fruto de um amor que tanto superou. Apesar de todo o medo e insegurança, de não saber como reagir ou contar a notícia, estava feliz.

Não me preocupei em lavar o rosto, peguei o teste em minha mão e caminhei até a cozinha, me servindo de um corpo d'água. Encarei meu celular no balcão, sem saber se ligava para minha mãe ou para o homem da minha vida.

A porta abriu, me assustando.

Rick sorriu. Mas assim que notou meu rosto banhado pelas lágrimas, largou a mala e correu em minha direção.

— O que aconteceu, amor?

O abracei com força e sofreguidão. Senti seu perfume tão familiar e me agarrei à certeza de que tudo ficaria bem.

— Estava com saudades — sussurrei contra seu peito.

— Oh, meu amor. Estou aqui agora. O que aconteceu?

Beijou o topo da minha cabeça, acariciando meus cabelos.

— Você deveria chegar apenas amanhã. — Permaneci com o rosto pressionado firmemente contra seu peito, com medo de encará-lo.

— Estava louco para voltar para casa. Também estava com saudades. Agora, pare de me distrair e me conta o que aconteceu. Estou preocupado.

Segurou meus braços, me empurrando gentilmente para trás.

— Eu... — Respirei fundo, o encarando. — Eu estou grávida, Rick. — Coloquei o bastão com os dois traços em sua mão. — Juro que não premeditei, eu estava tomando remédio, não sei como... Eu apenas...

Seus lábios tomaram os meus necessitados. Um de seus braços me atraía em sua direção com força, não permitindo que nenhum espaço restasse em nosso meio. Sua outra mão estava em minha nuca, mantendo-me onde ele queria. Nossas línguas se entrelaçavam em uma dança perfeita. Seu sabor misturado com o meu.

— Repete — pediu ofegante. — Me fale de novo, porque acho que estou sonhando.

— Eu... — Toquei seu rosto carinhosamente. — Você vai ser papai.

Rick sorriu. Eu chorei. Ele parecia eufórico e fora de si. Voltou a me pegar, rodopiando comigo em meio à cozinha.

— Meu Deus! E por que você estava chorando? — Me colocou no chão.

— Não sabia se você queria isso, Rick. Lembrei que conversamos esses dias e você mencionou que ainda era cedo, que não...

— Shhh... — Colocou dois dedos contra meus lábios me calando. — Você entendeu tudo errado. — Eu estava com medo de você não querer isso, Mel. Apenas sondando o território. Tudo o que mais quero é começar minha família com você, amor. E agora... — Seus olhos se encheram de lágrimas.

Acariciou meu ventre, com carinho, se ajoelhando no chão, ficando na altura da minha barriga.

— Eu nunca me senti tão realizado em toda a minha vida. Feliz não chega nem perto de me descrever. Um filho. — Sorriu.

— Você gostou?! — Não sabia se estava perguntando ou afirmando.

— Eu amei. E você, Mel, está feliz?

Me ajoelhei de frente a ele, procurando seu olhar com o meu. Coloquei minha mão, por cima da sua, que seguia acariciando a minha barriga.

— Eu estou tão animada — confessei. — Eu amei, Rick. É tudo o que sempre quis: você, um filho e eu.

Rick me beijou com carinho.

— Eu te amo, Melissa. Obrigado por me fazer o homem mais feliz do mundo.

— Eu te amo, Rick, obrigada por me devolver a esperança e a vida. Por me fazer acreditar que o conto de fadas da vida real é ainda melhor do que aqueles que costumamos ler.

Em seguida, pressionou meu corpo contra o seu e passou o dorso da mão sobre meu rosto.

— Sempre foi você, branquinha, sempre fomos apenas nós dois. E agora será nós três.

— Agora e para sempre, Rick? — perguntei amorosamente.

— Não. Para além da eternidade.

E sem mais palavras voltou a me beijar, mostrando-me que a vida vai além da aparência, além dos medos e das dúvidas; enchendo meu coração até que ele transbordasse de amor, esperança e sonhos; ensinando-me a ser eu mesma, a encarar o mundo e, acima de tudo, a viver.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Epílogo



Eu chorava copiosamente. Nunca em toda a minha vida fui capaz de imaginar que pudesse ser tão feliz. Um pequeno pacotinho rosa estava embrulhado em meus braços. Uma menininha de três quilos e cem gramas, com a carinha mais doce do mundo. Minha filhinha, a pequena Valentina.

Caminhava a passos de bebês, lentos e incertos, até a sala de espera, carregando junto a mim um dos meus tesouros. A enfermeira seguia enlouquecida atrás, pedindo que voltasse e que colocasse a pequena no berço, mas todos precisavam vê-la: meus pais e os pais da Mel. Todos estavam agoniados aguardando notícias, curiosos para saberem se nosso bebê era menino ou menina, já que optamos por não saber até o nascimento.

Quando me viram saíram em disparada em minha direção. Uma aglomeração eufórica de risadas e lágrimas. Todos querendo ter, pelo menos, um vislumbre da minha pequena.

— Ela é perfeita — sussurrei.

Não me preocupei em escutar o que falavam. Meus olhos seguiam fixos em minha garotinha linda e a maneira como ela se aconchegava em meu peito. Sem me importar em ser educado, ou dizer qualquer coisa, voltei pelo

caminho que havia feito há pouco, levando a pequena para o berço.

Retirei a roupa hospitalar e voltei para a sala de espera, para que aguardasse a liberação da Mel para quarto.

— Você está parecendo um bobo, meu filho. — minha mãe me repreendeu assim que me sentei ao seu lado.

— Estou entorpecido — justifiquei. — Ela é tão pequena, tão... — Encarei a todos que me observavam atentamente. — Eu estou feliz e cheio de um sentimento que não cabe aqui. — Bati contra meu peito.

O senhor Nelson, se aproximou, fiquei em pé para cumprimentá-lo. Fui surpreendido quando me puxou para um abraço.

— Parabéns, menino. A minha netinha é a coisa mais linda deste mundo. — Sua voz estava embargada.

— Ela é sim — concordei.

Após ser instalada de volta ao quarto, Mel seguia um pouco lenta devido a anestesia, já que o parto foi cesariana. Ainda assim, sorria e cumprimentava a todos orgulhosa e ansiosa.

Valentina ainda não havia sido trazida até sua mãe. Mas a enfermeira, que não parava de me repreender e incomodar, disse que ela logo seria trazida para o quarto junto com sua mãe.

Quando todos saíram, ainda que resmungando e relutantes, caminhei até minha amada e beijei sua testa.

— Obrigado — sussurrei emocionado.

Mel sorriu e entrelaçou nossos dedos.

— Você já me agradeceu na hora do parto.

— Eu sei, amor. Mas precisava agradecer novamente.

Um toque sutil e leve na porta atraiu nossa atenção. Sara acenou de lá. Mel sorriu e pediu que entrasse.

— Eu acabei de vê-la pelo vidro da maternidade. Meu Deus! Ela é tão linda, e tão... pequenininha. — Seus olhos estavam molhados pelas lágrimas. — Não consegui chegar mais cedo. Me perdoe, Mel.

— Não há o que perdoar, você está aqui agora e isso é tudo que importa.

Mel esticou a mão em sua direção. Sara beijou sua testa com carinho.

— Parabéns, mamãe.

Caminhou até onde eu estava e me abraçou.

— Parabéns, papai.

— Obrigado. E sim, ela é a mais linda e perfeita de todas. — Estava orgulhoso da minha filha.

— Babão — brincou, sorrindo.

Mel bocejou cansada.

— Bem, eu prometo que volto amanhã. Você precisa descansar — Sara se despediu.

— Rick, será que aconteceu algo? Por que estão demorando tanto para trazê-la?

— Eu vou...

Antes que pudesse concluir, a porta foi aberta. Nosso pequeno presente estava sendo levado até o quarto. Valentina choramingava.

— Pronta para a primeira amamentação, mamãe? — A enfermeira ajudou Mel a se acomodar, colocando nossa filha em seus braços lhe dando instruções de como prosseguir.

Fiquei paralisado, hipnotizado pelo milagre da vida. Mel brilhava, irradiava uma luz única e aconchegante. Seus olhos estavam marejados por lágrimas não derramadas, enquanto observava nossa menininha em seus braços, tentando aprender como sugar o seio de sua mãe e se alimentar.

Mel elevou seu olhar me encarando. Nossos olhares ficaram presos um

no outro, envoltos em amor. Minha mulher, minha filha, meus presentes.

— Eu te amo — sussurrei. — Para todo o sempre.

— Eu te amo, Rick. Para todo o sempre e além. — Sorriu.

Há quem diga que não precisa de amor, que prefere a solidão a ter que se amarrar a uma única mulher. Aqueles que acham que precisam de dinheiro infinito e que acreditam que nunca serão capazes de conviver com uma única mulher. Tolos, pequenos seres mesquinhos que estão se iludindo com medo de viver o verdadeiro presente da vida: a família.

Se eles soubessem como é transbordar de amor. Se ao menos desconfiassem do poder que um pequeno ser tem sobre você. Se pudessem ver o que eu estava vendo, ao olhar para as duas meninas da minha vida. Eles entenderiam. Compreenderiam que para ser feliz, não precisa de muito, nem abdicar de nada que não queira. Basta apenas ter coragem e determinação para que possa enxergar além do que os olhos podem ver, além do que a mente pode imaginar, além de tudo aquilo que já se sentiu. E lá estará o tão sonhado prêmio, a tão superestimada felicidade, a vitória. Intenso, doloroso, caloroso e generoso é o encontro de dois serem que se completam. De duas vidas que só fazem sentido juntas.

— Ela conseguiu. — Mel sorriu em meio às lágrimas de orgulho e felicidade. — Nossa filhinha.

Aquele sorriso fazia minha vida ter sentido.

Caminhei até ela, sentei ao seu lado na beirada da cama. Beije a cabecinha da minha filha, que, gulosa, fazia barulhinhos durante a sucção. Toquei o rosto da minha amada, beijei seus lábios castamente.

— Agora estamos em casa — sussurrei, a abraçando.

Não importava o lugar, se estivéssemos juntos, sempre seríamos uma família em seu lar, celebrando um amor capaz de superar tudo e conquistar a felicidade.

PERIGOSAS



ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Biografia



F. P. ROZANTE

Bacharel em Ciências Contábeis, blogueira de coração e escritora por pura paixão, essa taurina descobriu nos livros sua verdadeira essência. Leitora compulsiva e voraz desde pequena, decidiu se aventurar na escrita após um período conturbado de mudanças em sua vida. Recolhendo cadernos e rascunhos onde sempre costumava escrever pensamentos e textos aleatórios se viu concluindo seu primeiro romance e, desde então, nunca mais parou porque encontrou seu verdadeiro eu, aquele cercado pelas letras e frases, capaz de transportá-la para um universo único e repleto de paz.

Já publicou os romances *Minhas para Proteger*; *Quando você Voltar*; *Campo de Guerra*; *Alguém como Você*; e as antologias *Encantos de Natal* e *Deixa eu dizer: Eu te Amo!* juntamente com outras autoras, além de diversos contos para o *Brasil em prosa*.

Acesse as suas redes sociais:

Site:

<http://fprozante.wix.com/fprozante>

E-mail:

fprozante@gmail.com

FanPage:

<https://www.facebook.com/FPRozante-575853135845112>

Obras na Amazon



QUANDO VOCÊ VOLTAR

[>> Compre com 1-Clique <<](#)

Separados pela guerra. O medo da perda, a ausência e a saudade se tornam suas companheiras. Cartas amenizam a dor enquanto garantem que tudo está bem. E quando elas deixarem de chegar?

Caroline está sozinha no mundo, a única família que restou foi seu amado amigo Nick, que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

escolheu o Exército como profissão. Sua salvação é sua amiga Adriana que, com muito humor e carinho, sempre se preocupa em não deixá-la cair. Nick jurou proteger e cuidar de Caroline quando ela perdeu tudo, ainda no Ensino Médio. Sua amizade e cartas são o que o mantém vivo em meio ao desespero da guerra. Mas quando sua vida é colocada em xeque em meio a uma emboscada, da qual ele saiu vivo, ele descobre que há algo além da amizade. Poderá Nick e Caroline superar seus demônios, seus medos e se entregarem ao verdadeiro amor?

Enquanto isso, Adriana, a melhor amiga de Carol, após sofrer uma decepção amorosa, jurou nunca mais se entregar a um homem novamente. Mas o que ela não contava era com o inesperado.

Já Heitor, o amigo de Nick, não quer mais vivenciar os horrores da guerra e está em busca de um recomeço, mas ele não contava ver seu mundo completamente abalado por uma japinha desaforada. Poderá Heitor quebrar as barreiras de Adriana? Poderá Adriana aceitar Heitor com toda sua bagagem?

Confira suas outras obras: [AQUI!](#)